





16.º ANO

JANEIRO DE 1913

N.º 1

# REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR—Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na tipografia da Cooperativa Militar

## Duas marchas forçadas de Caçadores 5



Tive ocasião de assistir a uma marcha de 47 kilometros (Chaves-Montalegre), efectuada desde a meia-noite até às 4 horas da tarde, debaixo de um temporal desfeito e de um frio cortante, que foi inquestionavelmente um bÉlo feito. Tambem vi em Caçadores 5 a frugalidade do soldado português; umas conservas de peixe, um pouco de pão e algum vinho ou aguardente fôram os unicos alimentos nesta marcha forçada.

(Do correspondente da *Gazeta de Colonia*).

Sem idéa de apresentarmos aos leitores da *Revista de Infanteria* a descripção de um facto que reputemos proeza extraordinaria, mas apenas com o intuito de deixar registada nas colunas deste jornal a noticia de duas marchas violentas de um troço da nossa infantaria que, na verdade, mais uma vez atestaram o poder de

resistencia do soldado português e a sua notavel sobriedade, vimos referir a breves traços duas marchas forçadas que, em outubro de 1911 e em Traz-os-Montes, fôram executadas por um destacamento do hoje extinto e *saudoso* Batalhão de Caçadores 5, e que constituíram, por assim dizer, o honroso fecho da sua tão gloriosa historia.

Como é geralmente sabido, nos primeiros dias daquêlê mês — quando da incursão por Vinhais — as duas companhias de metralhadoras desse corpo tiveram ordem de prevenção para partirem para a fronteira Norte. No dia 10 foi porém recebida ordem de partida immediata não só para as metralhadoras, como para toda a força disponivel do Batalhão, o qual contudo devia deixar no Castelo de S. Jorge um deposito com força sufficiente para a vigilancia da Casa de Reclusão.

O efectivo do corpo era então muito pequeno; além das companhias de metralhadoras, que se achavam completas, só puderam ser constituídas duas companhias de caçadores de cerca de 90 homens cada uma.

A ordem de marcha chegou ao Castelo depois das duas horas da tarde e ás tres da madrugada do dia 11 de outubro saiu o Batalhão para Santa Apolonia, onde embarcou para o Porto, juntamente com um esquadrão de Cavalaria 2.

Dera-se dias antes a incursão por Vinhais e não eram tranquilisadoras as noticias da fronteira de Traz-os-Montes, contando-se que os rebeldes tentariam nova incursão, talvez em direcção a Chaves.

Entusiasticamente recebido no Porto, onde o seu distinto comandante era bem conhecido e estimado, o Batalhão apenas ali permaneceu — e na verdade bem inutilmente — um dia; 24 horas depois de, com não pequeno trabalho e demora, ter desembarcado em Campanhã, teve de proceder se a novo embarque de todo o gado e material das 8 metralhadoras, trens de combate e regimental.

O destino do Batalhão era Chaves. Começou nesse dia, ou antes nessa noite, de 12/13 de outubro, a chuva a perseguir Caçadores 5 e, até pelo menos ao regresso ao Porto, pôde dizer-se que raros, rarissimos, fôram os dias em que officiais e soldados deixaram de ser copiosamente molhados. Chuva e frio fôram afinal os dois grandes inimigos — os unicos na verdade — com que o

5 teve de se defrontar nesta segunda ida até á fronteira, mas deve confessar-se que não foi pouco penoso o fazer-lhes frente e aguentar a sua violencia.

Quantas vezes fôram então lembradas com saudade os ardentes calores suportados em julho e agosto em Arcos de Val-de-Vez e Ponte da Barca e recôrdadas as soberbas marchas para Ponte de Lima e Viana do Castelo nas frescas e luminosas manhãs do estio pelas tão lindas estradas do Minho, no regresso do Batalhão a Lisbôa em meados de agosto!

Chovia á chegada á Regoa e depois de novo trasbordo de gado e material, ali aguardámos algumas horas primeiro que se conseguissem organizar os comboios para o transporte dos caçadores, metralhadoras e cavalaria para Vidago.

De Vidago a Chaves — étape de 19 kilometros — a marcha foi feita sempre debaixo de chuva, não torrencial, mas persistente, que converteu a estrada, de grande transito, quasi num lameiro. A' chegada a Chaves, cêrca das 4 da tarde do dia 13, tudo escorria agua e lama.

Contávamos permanecer algum tempo em Chaves, mas dois dias depois, em 15 á noite, estalou a noticia de que os rebeldes se aproximavam novamente da fronteira na direcção de Montalegre e receberam-se ordens para a partida imediata para esta localidade.

A coluna devia compreender: dois pelotões de cavalaria — um do esquadrão de Lanceiros 2 que de Lisbôa marchára com o 5 para o Norte e outro de Cavalaria 6, reforçando este ultimo o pequeno destacamento deste corpo já estacionado em Montalegre; uma companhia de metralhadoras de Caçadores 5 e finalmente uma companhia de Caçadores constituida com toda a forza então disponivel das duas estacionadas em Chaves, as quais tinham fornecido nessa noite, 15/16, e já na anterior, alguns postos avançados para as estradas que do lado da fronteira dão acesso á vila.

O comando da pequena coluna foi confiado ao distinto tenente-coronel Simas Machado, cujo quartel general compreendia quatro officiais, dois dos quais habilitados com o curso do estado maior, capitão Freitas Soares e tenente Helder Ribeiro, chefe e sub-chefe do estado maior, o ajudante do comandante, tenente de cavalaria Solari Allegro e o medico da coluna, alferes dr. Manuel Pinto.

A *ordem de marcha* dada á força de Caçadores 5 foi a seguinte :

DESTACAMENTO MIXTO

*Chaves-15-10-911.*

Destacamento de Caçadores 5

às 8<sup>h</sup> tarde

N.º 1

## ORDEM DE MARCHA PARA 16 DE OUTUBRO

<p>Distribuição das tropas</p>	<p>I — <b>Situação</b>. — Consta que os rebeldes tentam atravessar a fronteira por Montalegre. As forças nacionais guarnecem Chaves.</p>
<p>Guarda avançada</p> <p>2 Pelotões de Cavalaria a 2000<sup>m</sup></p> <p>1 secção da companhia de Caçadores; comandante-tenente Amaro a 400<sup>m</sup></p>	<p>II — <b>Fim</b>. — A força disponível da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> companhias, constituindo uma companhia a 3 pelotões, e a 5.<sup>a</sup> companhia de metralhadoras marcham para Montalegre a opôr-se ao avanço do inimigo.</p>
<p>Grosso da coluna</p> <p>Companhia de Caçadores, menos uma secção.</p> <p>5.<sup>a</sup> Companhia de metralhadoras.</p>	<p>III — <b>Disposições</b> :</p> <p>a) A cavalaria, na força de dois pelotões, precede a coluna.</p> <p>b) Itinerario — Estrada Chaves — Sapiãos — Montalegre.</p> <p>c) Ponto inicial — Terreiro junto ao quartel de Cavalaria 6.</p> <p>d) <math>\left\{ \begin{array}{l} \text{Horas de pas-} \\ \text{sagem no} \\ \text{ponto inicial} \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{l} \text{Guarda avançada de infan-} \\ \text{teria, 12<sup>h</sup> tarde} \\ \text{Grosso da coluna-0<sup>h</sup> 5 manhã.} \end{array} \right.</math></p> <p>e) Primeiro pequeno alto... 1<sup>h</sup> manhã</p> <p>Grandes altos... Sapiãos e Gralhós.</p> <p>f) Estacionamento — Montalegre. — Durante o ultimo pequeno alto a secção da guarda avançada adianta-se constituindo secção de quartéis ao atingir Montalegre.</p>
<p>(Transmitida verbalmente aos comandantes de companhia)</p>	<p>IV — <b>Local para comunicações</b>. — Testa do grosso da coluna.</p>

a) *Pacheco Simões*

Major Caç. 5

Executadas as prescrições da ordem, distribuídas as rações de reserva — representadas *apenas* por duas

latas de conserva de peixe, atum e sardinhas — a cavalaria rompeu a marcha e á hora devida e com as distancias fixadas seguiu a infantaria, precedida da sua guarda avançada, indo as praças sem mochila, mas levando o pano da tenda abrigo.

Já antes da meia noite caíra uma forte batega de agua; ao romper a marcha, porém, o tempo serenou e, por espaço talvez de duas a tres horas, os soldados do 5 caminharam sem novidade, animados, entusiasmados todos êles pela esperança de se defrontarem com o inimigo. Sobre a madrugada, percorridos mais de 10 kilometros, a chuva recomeçou. Valeu então o bêlo pano da tenda que, envergado sobre o capote, dava aos soldados uma apparencia talvez pouco guerreira, certamente inestetica, mas que muito bem os livrava da agua, protegendo-os ao mesmo tempo contra o frio, pois a temperatura era extremamente baixa e desagradavel para homens que — embora muitos dêles oriundos de distritos do Norte — estavam já habituados ao suave clima de Lisbôa, onde pelo menos haviam passado um inverno.

Pelas 5 da manhã alcançou-se Sapiãos; haviam-se percorrido 23 kilometros, quasi metade da marcha. Era a hora e o local do primeiro grande alto.

Formados os sarilhos, desatrelado o gado que poude ser recolhido numa grande cavaliça junto á estrada, a força destroçou e todos procuraram descançar e comer... o que se pudesse alcançar, e na verdade a não ser vinho verde, pão de centeio... e ouriços com castanhas, pouco mais havia em Sapiãos! Este nome é tipico; quasi dispensa a descrição da *importante* localidade que o usufrue! Para quem conhece Traz-os-Montes está a vêr-se um pequeno aglomerado de modestas edificações, de paredes de pedras de escuro granito, mais ou menos toscamente aparelhadas, cobertas de colmo, com alguns alpendres e varandas de madeira nas casas menos pobres, tudo no meio de uma paisagem realmente pitoresca pelo acidentado do terreno, e pelo arvoredado, em que sobresaem alguns soberbos e vetustos castanheiros, e onde só alvejam — quando tal succede — as paredes caiadas da rustica egreja.

Era digna de inspirar a pena de um humorista a descrição da locanda onde se reuniram os officiais da columna, e mais ainda do *menu* da *saborosa* refeição que

ali tomaram! Não é para esquecer facilmente, sobretudo o celebre *café*, preparado numa vasilha onde, sem duvida, já fôra cozido toucinho, e cujo estranho sabôr era de ordem tal que não houve paladar que com êle arrostasse, nem estomago que se não revoltasse ante os primeiros e unicos gôlos que recebeu!

Depois de *substanciosamente* alimentados com alguns ovos e pão de centeio, duro e negro como basalto, não sendo possível permanecer no *salão* negro do fumo e de atmosfera sufocante, intoleravel, pois o lume era feito no meio da casa, que não dispunha de chaminé, mas continuando a chover, recolhemo-nos noutro *salão* não menos sumptuoso... o palheiro sobranceiro á cavalariça onde fôra recolhida a maior parte dos solípedes! Deve notar-se que o acêso para a varanda exterior do palheiro, na altura de um 1.<sup>o</sup> andar, obrigava a um exercicio de ginástica não de todo isento do risco de uma queda de costas sobre a estrada, e que no interior do palheiro o pavimento era... movel e não unido, constituido por taboas soltas, dispostas sobre as traves do tecto da cavalariça... da qual subia um cheiro intenso que não era positivamente para lisongear pituitarias! *A guerra tem coisas encantadoras...* afirmava com frequencia certo capitão do 5, e as que estavamos passando em Sapiãos eram, como se vê, *encantadoras*, mas tinham na verdade certa originalidade picante.

Pois com todas estas comodidades, confôrto e perfume, houve quem regaladamente dormisse sobre os macios montes de fêno do palheiro, como se repousasse em fôfo colchão!

Foi ainda em Sapiãos que deparámos com os correspondentes da *Ilustração Portuguesa* e de dois jornais estrangeiros, um inglêz, outro alemão. São deste ultimo — correspondente da *Kœlner-Zeitung* — as palavras que servem de citação a este artigo.

Durou 4 horas o alto e pelas 9 e meia a coluna começou a marcha, precedida a distancia pela cavalaria. A estrada, que até Sapiãos atravessa uma região não excessivamente acidentada, começa dali por deante a apresentar maiores declives, em lanços por vezes de enorme extensão e em continuos zig-zags, vencendo á custa de pequenas pontes as inumeras linhas de agua que vae cortando, algumas delas já então transformadas

em verdadeiras e caudalosas torrentes, por vezes do mais pitoresco efeito. O dia manteve-se sempre carregado de nuvens; os aguaceiros violentos eram cortados de raras abertas e assim teve algumas vezes de se parar para os pequenos altos mesmo debaixo de chuva, fôra de todo o abrigo, o que aliás se evitou sempre que foi possível.

Entre Chaves e Montalegre, duas unicas povoações ha junto á estrada; a citada Sapiãos... e a então para nós suspirada Gralhós, local do segundo alto. Da estrada avista-se, porê m, uma risonha povoação, assente no fundo de um extenso vale que, observado do alto da estrada é verdadeiramente encantador; a povoação é Boticas, vila de certa importancia, mas a proposito da qual nos citaram o conhecido proloquio: *por fôra cordas de viola...*

Nesta parte da marcha em que os homens, apesar do cansaço, da chuva e da falta de conveniente alimentação, se aguentaram soberbamente, deram parte de fracas... as muares das metralhadoras, extenuadas pela violencia e extensão das subidas. Foi preciso conceder-lhes uma hora de descanso e permitir portanto que a companhia de metralhadoras se atrasasse á de Caçadores, para as muares depois proseguirem a marcha em melhores condições, devendo notar-se que cada metralhadora ia puxada a duas muares, das quais uma servia de deanteira, visto os varais não permitirem engatar a parelhas.

Pouco depois da uma hora da tarde, os Caçadores, escorrendo agua e lama, chegavam finalmente a Gralhós, logarejo ainda mais insignificante do que Sapiãos, e momentos depois chegava tambem a companhia de metralhadoras. Abrigados os homens e os solipedes como foi possível, tratou-se de comer. Onde ia o... primeiro almoço, o *petit déjeuner*, de Sapiãos!

Esperava-nos uma refeição *pantagruelica* que o estado maior da coluna fizera preparar, mas desta vez comiamos num compartimento, simultaneamente quarto de dormir, com três largas camas de casal, sala de jantar, e arrecadação de objectos varios! A verdadeira, a legitima estalagem doutros tempos... com a sua caracterisca baixela e mobiliario. A comida limitou-se a dois pratos: ovos fritos em azeite; toucinho de prezunto tambem frito. Deste ultimo todos se saturaram de enjôo, que o rascão vinho verde não poude combater...

porque não era fácil entrar com êle... correspondia ao café de Sapiões!

Deve reconhecer-se que foi uma refeição capaz de satisfazer o mais violento apetite, sobretudo para quem áquella hora contava 40 kilometros, andados debaixo de agua e sobre estrada coberta de lama! Calcula-se o que os pobres soldados encontraram para comer; forçoso foi permitir-lhes que utilisassem as conservas da ração de reserva, conservas que aliás depois pagaram em Montalegre á razão de 90 réis cada lata.

Este segundo alto durou umas três horas. Cerca das 4 da tarde, recomeçámos a marcha, agora em terreno mais largamente ondulado, descendo em grande parte para Montalegre. Havia 7 kilometros a percorrer.

Pouco antes das 6 horas, tendo já a alguma distancia avistado as imponentes e pitorescas torres do arruinado castelo de Montalegre, entrámos finalmente nesta vila, onde na verdade fômos amavelmente acolhidos pelos seus principaes habitantes e auctoridades municipais, e especialmente pelo digno presidente da Camara Municipal, que bizarramente promoveu o melhor alojamento dos soldados do 5 e em sua propria casa hospedou, com requintes de amabilidade, três dos officiaes da coluna, entre êles o signatario deste artigo.

Como se vê, esta primeira marcha, de 47 kilometros, foi efectuada em cêrca de 18 horas e abatendo 7 para a duração dos grandes altos e mais 1 para o total dos pequenos, vê-se que o tempo util — 10 horas — corresponde a uma velocidade média de 4,700 kilometros ou cêrca de 5 kilometros á hora. Nas condições atmosféricas suportadas e em estrada que, embora de bom piso, era, como dissémos, de fortes e extensos declives, a marcha não póde deixar de se considerar como digna de registo e denunciadora de boa treinagem dos homens. E tinham-na tido com effeito os soldados e officiaes do 5 nas numerosas marchas efectuadas no Minho, de junho a agosto, e especialmente na instalação e periódica rendição dos postos na serra do Suajo e em Britélo.

E' para ponderar que as praças — incluindo as das metralhadoras — não transportaram mochila, que a força era afinal de pequeno efectivo — uns 150 homens de Caçadores 5 — e que o estado moral era elevado, pelo desejo e esperanza que a todos animava de se defron-

tarem com os rebeldes. Entretanto nenhum homem deu parte de fraco, nenhum ficou á retaguarda, nenhum solicitou auctorisaco para ser transportado nos carros do trem regimental.

(*Continúa*).

MAJOR PACHECO SIMES.



## SARGENTOS

A nossa *Revista* tem tratado, sempre com desvelado carinho, de tudo quanto interessa a estes nossos auxiliares, do maior valor, aliás, na difícil e trabalhosa profisso das armas.

A verdade é que todos os 1.<sup>os</sup> sargentos so aspirantes a oficial, entregando-se voluntariamente á carreira das armas, a que consagram toda a sua actividade e todo o seu coraco.

A maior parte dos 2.<sup>os</sup> sargentos, tambem se dedicam á profisso das armas com um caracter de permanencia, aspirando legitimamente a conquistar o posto de 1.<sup>o</sup> sargento. E assim temos que, os sargentos do exército constituem, na sua grande maioria, uma classe que passa a maior parte da sua vida nas fileiras do exército, sendo os nossos auxiliares, repetimos, na educao moral e instruco profissional do soldado.

Nestas circunstancias é justo que os poderes do Estado velem para que o espirito dos sargentos viva num plano superior, alentados por uma grande energia moral, iluminados pelo sentimento generoso do cumprimento do dever, da fidelidade, da abnegao e do amor da Patria.

Por esta razão é que a nossa pênna, apenas inspirada nos grandes intuitos nobremente salutareos a favor da elevação moral do exército, está e estará sempre ao lado da justiça a que tem direito uma classe tão prestimosa como é a classe dos sargentos.

Ainda mais: temos a convicção íntima que este é o nosso dever, dever que desborda do sentimento das nossas responsabilidades, e do muito que queremos a uma classe que almeja, como nós, ao bem e á felicidade da Patria.

E nesta orientação continuamos no caminho encetado.

Já aqui nesta *Revista* publicámos ha tempos uma circular do Mr. Millerand, ministro da guerra da Republica Franceza, em que este illustre ministro, estabelecendo a verdadeira doutrina, delegava nos coroneis comandantes de regimento a autoridade para permitir aos sargentos o uso do traje civil quando assim o julgassem conveniente.

No nosso regulamento interno dos corpos vem consignado o principio de os sargentos poderem trajar á paisana quando de *licença*.

Ora, esse principio podia e até devia ser extensivo ás *dispensas* que os coroneis podem conceder, e ainda mesmo a um simples pedido feito pelos sargentos quando pretendam frequentar algum curso nocturno, assistir a qualquer reunião familiar, procurar desempenhar qualquer trabalho particular de escrituração etc., etc.

Tudo quanto seja coarctar a iniciativa do comando, cercear-lhe atribuições, empanar o seu prestigio, reduzindo o comando apenas aos rigores coercivos sem paralelamente lhe serem facultados meios de poder estimular, incitar, premiar os subordinados, é um mau serviço prestado á instituição militar.

Vem de muito longe o principio de que na guerra a força moral vale mais do que a força física.

Já Napoleão dizia que a força moral está para a força física como 3 está para 1.

Ora, para que essa força moral se engrandeça na vida de paz, é mister circundar o comando com todas as prerogativas que o lancem no caminho de uma larga iniciativa inteligente, absolutamente oposto ao das frmulas regidas que tudo arrefece e enerva, a fim de qu

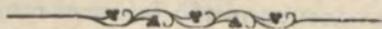
a instrução militar, que é, na frase do general Ambert, uma admiravel mistura de paternal bondade e de viril justiça, seja amada por todos os elementos do regimento.

Ainda mais, é preciso fazer nascer em cada coração de soldado o sentimento nitido e bem radicado de que o nosso dever é, despresando a morte, ir até onde a Patria reclama que se vá.

E' preciso que todos os que abraçam a carreira das armas o façam com devoção e amor, desviando-se-lhes do seu caminho pequenos incidentes sem importancia, mas que não são de molde a inalterar a força moral.

E é nesta ordem de idéias que nós nos dirigimos ao Sr. Ministro da Guerra, o grande democrata coronel Barreto, para lhe pedir que atenda a esse justo pedido dos sargentos e dê assim aos comandantes mais uma fonte de prestigio, porque todas são poucas para tão difficil e espinhoso cargo.

O exemplo está dado, e bom exemplo que êle é, no exército da Republica Francêsa.



## Resumo historico da arte da guerra desde a mais remota antiguidade até ao fim do seculo XVII

(Continuado do n.º 10, 1912)

«Deve notar-se que o que mais contribuiu para fazer dos romanos os senhores de todo o mundo foi terem sempre renunciado á modificação dos seus usos nas lutas travadas com todos os povos.»

«Na origem das sociedades são os chefes da republica que fazem as instituições, e, seguidamente, são as instituições que fazem os chefes da republica. Roma tendo expulsado os reis estabeleceu consules annuaes, o que contribuiu para o engrandecimento do seu poder militar. Os principes teem na sua vida periodos de ambição aos quaes succedem outras paixões, e a propria ociosidade; mas a republica tendo chefes mudaveis todos os annos, e que procuravam assignalar a sua passagem pela suprema magistratura empregando os meios de obter sempre melhoramentos, não havia momentos

perdidos para a ambição; forçavam o senado a propor ao povo a guerra, e cada dia lhe mostravam novos inimigos. Este corpo já se considerava bem senhor do seu papel e estando fatigado, continuamente, pelas queixas e impertinencias do povo procurava distrahi-lo das suas suspeitas e occupa-lo no exterior.»

«Os consules não podendo obter as honras do triumpho senão por uma conquista, ou por uma victoria, faziam a guerra com uma extrema impetuosidade; marchava-se ao encontro do inimigo, e a força tudo decidia. Roma estava, portanto, numa guerra permanente e sempre violenta; óra uma nação em guerra devia necessariamente perecer, ou ficar superior a todos os outros povos que, umas vezes na guerra, outras na paz, nem sempre estavam aptos para atacar, nem sempre preparados para a defêsa. Por isso os romanos adquiriram um profundo conhecimento da arte militar. Nas guerras passageiras a maior parte dos exemplos perderam-se; a paz dá outras idéias e esquecemos as suas faltas e as suas próprias virtudes.»

«Uma outra consequencia do principio da guerra continua foi os romanos não fazerem nunca a paz senão como vencedores. Nesta ordem de idéias augmentavam sempre as suas exigencias á medida das suas derrotas. Nota-se hoje que os exercitos soffrem muito com o trabalho immoderado dos soldados; entretanto era por um excessivo trabalho que os romanos conservavam sempre o seu exercito nas melhores condições. A explicação está, creio, em que as fadigas dos romanos eram continuas, enquanto que os nossos soldados passam rapidamente de um excessivo trabalho a uma extrema ociosidade.»

«Habitavam-se os soldados romanos a marchar sempre com a cadencia militar, quer dizer, a percorrer em cinco horas vinte milhas e, algumas vezes, vinte e quatro,—cada milha tinha 1667 metros. Durante estas marchas obrigavam-os a transportarem pêsos de 60 arateis, e obrigavam-os a permanecer sempre armados, quer a correr, quer nos saltos; as armas empregadas nos exercicios tinham o dobro do pêsos das armas de combate e taes exercicios eram continuados.»

«A escola militar não era só no campo; na cidade havia um lugar onde os cidadãos iam exercitar-se; era o campo de Marte. Apoz o trabalho de cada dia deita-

vam-se ao Tibre para não perderem o habito da nata-  
ção, e para se lavarem da poeira e do suor.»

Basta esta transcripção de Montesquieu para se  
ajuizar do que foi Roma como potencia militar.

O exercito em marcha tinha o nome de, — *agmen*.  
Em Cesar encontram-se as seguintes designações: —  
*agmen primum*, — guarda avançada; — *agmen medium*,  
— corpo principal e *agmen novissimum*, — guarda da  
retaguarda.

A marcha era annunciada ao som da trombêta, —  
*classicum*, — ou pela senha, — *tessera*. — Pela trombêta,  
faziam-se três toques: o primeiro, — *vasa*, — ou, — *va-  
sa conclamare*, — para cada um tomar as suas armas e  
alfaias; o segundo para collocar as bagagens nas ca-  
valgadas, — *sarcinae*, ou, — *impedimenta*, — e o ter-  
ceiro para marchar.

A marcha effectuava-se, quer com a formatura em  
quadrado, — *agmen quadratum*, — quer em columna  
cerrada, — *agmen pilatum*. — Havia sempre uma guar-  
da avançada quasi sempre fornecida pela cavallaria al-  
liada e que, em muitos casos, era sempre precedida de  
numerosos exploradôres, — *exploratores*, — e acompa-  
nhada de guias que bem conhecessem o terreno para  
indicarem o caminho a seguir. Se durante a marcha  
encontravam o inimigo desenvolviam em linha, — *evo-  
lutio*, — para o combate, e se o terrêno se prestava  
combatiam em forma, — *acies directa*.

Convém notar, nesta altura, que os romanos empre-  
gavam o termo, — *acies*, — em varias accepções. Assim:  
*acies instructa*, — o exercito em ordem de combate; —  
*acies prima*, — guarda avançada; *acies secunda*, — cor-  
po principal; — *acies postrema*, — guarda da retaguar-  
da. Já vimos que Cesar emprega outra nomenclatura.  
A' cunha tambem chamavam, — *caput porcinum*, como  
se pôde ver em Vegecio.

Antes de acampar os *metatores*, que precediam as  
forças a uma certa distancia, escolhiam o terreno e mar-  
cavam o acampamento, e apenas chegados aos seus lo-  
gares cada um ia fortificar o ponto que lhes era desti-  
nado.

Vamos vêr qual a disposição da — *acies instructa*.

Os armados á ligeira, — *velites*, — iniciavam o com-  
bate, sem posição marcada; umas vezes combatiam na  
frente das bandeiras, outras misturados com os mani-

pulos, e ainda outras nos flancos. Acto seguido ás escaramuças dos velites entravam em combate os hastarios, a seguir os principes e, por ultimo, os triarios divididos em manipulos: se os primeiros eram repellidos acolhiam-se nos intervallos da ordem immediata. Taes movimentos effectuavam-se sempre com rapidez e em boa ordem e, quasi sempre, com successo, por causa dos intervallos que havia entre as differentes unidades.

As reservas, — *subsidia*, — formavam na retaguarda, e a uma determinada distancia, afim de auxiliar os homens da primeira linha, ou substituil-os quando mortos.

Chamava-se ao exercito, — *duplex*, — ou, — *triplex*, quando a sua força estava dividida em duas ou tres linhas; quando o combate principiava pelo flanco direito, centro, ou flanco esquerdo, dizia-se, — *obliqua*, — *sinuata* — ou, *acies gibbera*, — linha obliqua, curva ou convexa.

A cunha, — *cuneus*, — era a formatura apropriada para romper as fileiras inimigas; a tenaz, — *forceps*, — era uma formatura em forma de V e quando os romanos eram atacados por todos os lados, ou nas emboscadas; a serra, — *serra*, — era a formatura que, segundo Vegecio, e Aulus Gellius, servia para avançar e recuar ao mesmo tempo sem parar durante a manobra; finalmente torre, — *turris*, — e o ladrilho, — *laterculus*, — era a formatura em rectangulo.

E, para terminar esta parte, resta dizer que a ordenança dos romanos não admittia a ordem cerrada; o seu caracteristico era a extrema mobilidade. A legião composta de pequenas fracções, eguaes entre si, adaptava-se a todos os terrenos, e para todas as evoluções, seja a ordem em xadrez e em três linhas, — ordem primitiva e puramente theorica, — seja a ordem em duas linhas com intervallos, ou a linha continua. Foi isto que deu á legião a superioridade sobre a phalange; esta só podia manobrar em terreno horisontal.

Depois dos romanos a arte militar decahiu. Os barbaros, que subjugaram o mundo romano, não tinham organização militar definida. Nem tactica applicada, nem disciplina, nem administração; numa palavra, nada do que dá a victoria ás nações civilisadas. Encontraram na sua frente um povo effeminado e derrotaram-no pelo seu vigor. Ha quem affirme que os bar-

baros tinham ideias assentes sobre estrategia, e que nas suas invasões se subordinaram sempre ás regras fundamentaes desta sciencia. Não concordo com esta opinião por motivos que não apresento agora para não alongar muito esta palestra, mas que espero breve apresentar em outro assumpto de nova conferencia.

Vamos á idade media.

Durante o regimen feudal os exercitos perderam a sua homogeneidade tendo, tambem, desaparecido a tactica e a disciplina. Todos sabem, e escusado é aqui expôr, a forma como se fazia o recrutamento; a infantaria passou a ser arma despresada passando a ser a cavallaria a base principal dos exercitos medievaes. No seculo xi já a cavallaria dominava por completo, sendo conferida com um ceremonial tão cheio de pompas que ainda hoje a descripção de tal cerimonia nos deslumbra. Elevado á dignidade de cavalleiro, e segundo a linguagem pictoresca de então, devia *ferir alto, e falar baixo*. Depois appareciam os exageros, porque tendo desaparecido a arte militar para ser substituida pela força physica, surgem descripções que são verdadeiros milagres. Godofredo de Bouillon partiu ao meio um turco com uma cutilada, e Guilherme de Tyro com uma só cutilada cortou as cabeças a dous camellos.

Póde dizer-se que a cavallaria produziu as cruzadas e mostrou, n'essas luctas, a força irresistivel de uma espada brandida pela fé popular. Mas então ainda se não sabia bem o que era a arte da guerra.

Surgem as *milicias communaes*, primeiro ensaio de tropas permanentes, mas antes do seculo xv a historia não cita factos algum que prove a existencia de exercicios combinados para as tropas, nem sequer evoluções tacticas. Todavia, alguns factos se deram na Idade media que servem para demonstrar haver já uns pronuncios de tactica. Na batalha de Hastings, ferida a 14 de outubro de 1066, entre Herold 2.<sup>o</sup> rei de Inglaterra e Guilherme o conquistadôr, duque de Normandia, este, á frente de mil cavalleiros normandos, simulou uma retirada com o fim de se fazer perseguir pelos anglosaxões, e attrahil-os a uma emboscada; esta tactica foi coroada do mais completo exito.

(Continúa).

J. CORRÊA DOS SANTOS  
General de brigada de reserva



## ESCOLAS DE REPETIÇÃO

(CONCLUSÃO)

Dizia Napoleão, o grande genio militar da França: «a vitória está nas pernas dos soldados», querendo assim caracterisar a grande importancia que as marchas tem na guerra.

Mas eu já uma vez ouvi dizer que nós tinhamos uma infantaria sem pernas, uma cavalaria sem cavalos...

Porque é que o soldado de cavalaria não transporta a mochila? Porque se a transportasse não teria agilidade e força para se sustentar a cavalo.

Pois o «meudo» de infantaria precisa que lhe tirem a mochila para ter fôrça e agilidade para se conservar em pé ou marchando; não falando já no soldado de artilharia, alentado e robusto, que ou marcha a cavalo, ou comodamente nas viaturas, com estofos, almofadões e «*couvre-pieds*» de oleado para quando chove.

A propria circular que antecedeu os exercicios, considerava as marchas como a situação normal da guerra e recomendava a todos os graduados a sua atenção para este ponto e o seu estudo minucioso.

E' pois seguindo o espirito da circular, que eu vou fazer ainda mais algumas considerações.

Falando ás vês com alguns camaradas a este respeito, eles dizem que «sim», que «isso é que devia ser» (tirar a mochila á infantaria), mas que o problema é difficil, que a unica solução está em fazer carros para

as mochilas e que nós não temos carros de munições, nem de ferramentas, nem ambulancias, quanto mais carros para mochilas.

Poderia argumentar-se: ou nós queremos ter exército, ou não.

Se queremos, necessariamente temos que fazer, despêsa com ele.

O beneficio alcançado não seria muito superior á despêsa feita?

Mas vamos seguir outro caminho. Vejamos o que traz o soldado licenciado quando se apresenta: o seu fardamento de cotim, o barrete e um par de botas.

Recebe depois uma espingarda e cartuchos, bernal e cantil, correias, o capote e tenda abrigo, marmita e... mochila.

Mas, pergunto eu, mochila para quê? Para transportar uma muda de roupa? Isso acomoda ele perfeitamente nas algibeiras do capote, antes de o dobrar, ou numa das divisorias do bernal. Porque se o soldado quizer levar para a campanha tudo que lá tiver em casa, nem com dez mochilas faz a festa. As reservas de fardamento e calçado lá vão no carro de companhia.

Nestas condições, propunha uma disposição do equipamento, que embora não resolvendo o problema, me parece o simplificava.

No lugar da mochila, o soldado colocava apenas o seu capote dobrado de fôrma réctangular, como é uso nas guardas, e envolto na tenda-abrigo; a marmita podia colocar-se no lugar da patrona, que desaparece no novo equipamento, sobre os rins, presa ao cinturão. A mochila desaparecia.

Mas eu queria mais.

Os capotes duma companhia, já então, pelo seu pequeno volume, se poderiam arrumar todos num unico carro (tipo dos de esquadrão) que poderá custar supozhamos, 140.000 réis; mas ha a notar, visto que estamos em vespéras de adquirir muitos equipamentos do novo modêlo que o Estado economisava o custo das mochilas que não distribuía.

Mesmo que se monte uma fabrica de equipamentos, não se gastava dinheiro na materia prima, nem na mão de obra, nem ainda nas maquinas que seriam necessarias.

Ora, dando a cada mochila o valôr de 1.000 réis,

temos que se forravam 240.000 réis em cada companhia, ou sejam 100.000 réis de lucro liquido.

Fazendo a conta aos 35 regimentos da arma, temos uma economia total de 42.000.000 réis.

Quer dizer, o soldado ficava aliviado e o Estado, gastando menos dinheiro, ficava mais bem servido, com uma infantaria de completa confiança.

E depois, com a infantaria assim aligeirada, aumentasse-se, *um pouco*, a dotação de cartuchos individual.

Já se fala em armas automaticas; nós mesmo neste ponto não ficamos atraz das outras nações, pois temos em estudo, supponho mesmo que em construção, uma espingarda automatica, devida ao illustre major da nossa arma, sr. Vicente José Bugalho.

Será bom ir preparando o soldado para poder, sem esforço, transportar mais cartuchos. Tambem depois se podiam fazer, no fim da escola de recrutas, ou nos exercicios de repetição «raids» em resistencia ou velocidade, com taças ou premios de honra. O treino assim já seria proveitoso, pois não havia uma causa que viesse anular-lhe os efeitos.

A ideia ahi fica, exposta de um modo geral, se o assunto fôr julgado de interesse, alguem mais competente do que eu, o estudará nos seus detalhes e lhe dará execução.

Já vae longa esta palestra e eu não desejo abusar do generoso acolhimento d'esta Revista, que ha tantos anos, sem desfalecimentos nem descrenças, vem pugando pelos progressos da infantaria.

Nas considerações que fiz, tive unicamente em vista contribuir, com o meu modesto esforço, para que, se um dia, quando o paiz nada mais tiver a esperar e confie os seus destinos a força armada, esta esteja verdadeiramente á altura da sua grandiosa missão: a defêsa da Patria e da Republica.

Lisboa, 22 de Outubro de 1912.

EUGENIO AUGUSTO TAVARES DOS REIS.

Tenente d'infanteria 1



## A GUERRA DOS BALKANS

Um dos factos mais palpitantes desta guerra, que concretamente já prendeu a atenção da Europa militar, foi a grande deficiência dos serviços auxiliares do exército turco.

Ha quem filie nessa deficiência a causa principal dos grandes desastres sofridos pelos turcos nesta guerra que tanto tem impressionado o mundo.

Está provado que o abastecimento de víveres, de toda a especie, o remuniamento de munições de guerra e mesmo os cuidados e auxilio que todo o exército deve prestar aos seus feridos, em campanha, faltaram completamente no exército turco.

E é preciso notar que o soldado turco é sóbrio, resistente e fatalista. São estas qualidades que até certo ponto teem amparado o exército turco, esgotado de munições, privado do restrictamente necessário, para ainda assim resistir aos seus adversários, exaltados pelos seus triunfos e melhor providos e mais bem alimentados.

Esta lição não deverá nunca esquecer aos dirigentes de qualquer país.

Os serviços auxiliares do exército precisam ser dotados dos meios de acção suficientes.

E' mistér não esquecer que uma parte do nosso país é extraordinariamente montanhosa e que as tropas destinadas a operar nessa região carecem de ser dotadas com meios próprios e diferentes dos que se usam nos terrenos não montanhosos.

Sabe-se perfeitamente que o exército é feito para combater e que quando é necessario um supremo esforço todos nós nos lançamos no caminho do dever sem cuidar saber se ha alimentação ou se ha recursos para feridos.

Mas é preciso tambem considerar que o soldado,

exausto pela fadiga, pela fome e esgotado de munições, fica sem valor e como que perdido para a defesa da Pátria.

Os mais rudimentares sentimentos de humanidade impõem por seu lado também uma organização cuidada dos serviços de saúde.

Nesta parte o nosso exército está rudimentarmente organizado.

E' urgente pensar-se entre nós da utilização do automóvel para os serviços auxiliares.

Não podem ser exclusivamente empregados os automóveis porque ha terrenos onde o automovel não pôde ser utilizado, nem mesmo qualquer viatura.

Um mixto de muares para transporte a dorso, de viaturas e de automóveis resolverá o problema.

A Alemanha concede um prémio de construção para os automóveis de carga, que continuam pertencendo a seus donos, mas que são obrigados a prestar serviço ao exército em tempo de guerra.

A França procura fazer o recenseamento dos seus automóveis de turismo para os empregar em tempo de guerra.

O assunto é interessante e precisa ser meditado, tendo em vista sempre a grande lição da guerra dos Balkans.

A industria dos viveres, dos transportes e do calçado pode ser repartida pelas fabricas do país de ante mão preparadas para o caso de uma mobilisação.

Chamamos a atenção dos competentes para este assunto.

\*

\* \* \*

Tudo parece indicar que o segundo acto da guerra dos Balkans será passado em Londres entre os embaixadores das diferentes potencias.

M. Poincaré, o grande ministro da Republica Francêsa, fêz ha pouco declarações importantes perante a Comissão dos negocios externos da Camara dos Deputados, e cujos tópicos principais não deixará de ser interessante reproduzir aqui.

Depois de se referir aos esforços que sinceramente empregou para evitar esta guerra, esforços que diante da precipitação dos acontecimentos não poderam surtir

efeito, reconhece que o *statu quo* territorial nos Balkans se não pode manter.

«Mas, diz M. Poincaré, nós somos os principais credôres da Turquia.

«A divida otomana está, na sua maior parte, nas mãos de portadôres francêses. E' um principio de direito público, reconhecido hoje por todo o mundo, que no caso de desmembramento de um Estado, o Estado anexante ao tomar posse dos territorios anexados toma para si os encargos da parte da divida pública contratada pelo Estado desmembrado, dentro duma equidade suportavel».

A dificuldade, porem, está em determinar a parte contributiva dos Estados balkanicos.

E esta dificuldade por si só explica a necessidade de um exame colétivo em que tenham voz todas as potencias interessadas, o que justifica a proposta do governo inglês para a conferencia de Londres.

«Mas a divida, continua M. Poincaré, não é o unico objéto que deve solicitar a nossa atenção. A França é interessada na regie dos tabacos; nós temos capitais comprometidos num grande número de serviços públicos. A administração dos faroes do Império Otomano, a Sociedade do porto e dos cais de Salónica, as sociedades de exploração das minas de Kassandra e de Iclenitza, são emprêsas francêsas, que eu apenas cito como exemplo.»

M. Poincaré enuméra infinitos interesses francêses na Macedónia, na Albania, na Tracia, estando as estradas, caminhos de ferro, portos, bancos, emfim, toda a atividade da vida da Turquia sujeita a contratos sancionados pelo parlamento feitos a francêses.

«Acima dêstes interesses económicos, industriais e financeiros, diz M. Poincaré, temos nos territórios cujo *statu quo* politico se vai transformar, um património moral e tradicional que entendemos dever salvaguardar.»

A França tem um Lyceu láico em Salónica com escolas láicas anexas; escola comercial láica em Andrinópolis; orfanolares, despensários, estabelecimentos escolares e hospitalares christãos; escolas, que sob a égide da França, educam crianças católicas, ortodoxas, musulmanas e israelitas. Emfim, a França tem direitos seculares que lhe foram reservados pelo tratado de Berlim, e que lhe permite exercer, na Turquia, o protétorado católico.

«E nós não queremos sacrificar, diz M. Poincaré, nenhum destes meios de influencia francesa.»

Depois de expôr nitidamente as consequencias do armistício assinado entre a Turquia e os Estados aliádos, conclue M. Poincaré o seu discurso da seguinte forma :

«O governo segue, dia a dia, a evolução dos acontecimentos sem jámais perder de vista as indicações gerais que acabo de enumerar e que se pôdem resumir assim: continuidade da nossa politica externa e por consequente manter atenta e preseverantemente as nossas alianças e as nossas amizades; esforços sincéros e continuos para um bom entendimento europeu no sentido da paz; mas acima de tudo, resolução firme e calma de fazer respeitar os nossos direitos e manter bem alta a dignidade nacional.»

Destas palavras resulta bem nitidamente o ponto de vista do grande estadista, e fica-se sabendo e bem avaliando quão grave é a questão dos Balkans e que grande influencia salutar poderá trazer para a resolução das questões pendentes a conferencia de Londres.

\* \* \*

Ao traçarmos estas linhas estão reunidos os embaixadores das potencias em Londres, para uma conferencia de paz.

Parece que a Austria se apresenta com um aspéto mais consiliador.

Todavia os perigos são grandes, porque, além da importante questão dos portos no Adriatico, que a Servia e o Montenegro desejam, ha a grave questão da Macedonia.

Parece que a Grecia, perturbada, exaltada, emfim, entusiasmada com as vitórias do diadoque, embora essas vitórias fossem facilitadas pela ação paralela de bulgaros e servios, perdeu o senso e a razão.

A sua marcha sobre Salonica fel-a imaginar que ela só conquistou a Macedonia, sem reflectir na preciosa colaboração militar dos aliádos, mostrando a sua vontade de guardar Salonica, o que pôde trazer complicações graves, tanto mais que a região que pertende anexar etnicamente tem pouca ou nenhuma afinidade com os gregos.

Sabe-se que pelo tratado de San-Stefano a Macedonia era concedida á Bulgaria, e é natural que os bulgaros, que teem conduzido esta guerra com o mais perfeito desinteresse e que pela sua attitude teem tido a direcção moral da aliança Balkanica, desejem reivindicar para si aquilo que já lhe tinha sido concedido por um tratado.

Mas a Macedonia sem a sua capital, Salonica, não se pôde admitir.

Como se harmonizará mais este conflito?

O futuro o mostrará.

---

## VARIEDADES

Um dia passeava Napoleão em Tilsit com o imperador Alexandre da Russia, quando passaram por uma sentinela francêsa que tinha na cara uma grande cicatriz de um profundo golpe que vinha da testa ao queixo.

— Senhor — disse Napoleão a Alexandre, apontando o referido soldado — que pensa Vossa Magestade de soldados que sobrevivem a semelhantes feridas?

— E que pensais vós, senhor, d'os soldados que fazem essas feridas?

Napoleão ia responder a Alexandre, mas o veterano de Austerlitz não lhe deu tempo, dizendo com uma voz rouca — os que fizeram estas feridas ficaram mortos.

---

Por iniciativa do govêrno da Roumania, com o concurso de todo o exército, executou-se uma fita cinematografica representando, tão fielmente quanto possivel, as fâses essenciaes da guerra roumana-russo-turca, da qual resultou a independencia da Roumania.

Essa fita, que tem mais de 3:000 metros, é destinada aos arquivos do reino, e já foi projetada em Bucarest, na presença do Rei.

Mais de 80:000 soldados, com seus uniformes, armas e bagagens, fôram postos em movimento por officiaes do Estado-Maior.

O facto originou varios incidentes, por que houve soldados que não gostaram de figurar de inimigo vencido, vestindo uniformes turcos.

Parece que a Porta fez uma reclamação discreta sobre o caso mas sem resultado.

A Italia tambem arquivou cuidadosamente as fitas que reflectem alguns episodios da guerra tripolitana.

Em Londres arquivaram-se as fitas representando a cerimonia da coroação na capital inglêsa e em Delhi, e bem assim as que se referem ao lançamento ao mar dos ultimos Dreadnoughts.

Nos Estados Unidos tambem se pretende formar *Arquivos nacionais cinematograficos*.

Donde se vê que o cinematografo é desde já chamado a desempenhar uma alta função na Historia.

E' o mundo a caminhar.

---

Um jornal belga, fazendo a apreciação de um recente livro publicado em França sobre a Infanteria, transcreve os seguintes periodos :

«Só os povos que possuem uma boa infanteria é que podem conseguir sucessos duradouros. Só a infanteria pode conquistar e conservar.

Só os povos que teem o sentimento patriotico desenvolver e o amor da independencia é que podem conservar por muito tempo uma boa infanteria.»

Logo, dizemos nós, a infanteria é sem a menor contestação a base do exercito, a pedra angular em que deve assentar a organização militar de um povo, o penhor da independencia de uma nacionalidade e a garantia do seu direito.

Mas a infanteria costuma ser tratada n'um plano bem diferente d'aquela a que tem direito.

E' mau e dissolvente tal facto, que todo reverte em prejuizo da Patria.

---

O museo mais antigo do mundo é o que existe na cidade de Nara, antiga capital do Japão.

Foi fundado no ano de 756.

Foi creado com 3:000 objétoes que não fôram aumentados nem diminuidos até hoje.

Tem raras preciosidades de porcelana, esmaltes, mobiliario e belessimos e selétoes objétoes decorativos.

Abre-se ao publico uma vez no ano, na primavera, e por isso poucos são os europeus que o teem visitado.



## BIBLIOGRAFIA

---

### **A Artilharia Portatil, seu emprego tactico, pelo capitão d'infanteria João Correia dos Santos, professor da Universidade e do Colégio Militar.**

O livro que temos presente, e que é um trabalho valiosissimo deste nosso estudioso amigo, merece ser estudado e meditado por nós, infantaria.

No momento da colisão, quando vai produzir-se o corpo a corpo, onde as granadas da artilharia não podem intervir, nem o crepitar da metralhadora pode exercer a sua acção moral nas tropas, as granadas de mão, a que o nosso amigo Correia dos Santos chama *artilharia portatil*, são de uma utilidade a toda a prova.

A Historia está cheia de exemplos, e a noticia historica das granadas de mão que constitue o primeiro capitulo do livro para que chamamos a atenção dos nossos camaradas, o mostra com abundante copia de factos.

Em nossos dias, na guerra do extremo-oriente, na campanha do Riff e mesmo na guerra dos italianos contra os turcos as granadas de mão mostraram a sua utilidade.

Que o diga os episodios do forte de Panlouchan e da posição avançada de Chouichiine; que fale a celebre colina 203 e Nanjapu, Hanynpao, Shakimpao, Likampo, Kankieten e tantos outros, dessa memoravel guerra russo-japoneza.

Portanto, é necessario tomar muito a sério o emprego das granadas de mão e, em regra, de todos os explosivos que possam na batalha concorrer para o aniquilamento do adversario e concomitantemente para levantar a força moral das tropas nacionaes.

E o livro do nosso amigo Correia dos Santos é um manancial preciosissimo, porquanto nele vem comprehendido com método, com muito saber e excelente disciplina scientifica, em linguagem vernacula, tudo quanto importa estudar sobre o assunto.

E senão vejamos as materias que o livro contem.

I — *Breve noticia historica: — Origem das granadas de mão e seu emprego. — Guerras de sitio e de campanha — Organização dos granadeiros. — Reaparecimento com os modernos explosivos.*

II — *Organização dos granadeiros em Portugal.*

III — *Granadas de espingarda: — O foguete de guerra precursor da granada do infante. — Emprego do foguete de guerra.*

IV — *Emprego das granadas na epoca contemporanea: —*

*Guerra russo-japonesa. — Cerco de Porto Arthur. — Batalhas cam-  
paes. — Cha-ho-Moukden. — Campanha do Riff. — Exemplos va-  
rios. — Macedonia. — Tripoli. — Revolução na China.*

V — *Granadas de mão e de espingarda. — Condições a aten-  
der na construção das granadas. — Modos de acção. — Grana-  
das franceza Hale, Aasen, Roth, Pederson, portugueza — Simas.*  
— *Tipo de granada de mão a adotar.*

VI — *Granada Hale para espingarda.*

VII — *Granada de percussão Aasen.*

VIII — *Experiências sobre efeitos dos projecteis.*

IX — *Emprego das granadas: — Como tem sido estudado nos  
diferentes exercitos.*

X — *Efeitos dos projecteis e explosivos empregados.*

XI — *Ar liquido.*

XII — *Emprego tactico das granadas de mão e de espingar-  
da. — Na ofensiva. — Na defensiva. — Nas guerras colonias.*

E basta este simples enunciado para se ficar fazendo uma  
ideia completa do trabalho do nosso talentoso amigo Correia dos  
Santos.

Recomendando-o a todos os nossos camaradas cumprimo  
apenas um dever, que, aliás nos é grato pelo muito que queremos  
á nossa terra e ao exercito onde temos passado toda a nossa já  
não curta existencia.

Resta agradecer a oferta do livro e as palavras amaveis que  
o acompanhou.

**Les Manoeuvres impéreales allemandes de 1912,**  
**par R de Thomasson, correspondant do «Journal**  
**des Débats» diretor das «Questions Diplomatiques et**  
**Coloniales.»** E' prefaciado por *M. le general de Torcy.* Um vo-  
lume em 8.º com 2 cartas. Paris, *Berger Levrault* editores, rua  
des Beaux Arts 5. Preço, 1 franco.

Os artigos que o major Mr. Thomasson publicou no *Journal*  
*des Débats* sobre as manobras imperiaes allemãs de 1912 e que  
se encontram reunidos na presente brochura, não excitaram me-  
nos interesse do que os que foram publicados no ano passado no  
*Times* pelo coronel inglez Mr. Repington.

O publico francez estava sequioso que sobre o assunto apa-  
recesse a opinião de um observador francez competente.

Como diz o general de Torcy no seu prefacio o autor tendo  
deixado ha pouco tempo o serviço activo, e tendo sido um official  
de fileira, official d'estado maior e addido militar estava nas con-  
dições para vêr com bom golpe de vista e julgar bem.

Ele evitou dar ao seu estudo conclusões rigorosas, e não pro-  
curou estabelecer comparação entre dois exercitos de tempera-  
mentos tão desimilhantes como são os exercitos francez e alle-  
mão.

Procurou apenas reproduzir as suas impressões impregnadas  
de uma inteira sinceridade, recolhidas durante a semana que pas-  
sou no meio das tropas allemãs.

A leitura dêste livro será util ao politico e ao profissional e  
em geral a quem queira esclarecer-se sobre o estado da prepara-  
ção militar da Allemanha.

**A defesa de Chaves, no dia 8 de julho de 1912. — Subsídios para a historia do regimento de infantaria 19 pelo tenente coronel Augusto Carvalho.**

Recebemos este belo opusculo devido á brilhante pena do nosso distincto camarada e amigo, o sr. tenente coronel Augusto Carvalho, illustre comandante do regimento d'infantaria 19.

E' não só uma descrição minuciosa daquelle brilhante feito de armas, que pôz em relevo quanto o exercito e o povo se sentem identificados com o regime politico que a nação quiz adotar, o que representa sem a menor contestação uma sagrada aspiração de progresso e de liberdade, mas principalmente o referido opusculo procura detalhadamente pormenorisar a ação do regimento de infantaria 19 nessa jornada historica, que constitue uma das mais gloriosas paginas da historia militar portugueza de nossos dias.

E fal-o com todo o sentimento e com toda a verdade.

Muito agradecemos a amabilidade da sua oferta, e aqui apresentamos as nossas cordeas felicitações ao nosso distincto camarada, o sr tenente coronel Augusto Carvalho, pelo seu trabalho de incontestavel valor.

## Secção do estrangeiro

**Alemanha.** — Ha pouco realisou-se em Kiel o juramento de 7:500 recrutas de marinha.

A esta cerimonia, presidida pelo Imperador acompanhado pelo principe Henrique da Prussia e pelos principes Adalberto e Waldemar, seguiu-se uma brilhante allocução feita pelo Imperador a que os marinheiros responderam com o *hoch* nacional.

Depois do desfile da companhia das bandeiras, o Imperador foi almoçar no casino dos officiaes.

O orçamento da guerra para o ano de 1913 está calculado para as despesas ordinarias em 163.530:000 escudos ou sejam mais 8 550:000 escudos do que do ano findo e para as despesas extraordinarias em 36.180:000 escudos ou sejam mais 4.070:000 escudos do que o ultimo orçamento, calculando cada marco a 22,5 centavos.

As despesas ordinarias da marinha elevam-se a 43.245:000 escudo e as extraordinarias a 51.457:500 escudos.

**Brazil.** — As manobras anuaes do exercito brazileiro tiveram logar este ano de 10 a 30 de setembro, sob o comando do general Sousa Aguiar.

Tomaram parte nestes exercicios o batalhões de infantaria, 2 de caçadores, 1 companhia de metralhadoras, 2 baterias de artilharia de campanha, 2 baterias de artilharia de montanha, 1 bateria de obuzes, 2 regimentos de cavalaria e 2 companhias de engenharia.

Estas tropas estavam providas de cosinhas rolantes e o comando dispunha de uma estação de campanha de telegrafia sem fio, sistema Telefunchen.

Alem de exercicios de campanha com serviço de segurança em marcha e em estação houve diferentes exercicios de dupla acção com temas organisados de antemão.

O venerando presidente da Republica Brasileira, marechal Hermes da Fonseca, acompanhado pelo ministro da Guerra, general Vespasiano e pelo chefe do grande Estado Maior, general Faria, visitou o acampamento das tropas em operações, informando-se detalhadamente das disposições tomadas e do estado das tropas em exercicio.

**Inglaterra.** — Ha pouco houve um debate curioso na Camara dos Comuns sobre aviação militar.

M. Winston Churchill, ministro da marinha, recusou-se, inspirando-se apenas num alto sentimento patriotico, a responder a diferentes perguntas sobre o numero e qualidade dos aeroplanos da marinha britanica.

O coronel Seely, ministro da guerra, declarou que o exercito inglez possuia 5 aeroplanos com uma velocidade de 70 milhas á hora e que tinha encomendado mais 15 deste tipo.

M. Asquith, primeiro ministro, informou que o comité da defeza nacional estudava presentemente a questão da aviação militar na sua relação com a defeza da Inglaterra.

\*

«O coronel Seely, ministro da Guerra, discursando disse que a Gran-Bretanha não está nem fraca nem impotente. O exercito está pronto para o seu serviço, e o seu estado é hoje melhor do que dantes.

«O exercito territorial vai-se desenvolvendo e é muito superior aos voluntarios que veio substituir.»

O almirante sir F. Bridgeman, primeiro lord do almirantado, que ha muitos mezes estava doente, pedia a sua demissão.

Foi substituido pelo principe Luiz de Battenberg, segundo lord do almirantado, que por sua vez foi substituido pelo almirante Jellicoe.

O almirante sir F. Bridgeman foi promovido a cavaleiro grã-cruz da ordem do Banho.

**China.** — A escola de aviação militar chinesa foi transferida de Nankin para Cantão.

Esta escola possui já 5 aeroplanos e 28 officiaes aviadores.

O instrutor é Mr. Welevy dos Estados Unidos da America, onde de resto teem sido educados em aviação os officiaes chineses e que, segundo parece, com excelente resultado.

\*

A Republica chinesa, tendo em vista apenas organizar o seu exercito para a defeza do país, sem pensar em inquietar a Russia pelas fronteiras terrestres nem o Japão pelas fronteiras maritimas, dividiu o territorio em 10 regiões militares, a saber :

1.<sup>a</sup> Região abrange as cidades de Han-Hen, Han-Yung e Wu-Chang.

2.<sup>a</sup> Cantão; 3.<sup>a</sup> Hang Tchen; 4.<sup>a</sup> Teking; 5.<sup>a</sup> Lani-Chen; 6.<sup>a</sup> Yun-van-sen; 7.<sup>a</sup> Karbin; 8.<sup>a</sup> Uрга; 9.<sup>a</sup> Uruntsi; e 10.<sup>a</sup> Shasse.

**França.** — Em Bourges e na presença do ministro da guerra efetuaram-se notáveis experiencias com projéteis de grande poder iluminante.

Uma bateria de 75 mm. bateu com o malor exito um alvo colocado a 4:500 metros e iluminado com os referidos projéteis.

Estes projéteis dividem-se em 9 fôcos luminosos que vão caindo lentamente no terreno iluminando durante a queda vários kilometros de superficie.

**Dinamarca.** — Com a arma «Rekylgewehr», que pesa apenas 8 kilos e dá 200 tiros por minuto, organisou a Dinamarca destacamentos de metralhadoras em bicicletas.

Depois de feitas as experiencias, foi publicado um projeto de regulamento, que estuda a segurança em marcha, a formação e a instrução de patrulhas em ordem dispersa, o serviço da arma «Rekylgewehr», a occupação de desfiladeiros, o avanço e retirada durante o combate, etc., etc.

Cada destacamento tem um chefe, dois comandantes de secção, quatro comandantes das meias secções, 12 homens armados para cada um das «Rekylgewehr» e 36 serventes.

Cada destacamento dispõe de 2 secções de ciclistas telefonistas, podendo montar 6 postos telefónicos com mais de 6 kilometros de fio.

A arma automática «Rekylgewehr» é facilmente transportada em bicicleta e não é cara.

**Argentina.** Nas ultimas grandes manobras desta republica, entraram as seguintes tropas: 4 regimentos de infantaria a 3 batalhões a 4 companhias, uma brigada de artilharia composta de 8 baterias de 6 peças, um grupo de artilharia a pé com peças de 8 cm e obuzes de 105 mm. uma brigada de cavalaria de 3 regimentos com metralhadoras e artilharia a cavalo, um batalhão de engenheiros e todos os parques de trem necessarios

**Estados Unidos.** — O ministro da Marinha trata de organisar nos Estados Unidos da America um Conselho Nacional de Defesa, para coordenar a politica naval, afirmando que se os Estados Unidos continuam a construir apenas dois couraçados em cada ano, passam em breve a ocupar o quarto lugar entre as potencias navais.

A segurança do Estado só pode efectivar-se com garantia quando os Estados Unidos tiverem quarenta e um couraçados com os correspondentes navios auxiliares.

Nesta ordem de ideias propõe que se constrúa cada ano quatro couraçados e dois grandes cruzadores.

**Italia.** — Depois da guerra de Tripoli parece que chegou ao conhecimento do governo italiano que os turcos afirmavam que a espingarda italiana Carcamo tinha um poder fraco no campo de batalha.

Estas informações deram logar a uma polemica na imprensa italiana, chegando a afirmar-se que a espingarda de 6,5 milímetros não matava.

O general medico Imbriaco, antigo inspector do serviço de saude, publicou no nosso confrade *Exército Italiano* um artigo que ilucida a questão.

Extratamos alguns pontos desse artigo:

«As balas de pequeno calibre são dotadas de grande força de penetração e a conservam melhor ás grandes distancias do que as de grosso calibre.

Os projéteis revestidos deformam-se com menos frequencia do que os projéteis homogeneos; porêm a sua potencia aumenta em virtude do possivel desprendimento da camisa do nucleo, o que dá logar a fragmentos cortantes difíceis de extrair das feridas.

As feridas superficiais e em geral as lesões dos tecidos moles, são mais ligeiras; porêm se esta circumstancia é favoravel para a cura, o efeito da ferida, para o facto de pôr o individuo fóra do combate é o mesmo do que era dantes.

As lesões dos vasos sanguíneos que a diminuição do calibre parece dever tornar mais raras, pelo contrario, aumentaram em numero em consequencia da maior força de penetração dos projéteis.

Quando essas lesões são nos grandes vasos tornam-se mais graves e rapidamente mortais.

As lesões osseas diminuíram em gravidade; porêm os ossos largos dos membros são fracturados em zonas mais ou menos extensas conforme as distancias do tiro.

As feridas na cabeça, quasi sempre mortais ás pequenas distancias, curam-se mais facilmente quando são produzidas ás grandes distancias.

.....

E' certo que as armas de pequeno calibre produzem um numero relativamente elevado de feridas ligeiras facilmente curaveis; porêm é preciso não esquecer os progressos realizados com o transporte e tratamento dos feridos.

A relação entre o numero de homens gravemente feridos ou mortos, é naturalmente maior agora do que quando se empregava as armas de calibres medios.»



## CONSULTAS

1.<sup>a</sup> — Os musicos de 3.<sup>a</sup> classe devem obediencia aos 2.<sup>os</sup> sargentos, ainda que estes sejam mais modernos neste posto do que aqueles? e donde parte o cumprimento?

*A obediencia que deve existir é aquella que, perante as ordens legais, deve haver entre militares da mesma graduação, tanto mais que um musico pela naturêsa da classe a que pertence está isento de exercer as suas funções sob as ordens dum 2.<sup>o</sup> sargento, a não ser quando este responde pela 1.<sup>a</sup> do 1.<sup>o</sup>. Nestas circumstancias transmite-lhe as ordens por determinação do seu comandante de companhia.*

*No caso de faltas, flagrante de delito ou não, procede como determina o regulamento disciplinar ou o codigo de justiça militar.*

— Quanto a continencias, devem cumprimentar-se reciprocamente.

2.<sup>a</sup> — Os 1.<sup>os</sup> sargentos gerentes dos ranchos não respondem a formaturas ou quaesquer outros serviços, excêto á formatura, do recolher (e esta agora quando lhe pertença), respondendo, por isso, a todos os serviços e formaturas, naturalmente, um 2.<sup>o</sup> sargento da companhia, como determina o § 21 do artigo 217.<sup>o</sup> do Regulamento Geral.

Pergunta-se:

Quem deve comparecer ou responder ás formaturas indicadas nos n.<sup>os</sup> 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> do art. 44.<sup>o</sup>, quando o sargento ajudante estiver de serviço de rancho e, portanto, dispensado pelo § e artigo citado anteriormente

*O 1.<sup>o</sup> sargento mais antigo presente na sede do corpo.*

*(Com o actual estado de cousas, o sargento ajudante pôde bem acumular as funções, sem sobrecarregar um 1.<sup>o</sup> sargento, que em geral tem muito serviço na companhia)*

3.<sup>a</sup> — Dois capitães passaram ao quadro da reserva com a graduação de major, o mais moderno no posto efetivo, antes do mais antigo.

Pergunta-se:

O mais antigo perdeu a superioridade que sempre teve sobre o mais moderno no serviço ativo do exército?

*A antiguidade do posto conta-se desde a data do D. da promoção, no entanto como o caso do consulente é especial e não previsto pela lei, portanto só o Conselho Superior de Promoções pôde resolver a reclamação dum dos interessados.*

*Comtudo, para a Revista, parece que o mais antigo no ativo deverá, em relação ao mais moderno que fala, retomar o seu lugar na escala.*

4.<sup>a</sup> — Uma praça licenciada, que foi classificada *atirador especial*, pôde usar ou ser possuidor de arma sem a respectiva licença de porte de arma?

*Não pôde.*

5.<sup>a</sup> — Tendo sido concedidas pela autoridade competente trinta dias de licença nos termos do reglamento disciplinar do exército a alguns 2.<sup>os</sup> sargentos dum mesmo regimento, qual a ordem de preferencia que o comandante da unidade deve seguir na escolha daquele que primeiro deve gosar a licença?

*Viðe o n.º 10 desta revista (outubro de 1912).*

6.<sup>a</sup> — O tempo prestado no regimento d'infantaria de reserva como ajudante, é contado como tempo de serviço para os efeitos do que dispõe a alinea a) do n.º 1 do art. 433 do D. de 25 de maio de 1911?

*A «Revista d'Infantaria» entende que se deve contar quando o ajudante esteja numa unidade de reserva adstrita a uma unidade d'infantaria ativa, fazendo serviço de escala. Nos mais casos não, no entanto o consulente deve provocar uma pergunta á repartição competente, para se acautelar.*

7.<sup>a</sup> — Um 2.<sup>o</sup> sargento que vae servir no exército do ultramar dos termos do n.º 3.<sup>o</sup> do artigo 31.<sup>o</sup> do D. de 14 de novembro de 1901, findo os dois anos de serviço a que é obrigado, ofereceu-se para continuar no mesmo exército por 2, 4, 6 ou mais anos, esse sargento terá direito, quando regresso ao exército da Metropole, ás preferencias que teria se tivesse regressado no fim dos dois primeiros anos?

*Comquanto pareça justo conservar as preferencias, na realidade tornava-se prejudicial o caracter indeterminado das mesmas, para um mesmo individuo, para a constituição e organização das classes. Obedecendo a este espirito, é que o § 3.<sup>o</sup> do citado artigo marca taxativamente o praso de dois anos, para efeito das preferencias.*

8.<sup>a</sup> — Havendo um 1.<sup>o</sup> cabo num regimento d'infantaria aprovado no concurso para 2.<sup>os</sup> sargentos, realisado em abril do corrente ano, o mesmo terá de frequentar a escola de sargentos, para mais tarde ter direito á promoção?

*Não necessita, porque tendo o curso de habilitação para 2.<sup>os</sup> sargentos, este é equivalente e equiparado ao curso de sargentos e informação do diretor deste.*



16.º ANO

FEVEREIRO DE 1913

N.º 2

# REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na tipografia da Cooperativa Militar

## O NOVO MINISTRO DA GUERRA

*A Revista de Infanteria* saudando o novo Ministro da Guerra, sr. major João Pereira Bastos, que, pela vastidão dos seus conhecimentos, envergadura do seu nobre caráter e pujança da sua lucida intelligencia, se impõe á consideração e á estima do exército, como uma das suas maiores esperanças, cumpre, não um simples dever de cortezia, mas principalmente um acto de justiça que se casa bem com a sincera amizade que ha bastantes anos consagramos ao illustre ministro.

O exército e a Patria esperam das extraordinarias faculdades de trabalho e da alta competencia do novo ministro uma acção proficua e eficaz que venha derramar sobre as nossas esperanças a luz acariciadora de um melhor futuro.

E' necessario que os govêrnos da Republica sejam

estaveis e duradouros para que a sua acção patriótica se harmonise com a obra de consolidação e de redenção que todos os portuguezes reclamam.

E' mister que um grande numero de verdades moraes se espalhem por este paiz, e que cada um conheça e saiba que a sua liberdade termina onde começa a liberdade de outrem.

E' indispensavel que essa *herança terrivel do odio*, mal que tanto nos afflige, ceda o logar ás energias honestas dos bons portuguezes, e que, num trabalho sincero de reconciliação e de paz, todos coloquem bem alto e muito acima das paixões o bem e a felicidade da Patria.

E porque estamos convencidos que é este o caminho que o nobre ministro da guerra seguirá na sua ardua e espinhosa róta de govêrno, por que é um verdadeiro homem de bem, um sincero e honesto cidadão, um militar brioso e digno, cheio de fé nos destinos da Patria e da Republica, inflamado pela mais lidima crença no futuro desta nação, tão altiva, tão generosa e das mais gloriosas tradições, mais nos agrada e nos encanta vê-lo colocado á frente do exército, propocionando-nos assim este ensejo de podermos prestar ao nosso presado amigo, o sr. major Pereira Bastos, esta singela e despretenciosa homenagem, mas sincera e sentida, da nossa amizade e da nossa admiração.

Para o exército vão tambem as nossas felicitações.





## Impressões de uma visita a Londres

Não é de animo leve que se fala da primeira cidade do mundo, da cidade mais populosa e maior em extensão. Dizer o que ela seja, descrever o seu intrincado encadeamento de ruas e um tão formidável amontoada de casas, não é por certo tarefa fácil.

Mas não é isso o que interessa, não é isso o que importa. Londres, encarada por esse aspecto, apenas pôde despertar a atenção do simples turista. E mesmo esse, dissipadas as impressões dos primeiros momentos, ficará com os olhos cansados e com o espirito fatigado pela geral monotonia das suas edificações, envoltas quasi constantemente em denso nevoeiro e enegrecidas pelo fumo e pela acção constante da humidade.

Londres é uma cidade triste para todos os espiritos meridionais, que se criaram, que se desenvolveram e se formaram sob a acção virificadora e quente do sol e da luz. Londres é uma cidade monotona; as suas ruas, compridas como légoas e feitas com casas de tijolo semelhantes na fôrma e eguais na apparencia, sucedem-se umas após outras como as longas e tristes horas passadas sob um horrivel pezadelo.

Sim, aquilo para nós, meridionais, constitue um perfeito pezadelo. Aquelas ruas que não teem fim, aquelas casas que nunca acabam, parecem, para quem tem vivido na contemplação da naturêza, uma grande cadeia, uma cadeia vasta, imensa, quasi infinita, mas sempre uma cadeia. E até a sua humidade e até a sua negridão contribuem temerosamente para aos nossos olhos lhe dar esse aspecto.

Quem se quizer recrear, quem se quizer deleitar, quem quizer admirar as manifestações da vida pelo seu aspecto belo, não vá a Londres. Quem, porém, quizer

vêr e admirar a obra gigantesca dos homens, quem quizer conhecer ao que pôde levar a aglomeração dos seres humanos, vá então visitar essa cidade, porque sob este aspecto é então a primeira cidade do mundo.

Londres é uma cidade grande, imensamente grande, colossalmente grande pelo seu tamanho e muito especialmente pela ordem, pela subordinação, pela coordenação e pela harmonia com que ali se vive. N'uma cidade em que a população é tão densa, numa cidade que só por si conta quasi com tantos habitantes como o nosso país, se esse espirito de ordem não existisse não seria por certo possível o viver-se ali. Este é o aspecto mais interessante que aquella cidade nos oferece.

A lei, a ordem, a tradição, e o respeito pelos outros é o que ha de mais completo e admiravel. É só um povo com essa educação, com esse respeito e com essa orientação é que pôde viver como em Londres se vive. E a juntar a isto temos ainda a educação e a delicadeza de modos e de maneiras daquele povo, que é talvez a qualidade mais saliente do povo inglês. Ha muita gente que reputa os ingleses como gente rude, de maneiras e modos menos delicados no seu convívio e contacto social. Os que assim pensam enganam-se por completo. O inglês é extremamente delicado, embora os seus modos sejam sacudidos e rápidos. Quando é devidamente tratado e considerado o inglês é sempre um *gentleman*, recto, correcto, delicado e atencioso. Se, porém, lhe faltam á consideração a que pessoalmente se julga com direito, que é a consideração da simples e vulgar delicadeza, se o perturbam e o ferem no seu intimo e nos seus sentimentos, então reage como um homem que se preza e os que lhe tiverem dado motivo para essa reacção terão então de lhe sofrer as consequências. E tudo isto se pôde dizer por uma forma mais corrente e mais vulgar, isto é, o povo inglês é delicado para os que o sabem ser, e rude, aspero e até brutal para os que delicados não são. E se individualmente todo o inglês assim procede, a resultante do proceder colectivo não pôde deixar de ser a mesma.

A propria noção da tradicional liberdade inglesa assenta nesse principio. A liberdade naquela paiz é ampla, é mesmo ilimitada; cada um pôde andar como quizer e fazer o que lhe apeteecer desde que com o seu procedimento não vá ofender os outros fisica ou moral-

mente. E a noção da liberdade não é nem pôde ser outra. Se todos os cidadãos teem os mesmos direitos, ninguem pôde possuir o privilégio de praticar actos que vão ofender ou magoar outrem. E procedendo todos os inglêses por esta fôrma, que não admite excêções e que ninguem procura sofismar, mas que muito pelo contrario todos aceitam e procuram executar, é que permite que em Londres, como por toda a Inglaterra, se viva na maior tranquilidade possivel. E é essa unidade de pensamento, e essa harmonia no viver social e colectivo que dão, e com razão, ao povo inglêz a categoria de um povo supercivilizado.

O que mais ha que admirar em Londres não é o tamanho das suas ruas nem a grandeza dos seus edificios. O que ali é digno de se ver e admirar é o respeito pelos homens e pelas leis, normas ou regras sociais. Nós, os meridionais, gostamos e sabemos admirar a natureza, mesmo porque entre nós tem um aspecto que ali não possui, mas em compensação, os inglêses, não a podendo contemplar, acostumaram-se a admirar os homens, a humanidade e os seus aspectos sociais e é nisto que consiste a sua grandeza e a sua exáta e nitida compreensão da liberdade. Nós vivemos no sol e na lua, êles vivem na terra entre os homens e por isso se sabem respeitar uns aos outros.

\*  
\*   \*  
\*

E feito isto passemos a dizer alguma coisa do que vimos e observámos sob o ponto de vista militar, porque é este o aspecto que mais prendeu a nossa atenção e mesmo porque é o assunto que maior interesse poderá despertar aos leitores da *Revista de Infantaria*.

No estrangeiro, como é geralmente sabido, as questões militares constituem sempre assunto de reserva e mesmo com as quais é necessario ter cautela para não se ter decepções e até para não se correr no risco de se cair debaixo da lei da espionagem.

Quem screeve estas linhas, sabendo já isto mesmo e não viajando com character official, pouco contava vêr que o elucidasse e lhe esclarecesse o seu espirito. A qualidade de militar que possuímos de alguma coisa valeu porém. Manifestando ao nosso ministro em Lon-

dres, o Ex.<sup>ms</sup> Sr. Teixeira Gomes, no dia em que tivemos a honra de o cumprimentar, qual o nosso desejo, Sua Ex.<sup>a</sup> com uma boa vontade que muito o honra e deveras lhe agradecemos, se prontificou a solicitar do governo inglês a necessaria auctorisação para que nos fôsse permitido vêr um quartel de infantaria.

Dias depois recebiamos comunicação da nossa legação de que no dia seguinte seriamos recebidos no *War Office* (Ministerio da Guerra) pelo capitão Grant, do estado maior, que pelo ministro respectivo tinha sido encarregado de nos fornecer es elementos necessarios para que o nosso desejo fôsse satisfeito. A's 9 e meia horas dêsse dia estavamos na *War Office*. A hora era um pouco matutina e o denso nevoeiro que obrigava a ter os candieiros acesos dava-lhe ainda um aspecto que ao nosso espirito se afigurava de verdadeiramente matinal. Os costumes ingleses são porêrn esses e nós tinhamos todo o empenho em mostrar que em *Roma também sabiamos ser romano*, e por isso não faltámos.

Declinando ao porteiro a nossa qualidade, imediatamente nos encaminhou para uma ampla e confortavel sala que ficava proxima e que era a sala do *inquiry* geral do ministerio. O *inquiry* é o informador e esta entidade, que não é conhecida nos nossos ministerios, ali torna-se absolutamente necessaria. O *War Office* ocupa uma casa imensamente grande. E' um vasto edificio quadrado de cinco andares onde quasi caberiam todos os edificios do nosso Terreiro do Paço. Nestas condições, se não houvesse a entidade *inquiry*, ninguem chegaria ao seu destino, ninguem daria um passo, toda a gente se perderia naquele imenso labirinto de elevadores, de grandes escadarias e de imensos corredores.

Não tivemos, porêrn, a menor difficuldade em chegar ao nosso destino. Preenchendo um papel que o *inquiry* nos entregou, onde declarámos o nosso nome e qualidade e onde indicámos a pessoa com quem desejavamos falar e o assunto que desejavamos tratar, pouco depois eramos conduzidos, por um rapaz visto-samente uniformisado, a uma sala de espera do segundo andar. O rapaz desapareceu como nas magicas, mas logo a seguir entra nessa sala um porteiro que veiu acender o fogão e oferecer-nos uma boa poltrona.

\*Não sabíamos do papel, não sabíamos bem ao certo onde nos encontrávamos, este porteiro desapareceu também, no corredor não passava ninguém e o silêncio era profundo. E nesta lugubre situação, ouvindo apenas crepitar o lume do fogão que acariciadoramente nos aquecia, permanecemos uma boa meia hora.

Sobre a mesa havia umas ilustrações, almanaques militares, guias dos caminhos de ferro, etc. As paredes estavam guarnecidas com umas cartas geograficas e sobre o fogão vimos dois papeis colados em cartão que nos pareciam umas instruções e que chamaram a nossa atenção. Realmente não nos enganávamos. Nelas se recomendava a maneira como os militares, em geral, que se encontrassem de licença ou em qualquer situação que não os obrigue a estar junto das suas unidades, deviam proceder para formular qualquer pretensão que tivessem, com o fim de definir a sua situação ou colocação. Os pedidos deviam ser feitos por escrito e proibiam a todos os militares dirigirem-se ao pessoal do ministerio para formularem pessoalmente qualquer pedido nesse sentido. O pessoal vae para as repartições para trabalhar e a ninguém é licito ir perturba-lo e encomoda-lo com pedidos.

Era isso o que dizia uma das taboletas. A outra, apesar de ter umas instruções menores, não deixa contudo de ser ainda mais instrutiva. Nelas se dizia que era expressamente prohibido aos militares arregimentados formular qualquer pedido que implicasse com a sua situação militar sem que juntassem uma exposição ou informação do seu comandante.

Se o alcance de uma das determinações é grande, o alcance da outra mostra bem a fôrma como os comandos em Inglaterra são respeitadas e a força e o prestigio que pelas estações superiores se lhes dá.

Quando nós estávamos absortos com as apreciações mentais que iamoz fazendo a essas instruções e quando tínhamos o nosso espirito absorvido pelo confronto que iamoz fazendo entre a fôrma de proceder dos inglézes e dos portuguezes sobre essas pequenas coisas, entra pela sala um servente já velho e com todo o aspecto dos serventes do Terreiro do Paço, que amavelmente nos disse que o capitão Grant nos recebia.

Este official, de aspecto energico, olhar inteligente e alto como uma torre, mal entrámos no seu gabinete,

que ficava bastante próximo, vem logo ao nosso encontro com um requinte de amabilidade que profundamente nos impressionou. E, trocados os nossos cumprimentos, diz-nos que o ministro tinha destinado o quartel de Windsor, *Victoria Barracks*, para nós vermos, acrescentando que Sua Ex.<sup>a</sup> desajava que vissemos esse quartel e não qualquer dos quartéis de Londres, porque aquele era o de construção mais recente, o mais moderno.

Como Windsor fica fóra de Londres, o capitão Grant quiz então levar a sua amabilidade a ponto de mandar para o hotel em que nos encontravamos instalados uma carta em que, além de juntar uma outra carta de apresentação para o comandante do batalhão de *Coldstreams Guard*, que ali se encontrava de guarda, nos fornecia todos os esclarecimentos para que a nossa viagem se fizesse sem a menor dificuldade.

E no dia seguinte, embarcando ás 10 horas da manhã na estação de Paddington com destino a Windsor, seguimos ao nosso destino para ver um quartel militar, cuja descrição fica para o proximo numero desta *Revista*.

(*Continúa*).

DAVID RODRIGUES.

Cap. de Inf.<sup>o</sup>.

---

## Duas marchas forçadas de Caçadores 5

(*Continuado do n.º 1*)

Durou dôze longos, chuvosos e frios dias a estada em Montalegre.

E não foram ociosos: a cavalaria com as suas patrulhas, a infantaria com os postos e os officiaes com as rondas nótunas tiveram serviço senão extremamente violento, pelo menos bastante incomodo, devido á aspezeza do tempo, aos rigores da prematura invernia que todos tiveram que suportar.

De Montalegre e na direcção da fronteira partem

para N. E., N. e N. O. tres caminhos velhos e de piso detestavel, mas por onde os rebeldes podiam avançar sobre a vila: são os caminhos para Padornelos, Padroso e Donões. Todos eles são intercétados a muito curta distancia da vila pelo Cávado, que por N. e O. contorna o grande monte sobranceiro á povoação e onde se erguem as pitorescas torres e alguns lanços de muralha do hoje arruinado, mas em passadas eras soberbo e imponente castelo de Montalegre.

Eram esses caminhos patrulhados desde o anoitecer á alvorada pela cavalaria; junto ás pontes sobre o Cávado foram estabelecidos, durante o mesmo tempo, os 3 postos á cossaca diariamente fornecidos pela companhia de Caçadores 5 e de principio tambem pelo destacamento de 30 praças de Infantaria 19, que já encontramos em Montalegre.

Quasi diariamente houve reconhecimentos de official até á fronteira, que ali corre a 7 quilometros de distancia, e á noite postos e patrulhas eram rondados por officiais ou aspirantes, que de ordinario recolhiam literalmente encharcados a ponto de, por vezes, não poderem utilizar o capote no dia seguinte ao da ronda.

Junto á ponte do caminho para Donões, ocasiões houve em que os soldados do posto chegaram a estar completamente cercados de agua, a ponto de não poderem comunicar durante algum tempo com a respectiva vedeta. Noutro posto instalado numa casa arruinada, os soldados preferiam sair desta para... a chuva livre, pois ali entrava-lhes a agua da chuva por cima e a do Cávado por debaixo. Ainda se construíram dois alpendres, mas o abrigo que ofereciam era quasi nulo e as praças preferiam a protecção do pano da tenda sobre o capote.

Com semelhante tempo, em fins de outubro, pode avaliar-se da amenidade da temperatura durante a noite e sobre a madrugada; na serra de Larouco vimos apparecer a neve e teriamos tido esta em Montalegre se ali permanecessemos mais alguns dias.

Pensou-se e tentou-se fazer seguir a coluna para Ruvães, mas reconheceu-se que em 1911 se estava naquella região—como ainda agora em fins de 1912—exactamente *como ha um seculo*, quando em 1809 o marechal Soult retirou de Portugal, tendo de abandonar, não só pela precipitação da marcha, como talvez mais pela

rudeza dos caminhos, a artilharia e bagagens do seu exercito!

Naquela parte do pais decorreu um seculo sem que as communicações melhorassem, sem que a viação avancasse: Montalegre apenas dispõe da estrada para Chaves, mas na direcção do Minho está ainda hoje — triste é dizê-lo! — precisamente como... *no tempo dos francezes!*

Dois distintos officiaes, um do estado maior, outro da companhia de metralhadoras de Caçadores 5, o sr. tenente Fontes Pereira de Mello, foram encarregados de effectuar reconhecimentos afim de verificarem se a coluna Simas Machado podia seguir para Ruivães, pois constava que os rebeldes pretendiam encaminhar-se para o lado da fronteira do Minho. Ambos chegaram á mesma conclusão: homens podiam passar; os cavalos muito difficilmente; quanto a viaturas nenhuma podia seguir. Os velhos e arruinados caminhos estavam então nalguns pontos convertidos pelas chuvas em verdadeiras torrentes e todos elles se deviam qualificar de quasi intransitaveis

Informado o comando da 6<sup>a</sup>. Divisão do resultado dos reconhecimentos, mistér foi desistir da intentada marcha directa para o Minho, e como as praças do 5 não podiam permanecer mais tempo em Montalegre sem mochilas e portanto desprovidas de roupa, foi decidido, em vista de noticias tranquilisadoras da fronteira, o regresso da coluna a Chaves.

Para ali partiu primeiro o seu distinto comandante no dia 25, afim de assumir novamente o comando militar da guarnição, e igual destino seguiu logo o pelotão de Lanceiros 2.

Os rebeldes desistiram afinal da incursão... se é que de facto pensaram renova-la, e finalmente em 26, á noite, foi recebida a suspirada ordem de regresso a Chaves. As fôrças de Caçadores 5 seriam rendidas por um destacamento de Infantaria 19, destinado tambem a substituir o outro do mesmo corpo e que dias antes recolhera ao seu quartel.

Não continha a ordem de regresso nenhum itinerario detalhado; podia portanto a marcha effectuar-se num só dia ou em dois. Urgencia de retirar... como a houvera em avançar para Montalegre, nenhuma evidentemente existia, mas a vontade de alcançar Chaves e reu-

nir ao resto do batalhão era em todos, soldados e oficiais, ardente ao ultimo ponto.

Considerações doutra ordem levaram porem o major do Batalhão a decidir efectuar a marcha num só dia.

Junto da estrada a seguir só havia, como já dissémos, dois logarejos: Gralhós e Sapiãos.

O primeiro, distante de Montalegre apenas 7 kilometros, estava naturalmente incluído no primeiro dia de marcha; Sapiãos, a meia distancia de Chaves, prestava-se bem, por este lado, a terminus da primeira étape.

Já conheciamos porêem a povoação e os seus recursos. As duas companhias de caçadores e metralhadoras contavam um efétivo de perto de 150 homens, incluindo officiais, com bastantes solípedes, cavalos e muares, e diversas viaturas. Em tal época do ano e em tais condições atmosféricas não se podia pensar em bivacar e, quanto a acantonamento, ainda que fosse possível alojar os 150 homens no pequeno numero de casas da povoação, todas modestas, o que não havia era cavalariças para tanto gado.

Outro problema difficil de resolver em Sapiãos era a alimentação das praças; na aldeia não havia recursos para qualquer refeição cozinhada, nem que comprar a dinheiro que chegasse para os homens, a não ser vinho. Transportar generos dos existentes em Montalegre era a solução unica do caso, mas tornava-se necessario alugar carro que os conduzisse, e na região só os ha de bois, pequenos e de andamento morôso. Dado o desejo que todos tinham de chegar a Chaves, mais valia afinal exigir um pequeno esforço de homens que se sabiam treinados em marcha, e a quem não custaria excessivamente percorrer de novo 47 kilometros dentro de 24 horas, como já tinham feito. Demais a alimentação em Montalegre fôra sempre muito abundante, rancho com a ração normal de viveres, e os homens, apesar dos grandes rigores do tempo, não se achavam enfraquecidos nem extenuados. O que êles todos ambicionavam era... vêrem-se longe de Montalegre, que lhes não deixava saudades.

Com anuencia superior, foi pois resolvido que se efectuasse nova marcha forçada, com um grande alto em Sapiãos.

Para a sua execução foi dada a seguinte ordem de serviço:

### Destacamento de Caçadores 5

Montalegre, 27-10-911  
às 3 h. da tarde

#### Ordem de serviço para o dia 28 de outubro

Em virtude de ordem do Comando da 6.<sup>a</sup> Divisão do Exercito, o destacamento do Batalhão constituído pela 1.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> Companhiás, marcha para Chaves amanhã, para o que se observarão as seguintes disposições:

a) **Formatura.** — A 5.<sup>a</sup> companhia formará no largo do edificio da Camara Municipal, com o flanco direito junto á estrada de Chaves, pelas 3 horas da manhã e, depois de distribuída a ração de aguardente ás praças, iniciará a marcha pelas 3<sup>h</sup> 30<sup>m</sup>. Os carros sanitario e de munições da 1.<sup>a</sup> companhia, acompanham a 5.<sup>a</sup> companhia.

A 1.<sup>a</sup> companhia formará no mesmo local, frente ao edificio da Camara, constituindo dois pelotões, pelas 3<sup>h</sup> 15<sup>m</sup> minutos da manhã e depois de distribuída a aguardente ás praças iniciará a marcha pelas 4 horas. Os dois pelotões marcharão separados pela distancia de 30 metros e na retaguarda de cada um d'elles irão os respectivos officiais ou aspirantes.

O comandante da 1.<sup>a</sup> companhia nomeará uma guarda da retaguarda composta por 12 praças sob o comando do alferes sr. Urosa Gomes, a qual marchará 200<sup>m</sup> á retaguarda da companhia, com instruções para não deixar nenhuma praça á retaguarda.

b) **Horario.** — O recolher de hoje realizar-se-ha ás 7<sup>h</sup> 30<sup>m</sup> da noite; alvorada para a 5.<sup>a</sup> companhia ás 2<sup>h</sup> da manhã; aparelhar ás 2<sup>h</sup> 30<sup>m</sup>; alvorada para a 1.<sup>a</sup> companhia ás 2<sup>h</sup> 30<sup>m</sup>; deitar correias ás 3<sup>h</sup>; formar companhias ás 3<sup>h</sup> 15<sup>m</sup>.

c) **Uniforme.** — As praças levam vestido o capote e o pano da tenda irá enrolado a tiracolo. Se porém á

hora de formar companhias chover, disporão o pano da tenda como segundo capote.

d) **Alimentação.**— A' hora da 3.<sup>a</sup> refeição de hoje os srs. comandantes de companhia receberão das praças as latas das rações de reserva, entregando estas com uma nota do seu numero ao aspirante provisôr.

A 3.<sup>a</sup> refeição de hoje estará distribuida ás 4 horas e por ocasião da respectiva formatura os srs. comandantes de companhia satisfarão a cada praça a quantia de 400 réis, equivalente da ração de manobra, recomendando-lhes que, com essa importancia, adquiram em Montalegre a alimentação de que necessitarem para o dia 28, não devendo contar com quaisquer recursos em Sapiãos.

Logo que tocar a *aparelhar* ou a *formar companhias* os srs. comandantes da 5.<sup>a</sup> e 1.<sup>a</sup> companhias farão distribuir a cada praça uma ração de 5 centilitros de aguardente, para o que, com a devida antecedencia, enviarão ao aspirante provisôr o vale respectivo.

e) **Bagagens.**— As bagagens serão carregadas hoje ás 5<sup>h</sup> da tarde; os carros de companhia transportarão as mantas que as praças trouxeram para Montalegre. O aspirante provisôr providenciará para que numa galera da administração militar sejam transportadas as caixas com as rações de reserva, algumas bagagens que não caibam nos carros de companhia, devendo reservar espaço suficiente para, na mesma galera, serem conduzidas dez praças que por opinião medica não podem marchar a pé.

f) **Forragens.**— Os solípedes transportarão metade da ração de grão, para amanhã, nos sacos, indo a restante nos carros de companhia, de munições e sanitario.

(*Transmitida por escrito ás companhias e provisôr*)

Cumpridas integralmente as prescrições da ordem, a companhia de metralhadoras marchou á hora marcada, seguindo-se-lhe a de caçadores poucos minutos depois das 4. Não foi possivel porém formar a companhia no largo em frente ao edificio da Camara Municipi-

pal. Se houve noite e madrugada tempestuosa em Montalegre foi aquela; a violencia da chuva e do vento era tal que não havia luz de archote que resistisse, e a escuridão era completa. Forçoso foi formar e dividir a companhia—ainda hoje não sabemos bem como isso se conseguiu! — no acanhado espaço do pequeno vestibulo do edificio e ali se distribuiu a aguardente e, apesar de todas estas dificuldades e contrariedades, a marcha só se atrazou 5 minutos.

Ao inicia-la, nem a estrada a seguir se via; os cavalos caminhavam a medo, completamente ás cegas, tais as trevas que nos envolviam.

Por fortuna a violencia da chuva foi abrandando e pelas 6 horas, ao passarmos em Gralhós, começou a manhã a clarear e dali em diante a marcha proseguiu em melhores condições. Com o dia vieram abertas entre os aguaceiros e o sol começou a patentear-se-nos. Nesta primeira parte da marcha até Sapiãos, foram suprimidos alguns pequenos altos e a primeira arrancada foi de uns 8 kilometros seguidos.

Pelas 9  $\frac{1}{2}$  horas alcançavamos Sapiãos, com grande surpresa do comandante e subalternos da companhia de metralhadoras, que tinham ali chegado pouco tempo antes e nos esperavam muito mais tarde. Percorreram-se, pois, 24 kilometros em 5 horas e meia o que dá a media de 4<sup>Km</sup>,800 á hora, visto haver a descontar, pelo menos, meia hora para os pequenos altos efectuados. Conhecendo Sapiãos não perdemos tempo a procurar alojamento conveniente; não tinhamos senão um... o celebrado palheiro, já conhecido, por cima da cavaliça á beira da estrada. Lá nos instalámos, os officiais, logo que tudo se dispôz para o grande alto, e ali permanecemos abrigados da chuva, confortavelmente estendidos no feno, procedendo a cuidados de toilette e, comendo por fim regaladamente os farneis com que nos tinhamos prevenido em Montalegre.

Tendo descansado tres horas e meia, a marcha recommçou precisamente á 1 da tarde, seguindo agora a companhia de metralhadoras logo após a de caçadores. Apesar das chuvas e do excepcional transito de veiculos entre Chaves e Montalegre desde o dia 16, a estrada conservava-se em bom estado, salvo uma ou outra baixa onde a agua se accumulára e existiam enormes lamieiros.

Para a tarde o tempo melhorou consideravelmente; o sol surgiu e com a sua presença reanimou as forças dos homens, incutindo a todos novo vigor.

Esta segunda parte da marcha parecia não ter fim! Alcançámos finalmente Chaves ás 5 e meia da tarde e não se descreve a sensação de alegria e de alívio ao avistar-se a risonha povoação, que naquele momento mais alegre e hospitaleira do que nunca nos pareceu.

Fômos todos jubilosa e carinhosamente acolhidos pelo nosso distinto comandante e grande numero de officiais, tendo finalmente o prazer de ver reunidos todos os camaradas do Batalhão.

Esta segunda marcha, mais rapida do que a primeira, veiu a efectuar-se em 13 horas e meia, e deduzindo as 3 horas e meia do grande alto de Sapiãos e mais uma para os pequenos altos, fica o tempo util de marcha reduzido a 9 horas, isto é, menos uma do que na primeira marcha.

Para o percurso de 47 kilometros vê-se que a velocidade media foi de  $5^{Km}, 200 \text{ á hora}$ , o que não pode deixar de se reconhecer como prova evidente da notavel treinagem de marcha de Caçadores 5. E deve notar-se que a 5.<sup>a</sup> companhia de metralhadoras marchou para Vidago (19 kilometros) e dali em caminho de ferro para o Porto, logo na madrugada do dia 30, tendo apenas a demora de 36 horas em Chaves, e que as duas companhias de caçadores, onde se incluíam os regressados de Montalegre, marcharam na madrugada de 31 pela via ordinaria para Vidago e dali pela via ferrea para o Porto.

O descanso em Chaves—depois da marcha forçada e do serviço em Montalegre—não foi na verdade excessivo! Pudémos porêem descansar no Porto e ali se recompuzeram todos das fadigas experimentadas.

As marchas que deixamos descritas não constituem decerto *um belo feito*, como a primeira foi amavelmente classificada pelo jornalista alemão, correspondente da *Gazeta de Colonia*.

Creemos bem, que se o Batalhão tem marchado com 4 companhias, além das metralhadoras, com um efétivo numeroso e sobretudo se os soldados têm transportado mochila não seria facil atingir a velocidade de marcha que o pequeno destacamento logrou alcançar.

Entretanto se não é um *belo feito*, é pelo menos um feito que corresponde inquestionavelmente ás brilhantes tradições de Caçadores 5, e com o qual os derradeiros soldados desse corpo que, como nenhum outro do exercito, teve em épocas já distantes um renome verdadeiramente distinto, encerraram dignamente as paginas gloriosas da sua imorredoura historia.

E é com justo orgulho de termos sido um desses derradeiros soldados do Batalhão e de termos servido sob as ordens do seu ultimo e tão distinto comandante, que deixamos registada nas paginas deste jornal a narração dos ultimos serviços por êle prestados á Patria, e com ela a saudade e a magua com que todos os officiais que envergavam o seu belo uniforme viram extinguir, sem razão nem vantagem, essa unidade e com ela os ultimos *caçadores* portuguezes.

MAJOR PACHECO SIMÕES.

---

## VARIÉDADES

---

As mulheres dos Estados Balkanicos procuraram compartilhar com valor admiravel os trabalhos, as fadigas e até as responsabilidades que se desentranham do estado de guerra.

Assim, as bulgaras entregaram-se ao desempenho de todos os serviços publicos, incluindo o dos incendios.

As servias chegaram a aprender o manejo de armas dispostas a acudir ao campo de batalha.

As gregas dedicaram-se com toda a solicitude maternal a acudir aos feridos e aos hospitais de sangue.

As montenegrinas escalavam as montanhas do seu país, transportando armas e munições para as linhas de combate.

E por este modo a tradição do heroismo e dedicação das mulheres dos Estados Balkanicos, em alentar e encorajar os homens na guerra, manteve-se hoje como sempre.

\*  
\*   \*  
\*

Vamos apresentar nesta secção umas ligeiras notas ácerca de cada um dos Estados que tomaram parte na presente guerra dos Balkans.

Começaremos pelo Montenegro, que é o mais pequeno dos Estados.

E' tão pequeno que a sua população pouco mais vae além de 250:000 almas.

Causa espanto que com uma população tão pequena possa pôr em pé de guerra 60:000 homens como alguns afirmam, embora em nossa opinião o exército Montenegrino deva oscilar entre 40 e 50:000 baionetas.

Seja como fôr, um facto desta ordem exprime uma organização militar de primeira ordem, onde todos os elementos válidos da nação são aproveitados.

E assim é na verdade.

O serviço militar no Montenegro dura desde os 18 anos até aos 62.

Nos primeiros dois anos os recrutas teem apenas dois mezes de instrução anual cada ano.

Depois, desde os 20 anos até aos 51 ficam pertencendo ao exército activo, recebendo 15 dias de instrução em cada ano.

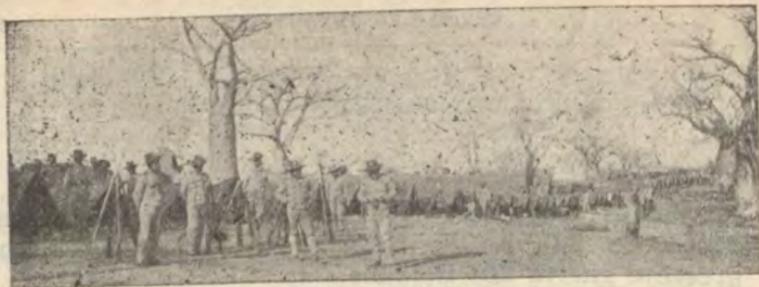
Passado este periodo vão então para a reserva até aos 62 anos.

Ha duas categorias de officiaes, os de serviço especial que formam os officiaes do Estado Maior e o corpo de instrutores, que procedem das Escolas Militares, e os officiaes de fileira que são recrutados entre a tropa.

O exército Montenegrino compõe-se de 4 divisões a 16 batalhões, uma bateria de montanha, um grupo mixto de artilharia e uma companhia de sapadores.

Este exército está organizado e é especialmente destinado a operar em guerra de montanha, atendendo á natureza do solo Montenegrino.

A infantaria está armada com uma espingarda antiga, modelo de 1881, russo, e algumas armas Berdan. A artilharia é heterogenea e em geral mediana, sendo ainda assim a melhor a Krupp e as peças italianas de grosso calibre destinadas a artilhar as alturas de Lovtchen, que dominam todo o vale de Cattaro.



## Porque não terá a infantaria um centro militar?

Inumeras vezes me tem passado pelo espirito esta pergunta, que a mim mesmo faço, sem resposta comprehensivel. Baralham-se as respostas, contradizem-se os pensamentos, e, depois de tanto matraquear no assunto, fico sómente com a ideia de que na nossa arma ha fraquesa, e manifesta falta de energia para vencer, isto é, para lutar e sair do marasmo putrido, que está trilhando. Precisamo-nos unir, não para nos impor aos poderes publicos, ou por espirito de macaquearmos, mas sim, para estabelecermos os mais estreitos laços de camaradagem entre os elementos da arma, e facilitar os meios de trocarmos os nossos pensamentos profissionaes, alargando voluntariamente o ambito estreito do quartel.

Não me atrevo a pedir uma associação de officiaes de terra e mar, como existe na maior parte dos exércitos europeus, visto que a nossa armada possui a sua Liga Naval e o Club Militar Naval. Não lembro a associação dos elementos militares terrestres, porque essa torna-se difficil, em virtude do nosso espirito de desconfiança, nato na raça, e pela qual supomos sempre que os outros pretendem sobrepôr-se a nós!

Mas devemos desconfiar de nós mesmos? Não, a nossa instrução, a nossa educação, tal não permite.

Sigamos, mas oficialmente, a nossa irmã de artilharia, que tambem tem comprehendido o seu espirito de solidariedade profissional, como demonstram as suas conferencias na «Revista de Artilharia». E, se o meu modesto pensamento, por alguém fôr posto em pratica, ele deve-se alargar a todo o país, constituindo nucleos, onde haja guarnições numerosas, e tendo delegados nas localidades em que as unidades sejam pequenas.

E assim, camaradas, a infantaria será uma arma modelo, porque os ocios se aproveitaram beneficentemente, trocando se ideias uteis, estreitando-se os laços de camaradagem e facultando-se vantagens positivas aos seus membros, pelo espirito de associação que os ligará.

E a nossa união, deve-se fazer cuidadosamente, firmemente, só com o nosso esforço. Fugamos do auxilio dirêto do Estado, porque o seu esteio é quasi sempre precario. Lembremos o que aconteceu ao decreto de 30 de dezembro de 1886 que creava o «Centro Militar do Exército e da Armada», e recordemos o que succedeu aos centros militares francêses que creados desde 1886 sobre o patrocínio dos governos francêses moralmente sossobraram, por lhes terem suprimido, por decreto de 25 de maio de 1910, as pensões que recebiam, para que se fique identificado sobre o valor do seu auxilio.

Temos a experiencia alheia, e ela nos sirva de mestra, não para desanimarmos, mas sim para nos fortalecermos na execuçãõ da ideia que advogo, porque ella é grande visto que pretende estabelecer a cohesão da arma, não só espiritualmente como materialmente. Outras classes podem menos do que nós, e ellas se encontram unidas para outros fins muito diversos dos que exponho.

Bem comprehendido o espirito associativo, elle poderá oferecer, alem das vantagens espirituaes indicadas, outras, semelhantes ás que oferecem os centros similares estrangeiros.

E, para exemplo, basta fazer a seguinte transcriçãõ dos beneficios materiaes devidos aos socios do *Cercle national des armées de terre et mer*, limite que deveremos atingir pelo nosso esforço methodico e progressivo se trabalharmos.

Eil-a:

**Sua Instalação.** — O centro da Avenida da Opera comporta salões, salas de leitura, de correspondencia, de cursos e conferencias, uma sala de esgrima com hydroterapia, uma sala de bilhar (com bilhar de «Match»), um restaurant de 1.<sup>a</sup> ordem, um café dando sobre a Avenida da Opera, e um hotel confortavel com ascensor e sala de banho.

**Hotel.** — O hotel é reservado aos membros do Cen-

tro, habitando na provincia. Nele se encontram camas bem preparadas, iluminação electrica e aquecimento pelo vapor, por preços inferiores aos dos hotéis de 2.<sup>a</sup> ordem.

O preço dos quartos varia de 3 a 10 francos, no verão, e de 3 francos e 50 centimos a 10 francos e 50 centimos, no inverno.

Os membros do Circulo podem beneficiar dum preço fixo de 5 francos diários, dando direito a um *petit déjeuner* de manhã e ás refeições do restaurant por 3 francos.

**Restaurant.** — O restaurant serve refeições, a preços fixos, desde 2 francos e 25 centimos a 3 francos, assim como serviço por lista, muito cuidado e a preços moderados.

.....  
**Café.** — As salas do café são dotadas de todo o conforto desejavel, e os membros não são obrigados a gastarem, quando as frequentem.

**Sala de leitura.** — A sala de leitura recebe mais de cem publicações diárias e periodicas, tanto de França como do estrangeiro; possui um grande numero de armarios. Existe igualmente nas salas de leitura, varias enciclopedias e dictionarios.

**Sala da esgrima.** — .....

.....  
**Sala de correspondencia.** — Uma sala ..... é disposta gratuitamente ao serviço dos seus membros:

**Telefone urbano e Interurbano.** — O Centro põe á disposição de todos os membros, um telefone para a cidade e outro para os departamentos. Só este ultimo é pago.

**Teatrofone.** — As audições do teatrofone são absolutamente gratuitas.

**Serviços diversos.** — Encontra-se finalmente no Centro um chapeleiro que póde dar uma pequena passagem de ferro, por uma minima retribuição; um barbeiro pago segundo uma tarifa especial; gabinetes de toilette, gratuito; e uma sala de banhos, paga.

Durante o inverno ha cursos gratuitos de linguas, e conferencias sobre assuntos diversos.

**Festas.** — Festas exclusivamente reservadas aos membros do centro, e suas familias, absolutamente gratuitas, terão logar durante o inverno; .....

.....

**Outras vantagens — Teatros.** — A maior parte dos teatros, concertos, e salas de espectáculo de Paris, concordaram graciosamente em fazer reduções importantes aos membros permanentes do Centro.

**Estabelecimentos termas ou balnearios, casinos, centros e hotéis.** — Grande numero destes estabelecimentos oferecem reduções de preços aos socios do Centro e suas familias.

**Descontos sobre as compras.** — Um grande numero de commerciantes de Paris e da Provincia, concedem descontos sobre os preços das fazendas, aos socios do Centro e suas familias.

O serviço de remessas a cargo do Centro Militar está sob os cuidados de empregados encarregados do seu encaixotamento e reembolso.

As vantagens deste serviço são reaes e de natureza a chamar a atenção dos membros, permitindo-lhe recuperar parte das suas cotas.

.....  
 .....  
**Cotas** — Todos os membros do Centro estão sujeitos ás seguintes cotas:

1.º Membros obrigatorios e officiaes em atividade residindo no Governo Militar de Paris.

Cotas mensaes.

	Francos
Subalternos .....	1,50
Capitães .....	2
Majores .....	3
Tenentes-coroneis .....	3,50
Coroneis .....	4,50
Generais de brigada .....	7
» » divisão .....	10

2.º Membros de direito.

Cotas anuais.

	Francos
Officiaes subalternos e equiparados.	24
» superiores .....	45
» generaes .....	60

Um diploma especial será dado a cada membro do Centro.

Quanto ao *Centro del Ejército y de la Armada*, as vantagens são semelhantes, tornando-se desnecessario transcrevê-las.

Pelo exposto vê-se que aqueles beneficios, para uma só arma os conseguir, demandam trabalho, não ha duvida, mas mais faz quem quer do que quem póde; e, perdendo um pouco o nosso feitio, amante do exagero, deitemos mãos á obra e, cheios de capricho, levantemos o espirito abatido da nossa arma, para que se mostre que a maxima *de um por todos e todos por um* não é desconhecida nela.

Mãos á obra.

V.

---

## A GUERRA DOS BALKANS

---

E' muito difficil fazerem-se previsões sobre este assunto, tão complicados, tão variados e até tão contraditorios são os interesses que se debatem na presente guerra.

A Turquia lucha contra duas correntes opostas. De um lado as potencias a aconselhar a paz e a indicar o caminho da prudencia como o mais util aos seus proprios interesses. Do outro lado a parte exaltada da população turca a incitar e a desejar arrastar o governo para o caminho da guerra.

Nesta situação deveras embaraçosa e difficil, surge o enigma austriaco que mais vem complicar o já bastante complicado caso.

Julga-se porêm na Europa que a guerra não recommençará.

O incidente que se desenhou no horizonte da politica balkanica entre a Bulgaria e a Roménia seria realmente para ponderar, e viria complicar ainda mais a questão se não estivesse tudo já explicado e parece que em via de bom caminho.

O ministro do interior da Roménia, M. Take Jonesco, declarou pela forma mais categórica que nunca o governo fêz ouvir á Bulgaria ou ao seu representante em Bucarest, palavras de ameaça nem tão pouco palavras que tornassem possivel uma acção militar.

A viagem de M. Filepesco a Constantinopla, durante

as festas, foi uma viagem de recreio, não sendo encarregado de missão alguma.

A maneira de proceder da Roménia para com os seus vizinhos, está em relação com os seus hábitos de serenidade e de justiça, de prudência e de clareza, o que lhe dá a grande satisfação moral de vêr a sua conduta universalmente aprovada como sendo um elemento sério e consciencioso de paz e de progresso.

E tanto isto é assim que o governo turco, julgando-se em presença de sérias dificuldades bulgaro-roménias, procurou saber se poderia contar com o concurso da Roménia caso as hostilidades recommencessem.

O governo roménio respondeu que não dava nem podia dar o seu apoio á Turquia, por quanto nenhuma hostilidade desejaria fazer a qualquer dos quatro estados balkanicos, por isso que com eles deseja fundar todas as relações de durável e sincera amizade.

No momento em que traçámos estas linhas, e em face da derrota da esquadra turca a situação da Turquia peiorou, não sendo para admirar que de um momento para outro rebente em Constantinopla e em geral nos domínios turcos uma séria revolução.

A paz, a não sobrevirem casos imprevistos, não será talvez assinada sem uma forte pressão das potencias perante o governo turco.

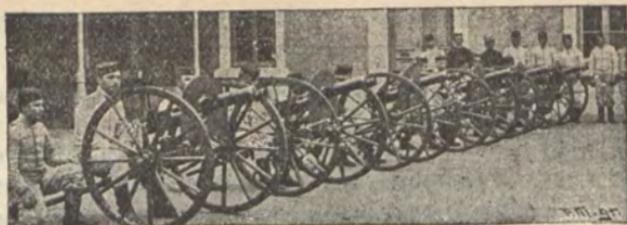
Os armamentos da Austria, a que a Russia corresponde armando-se tambem, o que muito preocupa a Europa, porque o enigma austriaco ainda não está bem decifrado, não obstante muitos filiárem esse enigma no interesse pessoal da casa cujo chefe, que é casado morgánicamente com uma condessa, deve succeder ao trono do Imperador-Rei, já provocaram explicações da triplice aliança que os não aprova nem com eles concorda.

Diz-se até que o Imperador da Alemanha, numa entrevista que ha pouco teve com o archiduque herdeiro do trono da Austria, lhe disséra secamente:

«O primo não disponha da minha espada para o seu jogo.»

A situação da Andrinopla é bem critica e julga-se que se não poderá aguentar por muito tempo.

Eis o estado da questão, pouco tranquilizador na verdade, mas não sendo ainda desesperado, porque se espera que a Europa, as principais potencias da Europa, não sintam que se recommence a guerra.



## SUBSCRIÇÃO

Relação das unidades que já concorreram para a subscrição aberta por uma comissão de oficiais para auxiliar as despesas com o processo que foi promovido contra o alferes J. P. R. B., por efeito de um acto pelo mesmo praticado em defeza propria:

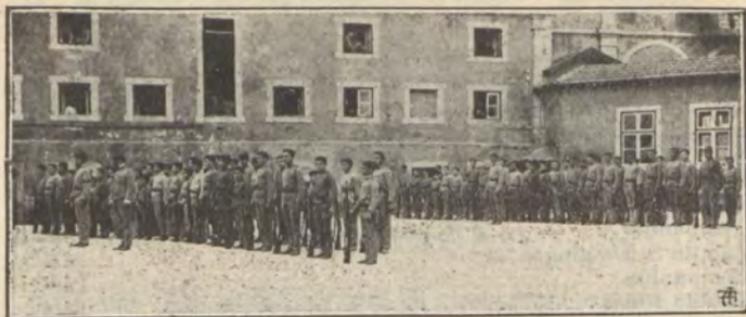
Comando da 1. <sup>a</sup> Divisão Militar.....	24\$500
» » 4. <sup>a</sup> » » .....	2\$500
Grupo de telegrafistas de campanha.....	3\$000
Escola de artilharia de campanha.....	1\$500
Batalhão de artilharia de guarnição — 3. <sup>a</sup> companhia...	3\$000
» » » » — 4. <sup>a</sup> e 5. <sup>a</sup> companhias e secção de reserva.....	3\$400
Batalhão n.º 1 de artilharia de costa — 4. <sup>a</sup> , 5. <sup>a</sup> e 6. <sup>a</sup> companhias.....	5\$500
Fabrica de Polvora de Barcarena.....	2\$500
Regimento de cavalaria n.º 1.....	17\$500
» » » » 3.....	7\$500
» » » » 4.....	5\$800
» » » » 9.....	5\$200
Escola de tiro de infantaria.....	11\$800
1.º Grupo de metralhadoras.....	50\$000
7.º » » » .....	2\$100
Regimento de infantaria n.º 1.....	18\$200
» » » » 3.....	6\$600
» » » » 4.....	13\$500
» » » » 5.....	34\$000
» » » » 7.....	3\$000
» » » » 8 — 1.º e 2.º batalhões...	12\$000
» » » » 8 — 3.º batalhão ...	10\$700
» » » » 11.....	7\$050
» » » » 13.....	6\$700
» » » » 16.....	20\$900
» » » » 17 — 1.º e 2.º batalhões...	3\$000
» » » » 22 — 3.º batalhão .....	2\$300
» » » » 24 — 3.º » .....	2\$500
» » » » 27.....	9\$000
» » » » 34.....	8\$500
» » » » de reserva n.º 1.....	1\$500
» » » » » » 11.....	1\$000
» » » » » » 17.....	500
Deposito de praças do ultramar.....	5\$000
Manutenção Militar.....	4\$400
Hospital da Estrela.....	8\$000

<i>Guarda Fiscal</i> — (Circunscrição do S) :	
1. <sup>a</sup> companhia.....	1\$700
Secção de Santa Apolonia.....	3\$500
» da Boa Vista.....	3\$500
» de Peniche.....	3\$500
3. <sup>a</sup> companhia.....	3\$500
Secção de Lagos.....	3\$500
6. <sup>a</sup> companhia.....	3\$800
Secção de S. Domingos.....	3\$300
8. <sup>a</sup> companhia.....	1\$500
Secção do Rocio.....	1\$000
(Circunscrição do N.):	
Comando.....	8\$500
1. <sup>a</sup> companhia.....	3\$700
2. <sup>a</sup> ».....	2\$000
Secção de Viana.....	1\$000
4. <sup>a</sup> companhia.....	4\$000
5. <sup>a</sup> ».....	1\$400
Secção de Vinhais.....	2\$000
7. <sup>a</sup> companhia.....	3\$000
Esquadrão.....	3\$500
<i>Guarda Nacional Republicana</i> :	
Comando Geral.....	4\$000
1. <sup>o</sup> esquadrão.....	2\$000
2. <sup>o</sup> ».....	1\$100
3. <sup>o</sup> ».....	2\$000
Batalhão n. <sup>o</sup> 1 — comando.....	1\$500
» » — 1. <sup>a</sup> companhia.....	2\$500
» » — 2. <sup>a</sup> ».....	5\$500
» » — 4. <sup>a</sup> ».....	2\$000
» » — 2 — 1. <sup>a</sup> ».....	2\$000
» » — 2. <sup>a</sup> ».....	2\$000
» » — 3. <sup>a</sup> ».....	2\$000
» » — Secção de Tomar.....	3\$500
» » — 3.....	2\$000
» » — 2. <sup>a</sup> companhia.....	1\$800
» » — Secção de Estremoz.....	1\$000
» » — 4. <sup>a</sup> companhia.....	1\$000
» » — Secção de Elvas.....	3\$500
» » — 5 — (Guarnição do Porto).....	8\$000
<i>A transportar</i> .....	404\$400

Lisbõa, 16 de dezembro de 1912.

A comissão,

- (a) *João Pereira Bastos*, major.
- (a) *José Afonso Pala*, capitão.
- (a) *José Bernardo Ferreira*, capitão.
- (a) *Jayme Augusto Pinto Garcia*, capitão.
- (a) *José d'Ascensão Valde*, tenente.
- (a) *Sesinando Chagas Franco*, tenente.
- (a) *João Lopes Soares*, tenente.



## BIBLIOGRAFIA

**A Vida Militar.**—Revista mensal. Largo de S. Julião, 12.— Lisboa.

Recebemos esta importante Revista, de formato grande, magnifico papel e admiravelmente redigida.

O presidente da direcção é o nosso camarada e amigo, o sr. capitão Carlos Alberto Correia, escritor consagrado e autor de notaveis publicações militares a que por diversas vezes nos temos referido neste logar.

Na primeira pagina do numero que temos presente presta-se homenagem ao ilustre general, o sr. João Martins de Carvalho, chefe do Estado Maior General do Exercito.

A esta homenagem nos associamos com a maior simpatia, por quanto ha bastantes anos que temos pelo carácter, pelo saber e pelas grandes faculdades de trabalho do ilustre general, a maior admiração.

E' um chefe que honra o exercito e a Republica Portuguesa.

E' esta uma publicação didatica largamente ilustrada, procurando difundir por todo o exercito conhecimentos da maior utilidade.

Felicitando a direcção deste nosso confrade sinceramente desejamos a *A Vida Militar* longa duração e bastas prosperidades.

**Regulamento de exercicios para infantaria, do exercito brasileiro.** — Grande Estado Maior do Exercito.

Temos presente este regulamento do exercito irmão da florescente Republica Brasileira, devido á amabilidade do nosso prezado camarada e amigo, o sr. major Florindo Ramos.

E' um notavel trabalho dos nossos camaradas brasileiros, assente nos principios modernos e em harmonia com tudo o que em tactica se tem escrito nos exercitos mais adiantados.

Além da introdução, divide-se o livro em duas partes: uma, trata da *ordem unida e aberta* indo da instrução individual até ao regimento e brigada; a outra, trata do *combate*.

Lê-se com muito agrado e até utilidade este regulamento, que, á parte as vozes do comando que obedecem á tradição do exercito brasileiro, está metódico com esmero e corresponde,

em regra, aos princípios adótados nos exércitos alemão, francês e mesmo japonês.

Vê-se por este novo regulamento, que foi aprovado por decreto de janeiro de 1912, quanto se tem trabalhado e progredido naquêlê exército, e como as nossas simpatias não podem deixar de ir para aquêles nossos irmãos, para aquela nobre e florescente Republica onde se fala a nossa lingua e onde a nossa alma de portuguezes se encontra difundida na herança ancestral daquêlê lindo e uberrimo país, é com intensa satisfação, com orgulho, talvês, que registamos os triunfos e os progressos do exército brasileiro.

Para a Pátria Brasileira as nossas saudações.

Ao nosso presado camarada e amigo, major Florindo Ramos, os nossos cordeais agradecimentos.

### **Projecto de Regulamento para os exercicios da cavalaria brasileira.** — pelo general de brigada *José Caetano de Faria*.

Foi mandado adotar, provisoriamente, este projéto de regulamento, que, aliás, é muito completo e está escrito por quem é muito conhecedor do assunto.

Divide-se em dois livros :

O primeiro livro trata da instrução individual do cavaleiro, da instrução do pelotão, da escola de esquadrão e de regimento.

O segundo livro trata da brigada e da divisão, sendo muito importante a parte que estuda o *emprego da cavalaria*. Trata tambem das Resvistas e Desfiles, tendo um anexo para a nomenclatura do armamento e arreios.

Não cabe na estreitêsa do espaço de que dispômos dar uma desenvolvida noticia do notavel trabalho do sr. general Faria, deixando todavia em nós uma agradabilissima impressão a leitura que dêle fizemos, e que mais vem demonstrar quanto se trabalha e se deseja progredir no exército brasileiro.

Os nossos agradecimentos.

---

## Secção do estrangeiro

**Inglaterra.** — O serviço de comunicações entre as diferentes unidades era garantido por tropas de engenharia (companhias de telegrafistas) e por um certo numero de bicicletas e motocicletas distribuidas pelos regimentos.

Este serviço passou por uma transformação constituindo um corpo especial «Army Signal Service» que é destinado a manter e assegurar as comunicações entre as tropas.

Cada divisão de cavalaria tem um esquadrão de sinaleiros.

Uma companhia de sinaleiros para cada divisão de infantaria.

Uma companhia de telegrafia sem fio e duas companhias de sinaleiros por corpo de exercito.

Uma companhia de sinaleiros de linhas de comunicações.

Este serviço é dirigido por um director de sinaleiros que é representado no quartel general da inspecção geral de comunicações pelo sub-director de sinaleiros; no quartel general do corpo de exercito por um official da «Army Signal Service»; no quartel general de uma divisão pelo comandante do esquadrão ou da companhia de sinaleiros.

\*

Tem-se feito neste país numerosas experiencias de tiros contra os submarinos.

E' claro que estas experiencias são feitas em determinadas condições; só podem dar algumas esperanças de exito estando o submarinavel 2 metros apenas debaixo de agua.

De 35 tiros que foram feitos nestas condições contra um alvo adequado parece que nenhum, embora atingindo o alvo, causou dano que pudesse prejudicar o navio.

Resta saber se esses tiros poderão prejudicar os aparelhos de manobra e de navegação do submarino.

\*

A nossa aliada tenciona brevemente fazer grandes manobras navais como jamais foram vistas no mundo.

Estas manobras revestirão uma notabilissima importancia não sómente pela extraordinaria quantidade de navios que nelas tomarão parte mas tambem pelas individualidades a quem será entregue o comando das esquadras

Uma delas será comandada pelo primeiro lord do almirantado, o principe Luis de Battemberg, e a outra pelo vice-almirante Jorge Collaghan.

Estes comandantes das esquadras serão auxiliados por 17 contra-almirantes.

A Inglaterra reunirá, para este fim, 344 navios tripulados por 88:000 officiaes e marinheiros.

Os navios serão assim classificados: 42 couraçados, 30 cruzadores couraçados, 16 exploradores, 128 destroyers, 24 torpedeiros, 46 submarinos, 16 barcos porta-minas e ainda outros navios auxiliares, havendo 6 para transportar aeroplanos.

Será, sem dúvida, uma das coisas mais interessantes deste mundo assistir a estas extraordinarias manobras, onde a nossa aliada põe toda a sua confiança e faz assentar todo o prestigio do seu grande nome.

**Allemanha.** — O novo regulamento de sinais publicado ha pouco, impõe a obrigação de alem dos corneteiros mais 10 a 15 soldados de cada companhia serem perfeitamente instruidos na pratica de comunicação por meio de bandeirolas de dia e de lanternas eléctricas de noite.

Impõe também a obrigação dos oficiais e sargentos conhecerem perfeitamente o regulamento e o seu uso.

\*

Comquanto seja ainda prematuro quanto se diga com referencia ao projectado aumento do exército, é certo que está em preparação um projecto de lei que aumenta o numero de metralhadoras nos efectivos das companhias, os periodos de instrução das segundas reservas e a formação de divisões de cavalaria em tempo de paz.

Parece que nesse projecto se incluem quatorze *hangars* para dirigiveis.

**França.** — Vão construir-se nos arsenais da Republica Francêsa três couraçados, deslocando cada um cerca de 23.000 toneladas.

Serão o «Provença», o «Lorena» e o «Bretanha». Cada um destes dreadnoughts será armado com 5 peças de 340 milímetros dispóstas em cinco torres.

\*

Nas importantes manobras navais do ano findo tomaram parte flotilhas de torpedeiros e submarinos em concorrência com as tropas que defendiam a praça de Rochefort.

O tema era o forçamento da embocadura do Charante, tentado pelas flotilhas acima referidas, ao que se opunha o 3.º e 7.º regimento de Infantaria colonial e o 3.º e 1.º de artilharia, ocupando as ilhas e os pontos importantes da costa.

**Holanda.** — O parlamento holandez votou um credito de 25 milhões de francos para as obras de defêsa do novo porto em Flesinga e reforçamento das fortificações de Symuden e do Helder.

Estes trabalhos começarão no presente ano e calcula-se que não levarão menos de quatro para a sua conclusão.

**Italia.** — O rei Victor Manuel, acompanhado pelo governo do seu país, passou revista á esquadra nas aguas do formoso porto de Napoles.

Nesta revista tomaram parte 60 couraçados e cruzadores e 24 torpedeiros, contra-torpedeiros e submarinos.

Victor Manuel condecorou a officialidade dos torpedeiros que penetraram no estreito dos Dardanelos e entregou uma medalha de ouro á primeira companhia de marinheiros que desembarcou em Tripoli.

**Chile.** — O governo resolveu fazer uma encomenda de monoplanos para o exército.

Para esta resolução muito concorreu o esplendido vôo do aviador sr. Acevedo, que, lançando-se a 1:500 metros de altura sobre a esquadra Chilena, ancorada no Pacifico, de lá arrojou dentro de uma bomba fluctuante um manifesto ao governo sobre as vantagens da aviação.

Este manifesto foi cair ás mãos dos officiaes da armada chilena, porque a referida bomba caíu a 30 metros apenas do navio-almirante, os quaes ficaram entusiasmados compreendendo bem o valor dos aeroplanos.

**Bolivia.** — Foi nomeado Ministro Plenipotenciario deste país em Londres, o nosso presadissimo amigo, o sr. D. Pedro Suarez, coronel do exercito boliviano.

O sr. coronel Suarez, que é um escritor militar primoroso, dotado de uma vasta intelligencia e possuindo uma illustração superior, é um verdadeiro gentleman, e era ha muitos anos adido militar em Inglaterra e França.

Felicitando este nosso amigo pela distincção que acaba de receber do governo do seu país, antevemos que a Bolivia não teria ninguem que melhor do que o coronel D. Pedro Suarez a pudesse representar no centro da Europa.

**Austria.** — Um novo morteiro de 305 milímetros, destinado a artilharia de sitio, foi recentemente ensaiado, produzindo ótimos resultados.

Atirando sobre um muro de 2,5 metros de espessura destruiu-o apenas com dois tiros.

Tem um alcance de 7:000 metros a que corresponde uma flecha de 400 metros.

Este morteiro é posto em movimento por um tractor automovel Daimler.

**Suissa.** — Este ano a Suissa fará importantes manobras na região de Gothard.

Todos os fortes de Gothard terão as suas guarnições em pé de guerra; a 5.<sup>a</sup> divisão enviará para a região a 15.<sup>a</sup> brigada composta dos regimentos n.<sup>os</sup> 29 e 30; muitas companhias de metralhadoras em pé de guerra e 172 regimento da *Landwer*.

---



## CONSULTAS

Um cabo aprovado no concurso para 2.<sup>o</sup> sargentos tem vantagens ou direitos sobre aqueles que o não foram?

*A não ser o direito á promoção, que lhe possa caber, não tem mais vantagens ou direitos.*

O art. 43.<sup>o</sup> da O. E. n.<sup>o</sup> 16, 1.<sup>a</sup> serie, de 1911 — diz: O distintivo de musico, clarim, corneteiro, e bem assim dos aprendizes destas classes, consiste respectivamente num galão do padrão da fig. 118 ou 120.

Qual é o galão que devem usar os musicos?

*O da fig. n.<sup>o</sup> 120, artigos conjugados n.<sup>os</sup> 95 e 93, da mesma O. E. n.<sup>o</sup> 16.*

Um 2.<sup>o</sup> sargento, foi promovido em 1 do mez de janeiro e um outro em 27 do mesmo mez. O primeiro, esteve sete mezes na reserva, voltando depois ao ativo, qual dos dois é mais antigo?

*Em casos semelhantes a este, tem sido considerado mais antigo, por determinações superiores, o primeiro do seu caso.*

Havendo, n'um grupo de metralhadoras, apenas 2 officiaes para assistencia ás formaturas, podem agrupar com eles os 1.<sup>os</sup> sargentos?

Não podendo, qual a disposição legal que tal contraria?

Deverá o capitão comandante interino do grupo, agrupar com os 2 officiaes?

Deverá o ajudante fazer inspeções?

*Os 1.<sup>os</sup> sargentos não agrupam nas escalas com os officiaes, nem substituem os subalternos nas suas funções, visto que a sua missão*

é muito especial, tanto em tempo de paz como de guerra. Só excepcionalmente o 1.º sargento comandará, em instrução, um pelotão (n.º 169 do regulamento para a instrução tática da infantaria), sem entrar na escala dos subalternos.

Quanto ao capitão, não pode agrupar com os subalternos porque mudou para a escala dos officiaes superiores.

Relativamente ao ajudante, esse deve, no caso considerado, fazer inspeções (vidé no regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito, as funções dos diversos postos, escalas, nomeações e folgos do serviço, e substituições de funções).

Agora, se as circumstancias de serviço são muito apertadas, de maneira a cumprir-se o regulamento de serviço interno com dificuldade, o comandante int.º deverá dar conhecimento do caso á respectiva divisão, para que ella tome providencias.

A quem deve o 1.º sargento d'uma companhia ler a ordem regimental?

*Aos officiaes e aspirante a oficial da sua companhia, bateria ou esquadrão, comprehendendo n'aqueles o do estado maior da unidade, que á mesma pertença, como medicos, veterinarios, etc. Só a não lerá aos officiaes superiores, porque, a estes, será lida pelos ajudantes do regimento e unidades taticas deste.*

Dizendo o art. 489 (alinea f) do decreto de 25 de maio de 1911, publicado na O. E. 11 (1.ª serie) do mesmo ano, que os musicos de 2.ª e 3.ª classes têm a graduação de 2.º sargento.

Pergunta-se :

a) Quando houver um segundo sargento mais moderno no posto que o musico de 3.ª classe, qual é o superior ?

*O 2.º sargento é efectivo no posto e os musicos de 2.ª e 3.ª são equiparados, portanto o 1.º deverá ser superior aos segundos (vidé a revista de outubro).*

b) Sendo o musico de 3.ª classe superior ao 2.º sargento, pelo facto da antiguidade, e sendo aquele mais antigo que um musico de 2.ª classe, mais moderno que o referido 2.º sargento, como é que o musico de 3.ª classe, sendo inferior ao de 2.ª e este inferior ao 2.º sargento é superior a este ?

*Prejudicada pela resposta á anterior.*

Um 2.º sargento foi promovido em janeiro de 1908 e saiu do serviço em 1910, tornando-se a reintegrar em 1912. Qual a altura em que deve ficar, para efeito de antiguidade, em relação a outro 2.º sargento, que foi promovido em fevereiro de 1908 e que não saiu do serviço ativo ?

*Quanto a esta pergunta a Revista d'Infantaria entende que a determinação que reintegrar o referido sargento deve indicar a sua antiguidade, e no caso contrario, a unidade que o recebeu deve inteirar-se dela, perguntando á estação competente. por sua propria iniciativa ou a reclamação dalgum interessado.*



16.º ANO

MARÇO DE 1913

N.º 3

# REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na tipografia da Cooperativa Militar

## Impressões de uma visita a Londres

(Continuado do n.º 2)

O trajecto de Londres a Windsor faz-se em pouco mais de meia hora. Windsor é a Cintra de Inglaterra, quer pela sua paisagem, que embora não a iguale é em todo o caso bonita, quer pelo seu castelo, que não sendo um tão lindo ninho de fadas é porém mais imponente e grandioso. E para a sua comparação ser mais completa deveremos dizer que é Windsor a residência estival da familia real inglêsa como Cintra o foi da familia dos Braganças.

Quando chegámos á estação notámos uma circumstancia rara e que ainda não tinhamos observado durante a nossa estada em Inglaterra. Entre a população que se agitava na estação vimos em saliente destaque um official envergando um vistoso uniforme e que nos deu a impressão de que impacientemente procurava alguem. Suspeitámos que esse alguem fosse a nossa humilde pessoa, mas como não esperavamos tamanha

honra e como além disso o capitão Grant, do *War Office*, nos tinha dado uma carta de apresentação para o comandante do batalhão, repugnava-nos admitir que fôssemos nós a pessoa procurada.

As nossas duvidas em breve se dissiparam. O oficial em questão teve a habilidade de nos reconhecer, apesar de nós trajarmos á paisana, e a nós se dirigiu. Então compreendemos que o requinte de amabilidade com que tínhamos sido recebidos no *War Office* tinha sido já levado a Windsor, pois que o oficial que nos esperava, o capitão Adeane, se colocou logo á nossa disposição para nos acompanhar e nos mostrar tudo quanto ali desejassemos vêr.

A estação do caminho de ferro fica proxima do castelo e o quartel *Victoria Barracks* tambem não fica longe. O dia estava um pouco frio, mas pela primeira vez tivemos ocasião de gozar em Inglaterra um pouco de sol sem que grossas nuvens ou um denso nevoeiro lhe empanassem o brilho. E esse sol que tanto nos alegrou, porque já funda era a saudade que dele tínhamos, era porém um sol bem diferente daquele que tanto disfrutamos e tanto despresamos no nosso país. Positivamente as coisas só se apreciam quando se não possuem mas se desejam.

Mas esse sol, embora palido e sem o brilho e esplendor intenso que no nosso país possui, tornava o trajecto a pé de véras agradável, tanto mais que logo á saída da estação se nos começaram a deparar projectadas num alto horizonte as formosas e esbeltas torres da igreja e do castelo.

E, logo após um pequeno contorno, vimos postada na rua uma banda militar com o seu grande uniforme de calça preta, jaqueta encarnada coberta de alamares e uma grande e alta barretina de peles, que davam ao conjunto daqueles homens, quer pelas suas estaturas, quer pela imperturbavel firmeza em que se encontravam, um aspecto de estatuetas romanas.

Era a banda militar do batalhão que á porta do castelo esperava a guarda que se estava rendendo para a acompanhar ao quartel. E como esta cerimonia militar se estava passando nesse momento, o capitão Adeane convidou-nos a entrar para a ela assistirmos. Pouco porém podemos vêr porque a guarda estava quasi rendida quando nós entramos. Pelo que pode-

mos vêr quiz-nos parecer contudo que o cerimonial era pouco diferente daquele que por nós é seguido.

Rendida a guarda e posta em marcha a que saia levando á sua frente um joven alferes, logo que saiu a porta do castelo juntou-se-lhe a banda que immediatamente se pôz tambem em movimento tocando um ordinario em que os pifanos impressionaram um pouco desagradavelmente os nossos ouvidos com os seus sons agudos e penetrantes. Acompanhados pelo capitão Aedane dirigimo-nos então para o quartel seguindo a força que recolhia.

Durante o trajecto aquele nosso confrade disse-nos que aquele batalhão se encontrava ali de guarnição havia poucos mezes e que em breve seria transferido para outra localidade, poisque em Inglaterra é costume mudar de guarnição com frequencia.

O batalhão que se encontrava em Windsor era o 3.º do 1.º Regimento de *Coldstream Guards*, que são ao todo quatro. A organização é porém muito diferente da seguida por nós, poisque um batalhão inglês corresponde a um dos nossos regimentos. Esta força de *Coldstream Guards* é uma especie de guarda real e da qual fazem parte officiais que se distingam pelos seus titulos de nobreza ou fortuna. Em virtude das mudanças frequentes da guarnição os quartéis tem nome proprio e não são conhecidos nem pelo numero nem pelo nome dos batalhões. O quartel que visitámos conserva sempre o seu nome, *Victoria Barracks*.

O edificio em si é bastante parecido com os que já tinhamos anteriormente visto em Londres, tais como o de *Chelsea Barracks* e o de *Wellington Barracks*. E esta semelhança se não lhe é dada pelas linhas gerais da sua architectura, é-lhe em todo o caso dado pelo seu tamanho e pela sua grandeza. Estes tres, que nos pareceram todos eles de construção relativamente recente, são tres edificios colossais; os de Londres formados por um só corpo e o de Windsor formado por diversos pavilhões, grandes casas, que quasi formam tambem um só corpo, tendo ao centro uma ampla parada.

O mais moderno e o mais recente e em virtude desta circumstancia o melhor de todos os quartéis que ha em Inglaterra, como nos foi dito no *War Office* e depois confirmada pelo capitão que nos acompanhava,

é o de Windsor. E de facto assim deve ser, como podemos notar logo após as primeiras instalações que nos foram mostradas. O grupo de quatro companhias é comandado por um major e para cada um desses grupos havia um refeitório e uma cozinha, que foi a primeira coisa que vimos.

Os refeitórios não são luxuosos; são, porém, muito grandes, bem iluminados e tanto pelas paredes como pelas mesas que os encham só se nota limpeza, decência e asseio. As cozinhas ficam-lhe contiguas e então aí a nossa expectativa foi excedida quanto ao que nelas observamos. Os fogões a carvão para os assados, os caldeiros a vapor para as sopas e cosidos e as máquinas para o café e para o chá apenas confirmaram o que já sabíamos; isto é, que o soldado inglês é excelentemente alimentado e para isso nada pôde faltar na cozinha. O que porem nos causou admiração foi a limpeza em que se encontrava a cozinha e a decência com que o serviço era feito. E essa limpeza não nos pareceu momentanea e motivada apenas pela visita já conhecida e esperada dum oficial estrangeiro; aquilo deve estar sempre assim.

O sargento-cozinheiro, com autorização do capitão Adeane, teve a amabilidade de nos oferecer a tabela do rancho da semana que tinha findado e que por curiosidade vamos transcrever.

Em Inglaterra o pessoal do rancho é fixo e permanente. Os rancheiros só são mandados para os corpos depois de terem seguido o curso de cozinheiro na escola de Aldershot.

O rancho é feito por grupos de companhias, havendo para cada um desses grupos uma cozinha e um refeitório, que são em tudo iguais. Na parte subterranea das cozinhas existem umas grandes caldeiras de vapor de agua, que servem para fornecer o vapor para a confecção das sopas, cosidos, chá e café e, ao mesmo tempo, para alimentar a canalisação geral de aquecimento de todo o quartel, pois que todas as dependencias, incluindo as casernas, são aquecidas por esse processo.

No primeiro pavimento ficam ainda as casas de banho, largamente providas com tudo que é necessario; as retretes, onde o asseio é completo; as estufas de secagem dos fatos dos soldados que recolham molhados;

# 3rd BATTALION COLDSTREAM GUARDS.

SCALE OF MESSING, Week ending Saturday, 7th. December. 1912.

Dining Hall.	Company.	Approximate Numbers.	Meals.	Sunday.	Monday.	Tuesday.	Wednesday.	Thursday.	Friday.	Saturday.
			Breakfast.....	Cocoa, Butter, Ham.	Tea, Butter, Rissoles Brown gravy.	Tea, Butter, Fried Fish.	Tea, Bacon & Liver.	Coffee, Butter, 2 Pork Sausages.	Tea, Butter, Pressed salt Beef.	Tea, Bacon, Vegetables.
	1 3 6 8		Dinner .....	Pea soup, Roast meat stuffed. Potatoes, Cabbage.	Beef steak pudding, potatoes, turnips, Tapioca puddg.	Vegetable soup, Roast meat or Fried steaks, Onions, potatoes Mashed swedes.	Brown stew, potatoes, cabbage, Apple tarts.	Lentil soup, Roast stuffed meat. potatoes, Brussel sprouts	Irish stew, carrots, turnips Plum pudding.	Pea soup, Roast meat, or Fried steaks onions, potatoes, cabbage.
			Tea .....	Butter.	Butter, Jam.	Butter.	Butter, Shrimps.	Butter.	Butter.	Butter, Winkles
			Breakfast.....	Cocoa, Butter, 2 Pork Sausages.	Tea, Butter, Ham.	Tea, Bacon, Vegetables.	Tea, Butter, Fried Fish.	Coffee, Bacon & Liver.	Tea, Butter, Rissoles, Brown gravy.	Tea, Butter, Brown.
	2 4 5 7		Dinner .....	Beef steak pudding, potatoes, turnips, Tapioca puddg.	Pea soup, Roast meat, stuffed. potatoes, cabbage.	Brown stew, potatoes, cabbage, Apple tarts.	Vegetable soup, Roast meat, or Fried steaks, onions, potatoes, swedes.	Irish stew, carrots, turnips, Plum pudding.	Pea soup, Roast meat, stuffed. potatoes, cabbage.	Plain stew, dumplings, potatoes, turnips, Currant roll.
			Tea .....	Butter.	Butter, Jam.	Butter.	Butter, Shrimps.	Butter	Butter.	Butter, Winkles.
			Extras .....							

o *bar* dos soldados e a *mess* dos cabos, uma para cada grupo de companhias, onde existe uma mobilia muito decente, mêsas de jogos, sala de leitura e bilhar; as arrecadações e ainda as oficinas de sapateiro e alfaiate, servindo ambas para fazer concertos e ainda a de alfaiate para ajustar aos homens os artigos de vestuário que lhes forem distribuidos, porque não se lhes dá roupa alguma sem que ajuste como se fôsse expressamente feita no melhor alfaiate de Londres.

Nos andares superiores ficam então as casernas. Este termo, porém, apenas pode ser aplicado ao local ocupado por duas companhias, que são as que estão alojadas na parte velha que ainda existe e nas quais os soldados vivem sensivelmente da mesma forma que entre nós: as mesmas camas alinhadas e em vez de prateleiras uns pequenos armários sobre os quais o soldado coloca as peças de equipamento e onde guarda as suas peças de roupa e vestuário.

Nas casernas novas os soldados não vivem em comum como naquelas. As camas são separadas por divisórias de madeira formando pequenos quartos ou camarotes onde o soldado, além da sua cama, dispõe de uma cadeira, uma pequena mêsa e um armário de ferro colocado na parede e onde guarda os seus artigos. Para a arma e equipamento existe a um canto um estojo especial onde essas peças são uniformemente colocadas. Cada quarto ou camarote desses tem a sua porta, porta com chave, podendo-se desta forma dizer que o soldado vive com as comodidades, com a decencia e com o socego que muita gente não tem em suas casas.

E para a comodidade ser mais completa pode o soldado comunicar com o refeitório, com as casas de banho, com as estufas e com os *bars* por meio de escadas ou corredores envidraçados sem que apanhe chuva, vento ou frio.

A seguir fômos vêr o ginásio, que fica num pavilhão isolado e ao lado das casas de habitação dos sargentos. É um ginásio coberto, vasto e amplo, onde se encontram em profusão varios aparelhos e apetrechos de ginastica e esgrima. Não vimos os soldados inglêses trabalhar em ginastica, mas pela arrumação da sala e sobretudo pela falta de pó e mais ainda pelo polido das diferentes peças depreênde-se, sem esforço, que delas se faz um continuado uso.

As habitações dos sargentos são umas belas casas que não fariam má figura na nossa Avenida da Liberdade. O que nelas se passa não o podemos prescrutar, mas pelo que exteriormente observámos e pela forma como vimos que os sargentos viviam na sua *mess* sômos levados a crêr que lá dentro só deve haver conforto e bem estar.

A *mess* dos sargentos causou-nos viva impressão. Os estofos das suas poltronas, os aveludados panos das suas mêsas e as ricas molduras dos seus quadros demonstram mais alguma cousa que conforto; demonstram luxo e riqueza.

Outra impressão ainda colhemos. No meio de um rico mobiliário notámos muitas estantes cheias de objectos de arte e artigos de prata que deveras chamaram a nossa atenção. Indagando da sua proveniência soubemos pelas informações que nos deram e pelas dedicatórias e indicações que alguns desses artigos forneciam que eram prémios que a corporação tinha alcançado em concursos de ginástica, esgrima, tiro e outros ramos desportivos, alguns dos quais tinham sido dados no Egypto ha quatro anos, onde o batalhão tinha estado. Além de tudo isto, que é significativo, devemos tambem dizer que durante a nossa visita nos apareciam sargentos para nos fornecerem quaisquer esclarecimentos que por ventura nós ou o próprio capitão Adeane desejássemos e que todos nos deram a impressão de que eram homens que conheciam bem os *andares da casa* e os *segredos do officio*, podendo, por isso, nós concluir que a classe dos sargentos, em Inglaterra, é uma classe prestimosa e de valor.

Tendo visto o aquartelamento dos cabos e soldados e notado que nada lhes faltava, sob o ponto de vista da comodidade, da hygiene e do conforto, e saindo da *mess* dos sargentos com a impressão de que viviam ali como muita gente rica não sabe viver em Portugal, não pudémos deixar de formular ao nosso amavel informador, algumas perguntas sobre as vantagens e regalias que eram dispensadas aos officiais, sendo-nos dito pouco mais ou menos que em Inglaterra é tudo, tudo para os soldados, alguma cousa para os sargentos e pouco para os officiais.

Esta frase fez-nos lembrar algumas identicas que temos ouvido a camaradas nossos e fez-nos lembrar

tambem o livro do capitão d'Arbeux, *L'officier contemporain*, onde se fazem as mesmas afirmações. Em Inglaterra não poderá causar isso grande diferença material ao corpo de officiaes porque, em geral, são todos ricos; outro tanto não sucede em Portugal nem mesmo na França, visto o fidalgo endinheirado ou o burguês com meios de fortuna preferir á vida militar outro modo de vida mais cómodo ou mais rendoso. Os nossos governos devem, pois, atender a esta circumstancia, devendo exigir de todos o maximo trabalho e os maiores sacrificios, mas que estes não sejam de ordem material. Se os ricos se queixam, como são os inglezes, o que farão os portuguezes ?!

A tradição, os livros e os jornais dizem que o official inglez é rico, que tem fortuna propria e que por isso vive na *mess* com um luxo e mesmo um fausto que nos outros exercitos não é possivel. Tinhamos pois imenso desejo de conhecer essa dependencia e o nosso illustre e amavel confrade parece que nos adivinhou os desejos, dizendo-nos logo que terminou a visita que nos desejava apresentar ao comandante, encaminhando-nos para um pavilhão, bastante grande e isolado das outras dependencias do quartel.

Em breve compreendemos que era para a *mess* dos officiaes que nos dirigiamos. Numa das primeiras salas, ricamente atapetada e com todo o conforto duma casa rica, vimos muitos officiaes reunidos, entre eles o comandante, que logo que entrámos veio ao nosso encontro para nos cumprimentar, apresentando-nos a seguir e por sua vez aos restantes officiaes que ali se encontravam. A amabilidade inglesa não é uma palavra vã; as deferencias que então nos foram dispensadas assim o mostram.

Trocados os cumprimentos o proprio comandante encaminhou-nos para junto do fogão e sem que nós o percebessemos foi colocada ao nosso lado uma mesa com copos e uma garrafa de vinho do Porto. As amabilidades de que fomos alvo, o conforto da sala, o aquecimento externo que o fogão nos fornecia e o calor interno que o vinho nos dava despertaram em nós uma tal sensação de bem estar de que jamais nos poderemos esquecer. E quando a conversa estava viva e animada e os copos meio esvasiados, o comandante quiz ainda levar a sua gentileza a convidar-nos para almoçarmos com ele e os seus officiaes, ao que acedemos.

A sala de jantar, onde depois penetrámos, era uma sala grande tendo ao centro uma ampla mēsa e aos lados grandes aparadores e trinchantes, que se achavam repletos de peças de carne, peixe, legumes variados e sortidos e que em breve iam constituir as delicias dos nossos estomagos. E o nosso estava bem necessitado de que dele cuidassemos porque o meio dia já ia longe e em Londres apenas tinhamos tomado um bocado de chá com leite e uns biscoitos, visto á hora matutina a que partimos não ser ali *smart* tomar muitos outros alimentos.

O comandante assentou-nos ao seu lado esquerdo e, depois de servido o primeiro prato, notámos um costume verdadeiramente original e que á primeira vista nos pareceu bastante extravagante. Apesar de na sala se encontrarem dois criados, os officiaes, á medida que precisavam ser servidos, eram eles proprios que se levantavam e se dirigiam aos trinchantes, de prato na mão, para se servirem. E vendo que todos assim faziam, incluindo o proprio comandante, passámos a fazer o mesmo e então é que percebemos a filosofia pratica deste costume. Muitas das travessas de carne eram tão grandes e os pratos de legumes eram tão variados que mal permitiam aos criados andar com elles á volta da mēsa. E por isso quem se quer servir bem, e nós notámos que era essa a maioria que predominava, leva o seu prato ao trinchante e aí, com o auxilio do criado, serve-se á vontade e daquilo de que mais goste sem se encomodar a si e sem encomodar os outros. A pedra filosofal do viver inglêz consiste em conciliar as suas comodidades com as dos outros e para conseguir á mēsa esse ideal o mais simples e o mais pratico consiste em evitar que o criado ande sobre os nossos hombros e sobre as nossas cabeças com as mãos carregadas de pratos com que mal pode, o que é um perigo para as toilettes, um encomodo para quem se serve e um aborrecimento para os visinhos que não podem comer e ainda temem de se afastar para o lado, torcendo se na cadeira. E esta ginástica no meio duma bôa refeição é sempre uma coisa aborrecida e encómoda. E se applicarmos esta teoria aos mais actos da vida encontraremos a explicação de todo o viver inglêz e até a noção da sua propria liberdade; comodidade e respeito para si e para todos.

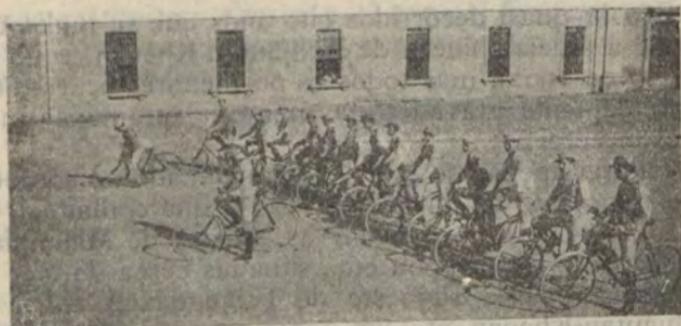
E terminada esta succulenta refeição, que acabou por ser regada com um outro copo de bom Porto, o comandante levou ainda a sua gentileza a pedir a um official que nos acompanhasse ao histórico castelo de Windsor para vêrmos as reliquias e preciosidades que encerra.

E regressando depois a Londres, fomos logo á legação comunicar ao nosso ministro ali; o Ex.<sup>m</sup> Sr. Teixeira Gomes, a forma como fomos recebidos, e que a S. Ex.<sup>a</sup>, como um bom português que é, foi tão grato que immediatamente agradeceu em officio ao governo inglês o consentimento que nos tinha sido dado e as referencias de que fomos alvo por parte da corporação dos officiaes d'um dos batalhões do bravo e valeroso exército da nação amiga e aliada.

(Continúa).

DAVID RODRIGUES.

Cap. de Inf.<sup>a</sup>.



## UM ATAQUE EMOCIONANTE

Mais uma lição da guerra russo-japonêza — Quando a infantaria avança estão ganhas as batalhas

O fogo e o movimento tendo como epilogo o ataque á baioneta constituirão sempre os meios de ação da infantaria. E aquêles que supõem que os efeitos esmagadores do fogo, provenientes dos progressos sempre crescentes do armamento moderno, impedirão a infantaria de avançar ao assalto devem lêr o episódio que a seguir publicamos, que constitue um dos ensinamentos

mais curiosos tirados da ultima guerra russo-japonêsa. Trata-se de um ataque interessantissimo, efetuado pelos russos á povoação de Tchjantan-Khénan e executado com succésso sobre um terreno absolutamente unido, desprovido de abrigos, com uma extensão de 1:000 metros. O coronel Bielkovitch, que foi o comandante do 17.º regimento de atiradores, publicou no *Rousski Invalid* uma narrativa detalhada d'este ataque emocionante, que deve sêr lido por todo o infante, para vêr quanto se deve confiar *sempre* na extraordinaria fôrça moral que resulta para a infantaria que avança.

E quando ésta se resolve a avançar, sêja em que condições criticas fôr, pôde têr a certêza de que saberá inscrevêr com o seu sangue generôso, mais uma pagina brilhante na historia militar da sua nação.

São já quasi decorridos oito anos que se realisou o ataque á aldeia chinesa de Tchjantan-Khénan (2 de fevereiro de 1905), mas todos os pormenores ficaram tão profundamente gravados na memoria que nunca mais os esquecerei!

Falarei apenas no papel desempenhado no combate pelo regimento de atiradores n.º 17, que comandei.

Os japonêses occupavam as aldeias de Malandian, Yatszypao, Vanziaovopou etc., situadas cêrca de três kilometros a sul e sudoeste de Tchjantan. A aldeia de Tchjantan-Khénan era um ponto avançado guarnecido com fôrças japonêsas, ainda que pouco importantes, desenvolviam uma actividade consideravel e incomodavam-nos todas as noites. Resolveu-se então que nos desembaraçassemos dêste visinho incomodo, obrigando-o, por meio de um ataque á baioneta, a abandonar a posição.

Durante a noite de 1 para 2 de fevereiro, o regimento de atiradores 17 estabeleceu se sobre a orla sul de Tchjantan, sob a protêção da 1.ª companhia incumbida do serviço de segurança. Durante a noite, japonêses e russos trocaram alguns tiros; as balas inimigas chegavam até nós, mas já nos tinhamos familiarisado com a sua visita.

No dia 2 de fevereiro ás 4 horas da manhã recebi

do estado maior da brigada uma nota redigida nos seguintes termos: «Ides ser rendido por companhias do regimento n.º 20 e o vosso regimento vae-se concentrar na praça da aldeia de Tchjantan, donde marcha ao assalto de Tchjantan-Khénan, com outras unidades da brigada».

Ainda não tinha decorrido meia hora depois de ter recebido esta comunicação, começaram a chegar as companhias do regimento n.º 20. O meu regimento, excéto a 1.ª companhia, que não foi rendida, concentrou, depois formou em coluna de marcha para se dirigir á praça da aldeia.

Às 5 horas da manhã, o regimento chegou ao ponto de concentração onde já se encontravam batalhões do regimento de atiradores n.º 18 e 19.

O comandante da brigada, coronel Joudenitch do regimento de atiradores n.º 18, reuniu os comandantes e designou o regimento n.º 17 para formar a linha de combate e dois batalhões dos regimentos n.º 18 e 19 para constituírem a reserva. O coronel Joudenitch acrescentou que marchariam na esquerda batalhões dos regimentos de atiradores n.º 3 e 4.

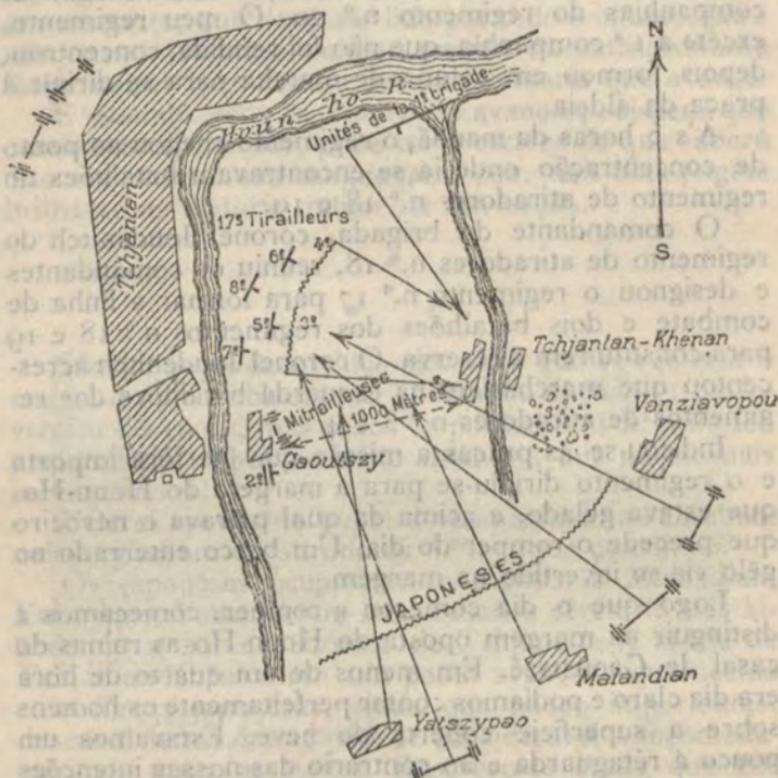
Indicou-se ás praças a missão que lhe fôra imposta e o regimento dirigiu-se para a margem do Houn-Ho, que estava gelado, e acima da qual pairava o nevoeiro que precede o romper do dia. Um barco enterrado no gelo via-se invertido na margem.

Logo que o dia começou a romper, começámos a distinguir na margem oposta do Houn-Ho as ruínas do casal de Gaoustszé. Em menos de um quarto de hora era dia claro e podíamos contar perfeitamente os homens sobre a superfície coberta de neve. Estávamos um pouco á rétraguada e ao contrario das nossas intenções eramos obrigados a atacar em pleno dia. Mas, era impossível retroceder e uma vez que o ataque estava iniciado, era preciso executal-o, custasse o que custasse.

Na altura do barco a que aludimos, as companhias começaram a distribuir-se em léque nas direcções que lhe fôram indicadas. As metralhadôras protegidas pela 2.ª companhia foram estabelecer-se nas ruínas de Gaoustszé, donde deviam cobrir, com os seus fogos, o flanco direito do dispositivo do combate. A 3.ª e 4.ª companhias desenvolvidas em atiradores atravessaram o Houn-Ho. As 5.ª e 6.ª em formatura aberta marchavam a 6

passos á retaguarda da companhia da testa; finalmente, as 7.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup> deviam seguir a 3.<sup>a</sup> linha igualmente em formação aberta e á distancia de 100<sup>m</sup>.

Depois de ter parado as companhias, ao abrigo da margem esquerda do Houn-Ho, que neste lugar é cortada a pique, subi a um talude, com alguns officiaes para examinar o terreno. Deante de nós estendia-se



uma planicie completamente descoberta, desprovida de todo o abrigo e coberta de uma delgada toalha de neve. A distancia de um verste (1600<sup>m</sup>) distinguia-se a aldeia de Tchjantan-Khénan donde os japoneses começaram a atirar sobre o nosso grupo logo que o distinguiram. Algumas balas traçavam na neve um sulco a nosso lado, outras passavam por cima das nossas cabeças para virem cair para os lados de Tchjantan. Quase no mesmo instante os japoneses que ocupam as aldeias situadas á nossa direita romperam igualmente o fôgo.

Tornava-se então evidente que iam os estar metidos entre dois fôgos cruzados e que esta planície descoberta transformar-se ia dentro em pouco na estrada da morte. Fôsse como fôsse era necessario demorar o ataque e tomar, quanto antes, uma decisão.

Era já dia descoberto e as *silhouettes* dos soldados projectavam-se sobre a neve.

A nossa artilharia tomou posição em Tchjantan, começou a preparação do ataque, fazendo tiro a tiro na direcção de Tchjantan-Khénan. Mas os efeitos das granadas, sobre grossas paredes de táipa, eram quase nulos.

Estes projéteis que passavam por cima das nossas cabeças não produziam senão um efeito moral; e assim todos nós, até ao ultimo atirador, nos convenciamos que a nossa unica esperança residia na baioneta e que era preciso alcançar o inimigo o mais depressa possivel para pôr em acção esta arma terrivel.

Se—pensava eu—avançassemos com a applicação de todos os principios regulamentares, isto é, progredindo por meio de lanços e utilizando o terreno (se isso fôsse possivel em uma planície absolutamente descoberta) nenhum de nós escaparia ás balas, porque gastaríamos no trajecto uma hora e talvez mais. Se, pelo contrario, marchássemos o mais depressa possivel e sem observarmos as prescrições regulamentares, alcançaríamos o nosso objectivo em dôze minutos apenas.

Confesso que esta planície, unida e branca como uma toalha, me aterrorisava, porque eu sabia, logo que tivéssemos transpôsto o talude da margem, o inimigo poria em acção o fôgo das suas baterias, espingardas e metralhadoras e nós não tínhamos a opôr-lhe mais do que quatro metralhadôras.

Tomei a resolução de avançar sem demora. Dirigi-me á quarta companhia e cheguei que a ligação com as unidades da 1.<sup>a</sup> companhia estava garantida. Então, pedi mentalmente a Deus que nos protegêsse e desembainhando a espada dei a voz de comando: «Companhias, em frente!» Os soldados ergueram os bonets e, numa duradoira prece, grande numero deles exclamaram extremamente comovidos: «Senhor, protegei-nos!»

Minuto que nunca mais se esquece! Já a morte arrebatava os seus predilétos entre os capotes pardos que se conformavam com a sua sorte!...

«Companhias, para a frente!» E toda a massa pôz-se

em marcha sobre a planície branca como uma mortalha imensa, que a todos quizesse abraçar.

«Khvédoroff! — Gritou um comandante de secção — esquecêste-te da tua péle! quando chegarmos a Khénañ receberás as minhas notícias. «Entra-se na fornalha, isto começa a aquecer!» — dizia tranquilamente um atirador».

Toda a gente compreendia que tinha chegado o momento soléne de uma prova emocionante e audaciosa.

Marchando sobre o flanco esquerdo da 4.<sup>a</sup> companhia eu gritava de tempos a tempos:

«Em frente, rapazes, para a frente!»

Mas todos sabiam que a única salvação consistia na marcha para a frente e sabiam que era impossivel uma paragem.

Ouviu-se um «hurra» estrondoso nas fileiras e os rebentamentos dos projecteis inimigos respondiam em côro.

Na frente e sobre a nossa direita as metralhadoras e as espingardas dos japonêses começavam a decrepitar; era já a cacafonia muito nossa conhecida do campo de batalha.

As granadas com balas, rebentando, levantavam no sólo nuveis de neve e de poeira; os gemidos dos feridos ouviam-se nitidamente, mas toda esta fuga de sons era dominada pelas exclamações ameaçadoras de a—a—a expelidas por um milhar de gargantas que pareciam anunciar a vitória proxima. Esta vitória presentia-se ainda, vendo o garbo magnífico com que os meus bravos atiradores se atiravam para a frente: parecia que nenhuma força seria poderosa para quebrar este impeto e obrigar estas vagas humanas a retroceder. Lembrome que no primeiro dia da batalha de Moukden, a 16 de fevereiro, os japonêses executáram contra nós ataques idênticos e igualmente, quasi a descoberto; distinguimos as suas linhas de atiradores seguidas de companhias em linha desenvolvida e toda esta avalanche humana vinha cair sobre nós com uma força que parecia irresistivel.

Mas as nossas descargas e os fôgos rápidos produziram os seus efeitos e as massas atacantes, como vagas que se quebram de encontro aos rochedos, refluíam, eram impelidas á retaguarda, para se reconstituírem e abaterem-se de novo sobre nós; elas quebravam se mais

uma vez e assim successivamente durante todo o dia . .

Finalmente, chegámos á aldeia. Os meus atiradores mostravam uma fisionomia radiante e soltavam hurras com uma força ainda maior com a idéia de que o emprego da baioneta, tanto em voga no exército russo, iria finalmente começar. Mas, todos estes bravos sofreram uma decepção enorme; o inimigo não tinha esperado o choque á baioneta e tinha retirado para uma outra posição, aproveitando uma ravina e bosques atraz de si.

A nossa missão estava concluida. As companhias sob a minha direcção reorganisáram-se debaixo do fogo inimigo, sempre intensissimo. Logo que a ordem se restabeleceu os nossos atiradores responderam ao fogo dos japoneses: a fusilaria continuou durante todo o dia e toda a noite produzindo novas baixas nas fileiras: evidentemente os japoneses, supondo que iam continuar o ataque esperavam detêr-nos com um fogo de violencia extrema. Supunham que tinham conseguido o seu fim, ignorando que a nossa unica missão era a posse da aldeia de Tchjantan-Khénan.

Ora, quando ás vezes me encontro nas manobras lembro-me sempre deste célebre dia 2 de fevereiro de 1905 e formúlo esta questão: o que succederia se, com um regimento ou uma brigada eu atacasse tão precipitadamente uma localidade ou posição occupada pelo inimigo e eu conduzisse a minha tropa da mesma forma que deante de Tchjantan-Khénan, sobre um terreno tão liso e descoberto, debaixo de fogos cruzados tão violentos? O director da manobra declararia provavelmente que a minha tropa deveria considerar-se aniquilada e que não desempenhava a sua missão. E, na realidade, collocando-nos sob um ponto de vista teórico é difficil admitir que uma tropa lançada ao ataque em condições tão desfavoráveis possa chegar até junto do inimigo. Na critica da manobra dir-se-ia com certeza: E' inadmissivel... é impossivel... isso não é instructivo... etc.

Eu não ousou afirmar que no combate moderno se deva atacar como perante Tchjantan Khénan, mas penso que, sobre um terreno liso e descoberto, haverá vantagem em operar por aquele processo e nunca por outro sistema, sobretudo se a distancia a transpôr para atingir o objectivo não é grande.

Vejamos agora quais foram as perdas sofridas pelo regimento de atiradores n.º 17. Do dia 2 de fevereiro de manhã ao dia 3 de fevereiro, isto é, em 24 horas, o regimento perdeu 400 homens. Não me engano, declarando que no ataque propriamente dito de Tchjantan-Khénan que durou apenas um quarto de hora, houve 200 baixas. Ora como cada uma das sete companhias que tomaram parte no ataque contavam uns 180 homens, o efectivo total das forças assaltantes era de 1:300 homens de infantaria.

Esta perda de 200 homens não é excessiva (15,2%) sobretudo se considerarmos as condições em que se efectuou o ataque. Ora se este ataque de Tchjantan-Khénan é digno de ser descrito e meditado, é para se provar que «o diabo não é tão feio como o pintam».

E no futuro, quando me dissérem em uma manobra «a vossa tropa é aniquilada pelo fogo da artilharia inimiga» mostrar-me-hei muito séptico; se me declararem que «os fôgos de infantaria e de metralhadôras destruíram a minha tropa» eu julgaria igualmente difícil e sucederá sempre o mesmo, quando quizerem insinuar-me que «dado o estado actual e a técnica é impossível e inadmissível executar um ataque a descoberto. «Nós todos, que tomámos parte no memorável assalto de 2 de fevereiro ficámos com a convicção do que nos parece criminoso no tempo de paz é contudo admissível na guerra.»

Dada a extraordinária importância que apresentam os factores morais em todas as épocas e que muito mais se acentuam ainda nas guerras modernas, é por isso que resolvemos apresentar aos leitores da «Revista de Infantaria» a tradução deste emocionante episodio da guerra russo-japonêsa, que é autenticado por uma das mais brilhantes publicações conhecidas no império moscovita.

J. CORREIA DOS SANTOS

Capitão



## A CRUZ VERMELHA

A par e ao passo que as nações aumentam e aperfeiçoam os seus exercitos procurando um maior numero de soldados, uma maior rapidez no tiro, em quasi todos os países uma sociedade quasi anonima, que não serve de reclame aos seus dirigentes, vae procurando aumentar o seu material sanitario, vae procurando instruir pessoal para nos dias terriveis da guerra minorar a sorte dos feridos. Lá está ella nos Balkans trabalhando com afan e, cousa curiosa, debaixo da sua bandeira branca de rubra cruz, acabam as dissensões, esquecem-se as cubiças e até odios de raça, e o alemão trabalha ao lado do italiano, como este ao lado do americano e do austriaco nessa cruzada de paz e amor.

A nossa Sociedade da Cruz Vermelha é pobre, mas tem trabalhado honestamente pelo seu desenvolvimento como o atesta o numero sempre crescente dos seus socios.

Portugal foi um dos países que, acedendo aos desejos humanitarios da Suissa, enviou um representante ao congresso de Genebra de 1864. Logo em 1868 foi creada uma comissão de socorros aos militares feridos e doentes em tempo de guerra, que em 1870 teve occasião de socorrer os feridos e doentes da guerra Franco-Alemã.

Em 1887, foi organizada a actual sociedade por iniciativa do general Sousa Pinto, Quintino Costa, e do

que é hoje major Santos Ferreira, a alma da beneficente associação.

Em julho de 1888, a Cruz Vermelha pedia ao Ministerio da Guerra, a substituição dos projecteis de chumbo da arma Kropatschek pela bala revestida de aço do sistema Lorentz. O ministerio acedeu ao pedido. Pela lei de 9 de agosto de 1889 foi concedido á sociedade a isempção de franquia postal.

Em 17 de outubro de 1890, era eleito presidente da Sociedade, o Duque de Palmella e neste mesmo anno era organizada uma ambulancia para acompanhar uma columna expedicionaria ao Bihé, em que a Sociedade dispendeu 2:500.000 réis.

Esta ambulancia não chegou a partir por não se ter realizado a expedição.

Em 1891 organiza uma ambulancia para acompanhar o corpo expedicionario a Moçambique em força superior a 500 homens. Essa ambulancia compunha-se de:

- Abarracamento;
- Mobilia e utensilios de enfermaria;
- Roupas de cama e roupas de uso;
- Alimentação de doentes;
- Preparação e distribuição de dietas;
- Material de cirurgia;
- Farmacia;
- Escritorio;
- Transporte de feridos e doentes;
- Filtragem e desinfecção;
- Além destes serviços a ambulancia central comprehendia mais:
- Posto meteriologico;
- Posto antopometrico;
- Deposito de dietas e deposito de medicamentos e utensilios de farmacia.

O valor dispendido foi de 15:673.200 réis.

Ao mesmo tempo que se organizava a ambulancia, fez a Cruz Vermelha imprimir e distribuir ás praças, um pequeno volume de «Preceitos de hygiene militar colonial» e um outro «Aphorismos e adagios de hygiene militar colonial» ambos devidos á pena do illustre medico colónial Dr. Ferreira Ribeiro.

Em 31 de janeiro de 1893 era instituida a medalha de cobre da Cruz Vermelha destinada aos medicos,

enfermeiros e mais pessoal trabalhando numa ambulancia mobilizada da Cruz Vermelha.

Em novembro do mesmo ano remete para a Cruz Vermelha Hespanhola, medicamentos, objectos de pensos e roupas no valor de 2:500.000 réis, para as tropas do Riff.

Em janeiro de 1894 fornece, para a Guiné, uma ambulancia no valor de cerca de 3:000.000 de réis.

No mesmo anno de 1894, uma ambulancia para acompanhar o corpo expedicionario a Lourenço Marques, no valor de 14:000.000 de réis.

Em 23 de novembro de 1895 era declarada Beneficente por um Decreto assinado pelos ministros da Guerra e das Colonias.

Ainda em 1895 a Cruz Vermelha é chamada a organizar uma ambulancia para acompanhar o corpo expedicionario á India no que dispendeu a quantia de 2:000.000 de réis.

Em 1897 foram enviados 5:533.000 réis em roupa e material cirurgico para a Cruz Vermelha Grega.

Em 1898 rebenta a guerra entre a Hespanha e os Estados Unidos da America, oferecendo-se a Cruz Vermelha Portuguesa para servir de intermediario da correspondencia dos feridos e presioneiros de guerra, para suas familias.

O oferecimento foi aceite e por intermedio da Cruz Vermelha Portuguesa passaram centenas de cartas.

Ainda por motivo da mesma guerra, a Cruz Vermelha Portuguesa enviou 2:500.000 réis á Sociedade Hespanhola da Cruz Vermelha e 2:500.000 réis á Sociedade Americana.

Em 1900 é chamada outra vez a prestar o seu auxilio ás Cruzes Vermelhas do Orange e do Transval por ocasião da guerra da Africa do Sul. Foram enviadas 100 libras em ouro a cada uma e igualmente 100 libras á Sociedade da Cruz Vermelha do Reino Unido.

Em 1904 a Sociedade Portuguesa, presta o seu auxilio á Russia e ao Japão, em guerra, remetendo a cada uma das Sociedades irmãs, cerca de 500.000 réis.

Em 1908 a Cruz Vermelha, reforma o seu estatuto e entra numa nova phase de actividade. No mesmo anno e por cedencia da camara municipal de Lisboa, obtem um belo terreno para edificar a sua primeira escola de enfermeiros.

Em 1909 por ocasião da grande catastrophe de Messina, envia para Italia em remessas successivas 25:435,50 liras, e tendo no mesmo anno sido destruida uma parte do Ribatejo, a Cruz Vermelha abre subscrição publica e além de subsidios de toda a ordem, em comida, generos, dinheiro e roupas, construiu quatro pequenos bairros, um em cada uma das povoações mais assoladas, podendo albergar cerca de 800 pessoas. A subscrição elevou-se a cerca de 27:000.000 de réis em dinheiro.

Durante o mesmo anno mobilizou ainda uma ambulancia para servir num concurso hipico internacional e começou prestando o seu apoio ás sociedades de protecção á infancia, mobilizando uma ambulancia para acompanhar as creanças que protegidas por aquella assistencia iam quotidianamente tomar banhos de mar na epoca propria.

O numero de creanças que tomaram banho nesse anno elevou-se a 4:000.

Em 1910 uma epidemia de bexigas alastrou em Lisboa, obrigando a Cruz Vermelha a montar um serviço de vacinação gratuita de que se utilizaram 2:500 pessoas.

No mesmo anno continuou o serviço de protecção ás creanças, mobilizando para isso uma ambulancia que acompanhou 5:000 creanças.

Em 5 de outubro do mesmo anno rebenta a revolução que implantou a republica em Portugal, e immediatamente a Cruz Vermelha monta o seu hospital de sangue no Rocio, e com a neutralidade que é seu apanagio fornece aos revolucionarios o que lhe foi requisitado em medicamentos e pensos.

De então para cá a Cruz Vermelha tem cuidado não só de aumentar o seu material como de estender a sua acção, cobrindo o país com uma rede de socorros que, quer para o caso de campanha, quer para uma grande calamidade, possa de pronto fazer convergir em dado local, material bastante para socorrer quaisquer desgraçados.

Para isso conta a Cruz Vermelha com o apoio das Camaras Municipaes que em numero de cerca de 200 se tem inscrito, socias contribuintes da Benemerita Sociedade.

E' já consideravel o material de que a Sociedade

dispõe, e ainda no corrente ano fez distribuir pelo país 70 macas de mão do seu modelo, principio de nucleos de ambulancias que deseja desenvolver.

Acabá agora a Comissão Central da Sociedade, de aprovar o modelo de uniformes do seu pessoal, que o ultimo Congresso já referendado pelas Camaras equiparou á dos serviços de saude do exército, e foi a aprovação desse plano de uniformes que serviu de pretexto ao illustre official do Estado-Maior Britanico, B. Granville-Baker, *doublé* de um magnifico pintor de batalhas, para pintar duas lindas aguarelas que ofereceu á Sociedade, e de que esta mandou fazer dois artisticos postaes que vende a favor do seu cofre.

Proteger a Cruz Vermelha é proteger a mais nobre e a mais bela das obras de altruismo e de beneficencia... e ha tão poucos officiaes do nosso exército socios da Cruz Vermelha!!!...

Lisboa, Dezembro de 1912.

MANUEL ROQUETTE

Csp. d'Inf.<sup>2</sup>

---

## Resumo historico da arte da guerra desde a mais remota antiguidade até ao fim do seculo XVII

### (CONCLUSÃO)

Mas não se pense que só citamos exemplos de fóra por não os termos de casa. Têmo-los e em avantajado numero. Sem citarmos factos de Val-de Vez, a tactica empregada por Pedro Alvitiz em Alcacer, e a tactica adoptada no Salado témos a celebre batalha dos Atoleiros onde a tactica de D. Nuno venceu as hostes numerosos e aguerridas de Castella.

Na antiga Revista do Exercito e da Armada do anno de 1898, no n.º 58 correspondente ao mez de fevereiro publiquei eu um artigo sob o titulo, — «A batalha dos Atoleiros, — ferida a 6 de abril de 1384. — A pag. 113 escrevi eu: — «Avistava-se já a poderosa cavallaria castelhana. Avançava segura da victoria e sorrindo-se da louca temeridade desses poucos portugue-

ses que não haviam calculado bem o perigo a que se expunham. D. Nuno dispoz a sua hoste em duas linhas e mandou aprear os cavalleiros. Distribuiu besteiros pelas duas alas, e elle foi postar-se na primeira linha na frente da sua bandeira. Haviam os castelhanos formado o projecto de çombaterem a pé; mas vendo que os portuguezes se haviam anticipado, desistiram de tal emprêsa, convencidos de que elles seriam esmagados pela sua poderosa cavallaria.»

«Dão signal de combate as trombêtas. *Portugal e S. Jorge*, grita-se no campo portuguez; *Castella e S. Thiago*, respondem no campo castelhano. Os castelhanos investem certos da victoria; mas a sua numerosa cavallaria vem quebrar-se de encontro á linha portuguezsa, como a vaga alterosa do oceano se quebra de encontro ás rochas das costas. A primeira linha portuguezsa, com as lanças em riste, recebe serenamente a carga dos cavalleiros castelhanos; os besteiros na segunda fileira, com os virotões das béstas, e os peões arremessando os dardos espalharam a morte e o terror nas fileiras castelhanas. Intenta a cavallaria tomar os portuguezes de flanco, mas não o consegue e é forçada a retirar desordenadamente.»

«De novo se organisa e volta á carga, e de novo é forçada a retirar em desordem; terceira e quarta vez retira e volta á carga; mas não podendo prolongar o combate por mais tempo, e na impossibilidade de romper a linha dos valentes de D. Nuno retira á redea solta e vae espalhar a desordem e o terror no resto das forças que não haviam entrado em combate.»

Eis a victoria dos Atoleiros devida á tactica de D. Nuno.

A estratégia, sem ser excluída deste periodo de trévas a que se chama Edade Média, não era nem a dos gregos, nem a dos romanos, nem a dos tempos modernos. Era uma estratégia fraca, simples movimentos de concentração para invadir um dado territorio, ou para obstruir uma estrada a um adversario. De resto a estratégia destes tempos tinha um caracter especial que ainda conservou por muito tempo; entrava-se em campanha na primavera, e bastante cedo, a fim de não fatigar os soldados. As campanhas de inverno eram rarissimas.

A segunda metade do século xvi, com as guerras

de religião, deu origem a uma serie de acções militares instructivas, senão sob o ponto de vista da grande guerra, pelo menos sob o ponto de vista da pequena guerra. O exército comprehendia:

- a) Todos os vassallos chamados pelo suzerano;
- b) Os gentishomens voluntarios;
- c) Os alistados a soldo;
- d) As tropas de burguezes;
- e) Os mercenarios estrangeiros.

Basta esta simples leitura para se comprehender o pouco espirito militar desta epocha. Os effectivos eram sujeitos a fluctuações; não havia exército que excedesse a cem mil homens. A propria organização dos exércitos não era precisa; de um modo generico póde dizer-se, com os historiadores da epocha, que o exercito se dividia em duas partes principaes, — *guarda avançada e batalha*, — ambas de força approximadamente equal. Quando o exército tinha um effectivo consideravel, havia uma terceira parte que, sob a designação de — *guarda da rectaguarda*, — tinha por missão apoiar as duas primeiras.

Todas as forças eram commandadas por um generalissimo, que tinha, simultaneamente, o commando da guarda avançada; sob as suas ordens immediatas havia um commandante especial da batalha e um commandante da reserva, ou seja um total de três chefes para o exército dos quaes, o da reserva, desempenhava o cargo de chefe do estado maior. Tanto a organização, como a constituição e composição eram irregulares; as três armas, — infantaria, cavallaria e artilharia, — estavam representadas em taes exércitos, mas sem coordenação, nem proporção determinada. Tudo era regulado segundo o modo de vêr dos chefes.

A ordem de batalha comportava, na maioria dos casos, uma massa confusa de batalhões e esquadroes.

A desgraçada experiencia da batalha de Moncontour entre o duque de Anjou, depois Henrique III, e Coligny, em 1569, batalha na qual Coligny havia operado a mistura que acabo de mencionar, obrigou para o futuro a renunciar a tal organização e passou a adoptar-se uma ordem de batalha imitada dos antigos, isto é, separou-se a cavallaria da infantaria.

As consequências das guerras d'este periodo são de varias naturêsas, mas todas de importancia capital, pois fôram como que a vdreadeira preparação para a era gloriosa do periodo moderno, que estudarêmos em oportuna occasião.

No seculo xvii havia, em Portugal, a unidade *manga*. O que era esta unidade? Compunha-se de cavallaria e infantaria, ou só de alguma d'estas armas? Apenas consegui lêr em escriptor da epocha o seguinte:

«*Li avendo marchado algum tanto por Galiza, re. cebeu o capitão aviço estar o inimigo de guarda no seu facho com 300 infantes, & algua cavallaria, per cujo respeito poz em ordem sua gente, & despediu hua manga de 300 homens á ordem de Antonio Gonçalves de Olivença.*»

Assim se lê a pag. 31 da obra *Successos militares das armas portuguezas*, pelo doutor João Salgado de Araujo, abbade de Pêra. Edição de 1644. Existe na bibliotheca de Mafra, onde a li.

Os escriptores militares portuguezes do seculo xvii chamavam aos flancos do exército em batalha — *cornos*. Sem sombra de duvida, era ainda uma imitação dos romanos, que dividiam as suas tropas auxiliares em — *dextrum, et sinistrum cornu* — como se lê em Polybo. Póde consultar-se o dictionario de Pitiscus.

Ora na obra *Applausos academicos e relação do felice successo da celebre victoria do Ameixial*, por Fr. Jeronymo Vahia, a pag. 32, encontra-se a seguinte passagem:

«O corno esquerdo da cavallaria d'esta linha mandava o general de cavallaria da Beyra, Manuel Freyre Andrada, com o seu tenente general Dom Martinho de Ribera, & Commissario geral, Gomes Freire de Andrade.»

A obra citada existe na biblioteca de Mafra, onde a li.

E dou por terminado este trabalho, que alonguei mais do que desejava. Varios pontos havia ainda a desenvolver, mas, para me não tornar fastidioso, reservo-me para os desenvolver em outras conferencias.

Aveiro, 1909.

J. CORRÊA DOS SANTOS

General de brigada do reserva



## VARIEDADES

---

A Grecia, um país pequeno com uma população de 2.600:000 almas, apresentou, em pé de guerra, um exército de 192:000 baionetas e uma esquadra composta de 6 couraçados, 8 torpedeiros, 10 destroyers e 2 cruzadores.

E' extraordinario isto, mas é um facto real.

O exército grego compõe-se de quatro divisões de trez regimentos a trez batalhões de trez companhias; trez regimentos de cavalaria, quatro regimentos de artilharia de campanha, dois de montanha e um grupo de sitio; dois regimentos de engenharia.

O serviço é de dois anos no activo, dez na primeira reserva, nove na segunda e quatorze na Guarda Nacional.

A infantaria está armada com a espingarda Mannlicher, a artilharia é a francesa Creusot, modelo de 1908.

Os caçadores gregos, cuja fama no seu país é do mais alto valor, ainda usam o fardamento tradicional com saiote empregado, como se usava na Edade Media.

Estes caçadores são montanhêses fortes, ágeis, grandes atiradores e excelentes soldados.

Pensou-se em fardal-os á moderna, fazendo-os entrar no exército como soldados do nosso tempo, mas o povo grego, em massa, pediu que o tipico uniforme dos seus caçadores não fosse alterado e assim se determinou.

A Servia tem uma população de 3.000:000 de habitantes e pode mobilisar 5 divisões activas e uma divisão de cavalaria, tendo cinco divisões no primeiro bando da reserva e 15 regimentos no segundo.

Ao todo 324:000 baionetas.

A duração do serviço é de 18 anos.

A sua melhor tropa é a artilharia, armada com peças de tiro rápido do sistema Creusot, tanto as tropas activas como as da primeira reserva.

A segunda reserva está armada com peças Bange de 80 milímetros.

A principal praça de guerra é Nisch colocada na Servia meridional.

A Bulgária é o mais importante dos aliados balkanicos. Com uma população que orça por 4.500:000 de habitantes poudo pôr em pé de guerra mais de 400.000 soldados.

A sua organização militar foi iniciada pelo general Savot e continuada pelo seu sucessor general Nicolaief.

O serviço militar é obrigatorio e pessoal.

Na infantaria o serviço é de dois anos e nas outras armas de trez.

Depois passam para a reserva activa onde se conservam dez anos, e só depois é que passam para a reserva do exército.

Em pé de paz o exército búlgaro tem 36 regimentos de infantaria a dois batalhões; 11 de cavalaria, nove de artilharia de campanha, trez de montanha e trez de sapadores, um de telegrafistas e um de caminhos de ferro; um bom serviço de aeroplanos e automóveis.

Estas forças estão agrupadas em 4 divisões.

Em tempo de guerra cada regimento desdobra-se; cada divisão cria uma brigada de reserva activa e 18 regimentos de reserva, sendo 35 batalhões de primeira reserva e 36 de segunda.

A sua artilharia, que é apontada como uma das melhores da Europa, está armada com peças da fabrica Creusot.

Por esta simples resenha se poudo bem avaliar o enorme esforço da Bulgária para pôr em pé de guerra um exército tão numeroso se nós pensarmos que a sua população não excede a 4.500:000 de habitantes.

Conta-se que em determinada ocasião foi preso pelo exército francês, como suspeito de enviado secreto do exército austriaco, um individuo que foi encontrado nas proximidades de Mantua. Depois de negar encarniça-

damente qualquer cumplicidade com os austriacos, foi levado á presença de Napoleão que, observando-o com aquele olhar de lynce, apenas ordenou que lhe dessem um purgante.

Meia hora depois uma bolita de lacre, contendo uma carta escrita em papel de seda fechada em Viena, e onde se davam ordens para que os exércitos inimigos envolvessem Napoleão, tinha sido levada a Bonaparte, que tão facilmente poudo contra-pôr uma acção decisiva ás intenções dos inimigos.

---

## A GUERRA DOS BALKANS

---

Se alguma previsão se pôde fasêr do estado actual da situação dos beligerantes é que a guerra não pôde durar muito.

A situação melhorou um pouco para os turcos, não que eles pôssam lançar-se numa offensiva vigorosa, mas em face de uma certa indecisão da parte dos aliádos, indecisão que deve representar grandes difficuldades de momento, é certo que os turcos começáram já as suas operações de pequena guerra, o que sempre incomoda e causa por vêses sérios embaraços ao invasôr.

A pequena guerra nos séculos xvii e xviii desempenhou um papel muito importante que chegou a ser decisivo.

A tática de Napoleão fez retrogradar um tanto a sua acção, todavia, as campanhas de 1813, de 1864 e de 1866 estão cheias de exemplos em que a pequena guerra chegou a um grande desenvolvimento.

Os bombardeamentos continuam a ser hõje o que a história das guerras têm mostrado sêr em todos os tempos.

Andrinopla resiste; Scutari resiste.

E é convicção de quem escreve éstas linhas que éssas praças resistirão sempre á acção dos bombardeamentos, em quanto a fome ou uma acção vigorosa do avanço não forçãrem a uma rendição.

Plewna resistiu a três combates e em que os russos faziam assentar a preparação do assalto em vigorosos bombardeamentos progressivamente aumentados com o numero e qualidade das péças.

Por enquanto ainda é cedo para se poder apresentar qualquer estudo sério desta campanha, não obstante começarem a apparecer na Europa as primeiras indicações de pontos concretos observados.

O capitão russo Mamontoff, que tem acompanhado o exército do general Demitrieff, exército que levou ás tropas turcas um golpe decisivo, fez ha pouco em S. Petersburgo uma conferencia, cujos detalhes apanhados a *vol de oiseau* são pouco mais ou menos os seguintes:

«Nos primeiros tempos os bulgaros sofrêram grandes perdas, porque os reservistas, que constituíam 3 quartas partes do exército, combatiam com os antigos métodos, isto é, tendo como boa tática o lançarem-se o mais depressa possível á baioneta.

Este desprezo absoluto do fogo produziu perdas cruéis.

Esta experiência bem amarga levou-os a utilisarem mais racionalmente a potencia dos fôgos.

A artilharia bulgara era melhor do que a artilharia turca.

A cavalaria não conseguiu assinalar-se particularmente, mas, todavia, as informações que forneceu e a forma como procurou auxiliar o exército mostraram bem claramente que estava á altura da sua missão e que podia agir em todas as circunstancias.

A disciplina de fogo nos bulgaros pôde servir de modêlo.

E' ocioso falar do moral do exército, como de toda a nação, em face dos factos occorêntes. Parece que os turcos procuravam conduzir tropas ao fogo quasi por surpresa dizendo-lhes que não se tratava aqui se não de manôbras destinadas a amedrontar os bulgaros, o que produziu nêstes um tal entusiasmo guerreiro que não havia bastantes espingardas para armar todos os voluntários».

Já appareceu em Paris um livro de M. d'Alain Penennrum, testemunha ocular da campanha da Tracia, em que se descreve a preparação do exército bulgaro e a primeira batalha de Kirk-Kilissé.

Dêste livro nos havemos de ocupar oportunamente.

Quer-nos parecer que no próximo numero desta Revista já mencionaremos a paz nos Balkans.

E' uma profecia que muito desejaremos que se realise.

## SUBSCRIÇÃO

(Continuado do n.º 2)

Outras unidades que também já concorreram para a subscrição aberta por uma comissão de oficiais para auxiliar as despesas com o processo que foi promovido contra o alferes J. P. R. B., por efeito de um acto pelo mesmo praticado em defeza propria:

Transporte .....	401\$400
Regimento de artilharia N.º 1 ..	20\$700
2.º Batalhão de artilharia de costa.....	3\$800
2.º Grupo de metralhadoras.....	2\$500
Guarda Fiscal G. N. 6.ª companhia.....	2\$500
Soma.....	433\$900

### Despesa já efectuada

Pago ao solicitador de Braga, José Ferreira Torres...	65\$040
Idem ao solicitador do Porto, Valentim da Silva.....	61\$685
Soma.....	126\$725

### Erratas

Na lista do numero anterior corrija-se:

	Onde se lê	Leia-se
Regimento de infantaria N.º 7 .....	3\$000	8\$000
Guarda Nacional Republicana 2.º Esquadraão .....	1\$100	1\$500
Guarda Nacional Republicana Batalhão 2 — 3.ª Companhia.....	2\$000	1\$500

Lisbõa, 5 de janeiro de 1913.

A comissão,

- (a) *João Pereira Bastos*, major.
- (a) *José Afonso Pala*, capitão.
- (a) *José Bernardo Ferreira*, capitão.
- (a) *Jayme Augusto Pinto Garcia*, capitão.
- (a) *Sesinando Chagas Franco*, tenente.
- (a) *José d'Ascenção Valdez*, tenente.
- (a) *João Lopes Soares*, tenente.



## BIBLIOGRAFIA

**O Estado, a Família e as Sociedades de Instrução Militar Preparatoria** — pelo major do Estado Maior de infantaria, o sr. *Desiderio Beça*.

Recebemos este opusculo de uma admiravel factura e de uma altissima elevação moral.

Este trabalho do nosso presado amigo, o sr. major Beça, revela as suas grandes qualidades de espirito e de coração, pondo bem em destaque quanto na sua alma se sublimam os grandes sentimentos que traduzem a suprema aspiração da grandeza de um povo.

«Esta é a ditosa Patria minha amada» é como êle começa a sua propaganda a favor da Patria, que deseja vêr engrandecida por essa triologia bemdita *amôr, ordem e trabalho*.

Os assuntos tratados, aliás, proficientemente neste opusculo são: *Patria — Sociedades de Instrução Militar Preparatoria — A Caderneta Militar — A escola infantil — A ginastica — A mutualidade*.

Da leitura de tão agradavel livrinho, que é a reprodução de uma conferencia feita pelo autor na Sociedade de Instrução Militar Preparatoria n.º 9, resulta sadio ensinamento e util instrução, avigorando-nos o espirito na esperança de que todos os portuguezes gritarão sempre com toda energia das suas almas ardentes. — «Esta é a ditosa Patria minha amada».

Agradecendo a gentileza da oferta, muito nos cativou a amabilidade da dedicatoria.

---

## Secção do estrangeiro

**Belgica.** — O ministro da guerra segundo se vê na «France Militaire» apresentou á comissão militar um projecto de reorganisação de todas as guarnições belgas, em vista da nova lei militar que será proximamente votada.

Propõe criar um novo campo militar em Hoogstraeten, ao norte, onde estacionará permanentemente uma divisão inteira, deixando de existir a guarnição de Arlon.

Pretende tambem estabelecer um posto no Luxembourg belga para proteger as linhas dos caminhos de ferro de Bastogne a Libramont e de Bertrix a Florenville e Bouillon.

Atualmente o plano de mobilização não prevê a destruição das pontes e linhas de caminho de ferro entre Bastogne e Libramont, e Bastogne e Stavelot, o que permitiria a invasão, em algumas horas, da parte do paiz situado ao sul do Meuse, e entraria a mobilização belga na provincia de Luxembourg e na metade das provincias de Liège e de Namur.

Diz a «France Militaire» que é inutil insistir sobre a gravidade destas novas disposições.

**Allemanha.** — O estado maior general alemão publicou no *Taegliche Rundschau* que confirma todas as previsões á cerca do aumento do exército.

O aumento do exército alemão no presente ano será de 100.000 homens, o que o excede o aumento dos dois anos juntos de 1911 e 1912.

Em tempo de paz o exército alemão que era de 544.000 homens passou em 1913 a ser de 644.000.

Este facto produziu extraordinaria impressão na Alemanha.

A comissão do orçamento da marinha, não obstante a opposição do almirante Tirpitz, ministro da marinha, aceitou uma moção do centro do Reichstag tendente a introduzir o serviço de dois anos para a artilharia e infantaria de marinha.

A comissão do orçamento do ministerio da marinha, do Reichstag, recusou o credito pedido de 15.000 marcos pelo ministro para a criação de um adido militar naval em Buenos-Aires.

**Inglaterra.** — Estão em construção nos estaleiros ingleses 4 *superdreadnoughts* de 28.000 toneladas cada um, e nestes colossos do mar estão-se tomando medidas especiaes atinentes á defesa de projecteis aéreos.

Todos os órgãos vitais dos navios serão protegidos por um tombadilho couraçado e os proprios orificios das chaminés serão protegidos pela mesma maneira.

Na camara dos comuns foi aprovado um *bill* proposto pelo govêrno e destinado a proteger de qualquer tentativa *aerea* a destruição de pontos do paiz importantes para a despeza nacional.

Se qualquer aeronauta, prevenido por um sinal para parar, continua não obstante a voar sobre uma zona interdita, ou não obedeça á ordem de *atterrissage* corre o risco de ser forçado á obediencia pelo fogo ou ainda por outros meios que a autoridade puder lançar mão.

Este *bill*, conforme declarou o ministro da guerra, não constitue uma ameaça a qualquer nação estrangeira, mas tem por fim impedir que malfetores possam intentar, dos ares, destruir edificios que contenham materias inflamaveis.

**Russia.** — Segundo a imprensa alemã parece que está assente uma entrevista do rei Jorge de Inglaterra com o czar da Russia, no presente verão, em Copenhague.



## CONSULTAS

16.<sup>a</sup> — Tendo caducado com a organização do Exército a designação de alferes mestre de musica, passando a chamar-se-lhe chefe de musica de 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classe, pergunta-se:

Teem estes direito a continencias de todas as praças?

*Vidè a «Revista d'Infanteria» n.º 7 do mês de julho do ano findo.*

17.<sup>a</sup> — Pela atual lei da organização do exército, deve haver 3 primeiros cabos em cada regimento de infantaria fazendo parte do seu estado menor, pergunta-se:

Para que servem esses cabos e em que companhias devem ser colocados visto que não ha determinação sobre tal assunto?

*Em virtude do consulente envolver na sua pergunta a respectiva resposta, a «Revista d'Infanteria» dispensa-se de dar a sua opinião. No entanto a «Revista d'Infanteria» n.º 5 de maio do ano passado fala sobre o assunto.*

18.<sup>a</sup> — Havendo um 1.<sup>o</sup> cabo num regimento de infantaria aprovado no concurso para 2.<sup>os</sup> sargentos, realisado em abril do ano passado, o mesmo terá de fazer novo concurso, em vista do determinado na O. E. n.º 14 (1.<sup>a</sup> série) do mesmo ano, podendo ser perterido por algum nestas condições, ou o determinado na citada O. E. é para se constituir sómente o quadro miliciano?

*Não deve ser perterido, e mesmo quanto á forma como se poderá promover a 2.<sup>os</sup> sargentos os 1.<sup>os</sup> cabos submetidos ás provas do art. 15.<sup>o</sup> do regulamento para escolas de sargentos, a que o consulente se refere, deverá de futuro ser esclarecida, a fim de haver toda a regularidade nas promoções.*

19.<sup>a</sup> — O official punido na vigencia do anterior regulamento disciplinar deve ser preterido, visto não ter bom comportamento militar, ou tal preterição não deve ter logar em virtude do preceituado no § unico do artigo 144.<sup>o</sup> do Regulamento Disciplinar do Exército de 19 de janeiro de 1911 e da circular n.º 7 de 19 de abril, do mesmo ano, da 1.<sup>a</sup> Repartição da Secretaria da Guerra?

*A «Revista de Infantaria» julga que a preterição, nos termos indicados pelo consulente, se não deve dar. Em todo o caso, para que as dúvidas desapareçam completamente, deverá consultar-se pelos meios legaes as estações competentes.*



16.º ANO

ABRIL DE 1913

N.º 4

# REVISTA DE INFANTARIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infantaria*

Composição e impressão na tipografia da Cooperativa Militar

## Da educação do soldado

A força moral foi, em todos os tempos, a grande propulsora dos maiores feitos no mundo.

No exército então é a que determina a vitória.

Compreende-se por esta razão quanto carinhoso interesse não deve merecer aos chefes engrandecer e elevar o caracter dos soldados, fortalecendo-lhes todas as energias, para que a sua força moral os ampare e os sustente ainda mesmo ante as maiores privações e as mais esmagadoras fadigas.

E compreende-se bem por esse mesmo motivo como todos os regulamentos militares de todos os povos cultos ligam a este assunto o mais particular e sincero cuidado.

A tempera da vontade e a formação do caracter, diz o general von Schmidt, são muito mais importantes para a aptidão do guerreiro do que o desenvolvimento das capacidades intelectuais.

O marechal Bugeaud dizia que, para se preparar a força moral do soldado, era mister elevar-lhe a alma, dando-lhe o amor da gloria, fazendo-o respeitar a honra

do regimento, e sobretudo enaltecendo-lhe o patriotismo que existe em germen em todos os corações.

Não basta, diz o major Delhayé, fazer dos nossos recrutas soldados exercitados, habeis atiradores, infatigáveis andarilhos. Por muito bem que eles sejam instruídos podem escapar-se-nos das mãos se não tivermos tomado o cuidado de os dotar com uma grande energia moral, cuidando da educação do seu espirito e do seu coração, porque as exigencias impostas em campanha demandam, muitas vezes, mais educação do que instrução. A bravura física não basta para um homem de guerra; é preciso a energia moral, a firmeza de alma necessaria para suportar a fome, a dôr, a miseria.

Ora, como o exército é o espelho da nação, ninguém cuidará que o exército possa ser moralmente engrandecido sem que a nação tambem o seja.

Por consequencia, esta formação do caracter e da alma nacional precisa ser começada no seio da familia, avigorada na Escola, engrandecida na sociedade e sublimada no exército.

Já vão bem longe os tempos em que os povos viam na hierarquia social a causa, a origem do valor dos homens.

Hoje todos sabem que de uma officina ou de uma herdade, de um palacio ou de uma choupana podem sair grandes homens, porque são as grandes idéias, os actos nobres, as aspirações generosas, o amor ao estudo e ao trabalho, toda uma vida de apostolado das mais altas verdades, o que dá realce ao homem, aquilo que o torna nobre pelo coração e pela acção.

Se o exemplo, o estímulo que desperta em nós a vida grandiosa dos sabios, dos grandes artistas, dos propugnadores sincéros e honestos do bem e da felicidade da humanidade é util á sociedade; se a acção poderosa de uma individualidade avigorada nas energias de um trabalho fecundo, amparado por uma forte intelligencia, tem tantas vezes desdobrado em largos benefícios sociais, vastas conquistas da ciencia, que constituem o legitimo orgulho do género humano; se essa nobrêsa do coração e do talento talha pela vida além a estrada da liberdade, que é a mais generosa aspiração da consciencia colétiva da humanidade; não podemos nem devemos deixar de reconhecer que é tambem muito util o exemplo dos simples e dos humildes que, pela

assiduidade no trabalho, pela temperança, pela honestidade e pela firmêsa e dignidade nos propósitos, exercem uma notavel influencia sobre o bem estar do seu país.

Ha pouco mais de dois anos que Mr. Roosevelt, o ex-presidente dos Estados Unidos da America, falando em Paris na Sorbonne, e fazendo a apologia dos pequenos deveres do cidadão, dizia: «O sucesso na vida ou o naufragio será a resultante do modo como cada um cumprir o seu dever. A maneira como os homens e as mulheres simples cumprirem os seus deveres quotidianos e habituais muito concorrerá para o triunfo ou para o insucesso, porque a hora das grandes crises reclama o concurso de todas as virtudes».

Daqui se conclue, como ainda ha pouco referimos, que se torna indispensavel que o caráter da nossa raça assente sobre o principio da educação na familia.

E' mistér que em todos os lares deste país desde o mais humilde até ao mais faustoso, a crença nos destinos da pátria viva a par duma conduta honesta, nobre e previdente, e em que o amor á liberdade se entrelace com o amor á familia.

O cumprimento do dever é o apanágio dos homens de bem e o maior alicerce, talvez, da felicidade de uma nacionalidade.

Os povos não são governados pelos seus caprichos, afirma Le Bon, mas sim em harmonia com o seu caracter.

E é por isto que o notavel escritor inglês Smiles diz: «A maneira como um homem é governado não tem imensa importancia, em quanto que tudo depende da maneira como êle se governa a si mesmo. O mais miseravel escravo não é aquêlê que está submetido aos caprichos de um dêsputa, por maior que esse mal possa ser, mas sim aquêlê que é escravo dos seus proprios vicios, do seu egoismo, da sua ignorancia».

E assim bem podemos avaliar quanta caminhada temos a dar para conseguir rasgar as trevas da ignorancia do povo, e lançar bastante luz para dentro desses tugurios, que se alcandoram pelas nossas serras, afim de alumiar tantos corações adormecidos e indicar-lhes que a felicidade vive dentro de nós mesmos, e que a liberdade não é o produto de uma crença politica mas sim de uma crença moral.



Liberdade, palavra mágica, lábaro augusto da civilização moderna, aspiração legítima de toda a alma generosa, sonho acariciador de toda a consciencia bem formada, evangelho desta santa religião de humanidade, não podes ter os teus fundamentos senão na força dos caracteres individuais.

John Stuart Mill diz que o despotismo não poderá produzir os seus maus efeitos sem primeiro destruir a força dos caracteres individuais; tudo o que conduz ao esmagamento da individualidade é despotismo, seja qual fôr a autoridade que se invoque, ou Deus ou os homens.

Para que o despotismo não possa nunca exercer a sua nefasta e vil influencia é mister que se lhe oponha sempre a energia e a coragem, essas duas grandes forças que engrandecem o caracter.

Porque a verdade é esta: todo o fruto que se colha na vida sem trabalho, sem canceiras, sem esforço, pouco ou nada vale.

O homem que sucumbê na luta pela vida mas que tem a consolação de dizer—*fiz tudo quanto pude*—sente dentro da sua alma uma intima satisfação, um tal ou qual conforto, porque cedendo á força das circunstancias não lhe faltou nunca energia e coragem.

«Lutar, sempre lutar é a vida, diz Scheffer, e a minha foi sempre completa; mas devo dizer, com justo orgulho, que não houve coisa alguma que fizêsse afrouxar a minha coragem. Com uma alma forte e uma nobre intenção consegue-se tudo o que se quer, moralmente».

Cultivar esta grande qualidade do caracter é da maior importancia para a felicidade de um pòvo.

Quanto a nós, que temos no país muitos problemas a resolver, muitos perigos ameaçadores a desviar, muitas obras a concluir, muito terreno a valorisar, impõe-se que por todas as fórmias se procure engrandecer o caracter da nossa raça para que haja força, sagacidade, tenacidade e coragem para se triunfar nesta luta terrível da hora em que vivemos.

O trabalho é uma benção, os seus efeitos morais elevam o homem, porque o tornam digno, independente e honesto; a aplicação, o método, o exáto cumprimento do dever são outros tantos elementos que valorisam e enaltecem o trabalho.

Quanto vale o homem tanto vale a terra, diz o proverbio francês.

E confrange-se-nos o coração vêr a insensatês, a falta de amor pelo lar, o desprendimento da terra da pátria com que tantos irmãos nossos, levados pela falsa sugestão de adquirir riquêsa a praso curto, lá vão mar em fóra, em demanda do desconhecido, sem, ao de leve, anteverem a vida de martirio e de sacrificios e até de desgraças que muitas vezes os esperam.

Sem a menor preparação para a luta pela vida na sua grande maioria, deixam este nosso formoso ceu azul, essas varzeas encantadoras onde passaram os dias descuidados da sua infancia e onde as suas almas se abriram ao suave perfume do amor.

Deixam os seus fertilissimos terrenos em pousio para irem inconscientemente fertilisar terras estranhas, derramando o seu suor, que é o sangue da nossa vida.

Deixam a consideração, o carinho, o afago, a proteção com que a Pátria os aconchega e acolhe para, na sua ignorancia, irem em terras estrangeiras servir de instrumento para valorisar bens alheios, acolhendo-se muitos á caridade de um hospital, onde sucumbem, repatriando-se alguns mais pobres do que partiram, alquebrados de forças gastas em proveito estranho.

E esta loucura sópra pelo nosso país, pelos nossos campos principalmente, onde não falta pão porque não falta trabalho, mas onde vagueia amortecido o sentimento patriótico e apagada de tantos espiritos a noção do dever cívico, elaqueados por essa falsa miragem de adquirirem riquêsa a todo o custo, como se a riquêsa fôsse por si só jámais origem e causa da felicidade.

O trabalho e a economia bastam para que qualquer pessoa de poucos meios possa adquirir uma posição de relativa independencia, Smiles.

Levar-nos-ia muito longe se nos embrenhassemos pelo desenvolvimento deste termo, que aliás nos seduz, mas que muito me afastaria do fim principal destas linhas.

Há em alguns operarios generosas ambições postas ao serviço de inteligencias robustas que lhes dão mil vezes mais ocasiões de alegria e felicidade pelo concurso e auxilio do seu valor aos que encontram pelo caminho da vida, do que se accumulassem riquezas que chegam tantas vezes a serem inuteis.

Porque tudo depende da maneira como o homem se serve do dinheiro, como o ganha, como o economisa, como o gasta, como o empresta e até como o dá, ainda mesmo que essa dadiva seja feita em testamento, como afirma Henri Taylor.

Mas, deixemos esta ordem de considerações, e fixemos como ponto basilar que a grandesa de um povo depende da maneira como no lar se formar o caracter dos homens de amanhã.

E essa educação deve ser seguida na escola, amparada pela sociedade e completada e sublimada no regimento, como já dissémos e não nos cansaremos de repetir.

Atribue-se a um guerreiro do Norte esta frase que exprime uma eterna verdade: — «Eu não creio nem nos idolos nem nos demonios; é sómente na força do meu corpo e da minha alma que eu ponho toda a minha confiança».

E esta confiança deve ser a maior força dos exércitos.

E a origem das vitórias e o fulcro da mais generosa e legitima aspiração de um povo.

Deve o exército, com o maior disvelo, com o mais entranhado affecto, com a mais carinhosa dedicação, lançar mão de todos os meios para fortalecer a alma do soldado, erguendo a sua força moral á altura das grandes conveniencias nacionais.

Porque pôde e deve considerar-se a educação moral do soldado como um dos mais importantés deveres nacionais. A disciplina militar que é sévêra, não exclue todo o affecto, todo o carinho para com o soldado, que deve ser sempre tratado paternalmente e em harmonia com o seu caracter, com o seu temperamento e com a sua educação.

O regulamento francês proibe, de uma forma flagrante, todo o rigor que não fôr necessario, toda a punição que não seja determinada pelo regulamento ou que possa provocar outro sentimento que não seja o do dever, todo o acto, todo o gesto, todo o proposito ultrajante de um superior para com o seu subordinado.

«Os membros da hierarquia militar, seja qual fôr o seu grau, devem tratar os seus inferiores com bondade, ser para elles guias benevolentes, ligando-lhes todo o interesse e ter para com elles aqueles cuidados devidos

a homens cujo valor e dedicação preparam o nosso sucesso e a nossa glória.»

E é por isto que o general Bonnal diz que não se pôde imaginar labôr mais interessante do que aquele que consiste em transformar um camponês, pesado de corpo e de espirito, num soldado agil, de coração quente e de cabeça ardente.

E esta missão nobilissima é nossa e bem nossa.

Os officiaes são os educadores natos dos soldados, e tudo depende do método adotado, da dedicação e sinceridade do esforço empregado, do afago e carinho paternal para com esses filhos adótivos e, sobre tudo, da grande, da incomparavel lição do exemplo.

O direito de punir é necessario, diz o general Bonnal, mais para inspirar no soldado um temor salutar do que para o superior se servir desse direito.

E' a grande escola da obediencia completa e consciente pelo conselho, pela persuasão, pela educação, pelo estímulo, pela amisade, pelo exemplo.

E em reforço desta béla teoria do general Bonnal, vem o general Ambert, no seu magnifico livro — *Soldado* — dizer-nos «que a instrução militar, admiravel mistura de paternal bondade e de viril justiça, produz milagres que, embora não sejam compreendidos, impressionam a todos».

«A instrução militar transforma o homem tanto moral como fisicamente. Observai o que é o homem do campo quando chega aos nossos quartéis e o que é o soldado quando deixa o regimento. Vêde como acendemos uma châma celeste ainda no mais frio coração, como flexionamos o corpo, como esclarecemos os cérebros, como infiltramos ainda nas inteligencias mais rebeldes os mais nobres pensamentos, como elevamos, enfim, o homem.»

Destes milagres estamos nós habituados a vêr todos os dias nas nossas casernas, e a longa experiencia da vida e o longo convívio com o soldado radicou no nosso espirito a convicção inabalavel de que o soldado, em regra, é aquilo que o official quer que êle seja.

A disciplina rigida, conseguida com maus tratos e até brutalidades puniveis nas leis, e que durante muitos anos parece ter sido o grande esteio do exército alemão, cêde envergonhada hoje á transformação daquelle exército pela educação moral do soldado.

O general alemão von Schmidt escreveu um interessante livro sobre a educação do soldado, enveredando pelo caminho de que essa educação deve ter em vista engrandecer a força moral do soldado, tornando-o respeitador da disciplina pelo coração.

A camaradagem, que é uma virtude que quase pertence á profissão das armas, é um precioso tesouro que devemos manter com inegualavel affecto.

Essa camaradagem, que deve estender-se beneficentemente a todas as classes do exército e da qual os officiais devem ser um espelho vivo, constitue uma das maiores forças do exército e uma garantia para a felicidade da Pátria.

Já o celebre Moltke dizia que o espirito de camaradagem, de que todos os membros do exército devem estar animados, é de tal ordem que todos marchem á voz do canhão, sacrificando-se para levar socorro aos seus camaradas.

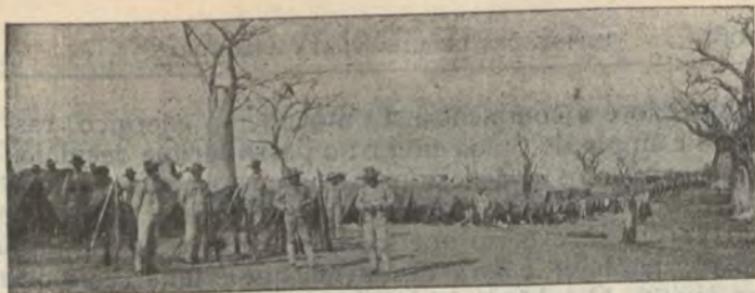
Este espirito de camaradagem deve constituir, juntamente com a noção da obediencia, do dever, da honra, do amor da Pátria, os alicerces em que devemos edificar toda a grandêsa moral do soldado, que deve traduzir a confiança da Pátria e a grande esperanza do futuro.

Vamos terminar este artigo, porque não cabe tratar nos limites apertados de que dispomos, de um assunto de tamanha magnitude, citando o general von Schmidt, e chamando para esta citação a atenção de todos os nossos camaradas.

«Se nós queremos estar á altura da nossa missão de educadores, devemos cada manhã meter mãos á obra com novo vigor e novo esforço; dedicarmo-nos completamente ao exito da nossa tarefa, e perguntar a nós mesmos, ao cair da tarde, se temos correspondido á responsabilidade que pésa sobre nós.»

Pois se o mais elevado dever do official é este que se exprime por estas palavras—educar o soldado—o interesse do corpo de officiais, a sua honra, a honra do exército e da Pátria exigem que a esse dever consagremos toda a nossa alma, toda a nossa dedicação, que deve ser tanto maior quanto, infelizmente, ainda está longe essa grande aspiração nacional de vermos fortalecer o caracter da nossa raça em todos os lares que se perdem por essas serras além.

CORONEL SARSFIELD.



## Impressões de uma visita a Londres

(Continuado do n.º 3)

No quartel de Windsor não admirámos sómente a limpeza, comodidade e conforto com que o soldado inglês vive na caserna. Se o estado lhe dá o suficiente para poder viver em boas condições, justo é reconhecer que, pelo menos aparentemente, o soldado sabe corresponder á forma como é tratado. As suas manifestações exteriores de asseio, porte, respeito, obediencia e subordinação são tudo quanto ha de mais perfeito e completo.

Se os soldados se vêem na rua com admiração pela sua compostura e pelo seu porte correcto, activo e acentuadamente militar, no quartel, no convívio intimo com os seus camaradas e nas suas relações com os seus superiores, nada deixam a desejar. Aquela sua linha altiva, marcial e bela com que se vêem na rua e que ás vezes lhes dá até o aspecto de petulantes, não a perdem no quartel. O soldado inglês tem no quartel, no seio da caserna, o mesmo aspecto que mostra nos bairros chiques de Londres.

Nós surpreendemos alguns durante a nossa visita á caserna, mudando de uniforme e arrumando os seus artigos de armamento e equipamento, e tudo era feito com o mesmo aprumo e a mesma correcção a que já nos referimos. O soldado inglês não tem o ar abandonado que se nota em soldados de outras nações, nomeadamente o francês. O seu feitio marcial nunca o perde, e quer lhe seja dado pelo modo erectico do povo saxonico, quer lhe seja dado por uma forte e bem orientada educação militar, o que é fóra de duvida é que impressiona a todos aqueles que o observam.

Uma das primeiras manifestações exteriores que fére

a atenção é a continencia. O movimento energico, rasgado e amplo do braço direito; o passo forte e decidido; os movimentos cadenciados e compostos; o alevantado da cabeça, o olhar firme, a compostura e a rigidez do corpo, se é certo que lhe dão um aspecto de automático, também é fóra de duvida que é uma coisa que se impõe. O soldado inglês faz a continencia com altivês e até parece que com orgulho. Sente-se bem dentro do seu belo uniforme e parece que se envaidece em cumprir os seus superiores.

Esta é a impressão que se colhe com a continencia feita em marcha. Se o soldado se dirigir aos seus superiores ou se estes se dirigirem ao soldado, a continencia tem então uma outra particularidade que só entre os ingleses se pôde pôr em pratica sem degenerar no ridiculo ou cair no cómico. Em qualquer desses casos, o soldado, ao mesmo tempo que inicia o movimento da continencia com o braço, dá com o pé direito uma forte e estrondosa pancada no chão. O movimento largo do braço, um empertigamento exagerado do corpo, esta *patada* dada no chão e depois uma imobilidade quase absoluta, dão-lhe um aspecto que se tornaria ridiculo em qualquer outro povo, mas que é belo, magestoso e imponente entre eles.

E a razão é simples. A Inglaterra é o país da liberdade, mas é também o país em que há, como em qualquer outro não existe, o culto do respeito pelas coisas e pelos homens. O superior é olhado e acatado como tal sem esforço e sem constrangimento. E' o seu mestre como educador, é o seu patrão e protector como militar, pois que todo o seu esforço consiste em encaminhar as coisas para que nada lhe falte na sua vida quotidiana, é quem o conduz, quem o comanda, é quem o guia e encaminha na luta do engrandecimento da sua querida Inglaterra, que todos igualmente adoram porque todos são igualmente patriotas, e, por isso, a continencia com todos os seus exageros, com toda a sua affectação, é sempre feita com o mesmo rasgo, com a mesma energia, com o mesmo vigor e sobretudo sem o mais pequeno esforço, sem a menor hesitação, mostrando por esta forma ao seu superior e a todos aqueles que o presenciarem que ali está um homem conscio da sua missão e pronto a cumprir, sem tergiversações, o seu dever.

Mas não é só aos seus superiores natos que o soldado faz a continencia sem esforço nem relutancia. Os officiaes estrangeiros, quando por elles são conhecidos, recebem da sua parte as mesmas provas de deferencia. A nós, pelo menos, assim nos succedeu. No nosso regresso á estação do caminho de ferro e na própria estação, onde encontrámos bastantes soldados do batalhão que tínhamos visitado, fômos alvo da mesma continencia, apesar de nos encontrarmos envergando um simples traço burguês.

A continencia é uma manifestação de respeito; faz parte portanto da bôa educação militar e civica dum povo. E quando esse povo é como o inglês, que tem o culto do respeito pelas coisas e pelos homens, a continencia, mesmo com esse aspecto de arrogante automatismo, não passa afinal de uma coisa trivial e vulgar. E' uma questão de boa educação.

Desejariamos dar uma informação circunstanciada ás pessoas que têm paciencia de nos lêr sobre o que seja e o que valha a instrução do exército inglês. Este assunto, como é sabido, tem sido mais ou menos discutido por toda a imprensa mundial e nós sentimos verdadeiro pesar por não termos visto o suficiente que nos autorise a tirar uma conclusão firme e segura.

Para formar uma ideia exacta a este respeito seria necessario assistir a muitos exercicios ou visitar, com demora, o campo-escola de Aldershotof ou mesmo Salisbury Plain.

Se a nossa viagem a Inglaterra tivesse sido na primavera e não na época do inverno, como foi, teriamos pedido autorisação para visitar esses dois centros militares que nessa época do ano são muito concorridos, autorisação que, estamos convencidos, nos seria dada, não só pela forma e prontidão que notámos como eram attendidos todos os pedidos que pelo nosso ministro em Londres fossem dirigidos ao governo inglês, mas também pela maneira como fômos recebidos e attendidos tanto no *War Office* como no quartel de Windsor.

Não tendo formulado esse pedido porque nessa época

pouco nos seria licito vêr, apenas nos poderemos referir ao pouco que vimos, que, na verdade, não foi muito.

No Hide Parck, mesmo no coração de Londres, vimos trabalhando em ordem unida uma companhia de infantaria. Na parada interior do quartel Wellington Barracks, junto ao Palacio de Bukingham, vimos ministrar a instrução por grupos a vários recrutas. No quartel de Windsor assistimos a uma teoria de tiro dada também por grupos. E além disso vimos algumas pequenas forças, que eram geralmente guardas que recolhiam ou seguiam aos seus destinos, que por sinal notámos serem em numero bem limitado, pois que só o palacio real e os edificios militares que dispõem de munições é que têm guarda.

Os exercicios, em ordem unida, impõem-se pela firmeza, pela correccão, pelo aprumo e pela energia com que são executados. O soldado inglês, debaixo de forma, não é um homem; é uma máquina, um verdadeiro automático. Mas quem o quizer avaliar bem deve vê-lo de sentinela; se se desloca, se passeia, o seu passo é firme, energico e decidido, percorrendo sempre a mesma distancia e fazendo as suas meias voltas como se estivesse recebendo uma lição de recruta na parada de um quartel; se está firme e na posição de sentido, mantém-se direito como um espêto e firme, imovel como se fôsse uma estátua.

O que também é digno de se vêr é o manejo de armas. As posições são sensivelmente as mesmas que eram exigidas pela nossa antiga ordenança. O que porém torna o manejo de armas caracteristico, além da prestêsa habitual e simultaneidade de todos os movimentos, é a correccão com que são executados, que é tão grande e tão saliente que se chegam a distinguir perfeitamente os *tempos* com que se ensinou a executar cada um dos movimentos.

Estes rigôres para muitos espiritos pouco valem e nós, na verdade, não podemos deixar de reconhecer que um bom exército não precisa de uma exteriorisação tão completa. Mas reconhecendo isso, também devemos dizer que entre o aspecto abandonado e cambaleante do soldado francês e o aspecto erecto e rigido do soldado inglês, optamos por este. E neste modo de vêr estamos convencidos que seremos acompanhados por

muita e boa gente. Claro está que esta afirmação não envolve descrença alguma sobre os serviços que um e outro poderão prestar no combate. Na ordem dispersa esses requisitos de pouco poderão servir. Ai só os conhecimentos especiais dessa instrução e ainda mais os sentimentos patrióticos e as qualidades pessoais é que poderão dizer o que uns e outros podem valer, o que uns e outros podem conseguir. Mas como a análise desses elementos não a podemos fazer, pois que é certo, como já dissémos, que não vimos qualquer força trabalhando na simples ordem dispersa, nada podemos concluir, e é isso o que nos penalisa.

No quartel de Windsor tambem nos foi dado vêr a escola do batalhão. A sala em si e os apetrechos de ensino podem-se comparar ás nossas antigas escolas regimentais que se encontravam bem providas. Nos quartéis inglêses ministra-se instrução em dois cursos, nos quais se aprende a instrução de character geral e militar que nas nossas escolas era sensivelmente ministrada.

A particularidade que oferecem consiste na forma de fazer os exames. O *War Office* formúla os pontos e em todos os quartéis, no mesmo dia e á mesma hora, são abertos e entregues aos candidatos para responderem nos prazos de tempo que os proprios pontos indicarem. Reunindo-os depois, é tudo mandado para a origem, onde se faz a classificação.

Cada unidade tem o seu professor, *chief master*, que não é encarregado de qualquer outro serviço.

O do quartel de Windsor teve a anabilidade de nos fornecer alguns dos pontos que o *War Office* lhe tinha mandado para servirem nos ultimos exames e por eles pudémos vêr o grande desenvolvimento com que essa instrução é ministrada. E para comprovar esta afirmação traduziremos do ponto A (*Examination of candidates first class certificates of education*) as seguintes perguntas sobre a história e biografia, escolhendo tambem estes pontos por serem os que mais se ligam e relacionam com a nossa história e com o nosso país:

1.º

Dizer resumidamente o que souber sobre as seguintes pessoas e com que periodo da vida de Wellington se associam: Crauford, Cuesta, Fletcher, Canning.

2.º

Fazer o esboço do mapa da Península Espânica e sobre êle (1.º) marcar a posição de Soult e Victor quando Wellington desembarcou em Lisboa em abril de 1809; (2.º) traçar o movimento de Wellington de Lisboa a Talavera e linhas de Torres Vedras.

3.º

Descrever o cêrco e batalha de Badajoz.

4.º

Descrever a batalha de Waterloo e indicar as posições dos exércitos contendores na manhã de 18 de junho de 1815.

5.º

Explicar a atitude de Wellington e a sua acção sobre a questão da emancipação católica.

Por estas simples transcrições se poderá, decerto, ajuizar do grau de desenvolvimento com que a instrução precisa ser ministrada para que simples alunos de escolas regimentais possam responder cabalmente. E sendo certo que é destes alunos que depois saem os sargentos, confirmada fica também uma outra afirmação a que já nos abalancámos sobre o bom juizo que dêles ficámos fazendo, chamando prestimosa á classe por êles formada. Em Windsor foi-nos dito que os soldados ou cabos que obtenham o certificado de aprovação destes cursos são muito desejados na vida civil, sendo-lhes facil arranjar colocação com a sua simples apresentação, logo que deixem o serviço militar.

\*

\*

\*

A simples transcrição d'aqueles pontos de exame certamente será o bastante para mostrar a muita gente o quanto o nosso país é conhecido em Inglaterra, em virtude da interferencia que os inglêses tiveram na

guerra peninsular. E realmente assim é. A guerra peninsular constitui, sob o ponto de vista militar, o maior titulo de gloria do povo inglês. As palavras Vimeiro, Torres Vedras, Bussaco, Douro, etc., vêem-se transcritas no coração da *City*, na igreja de S. Paulo, sobre o tumulo de Wellington, vêem-se pelos museus, vêem-se nos quartéis, aparecem com frequencia sobre a nossa vista.

E se da palavra escrita se passar á linguagem, especialmente com militares, a narração e as referencias á guerra peninsular constituem todo o seu desvanecimento. E se é certo que nem sempre nos fazem justiça, porque, como o leão que são, tomaram sempre para si o melhor quinhão d'essa glória, é tambem fóra de duvida que nos reconhecem o auxilio e a amisade que então e sempre lhe dispensámos.

Um português encontra sempre um acolhimento afavel da parte do povo inglês. Não desconhecem os nossos defeitos, a elles por vezes fazem referencia, mas tambem não occultam os nossos serviços, nem as nossas qualidades, nem as nossas virtudes. Um português é para elles um amigo e nos militares não é difficil de reconhecer que nos olham até como camaradas, como companheiros de futuras lutas. E se essa amisade e essa simpatia não são ainda maiores é isso talvez devido ao isolamento em que nos temos lançado ou á pouca aproximação que com elles temos tido.

E abalançando-nos a formular estes juizos, pois que de tudo estamos convencidos pelo que vimos e observámos, necessario é tambem dizer-se que a campanha de descrédito que lá fóra tem sido feita contra o nosso regimen politico, contra os nossos dirigentes, contra o nosso povo, algum éco, infelizmente, tem encontrado, fazendo com que aquella simpatia, que não é necessario ser nem muito observador nem mesmo psicologo, seja empanada pelas falsas noticias que nos ultimos tempos lhes têm sido dadas. E conhecido o mal não será difficil evita-lo fazendo-se pôr as coisas no seu verdadeiro pé e procurando nós estreitar os laços de aliança e amisade que tem havido e que tanto convêm a elles como a nós.

Além disso todo o povo inglês conhece muito bem o que se passa entre nós e nem sempre concorda com a nossa orientação. A campanha que nos ultimos menses

se tem feito a favor da defesa nacional é por elles muito bem conhecida e desfavoravelmente apreciada. Nós tivémos occasião de falar, em Inglaterra, com individuos que não eram politicos nem jornalistas, e com grande admiração da nossa parte vimos que conheciam esse assunto muito bem. Esses individuos porém não se limitaram a mostrar que conheciam o assunto; foram mais longe, abalanchando-se a dizer que não compreendiam como é que Portugal tentava organizar uma esquadra porque sabiam que não tinhamos dinheiro para a sustentar e que tambem não viam qual fôsse a razão que justificasse a sua existencia.

Mas não são sómente as pessoas que nada têm que vêr e mesmo que não se interessam com a politica portugêsa ou mesmo inglêsa que assim pensam. Falando com uma individualidade altamente colocada em Londres, por essa pessoa nos foi dito que tendo falado um dia sobre este mesmo assunto com o general French, um dos heróis da campanha sul-africana e hoje o inspector geral do exército inglêz, êle lhe dissêra precisamente a mesma coisa, acrescentando, com a sua auctoridade de militar e politico que é, que Portugal para valorisar a sua aliança com a Inglaterra não precisava mais do que dispôr dum bom exército.

Nós não nos referimos a este assunto para o discutir, mas simplesmente para fornecer um esclarecimento que reputamos precioso. Se se quizer estreitar os laços da tradicional amisade com o povo inglêz, muito temos a fazer. Mas quem o tentar pôde crêr, disso estamos convencidos, que encontrará naquele grande povo um campo fértil de simpatias por nós e onde os seus esforços poderão facilmente fructificar. Todas as culturas têm porém a sua época propria e se a não se fizerem a tempo fracos e bem débeis serão então os frutos que se colherem. E dado o conselho e não tendo autoridade para mais, deixamos o assunto á resolução daqueles que tem por obrigação não descurar estas coisas de tão magna importancia para todos nós no actual momento histórico.

DAVID RODRIGUES.

Cap. d'Inf.<sup>a</sup>



## TACTICA DE COMBATE DA INFANTARIA BÚLGARA

Neste momento dar a conhecer aos nossos leitores os principais tópicos da tática da infantaria búlgara é, certamente, um bom serviço que lhes prestâmos. Na parte relativa ao batalhão, a ordenança búlgara diz o seguinte :

O combate da infantaria, não admite regras fixas por causa das diversas situações que se podem apresentar.

Os oficiais devem preparar-se sériamente para cumprirem os seus deveres. Devem procurar estudar profundamente e de maneira detalhada a história das guerras mais recentes, e, além disso, os regulamentos, procurando adquirir um sólida instrução profissional e aprender a conduzir as tropas em tempo de paz.

### Qualidades da infantaria

A infantaria ocupa e conserva as posições conquistadas, arranca definitivamente o inimigo das suas, e compete-lhe a missão mais difícil e honrosa do combate.

*Os meios de acção* : o fôgo e a marcha de avanço.

O fôgo é o meio preparatório; o movimento é o meio decisivo. O avanço de posição em posição precede a acção pelo fôgo até ás distancias mais próximas do inimigo.

Todo o movimento de avanço deve estar preparado por um fôgo vivo e potente.

### **As forças morais**

A força moral é o factor mais poderoso para obter êxito no combate. Influe principalmente na decisão de quem manda e na actividade das tropas. Os sentimentos de honra, de patriotismo e de abnegação, a disciplina e a solidariedade de todos no combate, são a base das forças morais.

### **Operações preliminares**

O combate da infantaria é geralmente precedido de operações que compreendem: o estabelecimento de contacto pela cavalaria, a acção dos destacamentos mixtos enviados para a frente, e, por ultimo, o combate da guarda avançada. Estas operações servem para que o comando se possa orientar e ter tempo e os meios necessarios para reunir as suas forças e tomar as disposições convenientes.

Pelo combate da guarda avançada se obtêm as informações sobre o inimigo, ocupam-se e conservam-se os pontos de apoio necessarios para que o desenvolvimento ulterior do combate se faça em boas condições.

A acção da guarda avançada tem, muitas vezes, um caracter defensivo; a infantaria da guarda avançada ocupa freqüentemente uma frente muita extensa e pôde desenvolver completamente.

### **Disposições preparatórias do combate**

Quando o comando decide iniciar o combate, dá as suas ordens e indica a cada um o seu papel e o objectivo a que deve atender.

As unidades saem em seguida da coluna, avançam o mais possivel a coberto sobre o objectivo ou o ponto que anteriormente lhes havia sido indicado e de forma que não impeçam a marcha das outras unidades. Os itinerarios a seguir nas marchas de aproximação são reconhecidos pelos officiais montados, que precedem as colunas. Em terreno descoberto, as unidades marcham agrupadas em pequenas colunas, e durante a noute, em coluna cerrada.

O dever dos officiais é observar o terreno e evitar

os movimentos inúteis. Tomam-se as medidas para que os sapadôres preparem o terreno, destruindo, com as suas ferramentas, todos os obstáculos. As unidades enviam homens que assegurem a ligação com as tropas vizinhas e os comandantes devem comunicar entre si por meio de identico processo.

Ao partir o batalhão, cada major manda ao seu comandante um official que estabeleça entre êles a ligação, devendo ser acompanhado por um ciclista ou ordenança montada; algnmas vezes os comandantes das unidades enviarão officiais montados para junto das suas unidades para transmissão de ordens ou para fornecer as noticias sobre a marcha dos acontecimentos. A passagem á formação de reunião deve efectuar-se ao abrigo das vistas e protegida em todas as direcções.

### Combate

*Seu fim.* Romper pela força as tropas adversárias.

Os meios e o modo de acção para chegar a este fim, são vários e dependem das circunstancias.

O mais importante para a infantaria consiste em utilizar perfeitamente os seus meios de combate; quer dizer, o seu fôgo e os seus movimentos de avanço.

A acção da infantaria é a ofensiva e só as circunstancias podem determinar combates tambem na defensiva.

### Combate ofensivo

O combate ofensivo resulta da firme vontade de chegar até ao inimigo e apoderar-se da sua posição; isto consegue-se por uma marcha energica sobre o adversário.

*Distribuição de forças.* No começo do combate o comandante de batalhão divide as suas forças da forma seguinte:

1.º — As unidades destinadas ao combate directo, aquelas a que se determina os objectivos.

2.º — As unidades que ficam á sua disposição para manobrar.

3.º — Se o julga necessario, conserva á sua disposição outra força para a empregar convenientemente e para casos imprevistos.

No começo não devem entrar em acção forças im-

portantes emquanto se não possuir noticias sôbre o inimigo, e pela necessidade de esclarecer as tropas no sentido da profundidade que lhes permita entrar em acção sucessivamente e sôbre os pontos que o comandante do batalhão vá determinando.

As unidades de combate enquadras não constituem reservas. As que se encontram nos flancos escalonam-se sôbre esse flanco. Quando uma unidade combate isoladamente e com os dois flancos descobertos, ao principiar o combate deve empregar fôrças pouco numerosas e constituir uma reserva.

*Desenvolvimento.* Desde que o fôgo do inimigo principia a ser perigôso, a infantaria desenvolve-se em ordem extensa, designam-se as fracções que devem iniciar directamente o combate e as que constituem os apoios.

O desenvolvimento efectua-se por fracções constituídas, evitando que se misturem (sobretudo quando combatem enquadras), ou com as unidades escalonadas em profundidade (quando combatem isoladamente ou em uma ála).

O numero de unidades destinadas a principiar o combate, o numero e a fôrça dos apoios, os interválos e as distancias entre êles, dependem da situação do combate e da facilidade com que se pôde fazer o ataque á posição; em todo o caso as unidades em acção devem utilizar o terreno e sustentar a reciproca união.

O crescente desenvolvimento da potencia do armamento dá a possibilidade de ocupar, sobretudo ao iniciar o combate, frentes extensas, que permitam combater por grupos espaçados. De todas as fôrmas, os interválos existentes entre esses grupos devem ser tais que permitam em qualquer ocasião que o comando possa ser exercido pelo proprio major, tendo o cuidado de que não se perca a necessaria ligação entre êles.

*Avanço.* A infantaria avança sobre o objectivo que lhe tinha sido designado e cobre-se na frente e nos flancos por meio de patrulhas. Atrás das patrulhas marcham as diferentes unidades, o mais a coberto possível, em formações cerradas, e em formações desenvolvidas quando o terreno fôr descoberto. A marcha faz-se sobre os pontos e posições favoraveis, devendo as unidades que tenham o mesmo objectivo avançar alternadamente sobre o ponto que lhes é comum, apoiando-se mutuamente.

A marcha de avanço continúa-se o mais que fôr possível sem fazer fôgo: á retaguarda das unidades desenvolvidas, marcham, a distancias que dependam da situação, os apoios, que devem estar dispostos por fôrma a poderem intervir quando o seu auxilio fôr reclamado, ou pôr iniciativa propria.

Quando as baixas obrigam as unidades a deter-se, o fôgo é o unico meio de preparar a continuação do movimento de avanço.

Depois de começar o fôgo, a marcha efectua-se por lanços; a unidade mais energica, favorecida pelo terreno, ganha um ponto favoravel donde sustenta com o seu fôgo a marcha das unidades visinhas.

Em geral, todas as unidades da frente de combate se esforçam por progredir, aproximando-se pouco a pouco do objectivo e ocupando as posições importantes.

Quando os apoios chegam á linha de fôgo, os officiais e sargentos tomam o comando das diferentes unidades, procurando ter toda a força na mão.

### Combate geral

O movimento ofensivo geral leva consigo progressivamente todos os elementos empenhados no combate com o adversario, com o fim de quebrar a sua resistencia e ocupar a sua posição.

O caracter deste combate pôde variar segundo as circumstancias.

As unidades que chegam á proximidade do inimigo armam baioneta e lançam-se no ataque; as outras que estão paradas rompem o fôgo, enviam reforços e atacam todos gritando — *hurra!* Os que chegaram em frente de uma posição fortificada e não podem avançar mais, esperam a intervenção da artilharia e a chegada de mais fracções e esperam a primeira ocasião para principiar a marcha de avanço com uma energia ainda maior.

O éxito do combate depende freqüentemente dum energico emprêgo das unidades chegadas de fresco á linha de combate, pelo que se impõe que os chefes que ordenam e conduzem o combate, preparem a entrada em acção destas unidades no momento oportuno.

A escolha do momento e do ponto para onde os

apoios se desloquem para a primeira linha, assim como o momento de dar o assalto á baioneta, dependem em absoluto da vontade do major e não se podem fixar regras fixas a este respeito.

A artilharia prepara e sustenta a marcha de avanço da infantaria; independentemente de toda a consideração, o ataque executa-se de preferencia sobre os pontos que estão defendidos por tropas cujo moral esteja abatido.

O assalto constitue a acção final em que tomam parte todas as forças com a maior energia possível.

As tropas destinadas ao ataque, marcham resolutamente, avançando em formações delgadas, unem-se ás unidade da linha de combate, e, aumentando a potencia do fogo, começam o ataque procurando aproximar-se do adversário.

O major ordena o assalto, dependendo o éxito da rapidês da sua execução, porque o perigo aumenta tanto mais quanto mais lentamente se executar o ataque.

#### **Perseguição e restabelecimento da ordem**

Ocupada a posição persegue-se o inimigo com o fôgo e tomam-se as disposições convenientes para fazer frente a qualquer reacção offensiva.

Se é necessario continuar o combate sem intervenção, far-se há com tropas frescas.

Os officiaes restabelecem a ordem reorganizando as unidades e tomam-se então as medidas necessarias para as reabastecer de munições.

Depois de ter batido o inimigo e perseguido pelo fôgo, a perseguição será continuada pela cavalaria ou por destacamentos mixtos formados com as unidades de reserva que tenham tomado uma parte menos activa no combate.

#### **Final do combate, retirada**

A rutura do combate e a retirada não são desastres; algumas vezes são sómente uma astucia e outras são uteis ao comando para subtrair as tropas ao ataque dum inimigo mais poderoso.

A retirada a tempo ou parcial, depois de um ataque

fracassado, é um acontecimento do combate que não pôde comprometer o resultado final.

A infantaria retira sob a protecção do fogo da artilharia ou de tropas frescas, bem reforçadas, detrás das quais se reorganisa de novo.

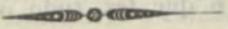
### Defensiva

A defensiva passiva arrasta com éla inevitavelmente a derrota.

Só uma defensiva activa pôde dar bons resultados.

Na defensiva, assim como na ofensiva, o fogo não é mais do que um meio de preparar a marcha de avanço; na defensiva, este meio é o mais poderoso, mas o movimento deve empregar-se para obrigar o inimigo a desenvolver-se, retardar a sua marcha de avanço, e repeli lo definitivamente depois que esteja suficientemente enfraquecido pelo fogo.

(*Continúa*).



## BIBLIOGRAFIA

**Perante a Vitória dos exércitos búlgaros** — pelo tenente Wagner do exército austro-húngaro, correspondente de guerra do *Reichsport*. Com um prefácio de M. Greschon, presidente do conselho de Ministros da Bulgária. Traduzido do alemão pelo major Minart. Um volume em 8.º com numerosas ilustrações e cartas. Berger-Levrault, editores 5—7, rue des Beaux-Arts, Paris. Preço 5 francos.

Os acontecimentos que se tem desenrolado nos Balkans tem profundamente emocionado a opinião pública, que se tem mostrado ávida de informações de tudo o que ali se tem passado. Mas, nos dois partidos, a censura tem sido exercida com um vigor até aqui desusado, e tem singularmente reduzido o trabalho dos correspondentes especiais que a imprensa de todos as nações do mundo para ali enviaram.

Compreende-se então qual não será o interesse que deverá despertar a publicação de relatorios que tenham escapado ao Estado-Maior búlgaro, interesse tanto mais vivo quanto o autor, educado na Bulgária, honrado com a amizade de homens politicos eminentes, conhece os pormenores dos acontecimentos que promoveram a situação.

E' assim que o tenente Wagner nos faz assistir ao principio

desta *entente*, aparentemente paradoxal, entre os estados balkanicos, que permita realizar esta cruzada contra o Crescente, cruzada de que falou o czar Ferdinando no seu manifesto ao povo búlgaro.

O autor mostra-nos, e esta lição não deve ser perdida, como uma nação, pequena pela sua extensão e pelo numero de seus habitantes, pôde servir de exemplo, quando trata de preparar na sombra e com incrível tenacidade, a guerra que a deve libertar.

Cartas muito claras e completas permitem seguir passo a passo a formidável ofensiva dos aliados.

Aos srs. Berger-Levrault os nossos agradecimentos pela sua delicada oferta.

**Aux Feu avec les Turcs** — par le major G. von Hachwachter, do exército alemão.

É um livro interessante, este, a que nos estamos referindo. Não é um livro de estudo, não é um livro técnico, em que se descrevam os combates que se feriram nos Balkans, em que se estude tactica ou estratégia.

É um livro de impressões, é um livro de sentimentos.

O major Hachvaechter, do exército alemão e em serviço no exército turco, onde desempenhava o papel de instrutor, foi colocado como adjunto ao 3.º corpo de exercito turco.

E desde o dia em que partiu para o campo das operações, a 12 de outubro até 14 de novembro, teve o meticoloso cuidado de ir registando tudo o que fez, tudo o que viu e tudo o que observou.

E reunindo tudo num livro sem alterar aos seus apontamentos a fórma concisa que não podiam deixar de ter, escreveu um livro em que cada linha não é uma frase, mas antes uma verdadeira fotografia.

A desorganização do exército turco, a sua falta de preparação, a falta de competencia dos seus comandos, a falta de víveres, de munições e de recursos sanitarios, o panico, a fuga e todo esse espectáculo lastimoso que o exército turco ofereceu ao mundo nos primeiros combates da campanha da Tracia vão ali descritos com uma flagrança que impressiona e que comove.

As nações que tem os seus exércitos mal preparados devem divulgar a leitura deste livro para que todas vejam a sorte que lhes está reservada se não se prepararem a tempo e horas. É na paz, é de longe, é pelo exemplo extranho que essas coisas se devem ver e ajuizar.

Que quadros de miseria, que quadros de desolação que este livro nos aponta!!

A sua tradução é tambem devida ao major Minort, sendo seus editores os ilustres proprietarios da importante livraria francesa Berger-Levrault, estabelecidos na Rue des Beaux-Arts 5-7, Paris, a quem devemos a oferta com que fomos contemplados e que muito agradecemos.

**Algumas palavras sobre metralhadoras**, por Victorino Godinho, capitão de infantaria e do estado maior.

Como dissertação para o concurso do logar de lente adjunto da 3.ª cadeira da Escola de Guerra, publicou o nosso querido

amigo e illustre camarada Vitorino Godinho o livro a que nos estamos referindo.

O assunto não podia ser melhor escolhido, e, estando, como estão, as metralhadoras passando por uma longa transformação e adaptação, é sempre bem empregado o esforço que todos façam para difundir conhecimentos especiais sobre esta máquina de guerra.

O sr. capitão Vitorino Godinho dividiu o seu trabalho em 5 partes: Noticia histórica, características e propriedades táticas da metralhadora; a metralhadora na guerra; emprego tactico e agrupamento das metralhadoras.

Em todos estes capitulos mostra o nosso querido amigo um profundo conhecimento do assunto. O capítulo terceiro deve ser lido não só pelos especialistas, mas também por todos os militares, pois que vendo o emprego que desta arma se fez nas campanhas colonias, na guerra de Cuba, na guerra anglo-boer e na guerra russo-japonêsa ficam ajuizando dos serviços que pôde prestar em identicas condições.

Quem tiver de lidar com êles e de as empregar em campanha encontra então no capitulo seguinte noções valiosas sobre a applicação tactica que podem e devem ter.

No ultimo capítulo versa o illustre autor deste livro um assunto que está sendo muito debatido em todos os exércitos porque ainda não está definida a melhor forma de as agrupar.

O nosso presado camarada, servindo-se de várias considerações de ordem tactica, técnica e moral, e, apoiando-se na opinião de vários escritores militares, chega a concluir que devem ser organisadas por *grupos divisionarios*.

E' uma opinião que muito respeitamos e que mesmo não discutimos e por isso nos limitamos, visto ser um dos capítulos mais interessantes, a chamar para êle a atenção dos nossos camaradas.

E felicitando o nosso amigo e camarada pela sua brilhante dissertação, muito agradecemos a sua oferta.

### **Relatório do delegado á 9.<sup>a</sup> conferencia internacional da Cruz Vermelha.**

O nosso presado camarada, sr. capitão Manuel Roquete, tendo ido o ano passado a Washington, como delegado da Cruz Vermelha Portuguesa, assistir á 9.<sup>a</sup> conferencia internacional que ali se realisou, honrou-nos com o relatório que sobre o assunto fez e que publicou em *separata* do Boletim da mesma Sociedade.

Nêle relata tudo que viu e observou, quer durante a viagem, quer nessa original America, quer na exposição e trabalhos da conferencia em que tomou parte.

Impresso em bom papel, illustrado com variadas fotografuras, o relatório do nosso querido amigo é, por muitos titulos, interessante.

Descrevendo num estilo muito elegante e sugestivo as suas impressões, quer da viagem e das cidades da America, quer da conferencia e da forma como os trabalhos decorreram fornece aos seus leitores um momento de leitura bem aprazível, vendo-se

ao mesmo tempo o grande grau de desenvolvimento que tem attingido a associação congénere norte-americana.

E dando-nos a noticia de que é muito provavel que a proxima conferencia se realise em Lisboa, nós fazemos votos para que todos os seus futuros delegados recolham as boas impressões que o sr. Manuel Roquete colheu.

Ao nosso amigo os nossos agradecimentos pela sua oferta.

**Glorias de la Infanteria. Historia del Regimiento Inmemorial del Rey, num. 1,** por D. Antonio Gil Alvaro de Trasmiera, tenente coronel de infanteria.

O auctor deste livro já é conhecido dos leitores da *Revista de Infanteria*. Escritor militar devéras abalisado, muitos outros trabalhos sobre o exército hespanhol tem escrito e com os quais nos tem honrado.

Aquêlê nosso distinto confrade emprêndeu agora fazer, em livros separados, a história dos regimentos de infanteria da nação vizinha e cuja série foi iniciada com a história do Regimento n.º 1.

E' árdua, por certo, a tarefa, mas o sr. tenente coronel Trasmiera tem talento e recursos de sobejo para uma tamanha obra.

No livro que temos presente, descreve em linguagem corrente e propria para ser lida e compreêndida por soldados, a história desse regimento, descrevendo todos os seus feitos e serviços que á sua nação tem prestado.

E desejando que o seu illustre autor veja coroado de bom exito a sua grande emprêsa, penhorados agradecemos a sua oferta e a sua muito cativante dedicatória.



## Secção do estrangeiro

**França.** — O 16.º batalhão de caçadores, de guarnição em Lille, partiu no dia 14 do mês findo pelas 4 horas do seu quartel regressando ás 17 horas e meia, tendo percorrido 60 kilómetros, sem um único retardatario nem estropeado.

Dizem os jornais francêses que quem visse o garbo com que o batalhão entrou na cidade com passo cadenciado ao som da sua fanfarra mal poderia pensar que êle tivesse feito tão extraordinária marcha.

Não ha duvida que êste *raid* pôde ser apontado como um dos bons *raids* da infanteria francêsa.

Está convocado para um periodo de 9 dias de exercicios, nos principios de maio proximo, todo o regimento de infanteria ter-

ritorial n.º 15, sob o comando do tenente coronel da reserva M. Soulié.

Este regimento será aquartelado nas casernas do regimento de infantaria n.º 45, que no 1.º de maio partirá para o campo de Sissone, para exercícios.

**Lei de quadros da infantaria** — A lei de quadros para a arma de infantaria, que o ano passado foi apresentada ao parlamento, já tem sanção, como é sabido, nas duas casas do parlamento.

Por essa lei houve os seguintes aumentos nos diferentes postos: 26 coroneis, 125 tenentes coroneis, 250 majores, 503 capitães e 6:000 sargentos. O numero de subalternos foi reduzido a 187 lugares.

A infantaria passa a ser constituida pelas seguintes unidades: 173 regimentos em vez de 163, dos quais 164 passam a ser constituidos a 3 batalhões e os restantes a quatro. Um regimento terá a sua sede na Corsega.

Além disso passará a haver 31 batalhões de caçadores a pé em vez de 304 regimentos de quadros; e 12 regimentos algerianos em vez de 4; e 5 batalhões de caçadores africanos.

**Inglaterra.** — Segundo afirma o *Times* o almirantado decidiu fazer de Cromarty (norte da Escossia) um ponto de apoio da esquadra, esperando para isso que se terminem os trabalhos do porto de guerra de Rosyth.

Uma doca fluctuante e depositos de carvão serão aí instalados, e diversos pontos á entrada da baía serão fortificados.

**Italia.** — O orçamento do ministerio da marinha para 1913-1914 está calculado em 256 milhões de liras, numeros redondos, ou sejam mais 40 milhões do que o orçamento de 1912-1913.

Este aumento é quasi todo consagrado á marinha de guerra. Continuam a aumentar de ano para ano as unidades de combate, parecendo que as construções navais tendem a aumentar.

No corrente mês será lançado ao mar, em Spezzia, o *dreadnought* italiano *Doria*.

O rei e a rainha assistirão a esta cerimonia.

**Austria.** — A administração naval encomendou cinco submarinos aos estaleiros Germania, de Kiel.

**Material de campanha** As marmitas de dois tipos que existiam, até agora, no exercito austriaco, foram substituidas por uma especie de caçaróla grande com tampa.

Estas novas caçarólas têm a vantagem de que quando faltem

as cosinhas portáteis se podem unir duas a duas ou mesmo por séries de três.

Para esse fim estão providas com um gancho especial de ligação, simples ou duplo, que se ligam uns aos outros, completando-se ainda o sistema de fixação por meio das azas.

Cada caçaróla tem a capacidade de litro e meio e cada tampa de meio litro.

**Espanha.** — Já fôram examinados pelo presidente do conselho e os ministros dos negocios estrangeiros e de guerra as bases gerais do projecto que estabelece o protetorado espanhol em Marrocos.

**Alemanha.** — A diplomacia anda em campo para conseguir que em junho próximo, pela ocasião do jubileu imperial, o imperador da Austria e o rei de Itália visitem simultaneamente Berlim.

O jubileu de Guilnerme II tomaria assim o caracter de uma verdadeira apoteóse da triplice aliança.

O analfabetismo no exército é quase insignificante, 0,01 por cento; mas na marinha ainda é menor pois não passa de 0,008 por cento, sendo para notar que em Schleswig-Holstein não se conta um só analfabêto.

Em 1891 havia no exército alemão 3:672 recrutas que não falavam alemão; mas em 1911 apenas 27 é que o não falavam, sendo 13 polacos, 4 dinamarquêses e 6 alsacianos.

**Orçamento do Ministério da Guerra para 1913-1914.** — Segundo a imprensa alemã as despêsas inscritas no orçamento geral ordinário ascendem a 3:812.125.504 marcos, que representam, com relação ao orçamento anterior, um aumento de 572.551:040 marcos.

As despêsas que figuram no orçamento geral extraordinario elevam-se 151.168 125 marcos, havendo uma diminuição de 17.923.250 em relação ao anterior.

O orçamento do Ministério da Guerra acusa um aumento consideravel como consequência da expisição dos motivos indicados no projecto de lei da despêsa, que é de 70.535.260 marcos

As despêsas permanentes excedem 908.584.026 e as concedidas por motivos especiais e por uma só vez são ainda de 201.039.047, que, somadas às anteriores, prefazem o total de 1.125.498.103 marcos.

Os aumentos que se realisam pelo novo orçamento, são os seguintes :

**Infantaria.** Dois batalhões de contingente reduzido; um na Saxonia e um outro no Wurtemberg. Serão tambem criadas 93 companhias de metralhadôras.

**Cavalaria.** Um regimento de caçadores a cavallo, de contingente reduzido; cinco esquadrões para o 8.º corpo do exército e um deposito de remonta.

*Artilharia a pé.* Um estado maior de regimento e um batalhão.

*Engenharia.* Onze secções de projectores de campanha.

*Tropas de comunicações.* Uma inspecção de tropas de caminho de ferro; um batalhão de caminhos de ferro; e quatro companhias de automobilistas.

*Trem de equipagens.* Quatro companhias.

No ano de 1913 criaram-se na Prussia, Saxonia e Wurtemberg 95 companhias de metralhadoras, 1 regimento de cavalaria e 11 secções de projectores de campanha.

No mesmo ano 60 batarias de campanha receberam um aumento de efectivo; e 29 foram colocadas na situação de contingente reforçado.

Com as dotações deste ano todos os regimentos de infantaria ficam dotados com uma companhia de metralhadoras de 6 máquinas. A infantaria formará 649 batalhões e 1 batalhão de instrução.

\*

Além desses aumentos effectuados em virtude da lei votada para o quinquenio corrente, foi há pouco tempo apresentado ao parlamento um projecto de lei cujas principais disposições são as seguintes:

O territorio do imperio dividir-se há em 25 corpos de exército, que se distribuem da fôrma seguinte: 3 na Baviera, 2 na Saxonia, 1 no Wurtemberg e 19 na Prussia e estados restantes.

A força efectiva do exército, em tempo de paz, eleva-se à cifra de 544:211 homens, o que impõe um aumento de 28:890 sobre o numero agora existente. Os 544:211 homens correspondem:

60:351 á Baviera; 41:625 á Saxonia; 21:296 ao Wurtemberg e 470:939 á Prussia.

As unidades serão aumentadas pela fôrma seguinte:

Infantaria, 17 batalhões; cavalaria, 6 esquadroes; artilharia, 41 batarias; sapadores, 4 batalhões; trem, 2 batalhões.

A infantaria passará, portanto, a dispôr de 651 batalhões em vez de 634 hoje existentes.

A cavalaria 516 esquadroes, em vez de 510; a artilharia de campanha 633 batarias em vez de 592; os sapadores 33 batalhões em vez de 29; o trem 25 em vez de 23.

O imperio alemão aumentou de população em cinco anos 4.284.719 individuos, o que dá um aumento notavel no contingente.

E com estes aumentos razão tem a França para se alarmar e recorrer ao antigo serviço de 3 anos!

**Russia.** — Na Douma foi adótada um projecto de lei tendente a abrir novos créditos para a organização da artilharia. A comissão da Douma exprimiu o desejo de que novos aperfeiçoamentos sejam realisados na organização da defêza nacional.

**Bulgaria.** Baixas sofridas pelo exército. Segundo noticias officias facilitadas pelo governo búlgaro, as baixas que por

todos os motivos sofreu o exército na guerra contra os turcos, desde o seu início até ao armistício são as seguintes :

*Oficiais:* mortos, 284; feridos e doentes, 876; total, 1,160.

*Tropa:* mortos, 21:018; feridos e doentes, 51:000; total, 72:018.

Total geral: mortos, 21:302; feridos e doentes, 51:876. Geral das baixas sofridas, 73:178

Cêrca de 70% dos feridos e doentes estão restabelecidos ou em vias de franca convalescença, podendo, por isso, calcular-se o numero total de baixas em 37:000 homens, o que supõe uma mortalidade de mais de 14% do efectivo total do exército mobilizado.

**Suissa.** — Preparativos militares. — Como consequência da situação internacional criada pelo conflito dos Balkans, o conselho federal suíço decidiu a criação de destacamentos especiais de mineiros, que terão a missão de fazer saltar as pontes, caminhos e todas as demais vias de comunicação logo que a guerra fosse declarada.

Cada destacamento terá a seu cargo um certo numero de obras e construções a conservar e eventualmente a destruir.

Estes destacamentos serão compostos, na sua maior parte, por voluntarios pertencentes á *landsturm*.

**Noruega.** — Tiro obrigatorio. — Há já muitos anos que a Noruega deseja imitar a Suissa na parte relativa á instrução de tiro de todos os milicianos não convocados para o curso de instrução.

A extensão do territorio e especialmente a grande distancia das povoações, tornam complicada a solução do problema, pois que os soldados teriam que percorrer grandes distancias para alcançar as carreiras de tiro mais proximas.

Os pescadores, que constituem a maioria em alguns regimentos, passam muito tempo no mar e o inverno torna muito difíceis todos os exercicios de tiro.

Não obstante todas essas razões, o Starting votou no corrente ano, a título de ensaio, a introdução do tiro obrigatorio para os milicianos de cavalaria e infantaria, devendo começar-se por uma classe unicamente. Os soldados dessa classe fazem 30 tiros por ano durante os 3.º, 4.º, 5.º e 6.º periodos.

Durante o 1.º, 2.º e 7.º anos tomarão parte nos cursos de instrução, devendo, portanto, executar os fégos a que fôrem obrigadas as unidades a que pertencerem.

As munições serão cedidas gratuitamente pelo estado; as despesas que este deve fazer calculam-se em 30:000 francos por contingente.

## SUBSCRIÇÃO

Outras verbas recebidas para a subscrição aberta por uma comissão de oficiais para auxiliar as despesas com o processo promovido contra o alferes J. P. R. B.

### Receita

Transporte do N.º anterior.....	433\$900
Miguel Victorino Pereira Garcia.....	800
Antonio Ferreira Quaresma.....	500
Julio Afonso Nunes.....	500
João Paulino.....	500
Antonio Augusto Marques.....	500
Augusto Cesar Taveira.....	500
A. M. dos Santos.....	500
Virginio Luiz Lourenço.....	500
Francisco Possolo de Sousa.....	500
Manoel João de Carvalho.....	500
Manoel Fernandes.....	500
Antonio Pedro Fernandes.....	500
Carlos do Carmo Dias.....	500
Joaquim Guilherme Pereira de Moraes.....	1\$500
Antonio Pires Leitão.....	1\$500
Joaquim Augusto Lopes da Costa Theriaga.....	1\$500
Manoel Grilo da Cruz.....	500
Apolinario Chagas.....	500
João Baptista da Rocha Grilo.....	500
Alfredo Fernandes de Abreu.....	500
Manoel Pedro.....	200
Francisco Nicolau de Oliveira.....	300
Antonio B. Brazão.....	300
José Alves Simões.....	500
Alvaro Martins.....	500
Manoel Augusto Soares Valejo.....	500
Arthur E. de Almeida e Silva.....	500
José de Sousa.....	200
Olympio M. Pedro Melo.....	500
José Maria Freire.....	2\$500
Sôma.....	17\$300
Regimento de infantaria N.º 6.....	21\$100
A transportar.....	47\$300

### Despesa

Transporte, do N.º anterior.....	126\$725
Saldo em 28 de fevereiro de 1913.....	345\$575

#### Pela comissão,

- (a) José Afonso Pala, capitão.
- (a) José Bernardo Ferreira, capitão.
- (a) Sesinando Chagas Franco, tenente.
- (a) José d'Ascensão Valdez, tenente.
- (a) João Lopes Soares, tenente.



## CONSULTAS

20.<sup>a</sup> — Estando proximo a dar-se uma vaga de 2.<sup>o</sup> sargento e pertencendo esta a um supranumerario, podendo-se dar pouco depois uma 2.<sup>a</sup> vaga nas condições da circular da secretaria da guerra que determina a promoção dos 1.<sup>os</sup> cabos nos termos da mesma circular e regulamento de promoções, logo que sejam promovidos a 1.<sup>os</sup> sargentos os candidatos do concurso para este posto, realisado no ano findo, dando-se a 1.<sup>a</sup> antes da 2.<sup>a</sup>, pergunta-se :

Um 1.<sup>o</sup> cabo estando nas condições da referida circular deve ser promovido na vaga deixada pelo segundo visto que o regulamento não previu estas coisas. Caso contrario deixaram de ser preenchidas alternadamente as vagas.

*A promoção faz-se em harmonia com o determinado na alinea a) do artigo 1.<sup>o</sup> das disposições provisórias de 12 de fevereiro de 1912, tendo em atenção que as promoções que tiverem lugar, dos 2.<sup>os</sup> sargentos a 1.<sup>os</sup>, se efetuam como se os trabalhos tivessem terminado no ano findo, a tempo de elles poderem ser promovidos, e portanto as vagas que este ano se derem, por este motivo, só serão preenchidas em harmonia com as referidas instruções, como se estivessemos no ano passado.*

21.<sup>a</sup> — Achando-se arranchados 1.<sup>os</sup> cabos no rancho dos sargentos, pergunta-se quais devem ser servidos primeiro, os 1.<sup>os</sup> cabos ou os aprendizes de musica, visto que estes são equiparados aos soldados.

E onde está determinado ?

*Deve-se ter em atenção os principios da disciplina e da gradação.*

22.<sup>a</sup> — Tendo sido publicada uma circular urg. com o n.<sup>o</sup> 54 da 3.<sup>a</sup> Rep. da 1.<sup>a</sup> Dir. Geral da Sec.<sup>a</sup> da Guerra, com a data de 15 de fevereiro, em que suspende as promoções aos postos inferiores do exército até ser publicado o novo regulamento para os mesmos postos, pergunta-se :

Se a circ. da 3.<sup>a</sup> Rep. da 1.<sup>a</sup> Dir. Geral da Sec.<sup>a</sup> da Guerra de 24 de dezembro de 1912, em que se prolongava a validade dos ultimos concursos realisados nos termos das instruções provisórias para as promoções aos postos inferiores do exército, foi revogada pela que indica acima e este ano publicada?

*Não altera em nada a doutrina da publicada no ano findo.*



16.º ANO MAIO DE 1913 N.º 5

# REVISTA DE INFANTARIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietário e editor — Empresa da Revista de Infantaria

Composição e impressão na tipografia da Cooperativa Militar



## Metralhadora ou canhão?

Com este sugestivo título escreveu o grande mestre da artilharia francesa, o general Percin, nome bem conhecido em todos os meios militares pelos seus trabalhos e estudos sobre balística, material e tática de artilharia, dois artigos na *France Militaire* que são da mais palpitante actualidade e que vêm lançar intensa e clara luz sobre um ponto que para muita gente ainda estava bastante escurecido. Este mestre general francês, reforçando os seus profundos conhecimentos sobre o emprego tático das diversas armas no combate com elucidativos exemplos tirados das campanhas dos últimos anos e nas quais tem sido empregado o material moderno com que, mais ou menos, todos os exércitos se encontram providos, chega á conclusão de que a artilharia não póde nem deve apoiar a infantaria *até ao ultimo momento do assalto*, devendo esse apoio ser dado á infantaria pelas metralhadôras.

Não é sob o espírito mesquinho de consignar aqui a superioridade da metralhadôra sobre a artilharia nesses momentos e tirar daí quaisquer conclusões *parcialistas* a favor da nossa arma que nós nos referimos ao assunto. Arredámos sempre essas *miseras* questões e hoje, como

então, continuaremos seguindo a nossa orientação. Não queremos desmerecer da arma irmã nem lhe queremos diminuir a importância do seu alto papel em campanha. E' uma irmã que muito estimamos e a quem reconhecemos o seu justo valor. Mas reconhecendo á metralhadora o papel que póde prestar, éla como ninguem, naquele momento critico do combate, apenas nos referimos ao assunto para sôbre êle chamarmos a atenção dos nossos camaradas e tambem dos nossos dirigentes.

Tendo a metralhadôra que desempenhar esse papel com a latitude que o general Percin lhe traçou com a sua mão de mestre, não será necessario empregar grande esforço para concluir que a nossa infantaria não está hoje dotada com esse material em quantidade sufficiente. Todas as nações, nomeadamente a França, Alemanha e Inglaterra têm as suas unidades de infantaria dotadas com secções de metralhadôras. Ora a necessidade de fazer o mesmo entre nós consignou-o o autor desses artigos que vamos transcrever.

Justo é porém dizer-se que não era necessaria essa doutrina do general Percin para entre nós se reconhecer essa necessidade. Nas colunas desta Revista tem éla sido apresentada por várias vezes e o nosso illustre camarada e prezado amigo, sr. coronel Simas Machado, chegou mesmo no ano passado a apresentar ao parlamento um projecto de lei nesse sentido. Vamos pois transcrever esses artigos para dar maior apoio e autoridade a todos aquêles que neste sentido andam empenhados e bem fará o parlamento se converter em lei esse projecto que tanto interessa á defêsa nacional.

Seguem os artigos:

«Em que casos se deve empregar o canhão com exclusão da metralhadôra? Em que casos se deve apelar para a metralhadora com exclusão do canhão? A' disposição de que chefes deve ser colocada a metralhadôra? Não será necessario fazer reviver néla o antigo canhão de batalhão?»

«Eu trago a esta discussão a modesta contribuição das reflexões que me inspiraram as relações das guerras recentes e as observações que pude fazer durante as manobras destes ultimos anos.»

«Nos termos das alíneas 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> do n.º 30 do titulo V do regulamento de 8 de setembro de 1910, «logo que a abordagem se torne iminente, a artilharia toma todas as

disposições que comporta o terreno para que as tropas de assalto sejam, *até ao ultimo momento*, sustentadas por um fogo dirigido contra o ponto que é directamente atacado.»

«Eu não acredito que, salvo alguns casos especiais, por exemplo, onde o objectivo de ataque esteja situado sobre um terreno em inclinação para o assaltante, ainda que nêle existam, para as baterias de acompanhamento, os flancos, se possa obter do canhão o que lhe pede o regulamento. Sómente a metralhadôra pôde atirar, *até ao ultimo momento*, contra o ponto que directamente se assalta.»

«Assim é que se diz no n.º 121 do regulamento de 19 de julho de 1912, «a metralhadôra é a arma auxiliar da infantaria, em todas as circumstancias do combate aproximado.»

«Colocada mesmo no meio das proprias tropas que combatem, ao alcance do chefe que as comanda, pôde receber instantaneamente a indicação do ponto a bater e do momento de o fazer.»

«O canhão, pelo contrario, por mais aproximado que esteja, fica sempre muito afastado das tropas de ataque para receber a tempo as indicações necessarias. Nesta fase do combate, a ligação material é difficil. As indicações da vista são enganosas. A artilharia confundirá amigos com inimigos. E mesmo que os distinga, a pouca distancia que separa uns dos outros, a tensão da trajectoria, os erros da régulação e os desvios habituais do tiro, o artilheiro correrá sempre o risco de atingir a infantaria assaltante. O apoio do canhão, *até ao ultimo momento*, é o massacre provavel das tropas amigas.»

«Não faltam exemplos destes aborrecidos contratempos. Na Mandchuria, segundo o relatório da 21.ª de atiradores da Siberia oriental, as granadas da artilharia amiga atingiram os assaltantes e obrigaram-nos a suspender o ataque.»

«Em Liao-Iang, segundo Reginald Kann, durante os ataques da divisão japoneza, a artilharia niponica canhoneou a infantaria amiga.»

«Segundo o major von Suttwitz, o terço das perdas soffridas pelos japonezes são attribuidas ao fogo da sua propria artilharia.»

«No combate de Dundle, no Natal, a 20 de outubro de 1899, no momento em que a infantaria inglêsa trepava ao

planalto de Tabana, foi canhoneada pela artilharia, causando-lhe grossas perdas. Em vão se tentou, por sinais, abrir os olhos a artilharia. Esta não cessou o seu fogo senão passado um quarto de hora.»

«A 16 de dezembro de 1900, em Tion Chang, (Petchili) a artilharia fez fogo sôbre os primeiros homens que viu que se aproximavam da brecha e que tomou por chineses.

«Na tomada de Talika-Tchonang, uma companhia de infantaria colonial conseguiu, devido a uma manobra audaciosa, entrar na praça. Neste momento recebeu varios tiros da artilharia amiga, o que a obrigou a voltar para traz. Mas na retirada encontrou uma outra tropa que se dirigia ao assalto e que a tomou como força inimiga.»

«No combate de Monte-Daja, (ilhas Philipinas) a 17 de maio de 1906, tres colunas americanas ocuparam um planalto, seguindo cada uma por seu lado. A artilharia da coluna de sul abre o fogo sôbre a coluna d' oeste, que tomou por inimigo.»

«Perigos desta natureza é que nunca causará a metralhadôra porque ás distancias a que se faz fogo vê-se o que se faz. Além d'isso, se estes erros se cometerem, serão mais facilmente reparados com a metralhadora do que com o canhão. Assim, em Talana, os sinais que fez a tropa massacrada não foram compreendidos pela artilharia amiga senão passado um quarto de hora de fogo. Em Talika-Tchonang, pelo contrario, as duas tropas de infantaria que estiveram para se pegar reconheceram o seu erro rapidamente.»

\* \* \*

«Em 29 de fevereiro de 1908, em Bafka (Marrocos) duas companhias de atiradores algerianos receberam ordem de reforçar a cavalaria que atacou uma posição defendida por marroquinos. Uma bateria francesa viu uma dessas companhias trepando a inclinação que dava acesso a essa posição. Tomou-a pelo inimigo e rompeu o seu fogo contra éla com a alça de 4.800 e 5.000 metros. O efeito causado pela primeira salva foi de 2 mortos e 4 feridos.»

«No seu livro sobre o *Emprego de artilharia em Marrocos* o capitão Féline, e do qual foi colhido este exemplo, exprime-se desta fórmula: «O erro é muito compreensível. A bateria ignorava que duas companhias de atiradores tivessem reforçado a nossa cavalaria. Os pontos brancos

que via sôbre o planalto podiam muito bem ser tomados por marroquinos.»

«E mais adiante voltando o auctor desse livro a referirse a este incidente, desculpa os artilheiros francêses de não terem atendido as indicações da ligação material; mostra que estas indicações não podiam chegar a tempo, e acrescenta: «Numa manobra cujos actos se succedem tão rapidamente, se o artilheiro não vê muito distinctamente, é melhor que se abstenha.»

«E' precisamente a tése que eu quero fazer prevalecer no presente artigo. O artilheiro deve saber resistir á tentação de atirar sobretudo o que vê. O seu tiro não deve ter por fim matar alguns homens a mais, mas quebrar as resistencias que a infantaria não pôde vencer com as suas unicas forças. Ora, quando a resistencia é séria, há tempo de o fazer sôbre a artilharia. Se, para diminuir as perdas, se quer quebrar uma resistencia passageira, é necessario fazer apêlo à metralhadôra, que está em situação de receber instantaneamente a indicação do ponto a bater e do momento de o fazer.»

«A 16 de fevereiro de 1908, perto de Settat, um esquadrão do primeiro de caçadores d'Africa foi detido diante de uma propriedade, defendida por marroquinos. Um tenente foi mandado ao general para lhe pedir o apoio da artilharia. Durante este tempo, os marroquinos retiraram-se e foram ocupar uma outra propriedade mais ao sul. Os caçadores ocuparam a primeira. Felizmente o tenente indicou á artilharia a segunda em lugar da primeira. Sem este erro de objectivo, a artilharia faria fogo sôbre as tropas amigas.»

«Analisando este incidente como se êle se tivesse dado realmente, supondo existente o erro topográfico, o capitão Féline diz, a páginas 280 do livro, que não seria necessario vêr o insucesso da ligação material, mas simplesmente uma falta de prudencia de artilheiros muito apressados em fazer fogo sem terem formalmente reconhecido as duas tropas opostas. Esta afirmação parece-me exagerada. Muitas vezes não se verá a artilharia amiga e não obstante será necessario fazer fogo. E', ao contrario, quando se veja que será necessario talvez cessar o fogo, porque então as infantarias opostas estarão muito proximas uma da outra.»

«O verdadeiro culpavel nesta circumstancia é o chefe que, não se encontrando em face duma resistencia séria,

pediu não obstante o apoio do canhão. O seu erro uma vez reconhecido, deverá dizer á artilharia que não atire, e esperar, para marchar para a frente, que a artilharia tenha recebido esta contra-ordem. A metralhadôra tem, sôbre o canhão, esta vantagem, que em igual caso, não se terá tanto tempo de esperar. E' pois a maquina indicada para quebrar resistencias deste genero.»

«A 21 de setembro de 1907, o general Drude atacou Sidi-Brahim-El-Guardmiri, onde acampava uma *mehalla* dum milhar de combatentes. O inimigo levantou o campo antes da chegada da nossa infantaria. Durante este tempo, um sargento de caçadores d'Africa veiu dizer ao general que o seu esquadrão estava luctando com muitas centenas de marroquinos, e que o seu capitão pedia, quanto antes, o auxilio da artilharia. Uma bateria estava próxima; o sargento indicou-lhe o objectivo a 2.500 metros. Estavam os marroquinos detraz duma crista coberta por uma sébe de cactus. A artilharia faz fogo. Os nossos caçadores saem detraz desse abrigo; um dos seus cavalos tinha sido morto.»

«Neste caso tambem se pediu inconsideradamente o apoio do canhão. Podia-se passar sem êle. Era bem o caso de fazer apêlo á metralhadôra.»

«Numa carta dirigida á sua familia, o tenente de cavalaria Arnaud conta que, a 19 de julho de 1910, na coluna Mazillier, encontrando-se muito próxima do inimigo, teve a má sorte de ser atingido por uma granada da artilharia amiga que arrebentou por cima da sua cabeça. Os detalhes faltam sôbre este incidente porque o tenente Arnaud foi morto pelos marroquinos alguns dias depois.»

«Na *Illustration* de 14 de dezembro de 1912, o correspondente de guerra, Alain de Penennrun, sob o pseudónimo do qual se oculta um oficial de infantaria do exercito francês, fez a seguinte narração dum incidente da batalha de Tchataldja:»

«A 18 d'outubro de 1912, a 3.<sup>a</sup> divisão do exercito búlgaro tentou, durante a madrugada, havendo neveiro, ataques sobre as linhas turcas. Tinha-se apoderado das trincheiras situadas no meio do bosque. Um batalhão do 29.<sup>o</sup> chegou mesmo a penetrar na zona n.<sup>o</sup> 11. Tinha-se lançado na lucta á baioneta com as duas companhias turcas que a ocupavam. Esta fôrça pouco apoiada (e, em verdade, pergunta-se qual a razão porque o batalhão não a apoiou?) dentro de pouco tempo encontrou-se com falta de munições. Neste momento, ameaçada dum forte contra-

ataque turco, foi obrigada a retirar precisamente no momento em que o nevoeiro desaparecia. Houve então, parece, um erro, em suma muito verosímil, da parte dos artilheiros búlgaros que fizeram fogo contra a sua propria infantaria que retirava. Não me explicaram o facto muito explicitamente, mas eu deduzi-o sem custo. Resultou daqui uma certa confusão na 3.<sup>a</sup> divisão, que retomou no entanto as suas posições da vespera. As baixas foram cruéis. Algumas companhias, contou-me um ferido, perderam todos os seus officiaes, os seus graduados e a quase totalidade dos seus effectivos. Foi-me indicada uma companhia que ficou reduzida a 13 homens.»

«Se o batalhão do 29 tivesse uma secção de metralhadoras bem provida de munições, não teria havido necessidade, para conservar a obra n.<sup>o</sup> 11, de ser sustentada por uma outra força. Além disso, se se tivesse escrito, no regulamento de manobras da artilharia, que a metralhadora é a arma auxiliar da infantaria, em todas as circumstancias do combate aproximado, e, que a um momento dado, éla se deve substituir ao canhão, a artilharia búlgara não teria procurado apoiar a sua infantaria *até ao ultimo momento*; éla não teria aniquilado as tropas amigas.»

«Em Andrinopla, segundo um despacho de Constantinopla de 29 d'outubro de 1912, a infantaria turca, tendo feito uma sortida de noite, encontrou-se no raio dos projectores electricos da praça. Os artilheiros otomanos, confundindo amigos e inimigos, romperam fogo contra estas tropas e mataram um grande numero dos seus.»

«Egual facto não se teria provavelmente dado com as metralhadoras, cujo emprego nunca deu lugar, que eu o saiba, nos combates de noite da guerra russo-japoneza, a observação deste genero »

\* \* \*

Estas afirmações e conclusões tão clara e evidentemente concludentes não podiam deixar de causar profunda sensação no meio militar francês e consequentemente não podiam passar sem a competente réplica. E nós a éla nos vamos referir, transcrevendo a competente contestação, não só para mostrarmos o espirito de imparcialidade com que encaramos este assunto, mas tambem para mostrar a

pouca base em que assentam os argumentos dos contraditores do general Percin.

Na mesma *France Militaire*, de 16 e 20 de fevereiro do corrente ano vêm dois artigos firmados por S. G. e nos quais se pretende combater ou reduzir as lucidas conclusões daquele ilustre artilheiro. Vamos pois transcrever esses dois artigos.

«Nos artigos *Metralhadora ou canhão*, o general Percin põe em dúvida a possibilidade para o canhão de apoiar até ao ultimo momento as tropas de assalto, e, isto, sem risco para elas proprias, e, com a sua alta competencia, põe em evidencia, frizando-os com exemplos devéras concludentes, os perigos que correm estas tropas em fazer, nesta situação, apêlo ao fogo da artilharia.»

«A conclusão a tirar seria a colocação em acção, para substituir o canhão, da metralhadora *arma auxiliar da infantaria*.»

«A natureza dos resultados que o tiro da metralhadora pôde produzir e as condições de emprego desta arma impedem de esperar que a sua acção no momento d'assalto possa atenuar muito as consequências lastimaveis da abstenção, á qual razões de segurança podem reduzir o canhão.»

«Não se pôde esperar do tiro da metralhadora resultados da mesma natureza dos que o tiro da artilharia é capaz e não há lugar de insistir em semelhante pretensão; mas a metralhadora poderá, melhor do que o canhão, intervir em virtude das suas qualidades peculiares para auxiliar a preparação do assalto?»

«E' certo que a difficuldade da ligação entre as tropas d'assalto e as baterias de acompanhamento estarão por muito tempo sob o perigo que estas baterias farão correr as tropas que apoiam; a ligação poderá ser mantida mais facilmente e mais activamente entre a metralhadora e a sua unidade que entre a artilharia e a infantaria?»

«Durante o combate, a metralhadora transporta-se de posição em posição de tiro; constantemente preparada para intervir no momento oportuno ella só, assaz completamente ou assaz depressa, poderá atingir o resultado desejado. Durante toda esta acção, a metralhadora manobrando, compenetrada deste principio de que uma grande parte do seu valor resulta do effeito da surpresa, deve entrar em acção desde o momento em que o inimigo não possa duvidar de que ella se encontra no seu posto. E é por isto

que a metralhadora, neste momento, amesquada dum forte combate,

que a metralhadora procura instalar-se sobre as posições que menos tenham chamado a atenção do adversario, não se tendo evidenciado nem pelo seu fogo nem pela presença de elementos importantes. Esta maneira de proceder obriga a secção de metralhadoras a caminhar e a proceder muitas vezes *ao lado* e não *no meio* dos combatentes.»

«O regulamento de 10 de julho de 1912 prevê isto mesmo e de aí deduz a necessidade duma ligação *estreita* que una a metralhadora á sua unidade; mas não se pôde subentender senão a ligação das vontades e dos esforços para o mesmo fim comum, bem definido do avanço e não uma ligação imediata e constante. O regulamento diz bem: «Durante toda a duração da acção, o chefe da secção de metralhadoras mantém-se, por meio de agentes de ligação, em relação com o chefe da unidade de infantaria. Informa-a sobre a sua situação e recebe d'ella, se é possível, novas instruções.»

«Não se trata aqui senão duma ligação de conjunto e basta, para disso haver convencimento, vêr com que cuidado o regulamento detalha as qualidades de senso tactico a exigir do chefe de secção de metralhadoras, que se sabe deve operar muitas vezes privado de toda a ligação directa e assás rápida com o chefe da unidade, e lêr as linhas consagradas á iniciativa a deixar a este chefe de secção durante o combate, e enfim constatar que o regulamento se abstem de *tornar adstrictas as metralhadoras a acompanhar a sua unidade passo a passo.*»

«E se para obter uma ligação imediata, a metralhadôra tivesse de renunciar ao efeito de surpresa misturando se com os combatentes, ficaria em perigo de não poder entrar em acção ou de não obter, caso isso conseguisse, senão resultados pouco dignos d'ella.»

«Discutindo no artigo precedente o emprego da metralhadora no momento decisivo da batalha, nós vimos que o regulamento de manobras não impõe á metralhadôra a obrigação de acompanhar a sua unidade passo a passo. Se, acrescentámos nós, para obter uma ligação imediata a metralhadôra aceitasse renunciar ao efeito de surpresa para se misturar com os combatentes, ella ficaria em perigo de não poder entrar em acção ou de não obter senão resultados mesquinhos.»

«Com efeito, a sua entrada em acção tornar-se-ia muito difficil, porque a sua colocação em bataria, no meio de uma linha de atiradores, seria muito exposta, á vista e a

pequena distancia dum adversario prevenido, que não lhe pouparia os seus tiros. Admitindo que, colocada desta fórma, a metralhadôra possa iniciar o seu fogo, não encontraria na sua frente objectivo que lhe conviesse: a um feixe denso de balas é necessario, para que não perca coisa alguma do seu valor, alvo denso. O defensor terá o cuidado de não lhe apresentar objectivo nesta zona. E' mantendo-se fóra e perto dos grupos do ataque que as metralhadôras terão probabilidades de vêr e de atingir as tropas em formação mais ou menos densa: mesmo que se aproximem, contra-ataques que se iniciem etc. E estes objectivos são alvos fugazes e imediatamente perigosos que a metralhadôra não terá senão pequenos instantes no seu campo de tiro e que não tornará a bater-se se esperar que o chefe da unidade lhe ordene, seja pela ligação mais pronta e mais segura, que as bata.»

«De tudo o que precede, resulta que o modo de acção da metralhadora a afasta da sua unidade e que a rapidez necessaria para a recepção da decisão do seu chefe torna a ligação muito lenta, por mais rapida que seja.»

«Não será pois *collocada n. meio das tropas que combatem, ao alcance do chefe que comanda* que nós encontraremos pronta a receber instantaneamente a indicação do ponto a bater e o momento de o bater.»

Se apesar de tudo, se quer a metralhadôra assim collocada para auxiliar as tropas de assalto, terá grandes probabilidades de não chegar a tempo, sendo conhecido o modo de acção ao qual éla terá de se conformar durante o combate. E, se éla chega a tempo, como se poderá éla ligar á progressão destas tropas de assalto, *cujas maiores probabilidades do successo residem na rapidez*, como o diz o regulamento de manobras de infantaria? Retardada pela sua collocção em bateria, a metralhadora é mais lenta em se mover e a proceder do que os atiradores; é necessario admitir que, não podendo acompanhar, faz fogo por cima das tropas: a tensão da sua trajetória, que é a da arma, opõe-se, porém, a isso.»

«Além disso, o regulamento de 19 de julho de 1912 contenta se em dizer: *A metralhadôra esforça-se para chegar sôbre a posição ao mesmo tempo que as tropas de assalto*; e cala-se quanto á sua participação na preparação e execução do assalto.»

«Se, em caso particularmente feliz, a metralhadora encontra, no momento do assalto, ao seu alcance e a tempo

posição de tiro suficientemente proxima da defêsa e apresentando na sua frente um espaço não occupado pelo atacante, intervirá, aproveitando esta occasião, mas só excepcionalmente isso succederá para que se possa pretender estabelecer com isso um tal principio.»

«A metralhadôra terá preëncido e muito bem o seu papel quando, tendo-se aproximado pouco a pouco e sempre invisivel da linha de fogo, ella terá, forçando o andamento, alcançado as tropas d'assalto suficientemente cedo para chegar com ellas sobre a posição e fazer então pleno fôgo, aumentando em proporções consideraveis o effeito mortifero dos fogos de perseguição e a solidez da posse dessa posição.»

«Em suma, se, por considerações de segurança, o canhão não pôde auxiliar até ao ultimo momento a preparação do assalto, não parece que se possa substituir o seu auxilio pelo da metralhadôra cujo tiro não poderá ser comparado ao do canhão e cujos processos de acção e a vulnerabilidade a curta distancia são tais que não poderão atingir a tempo as posições que lhe permitam uma intervenção eficaz e que se sacrificaria antes de ter procedido, se ella as pudesse atingir.»

Esta contestação em nada destroe as afirmações do illustre general Percin. Nellas se mostra a difficuldade que as metralhadôras teem em desempenhar o seu papel naquele momento critico do combate, que aliaz ninguem contesta. Mas pelo facto de terem uma difficuldade a vencer não quer isso dizer que não seja muito maior essa mesma difficuldade para a artilharia. E sendo maior e ainda mais perigoso para as tropas amigas, intuitivo e logico é, como conclue e afirma aquelle general, que se deve optar nesses casos pelas metralhadôras.

E sendo assim o que precisamos é dotar a infantaria com essas maquinas de guerra, mas dota-la em larga escala e de fórma a que fique habilitada a desempenhar cabalmente o seu papel. Para este assunto chamamos pois a attenção de todos.



## DISCIPLINA E CAMARADAGEM

(Conferência)

Meu Ex.<sup>mo</sup> Coronel, Srs. Officiais, Sargentos e mais praças; meus camaradas:

A conferência que vou apresentar-vos e que procurei desenvolver e orientar segundo o meu modo de ver pessoal, trata dum modo geral da disciplina, sua íntima ligação com a camaradagem e normas a seguir para que uma e outra se mantenham íntegras e perfectas.

Este assunto foi escolhido de preferéncia a qualquer outro de caracter puramente técnico, porque, sendo a primeira conferéncia da serie que no presente ano terei de fazer, achei do mais largo alcance, de resultados mais proveitosos, uma conferéncia que interessasse a todas as classes do regimento e muito principalmente aos recrutas, que, na sua maior parte, serão licenciados e não terão, por isso, tempo bastante para adquirirem, pelo habito, noções exactas da disciplina e camaradagem militar.

Sendo o moral no Exercito, como no homem considerado isoladamente, o indice do seu valor, não podia deixar de lhe conceder a primazia dos meus trabalhos.

Para mim o homem vale o que valem as suas qualidades, isto é, o seu moral. Só assim éle se nos revela superior aos irracionais, aos restantes animais que povoam o Universo.

Quando no homem a ausencia de qualidades morais é manifesta, éle servirá, então, só para a prática do mal e neste caso é inferior aos irracionais; porquanto,

estes, quando praticam o mal, fazem-no, quase sempre, em legitima defesa ou por instinto de conservação. Devemos, portanto, empregar todos os meios para corrigirmos os nossos defeitos, reprimindo todas as tendências más, praticando sómente o bem. E' por isso que vos vou apresentar uma conferencia moral.

### Disciplina

Hoje mais do que em qualquer outra occasião se torna indispensavel radicar fundamentalmente em todos os espiritos, que a disciplina, sendo a base de todos os organismos sociais, tem de ser cuidada com especial esmero.

No Exército, instituição de primeira grandeza, em qualquer nação que prese a sua integridade e a sua reputação no conceito mundial, é tão necessaria, tão indispensavel, que éla é considerada a pedra angular desse organismo formidavel.

E' indiscutivel que o Exército é e será por muito tempo uma necessidade imposta pelas circunstancias da vida internacional e que o seu valor será tanto maior quanto maiores fôrem os recursos materiais e os attributos morais de que fôr dotado.

O valor do Exército é tão importante, deve merecer tanta atenção da parte de todos os cidadãos, que é éle a pedra de tóque por onde as diversas nacionalidades costumam aferir a importancia e grandeza dos outros Estados.

Nem podia ser doutro modo no estado actual da civilisação em que a ultima razão, ainda, é a força.

A luta constante de interesses dá origem a conflitos que os exércitos, as mais das vezes, são chamados a derimir, verificando-se então quanto é necessario estar preparado para não ficar mal na contenda.

E' intuitivo que não pôde haver exército sem disciplina.

O que é então disciplina? Disciplina é o elo que prende todas as vontades, que dá unidade a todos os esforços, sem o que não há vitória possivel.

Disciplina é o centro donde irradiam todos os estímulos, todas as abnegações que levam o homem a sacrificar-lhe a propria existencia

Sim. Disciplina é a abedicação voluntaria da nossa

razão, na dos chefes que nos dirigem; é a nossa actividade, o nosso valor, como elementos cooperadores do grande organismo que se chama Exército.

Esta abedicação voluntaria representa a concordancia perfeita em que se devem encontrar todas as classes do Exército, a confiança absoluta nos chefes, que devemos supor sempre competentissimos e, portanto, as suas deliberações aceitas como as mais exactas e concordes com a situação.

Como bôa nórma de disciplina devei dizer que as ordens não se discutem, cumprem-se tão fiel e pontualmente quanto o espirito de cada um é capaz de compreender e as faculdades de trabalho em lhes dar execução.

E' no cumprimento exacto das ordens que se revelam as qualidades de character e intelligencia de cada um; que se verifica o grau de iniciativa que possui e a applicação racional e criteriosa que déla sabe fazer uso.

Não é discutindo nem criticando as ordens que se cumpre bem; mas, procurando por todos os modos entrar no espirito que as determinou, identificando-se com a vontade de quem manda, para se conseguir a unidade dos esforços, sem o que não tardaria em estabelecer-se a confusão, a desordem, o caos!

E' mais difficil o cumprimento do dever do que á primeira vista se julga. Ele exige muito zêlo, bôa vontade e competencia, um trabalho que demanda uma dedicação sem limites, um espirito lúcido e aberto á compreensão rapida e nitida dos assuntos que lhe são propostos nas variadissimas situações que de momento para momento se criam e modificam. Não se julgue que tem cumprido aquele que arrastadamente vai fazendo o que os regulamentos lhe prescrevem e que, sem vontade nem entusiasmo, faz o que não pôde deixar de fazer, porque os superiores lho não consentiriam.

Não quero o cumprimento do dever por coação, pelo receio do regulamento disciplinar. Não; de nenhum modo. Quero que todos cumpram pela convicção em que se encontrem de que esse é um dever moral, como o alimentar-se é uma necessidade organica. Este procedimento nobilita, engrandece e eleva o homem no seu proprio conceito e no alheio.

Cumprir por medo dos castigos, com receio das pe-

nalidades em que se possa incorrer, é uma cobardia moral, que não pôde, nem deve, admitir-se no Exército duma democracia, num Exército formado por todos os cidadãos válidos da Nação, onde se encontram nivelados, em perfeita egualdade perante a lei, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante; devendo, por tal motivo, ser recebido com grande satisfação, com infinito prazer, o dia em que se é escolhido para fazer parte da mais honrosa missão social que é dado desempenhar ao homem.

Que há de mais nobre e elevado que ter á nossa guarda a autonomia e independencia da Pátria?

Mas para que a nossa missão possa ser cumprida é indispensável que nos dediquemos de alma e coração a bem nos instruímos, para que a nossa destreza alcance o maior desenvolvimento possível, a nossa intelligencia se desenvolva e enriqueça com todos os conhecimentos que nos são indispensaveis para o desempenho das funções do nosso posto.

Isto com a pontualidade no serviço, conduzir-nos-há ao cumprimento exacto do dever.

Nunca será demasiado repetir-se que todo o militar deve cumprir os seus deveres, de livre e espontanea vontade, mostrando uma nitida comprehensão de deveres como cidadão.

Os deveres militares estão enumerados no regulamento disciplinar, mas, que o não estivessem, supri-se-ia tal deficiencia pela boa vontade de bem servirem, pondo nisso o seu maior empenho. Não é bom cidadão, não é digno da estima dos seus camaradas, dos seus conterraneos, dos seus concidadãos, aquele que não souber honrar o nome que tem, pela correcção mais completa e exacta do cumprimento dos seus deveres.

Todo o militar, educado como é na escola do dever e da honra, nunca deve afastar-se dos principios do bem e da justiça, evitando praticar actos que uma sã consciencia reprove. Deve impôr-se pela sua conducta imparcial e justa, desinteressada e nobre, procurando sempre na observancia da mais severa disciplina tornar-se respeitado e estimado por todos. No culto da liberdade propria e no respeito pela liberdade alheia encontraremos incentivo bastante para com afan nos prepararmos para a difficil, espinhosa e honrosissima missão que nos está confiada.

Relegando para ultimo lugar as nossas conveniencias pessoais, antepondo-lhes, sempre, as conveniencias do serviço, daremos um exemplo salutar das boas normas a adoptar e de que uma severa disciplina não pôde prescindir.

### **Camaradagem e suas afinidades com a disciplina**

Todos os membros de uma classe são camaradas; generalizando, todos os individuos pertencentes ao Exército, servindo sob a mesma bandeira e tendo as mesmas obrigações, são camaradas; logo, desde o general ao alferes e do alferes ao soldado, todos somos camaradas; todos somos eguaes perante a lei e perante os regulamentos que a todos impõem deveres.

Se vêdes aí galões e divizas, distinguindo os diferentes graus da hierarquia militar, elles atestam bem visivelmente o mérito e a competencia adquiridos pelo estudo durante maior ou menor numero de anos de trabalho, conforme o posto a que correspondem.

Não é arbitrariamente que se uzam galões ou divizas; não foi obra do acaso que produziu esta differenciação, mas tão sómente a soma de conhecimentos que se torna necessario possuir para bem desempenhar cada posto.

Quem mais galões tem mais sabe e melhor se encontra em condições de mandar.

Todos, seja qual fôr a sua patente, são os executores da lei.

Quando o cabo de dia ordena ás farchinas que façam a limpeza da caserna ou qualquer outro serviço, e vigia como esses serviços se fazem, não faz mais do que cumprir os seus deveres, do que cumprir a lei.

Julgaes, porventura, quando sois castigados que é o sr. comandante de companhia que vos castiga ou o sr. comandante do regimento?

Puro engano.

É o regulamento, que os tornaria responsaveis pelas vossas faltas, senão fossem punidas; elles não fizeram mais que aplicar o regulamento, por isso, quem castiga é unica e exclusivamente o regulamento.

Se um sargento deu parte de uma falta que encontrou, ainda não foi elle que por sua livre e espontanea vontade o fez, foi o regulamento que lhe impôz essa

obrigação, e êle, se o não nizesse, teria cometido uma falta e deixado de cumprir um dever.

O superior não castiga por vontade, não dá conhecimento das faltas porque quer, mas tão sómente porque é obrigado pelo cumprimento do dever.

E sabeis para que há castigos?

Eu explico: Os castigos foram estabelecidos para levar todos ao cumprimento do dever, portanto, os castigos acabarão, desaparecerão dos codigos, quando chegar o dia era que todos, compenetrados dos seus deveres, não cometam faltas.

Como será bom viver nesse tempo, se chegar!

Mas enquanto não chega, procuremos todos pela instrução e pela educação aperfeiçoar o character na escola do dever.

Os costumes hoje são muito mais suaves, muito mais humanos do que noutros tempos, por isso, hoje os castigos são bem menos severos do que nessas épocas em que a civilização não tinha atingido o seu grau de desenvolvimento actual.

A disciplina e camaradagem parecem incompatíveis; ao exame menos atento parece estarem uma para outra como electricidades do mesmo nome, isto é, repellem-se.

Certamente, camaradagem, para muitos, é nem mais nem menos que tolerância, benevolencia, condescendencias para todos os desmandos dos menos rigoristas, dos menos escrupulosos no cumprimento dos seus deveres. N'este caso, para os que assim pensam, é bem de vêr que disciplina e camaradagem são cousas incompatíveis, que não podem co-existir.

Mas quanto estão em erro os que assim pensam!

Camaradagem é um termo que combina muito bem, que fica excelentemente com disciplina; direi mais, completa-a, torna-a mais solida, mais inquebrantavel, dá-lhe perfume, torna-a vistosa, soberba, empolgante, inconfundivel, dominadora!

Camaradagem! . . . Camaradagem! . . . Sim.

Palavra dulcissima que tão bem calas no intimo do nosso coração, que tanto fazes vibrar a corda sensivel dos nossos affectos!

Representas o desinteresse, o altruismo, a dedicação até ao sacrificio pelos companheiros de trabalho, por aqueles que compartilham das nossas alegrias e

dos nossos pezares, daqueles que com o esforço do seu braço hão-de levar-nos á conquista dos nossos empreendimentos!

Esta palavra só por si representa muitos direitos e deveres:—Todos sabem que a lealdade, a franqueza, a sinceridade, são qualidades que ninguém deixa de exigir das pessoas com quem tem de viver; também é bom que ninguém ignore a obrigação que sôbre todos impende do mutuo auxilio que uns aos outros se devem como membros da mesma coletividade.

Este auxilio que se estende da vida official á vida particular, que os regulamentos preconizam e as estações superiores procuram dar forma concreta, instituindo a «Fraternidade Militar» e outras instituições de instrução como o Collegio Militar, o Instituto dos Pupilos do Exercito de Terra e Mar e outros, é tudo quanto há de mais belo, de mais sublime no coração humano. Poderá haver forma alguma de prender mais um coração a outro, estreitar a amizade, torna-la mais vívida e forte, do que a gratidão? Parece-me que não.

Pois a camaradagem conduz insencivelmente, instinctivamente á gratidão.

Não podemos deixar de nos confessar reconhecidos, imensamente agradecidos, a todos que se interessam pelas nossas pessoas, pelas nossas cousas e que com o seu auxilio nos ajudam a resolver mais facilmente as nossas dificuldades.

Aquelle que prestou esse auxilio não pensou, sequer, no serviço prestado, por isso que, vendo tão sómente um dever a cumprir, terá grande satisfação em se lhe ter deparado ocasião propícia para ser util a pessoa que muito presa e estima.

E' assim que eu compreendo a camaradagem: o auxilio efectivo e constante dispensado d'uns para outros, indistinctamente, tendo em mira o bem do serviço, acima de tudo, o bom nome da colectividade e o bem estar de cada um.

Todos devem estimar-se e auxiliar-se como bons irmãos.

Por ventura não somos todos filhos d'esta linda terra portugêsa? E para a engrandecer e bem servir serão poucos os esforços que se empreguem.

Não pode haver boa harmonia e boa ordem em qualquer corporação onde a camaradagem não seja per-

feita; os serviços não de ressentir-se, a vida há-de tornar-se intolerável; pelo contrario tudo ha-de correr pela melhor forma, os serviços tornar-se-hão mais suaves onde a camaradagem é bem compreendida, pois não haverá nunca faltas, cada um contribuirá da melhor vontade para facilitar e suavisar as agruras do serviço do seu camarada.

Ha pouco disse que a camaradagem fortalece a disciplina e a torna mais completa e mais perfeita.

E assim é. Senão vejamos o fim que tem em vista a disciplina: nem mais nem menos do que a regularidade, a boa ordem em todos os serviços e que o procedimento de cada um dos membros d'esta instituição nacional que se chama «Exército», seja correctissimo, que se imponha á consideração de todos.

Ora, a camaradagem, levando todos os individuos a facilitar pelos meios ao seu alcance a missão dos outros; procurando cada um desempenhar-se dos seus proprios deveres com a maior dedicação e boa vontade, contribue poderosamente para uma disciplina perfeita.

Todo o trabalho voluntario é mais rendoso e perfeito. Ainda n'este caso tem applicação o aforismo: *quem corre de gosto não cança*. E não póde deixar de correr de gosto toda a pessoa que tem empenho em tornar-se agradável, em fazer jús á estima e sincera amizade dos seus companheiros.

Ainda debaixo deste ponto de vista direi que cada um procurará pautar o seu procedimento de modo que a sua conducta na vida social não desmereça no conceito publico, procurando, com os seus actos irrepreensiveis, impôr-se á consideração em geral, fazendo com que as suas relações sejam estimadas e nunca detestadas ou aborrecidas.

E, pois, necessario para ser bom camarada, ser um homem de caracter; ter brio e pondunor, presando muito a sua honra e dignidade propria, que, ainda que pareça que não, vae reflectir-se na colectividade, a qual será tanto mais considerada, quanto mais dignos forem cada um dos seus membros.

Procuremos ilustrar-nos e dignificar-nos trabalhando, porque assim teremos cumprido os nossos deveres de camaradagem e disciplina.

### Normas a adoptar para que a disciplina se mantenha e fortifique

- 1.<sup>a</sup> — Cumprimento exacto de todos os deveres por parte de todos os graduados.
- 2.<sup>a</sup> — Vigilância constante destes sobre os seus subordinados.
- 3.<sup>a</sup> — Instrução completa o mais possível.
- 4.<sup>a</sup> — Repressão imediata das faltas por mais insignificantes que pareçam.

### Normas a seguir para que a camaradagem se estreite e torne efectiva

- 1.<sup>a</sup> — Lealdade, sinceridade e franqueza em todos os actos e ocasiões.
- 2.<sup>a</sup> — Uma dedicação completa, decidida e firme para com todos.
- 3.<sup>a</sup> — Trato afavel e respeitoso tanto para os superiores como para os inferiores.
- 4.<sup>a</sup> — Condescendencia e tolerancia no trato particular.

MANUEL TELES AMARO.

Capitão ajudante de infantaria n.º 12

## A BALA HUMANITARIA

O dr. Calmers, director dos hospitais de sangue estabelecidos pelo exército búlgaro na campanha em que tem andado empenhado com os turcos, escreveu um artigo em que dava a sua opinião sobre os efeitos que as novas balas causam no corpo humano, baseando-se nas variadíssimas observações a que procedeu.

Como se sabe, diz aquêlê illustre médico, em época anterior ao método antisético, toda a ferida supurava e até se exigia á sua supuração normal, «um bom e saudavel puz». Hoje em dia, pelo contrario, fazem-se todos os esforços possíveis para evitar a supuração.

Pois bem: para obter este resultado é necessario que as tropas vão providas de pequenos pensos a fim de que se possa vendar a lesão quanto antes. Além

disso, é indispensavel que tanto o pessoal inferior das unidades como os proprios soldados, tenham tido uma instrução exacta e detalhada ácerca da applicação do material de penso. Necessita-se tambem uma organisação perfeita do transporte dos feridos á estação central ou principal de pensação, onde lhe será feito um penso eficaz e duradouro.

Dêstes detalhes de organisação depende o efeito final dos projecteis, quer dizer, as consequencias definitivas das lesões que êles produzem no corpo humano.

Falemos agora dos efeitos puramente anatómicos dos projecteis modernos, supondo, ao mencionar os resultados que se possa esperar da acção médica, que haja uma organisação ordenada e sufficiente do serviço de saude.

Exige-se de um projectil que ponha fóra do combate o soldado inimigo que seja atingido por êle; mas, por outro lado, que produza esse efeito o mais humanitariamente possível, quer dizer que não produza lesões demasiadamente grandes, que seriam desnecessarias e inúteis para o resultado que se quer obter. O projectil com camisa metálica de pequeno calibre, satisfaz em parte a estas exigencias; e dizemos em parte porque produz lesões nas regiões moles do corpo que não collocam o adversario fóra de combate e porque ainda no tiro que é feito a pequena distancia, inferior a 100 metros, o orificio de entrada é pequeno, mas o de saída extraordinariamente grande. Ambos os casos, sem embargo, constituem a excepção, pois que o combate de infantaria executa-se, em regra, a distancias maiores.

As pequenas dimensões do orificio de entrada e de saída feitas com projecteis de pequenos calibres são de grande importancia para a cura favoravel da ferida. Contudo, a questão apresenta um aspecto especial, devido ás pequenas dimensões dos ferimentos produzidos por balas com aquêlê calibre.

O soldado está numa attitude determinada ao ser atingido pela bala; suponhamos, por exemplo, que a bala lhe atinge o braço tendo-o levantado e na posição de apontar com a arma, ou a perna ao correr para a frente no avanço; no momento de ser ferido, tanto o braço como a perna tomaram uma posição determinada mediante a contracção dos músculos; uma vez recebida a ferida, os músculos contraem-se e o membro toma uma outra posição.

O projectil está sempre livre de germens nocivos em virtude da temperatura que recebe ao atravessar o cano e em virtude de seu pequeno calibre e da velocidade que leva, não arrasta consigo, ao atravessar o fato, partícula alguma prejudicial que possa originar a supuração da ferida.

Assim, pois, quasi todas as lesões causadas pelos projecteis da infantaria devem-se considerar como livres de germens nocivos. Emquanto a hemorragia cessa, as extremidades do canal começam a fechar-se, pegando-se as partes que estão em contacto, com o que se diminue consideravelmente o perigo da infecção.

O dr. Calmers demonstra em seguida que a hemorragia não se deve evitar, como costumam fazer os médicos que não têm prática da cura destes ferimentos, sendo de opinião que ela deve parar por si mesma e que em geral não é demorada.

Tratando-se das lesões dos ossos do craneo causadas por projecteis da infantaria, é de opinião de que tambem tem grande importancia a pequenês das dimensões dos orificios de entrada e saída, a fim de impedir a meningite virulenta que produz a infecção.

A hemorragia nêstes casos deve-se tambem deixar fazer por si mesma, pois que a hemorragia interna ou a entrada de qualquer esquirula no cérebro podem produzir a morte em pouco tempo.

As balas que atravessam o torax só são mortais no caso de atravessarem o coração ou os grandes vasos e não implicam perigo sério todas as vezes que se possa evitar a infecção.

Emquanto ás balas que atravessam o abdomen, que dantes quasi sempre eram mortais, as lesões que agora causam curam-se com relativa facilidade por meio de um método preservativo, pois que as pequenas lesões produzidas nos intestinos fecham-se por si mesmas em virtude da musculatura dêstes.

Fazendo deitar os feridos, mantendo-os em plena quietação e subtraíndo-os algum tempo aos alimentos, curam com frequencia.

Ha, ainda, outra classe de lezões que tem despertado durante as ultimas guerras o interesse dos médicos militares, que são as lezões dos vasos e dos grandes troncos nervosos:

As lezões das veias são de menor importancia por-

que a sua corrente carece de uma pressão consideravel, cessando a hemorragia em pouco tempo.

São, pois, as artérias as que merecem maior importancia.

Em virtude da elasticidade do seu tecido, têm as artérias a tendencia para evitar o projectil que as chega a atacar e quando não o consigam inteiramente sofrem lezões que, se têm por consequencia, na maior parte dos casos, uma hemorragia sumamente copiosa, não produzem, contudo, a morte.

Em tal caso formam-se homatonas e a maior parte do sangue que saiu da artéria coagula-se e agarra-se ao tecido visinho de maneira que a corrente do sangue não cessa inteiramente e o membro nutrido por ela fica fóra de perigo iminente.

Ha casos, contudo, em que o projectil despedaça completamente a artéria e então ou sobrevivem a morte instantanea ou aparece a gangrena, que só a amputação pode evitar.

As lezões dos nervos curam-se, por meio de sutura, mas deve-se esperar 6 a 8 semanas para executar esta operação.

A guerra presente desperta grande interesse entre os médicos pelo facto dos turcos empregarem a *bala ponteaguda*, que é a primeira vez que entrou em acção em pleno combate. Como esta bala não é ainda muito conhecida algumas explicações prévias se tornam necessarias.

O projectil antigo tem a fórmula de um cilindro e a sua ponta é oval; daqui o seu nome: cilindro ogival, C-O.

A nova bala ponteaguda S (letra inicial da palavra alemã *spitzgeschass*), é formada por um cilindro e por um cone alongado.

A diferença essencial entre as duas balas reside na situação do seu centro de gravidade. No projectil C-O está situado, pouco mais ou menos, na sua parte média.

Na bala ponteaguda fica muito atraz da parte média e sómente a grande velocidade inicial que leva e o seu grande numero de rotações é que a mantem na sua trajetoria, fazendo com que não gire sobre o seu eixo transversal.

Ha ainda uma outra diferença que exerce grande influencia emquanto ao efeito da bala no corpo e é que

a ponteaguda é muito mais leve e esta leveza faz com que a sua energia, ao atravessar distancias consideraveis, diminua muito mais rapidamente do que a da C-O.

E por esta forma se explica que na actual guerra se tenham observado efectivamente muitos casos em que o projectil ficou dentro do corpo do ferido.

A tendencia do novo projectil de transladar o seu centro de gravidade para a parte da frente quando a sua ponta encontra resistencia faz com que gire sobre o seu eixo transversal no curso do canal; e, efectivamente, na maior parte dos casos foi possivel constatar, por meio dos raios Roengton, essa rotaçao, em virtude da qual a ponta do projectil tem a direcção do orificio da entrada.

A circumstancia do novo projectil ficar com frequencia no corpo do ferido torna-o menos humano do que o antigo, pois que além dos estragos que possa originar ha mais a operação especial, a que por vezes é necessario recorrer, para o extrair.

O efeito do projectil de ponta nas partes osseas não difere consideravelmente do causado pelo C-O., conclusão esta que é autorisada pelas numerosas fotografias que se tiráram; a zona de destruição é sensivelmente igual.

Pode-se porém assegurar que a bala ponteaguda não é, no essencial, menos humana, compreendendo de baixo da «humanidade» dum projectil o efeito que permite restabelecer a saude do maior numero de feridos sem que fiquem estragos duradouros.

Com relação ao projectil de artilharia geralmente usado, ha tambem algumas referencias a fazer.

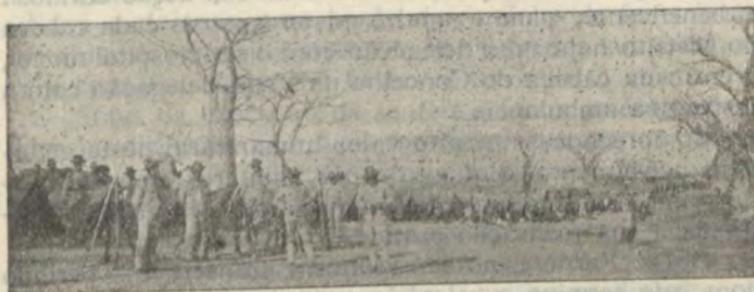
Como é sabido, o projectil consiste em um cilindro metálico ôco, cujo interior contém 280 balas de chumbo e a sua explosão produz-se a certa altura do alvo.

O efeito destas balas é muito distincto do causado pelas balas de infantaria, assemelhando se do das antigas balas de chumbo. Como a força destas balas é muito menor do que as da infantaria, ficam com muita frequencia dentro do corpo; além disso arrastam consigo particulas dos fatos e cabelos, introduzindo-as na ferida e com elas portanto germens de supuração.

E efectivamente na maior parte dos casos sobrevem toda a classe de infecções e frequentemente os tétanos temidos.

Felizmente que nas batalhas modernas a percentagem das lezões causadas pelas balas da artilharia é muito reduzida comparativamente com as causadas pela infantaria, mas aumenta consideravelmente nas guerras de fortaleza em que o combate da artilharia ocupa o lugar preponderante.

Isto mesmo se pôde observar nas batalhas da Krik-Kilisse e Lula-Burgas, por uma parte, e nos feridos que regressavam do cêrco de Andrinopla, depois das numerosas sortidas realizadas pelos turcos.



## A Cruz Vermelha Portuguesa

O interessantíssimo Boletim oficial que esta nossa benemérita sociedade acaba de publicar (n.º 5 da 2.ª série) fartamente ilustrado com excelentes fotó-gravuras e com um admirável retrato de Miss Mable T. Boardman, a alma da Cruz Vermelha Americana, despertou-nos o desejo de chamar a atenção de todos os nossos camaradas do exército para a acção humanitária e altruista desta santa e benemérita instituição, que merece ter no nosso país um mais largo e intenso desenvolvimento.

O referido Boletim abre com uma bela conferencia do nosso camarada e amigo, o sr. capitão Roquete, delegado da Cruz Vermelha Portuguesa á 9.ª conferencia internacional da Cruz Vermelha, em Washington, trabalho este que seria o bastante para o colocar entre os escritores militares de valia, se de ha muito não tivesse ali um lugar de destaque pelos seus elegantes trabalhos literários.

A seguir traz um extracto do relatório geral da conferencia internacional de Washington, feito pelo Dr. Ferrière, que muito interessa, por dar uma idéja completa

dos trabalhos desta conferencia e das suas generosas aspirações.

Por fim fecha o Boletim com alguns relatórios das delegações da Cruz Vermelha Portuguesa, e um relatório geral da sociedade elaborado, com a maior competencia e o mais sincero e carinhoso interesse, pelos illustres secretários, os nossos queridos amigos, os srs. major Santos Ferreira e capitão Roquete.

A Cruz Vermelha Portuguesa tem uma grande e nobre aspiração que se traduz no desejo ardente de ver estendida por todo o país uma rede da sua acção caridosa e beneficente, para a qual é mister que em cada cabeça de Distrito haja uma delegação com o seu hospital movel, e em cada cabeça de Concelho uma sub-delegação com a respectiva ambulancia.

Compreende-se o alto valor humanitário deste generoso pensamento, e quanto a nós, militares, importa ajudar, impulsionar, fomentar numa larga e rasgada propaganda a sua realisação pratica.

O Dr. Ferrière, no seu relatório, transcreve o periodo com que termina o relatório que a senhora condessa de Pourtalès apresentou á conferencia de Washington sobre as «Enfermeiras da sociedade de socorros aos feridos militares, em Marrocos», em 1907-8 e em 1911.

Esse periodo diz assim:

«Que mais podemos acrescentar a não ser que foi atingido o alvo dos nossos esforços, que as experiencias feitas têm de uma e de outra parte multiplicado as provas de uma *união indissolvel que deve existir entre a Cruz Vermelha e o exercito, em tempo de guerra e em tempo de paz.*»

E essa união reclamamos nós como absolutamente indispensavel para a segurança e garantia de socorros aos feridos em campanha.

E é por isso que pedimos a todos os nossos camaradas, em nome dos mais altos interesses do país e da grande obra da solidariedade humana, que em todas as terras por onde se achá espalhado o exercito em seus quartéis permanentes, se criem núcleos da Cruz Vermelha, em conformidade com os estatutos dessa benemérita sociedade.

E' um grande serviço este que os nossos camaradas prestarão á humanidade, ao exercito e á Pátria.

Parece que não devemos encarecer nem insistir mais

no que ha de util, generoso e patriótico neste pensamento. Basta recordar que a razão principal do relativamente pequeno número de mortos japoneses, na ultima guerra do Extremo Oriente, foi a bôa organização dos seus serviços médico-militares e da sua Cruz Vermelha.

Ha um episódio, referido pelos jornais de então, que bem mostra a confiança e até o orgulho com que os japoneses se referiam á sua Cruz Vermelha.

Vamos referi-lo, citando de memória, porque já vão alguns anos que o lêmos na *France Militaire*.

Conta-se que dois officiaes japoneses foram surpreendidos a destruir uma ponte de caminho de ferro á retaguarda do exército russo, e que julgados sumáriamente em conselho de guerra, foram condenados á morte.

Antes da execução da sentença foram interrogados se desejariam escrever a suas familias e que destino queriam que se dêsse ao dinheiro que traziam, que por sinal era importante.

Responderam que não precisavam escrever a suas familias, porque morrendo no seu posto de honra e pela Pátria, a Pátria velaria por elas. Quanto ao dinheiro ofereciam-no á Cruz Vermelha Russa.

Este gesto de uma tão grande generosidade em momento que devia ser bem alanciado, despertou nos officiaes russos um movimento de espanto, o que fez com que o presidente do tribunal retorquisse:—Pois não seria melhor destinar êste dinheiro á Cruz Vermelha japonesa?

Não, responderam os japoneses, a nossa Cruz Vermelha tem uma organização completa e está habilitada a preencher cabalmente a sua missão em todas as circunstancias, ao passo que a Cruz Vermelha Russa, nós o sabemos tão bem como vós, carece de todos os auxilios. E parece que isto era realmente verdadeiro.

Não mais pararam os japoneses em cuidar muito a sério dos serviços médico-militares do seu exército e de engrandecer, por todas as formas, a sua Cruz Vermelha.

E para bem se poder avaliar a sinceridade dos seus esforços, vejamos o que seja o serviço médico-militar do Japão em campanha.

Cada regimento tem 6 médicos, 15 sargentos das tropas de saude, 12 enfermeiros e 24 maqueiros.

Tem tambem 4 cantinas de ambulancia e 4 cavalos de baste com macas.

Além deste serviço puramente regimental, cada divisão tem 10 médicos, 400 homens do serviço de saúde e 100 macas.

Tem mais 6 ambulancias com 6 médicos, 50 homens do serviço de saúde, 42 soldados do trem, e 44 cavalos para bagagens.

Cada ambulancia destas recebe normalmente 200 doentes, podendo pela sua organização elástica elevar este número até mil.

Junte-se a este admiravel serviço, fartamente dotado, a acção da sua magnífica Cruz Vermelha e para logo se poderá avaliar que raros serão os feridos e os doentes a quem falte em campanha a assistencia médica.

Sua Magêstade, a Imperatrís do Japão fêz a doação, segundo afirma o nosso camarada Roquete na sua interessante conferencia referida, de cem mil yens á Associação Internacional da Cruz Vermelha para estimular os seus serviços em tempo paz.

È este facto põe bem a claro o interesse que o Japão liga a todas as coisas da Cruz Vermelha.

A Suissa, ainda segundo a exposição do nosso distinto camarada citado, deve o seu serviço sanitário em três linhas.

A primeira é constituída pelos enfermeiros da companhia (8), que acompanham a linha de fogo e fazem o primeiro penso aos feridos, que, inutilizados, ficam amarrados ás posições, enquanto a companhia avança.

A segunda é constituída por uma companhia de enfermeiros (60 a 80 homens) que pertence a cada batalhão.

Esta segunda linha põe então um penso mais cuidado pelo pessoal do hospital de sangue e transporta os feridos para o hospital de concentração.

A terceira linha é constituída em absoluto pela Cruz Vermelha Suissa que é quem tem então o maior trabalho no tratamento dos doentes.

Compreênde-se que com esta organização o soldado suíço tem tambem as maiores probabilidades de não morrer por falta de socorros médicos.

A actual guerra dos Balkans tem sido muito mortífera por deficiencia dos serviços sanitários, principalmente por parte da Turquia.

A nossa situação com referencia ao serviço de saúde em campanha não nos parece bôa, mas poder-se-ha me-

lhorar extraordinariamente, sem encargos para o Estado, se a nossa Cruz Vermelha tiver o desenvolvimento que a benemérita associação deseja, convertendo-se assim num sério elemento de protecção e auxilio para os feridos e doentes em campanha com que a nação possa contar.

E os nossos mais ardentes votos é que tão generoso pensamento se realice para honra da Pátria e prestigio e renome da alma portugêsa.

Presentemente apenas existem no país, que nós sabemos, como delegações da Cruz Vermelha Portugêsa, a de Viana do Castelo, do Porto, de Evora e do Barreiro.

A Sociedade Humanitaria da Ribeira de Santarem, e a dos Bombeiros Voluntarios de Lisbôa, são sociedades aliadas.

Já é alguma coisa, mas é muito pouco ainda.

E' indispensavel, repetimos, que com a maior fê nos serviços altruistas e humanitarios da Cruz Vermelha, se erga em todo o país uma sincêra e bem orientada propaganda, propaganda que deve ser feita pelos nossos camaradas, principalmente para que em todas as terras em que haja tropa, pelo menos, se organise já uma delegação da Cruz Vermelha Portugêsa.

Esta *Revista* sente verdadeira satisfação em pôr-se ao dispôr dos nossos camaradas para lhes fornecer todos os esclarecimentos, todas as indicações, todos os preceitos estatutários, para que se realise a efectivação desta aspiração magnanima e cujo alcance patriótico é do mais extraordinario valor.

---

## Secção do estrangeiro

**França.** — Efectivos mobilisaveis — A França, em caso de guerra, pôde mobilisar 4.500.000 homens, numero este um pouco inferior ao dos combatentes alemães.

No primeiro dia de mobilisação, 800:000 reservistas se unirão aos 600.000 homens do exército activo e 4 dias depois 1.400.000 devem estar a caminho da fronteira de Leste e cuja concentração deverá estar concluida 15 dias depois do rompimento das hostilidades, principalmente á retaguarda da linha de fortificações de Verdun-Belfort, tendo em conta que um corpo do exército com um efectivo de 40.000 homens necessita 110 comboios de 50 vagoes e pelo menos 6 dias de trabalho. Os caminhos de ferro estrategicos estão em condições de satisfazer a estas exigencias.

A retaguarda deste poderoso exército 1.400.000 reservistas mais velhos serão mobilizados 4 dias depois da declaração de guerra.

Estas tropas, consideradas como excelentes, segundo a imprensa francesa, por serem constituídas por indivíduos que receberam instrução militar e que a continuaram por períodos posteriores de 17 a 23 dias, constituem o exército de 2.ª linha. E o total de todos, ou sejam 2.800.000 homens, compõem o exército de primeiro encontro.

A eles há ainda que juntar 1.700.000 homens territoriais, uteis para guarnecer as fortificações de 2.ª linha e especialmente Paris, assim como para guardar as linhas ferreas e depósitos de munições e de material de todas as classes.

As dificuldades de mobilisação são insignificantes, comparadas com as dificuldades que surgirão para alimentar e municiar essas massas de homem.

Calculando em 800.000 homens de cada lado da 1.ª linha, serão necessários 2.000 comboios para levar diariamente viveres e munições e o êxito dependerá em grande parte da boa organização dos serviços administrativos.

Como porém fica dito, o exército activo apenas comporta 600.000 homens, sendo o restante dos efectivos constituído por reservistas. E como o exército alemão pelas novas leis apresentadas ao parlamento passa a ter o efectivo activo de cerca de 900.000 homens, os franceses, para não ficarem numa inferioridade de 300.000 homens, viram-se obrigados a voltar ao serviço de 3 anos, pois que retendo nas fileiras mais um contingente é esse efectivo activo elevado a cerca de 800.000 homens, ficando portanto os alemães com uma superioridade de uns 100.000 homens.

**Instrução militar preparatoria.** — Em França existem actualmente 1.200 sociedades para dar instrução militar á juventude. Nestas escolas educam-se 5.000 mancebos, que ingressam depois no exército com os seus diplomas.

No ano passado foram promovidos a cabos 1.207 soldados, pertencentes a esta classe, e a sargentos 534, sendo classificados como officiaes de reserva 100.

**Experiencias de tiro contra aeroplanos.** — No campo de Chalons fizeram-se experiencias de tiro contra alvos representando aeroplanos com o fim de se conhecer da sua eficacia.

Para representar os aeroplanos elevou-se a 200 metros d'altura um papagaio que era arrastado por um automovel marchando com uma velocidade de 60 kilometros á hora

Sobre esse alvo fizeram fogo duas secções de infantaria de 50 soldados, á distancia de 800 a 900 metros, disparando 9 tiros cada soldado.

O alvo tinha 6 metros de comprimento por 7 de largo e apenas foi atingido por 12 balas ou seja 1,3 por cento.

Noutra experiencia este numero baixou a 1,2 por cento contra um alvo de dimensões menores.

Tambem fizeram experiencias com metralhadoras, mas os resultados não foram satisfatorios.

**Austria-Hungria** — As mulheres no exército. — Se-

gundo informou a imprensa austriaca, vai ser estabelecida no exército deste país o serviço feito por mulheres.

Em virtude dessa orientação serão admitidas mulheres em certos estabelecimentos de administração militar.

Como ensaio serão admitidas apenas 40 mulheres e se os resultados forem satisfatórios o emprego das mulheres será então generalizado rapidamente.

Servirão elas para substituir os homens no serviço de saúde, depositos de fardamento e roupa branca e fornos de campanha.

Tambem serão empregados nas companhias de artífices militares e nas estações de aprovisionamento dos caminhos de ferro.

A reforma neste sentido orientada prende-se na questão económica e na razão de que já existem mulheres nos hospitais como enfermeiras diplomadas, onde prestam bons serviços.

**Alemanha.** — O maior canhão do mundo, — Nas oficinas de Essen, da fabrica Krupp, fabricou-se há pouco uma peça de calibre superior a todos os conhecidos e empregados até hoje.

A nova peça tem 0<sup>m</sup>,375 de calibre, um comprimento de 20 metros e um pezo aproximado de 102 toneladas.

O projectil peza 742 kilos e necessita 310 kilos de polvora para a sua carga.

A velocidade inicial é de 830 metros e o projectil ao sair da bôca é caqaz de perfurar uma chapa de aço de 1<sup>m</sup>,340 de espessura.

**Grecia.** — Serviço militar. — O serviço militar neste país passa a ser obrigatorio a partir da idade dos 20 anos e durante um periodo de 30, sendo apenas excluidos os incapazes fisicamente e os condenados a prisão maior celular.

As situações são as seguintes: 2 anos no serviço activo; 10 anos na reserva; 8 no exército territorial e 10 na reserva deste.

Os dispensados do serviço em tempo de paz fórmam parte do exército territorial, no qual passam 20 anos e 10 na sua reserva.

---

## CONSULTAS

---

23.<sup>a</sup> — Os primeiros cabos que foram propostos para tomar parte numa escola de recrutas, como sargentos, nos termos do art. 15.<sup>o</sup> do regulamento para as escolas de sargentos de 26 de novembro de 1912, terminando as provas de que trata o referido artigo, são promovidos a sargentos para os quadros permanentes das diversas armas e serviços? Em caso afirmativo, onde está regulamentado a revogação do art. 455.<sup>o</sup> do decreto de 25 de maio de 1911?

*O art. 15.<sup>o</sup> do regulamento para as escolas dos sargentos a que se refere diz, entre outras cousas, o seguinte:*

*«Obtida boa informação do júri, poderá o candidato ser promovido ao posto de sargento».*

*Ora, «como o candidato poderá», as condições futuras de que*

*depende este verbo, deverão ser regulamentadas muito breve; e, para estar de acôrdo com o art. 455.º que cita, é de esperar que o actual regulamento da escola de sargentos seja profundamente modificado no sentido em que actualmente se interpreta.*

24.ª — Num refeitório de sargentos, na ocasião da formatura para uma das refeições, concorrendo a essa formatura 2.ºs sargentos e musicos de 1.ª classe, quem deve assumir a presidência, o musico de 1.ª classe mais antigo ou o 2.º sargento mais antigo?

*Pelo forma como está redigida a circular n.º 1961 da Repartição do Gabinete da Secretaria da Guerra, de 21 de dezembro do ano findo, não fica duvida alguma de que deverá presidir á refeição o musico de 1.ª classe mais antigo.*

25.ª — Havendo num regimento rancho dos sargentos e não havendo sargentos arranchados, qual a norma que deve ser estabelecida nesse regulamento para a nomeação do gerente? Caso tenha de entrar um sargento desarranchado, deve arranchar para fazer esse serviço? Caso afirmativo, onde se acha determinado?

*Nessa situação de momento, o comandante da unidade procederá como fór de melhor critério, não tendo necessidade de obrigar a arranchar o gerente. Num corpo, onde já se deu esse facto, o comandante nomeou os vogais da comissão por escala, atendendo ás folgas deste serviço, não obrigando o gerente a arranchar, visto não estar previsto o caso, em tudo semelhante ao do consulente.*

26.ª — Qual é a circular ou ordem que autorisa os chefes das estações de caminho de ferro a prender qualquer militar portador de requisição de transporte, mas sem guia de marcha ou passaporte de licença, para perguntar pelo respetivo bilhete?

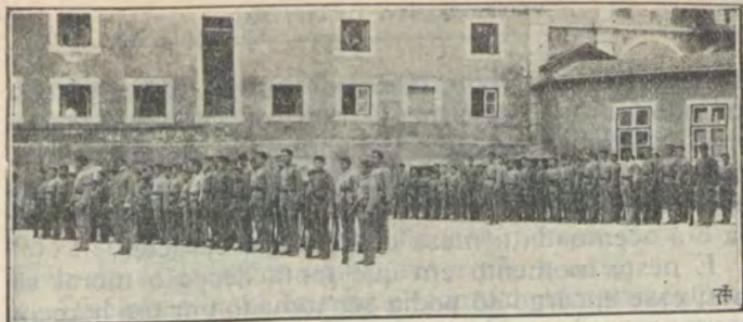
*Desde que a requisição vá legalmente preênhida e selada, na estação não têm mais do que satisfazer-a. Em parte alguma está determinado que os chefes de estação possam exigir a guia ou passaporte para confirmar a requisição de transporte. Quando assim procedam cometem uma arbitrariedade.*

27.ª — Havendo num regimento um quarto com uma cama e destinada aos sargentos de dia; e havendo cabos que agrupam nesse serviço, desejo saber: Quando esses cabos estiverem de dia, devem dormir no mencionado quarto ou na caserna?

*Não devem dormir nesse quarto que, sómente, se destina aos sargentos.*

28.ª — Deve ou não ser averbado na casa dias sem vencimento do registo da c/c de fardamento das praças de 2.ª classe o numero de dias em que as praças estejam com baixa nas enfermarias regimentais?

*Não se deve lançar (art. 10.º do regulamento para o abono de vencimentos ás praças de pret do exercito, aprovado por D. 3-3-904).*



16.º ANO

JUNHO DE 1913

N.º 6

# REVISTA DE INFANTARIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — Empresa da Revista de Infantaria

Composição e impressão na tipografia da Cooperativa Militar

## REGULAMENTO DISCIPLINAR

As mesmas causas produzem sempre os mesmos efeitos. Com a revolução francesa a disciplina do exército d'aquela nação sofreu um abalo tremendo. E tão grande foi êle, como o acentua o general Pedoya, no seu livro, *L'armée évolue*, que para se pôr depois as coisas no seu verdadeiro pé foi necessário recorrer a repressões violentas, tremendas, sem trégua e sem quartel.

Ninguém pôde pois estranhar que entre nós succedesse coisa parecida depois do 5 d'outubro. Foi uma revolução militar, social e politica como aquela, e, portanto, para ser grande como aquela, até na indisciplina que deixou no exército era necessário que fôsem parecidas.

Mas não façamos confrontos e vamos aos factos. O enfraquecimento da disciplina mililar deu-se. Ninguém o ignora, todos o sabem. Mas não se podendo na ocasião evitar o facto, porque êle era em si inevitavel, decorridos quasi 3 anos depois desse acontecimento, era tempo de se tentar vigorá-la de novo e de forma a torná-la sã e robusta como é necessário para o prestigio do exército e da República.

Essa tarefa pertence ao illustre detentor da pasta

da guerra, Snr. Major Pereira Bastos. Sua Ex.<sup>a</sup> assumindo para si esse papel mostrou bem claramente uma qualidade que bem lhe conhecem os que teem a honra de com Sua Ex.<sup>a</sup> lidar de perto, qual é a de saber aliar os seus profundos conhecimentos á sua energia e á acentuada firmeza do seu belo character.

E neste momento em que tanta deceção moral se nota, esse encargo só podia ser tomado por um homem que reuna todas essas qualidades e predicados.

O valor destas nossas afirmações estão bem patenteadas no novo Regulamento Disciplinar, que é um diploma que encara desafortunadamente de frente com todas as dificuldades, sem tibiezas e fraquezas, que tornam grave a doença disciplinar de que vem enfermando o exército.

Até aqui, e em verdade com bastante razão, todos desculpavam o seu proceder, o seu *laissez aller*, com a falta de disposições regulamentares que dessem aos chefes a competência sufficiente para reprimir um certo número de faltas.

Essa razão, em face do novo diploma, não se póde alegar. No entanto, nós que já estamos no periodo de conhecer as causas e descrever dos homens, alimentamos o receio de que outras, e talvez mais perniciosas, ainda venham a ser apresentadas como desculpa.

E quer o leitor saber em que fundamentamos a nossa desconfiança? Dias depois de proclamada a República vimos nós percorrendo as ruas da capital várias forças armadas. E se então notámos que algumas marchavam por uma forma desconcertada que infundia lastima, justo é dizer-se que de vez em quando algumas se viam que iam seguindo aos seus destinos com um aprumo a que nada havia que dizer.

Indagando a causa, o proprio observador da rua reconhecia que se estes marchavam assim é porque ia á sua frente alguém que abstraia de politica e que apenas desejava cumprir *honestamente* com os seus deveres. E esta honestidade era reconhecida pelo simples observador da rua pelas leves recomendações que de vez em quando os chefes faziam aos seus subordinados.

Quem quizer fazer o diagnostico da doença disciplinar do exército não tem simplesmente que observar os regulamentos e certas circulares que pelo Ministerio da Guerra fôram publicadas, mas deve tambem auscultar

com cuidado o estado patológico ou mental de todos aqueles que tem por obrigação executar essas leis.

A honestidade do cumprimento do dever já nos mostrou que para alguma coisa serviu dias depois da revolução. Se de então para cá ela se tem ou não mantido não procuraremos nós indagar, porque essa tarefa compete às estações superiores e não a nós.

Disciplina é o estrito e pontual cumprimento do dever, diz o proprio regulamento. Quem quizer estudar a causa da falta da disciplina que se nota deve procurar saber quem é que cumpre ou não com o seu dever, porque a indisciplina dum exército pôde ser filha de tres causas diversas que pôdem atuar juntas ou separadamente.

A primeira causa pôde ser motivada pelo proceder, pelas determinações, pela orientação e até pela falta de apoio que as estações superiores derem aos chefes responsaveis. A segunda pôde residir na falta de cumprimento do dever por parte desses chefes. E finalmente a terceira pôde ser filha da falta do dever da mssa subordinada do exército, do soldado.

Na conjuntura presente quase toda a gente atribue as faltas ao soldado; alguns, poucos, as atribuem aos officiais, e raros são os que as atribuem às estações superiores. E no emtanto quem menos culpa tem é quem mais culpa leva. Os soldados, convençam-se todos, são como os fazem, procedem como os educam.

O que unicamente se precisa para que a disciplina se restabeça é que haja uma orientação constante e uniforme e inteira e completa unidade de vistas entre as estações superiores e os chefes responsaveis.

O novo regulamento disciplinar rasgou e bem amplamente um vasto horisonte e pelo qual se pôde marchar firme e resolutamente. A indisciplina até hoje tem sido *consentida*.

Cumpram, pois, todos com o seu dever e que as estações superiores não faltem com o necessário apoio áqueles que dele necessitam e a disciplina do exército será restabelecida sem ser necessário recorrer ás represões violentas de que fala o general Pedoya.

Com juizo, criterio e honestidade da parte de todos no cumprimento dos seus deveres será o bastante para que o doente de membros desconjuntados fique são e vigoroso.



## A instrução técnica dos oficiais

Confronto entre os métodos de instrução adoptados na Escola de Guerra portuguesa e nas escolas de Espanha

Os estudos completos já feitos da última guerra russo-japonesa e alguns pormenores já conhecidos da emocionante campanha dos Balkans mostram-nos que não basta possuir material de guerra em abundancia e fazer derramar sangue a jorros, com o maximo desprezo pela vida, para se alcançar a vitória. São os factores morais que imperam sempre como idéia sublime que é preciso divulgar e insistir cada vez com mais ardente vigôr para fazer arrancar da indiferença as nações que vivem entorpecidas pelos efeitos anestésicos de uma longa paz. E assim, quando fazemos o confronto da nossa preparação para a guerra, não diremos com as grandes potencias militares, como a Alemanha, a França, a Austria e a Italia, mas com a nossa vizinha Espanha a que pouca gente se dá ao incomodo de prestar alguma atenção, depois do desastre de Cuba, vemos quão longa é a *étape* que temos a percorrer para que a instrução profissional dos nossos officiais esteja a par da que ali se executa. Não queremos contudo dizer que o official português não dispenda uma soma consideravel de energia, na applicação das suas multiphas aptidões; achamos porém lamentavel que na generalidade, essa energia seja malbaratada com uma orientação que não é certamente a que corresponde a uma preparação capaz para a guerra. O official português é uma vítima constante da falta de Escola Prática, não tem quem o oriente, sãe da Escola Militar atrofiado, maldizendo o tempo que o fizeram perder inutilmente num apêlo vio-

lento e constante á memória. Mas queremos com isto dizer que os mestres e educadores não têm competência profissional? De forma nenhuma; tem aquela que lhes dêram e que elles procuram aperfeiçoar a seu modo no meio onde tiveram de viver, acorrentados geralmente aos mesmos processos rotineiros. Nem pode haver melhor escola n'um país, onde durante um século floresce o egoísmo individual e se perdem todas as noções de estímulo colectivo. E o caso que se dá entre nós agora, não é único, deu-se sempre em todas as épocas, desde que ha homens sobre a terra e elles têm escrito a história dos seus antepassados. A luta a favor do individuo que melhor possa contribuir para o bem comum, essa não se desenvolve, mas sim a



Alunos da Academia de Toledo, executando trabalhos de fortificação.

que tenha em vista dar garantía de uma determinada conveniencia pessoal. Reparem bem no que se está passando ha tantos anos na vida portugueza e verão que é exactamente o mesmo que se deu na Prussia antes de Iena, na França, antes de Sédan, na Servia, antes da Austria anexar a Bosnia e a Erzegovina e na Espanha, antes da derrocada de Cuba. Por isso, todos que têm a fatalidade de compreender conscienciosamente o estado social da nacionalidade portugueza, sentem de certo as maiores amarguras ao recordarem-se da calamitosa situação que teremos de atravessar, quando, por ventura lhe seja aplicado um dia o único remédio eficaz que nas outras nações tem produzido os efeitos verdadeiramente salutaes. E' por isso que quando temos lançado mão da pênna para reagirmos contra a indiferença que se nota pela desorientação seguida na instrução profissional dos quadros do nosso exército,

nos lembramos sempre das proféticas palavras de S. João Batista *Vox clamantis in deserto*.

\*

\* \*

Dizíamos que pouca gente procura conhecer o que se passa nas Escolas Militares de Espanha, pois como se sabe, a nossa vizinha tem de ha muito academias instaladas fóra de Madrid e tantas quantas as armas e serviços do exército.

Assim a Escola de Infantaria acha-se ricamente instalada em Toledo, onde se dispõe do melhor material para o ensino prático do tiro e armamento e de terrenos vastíssimos para a instrução tactica; a escola de artilharia está em Segovia, onde ha excelentes parques de material de montanha, de sitio, de campanha e ainda baterias de morteiros, onde os alunos fazem frequentemente um largo tirocinio; a escola de cavalaria, de Valadolid é tambem digna de ser visitada; mas aí encontra o futuro official todos os recursos para desenvolver as suas aptidões do que precisa um official de cavalaria, na moderna accepção da palavra. O acrobatismo equestre quando se aperfeição, é sempre sem o esquecimento da profissão mais delicada do cavaleiro na guerra moderna. A engenharia tem a sua escola em Guadalajara, onde o aluno encontra tudo quanto necessita para a sua instrução técnica aperfeçoada; a administração tem em Avila a sua escola de Intendencia Militar.

Mas façamos agora o confronto entre o que se ensina na Escola de Guerra portugüesa, e o que se exige nas Academias hespanholas. Para isso basta que transcrevamos os programas, especialmente dos cursos de infantaria e de artilharia. E depois diremos alguma coisa ácerca da forma como se orientam os cursos de tiro para officiaes nas escolas práticas e qual é o character da instrução nos regimentos. E' claro que a execução desses programas só pode ser uma realidade quando os estabelecimentos de ensino estejam instalados próximos de terrenos que permitam uma tão útil e justificável orientação e por isso se compreende bem que entre nós se pense em instalar a Escola de Guerra fóra de Lisboa e emquanto não seja possível instalar as academias junto das respectivas escolas práticas das armas, é muito aceitavel a idéia que tem alas-

trado e que encontrou no exército um *acolhimento unânime*, de se instalar a Escola de Guerra, já no próximo ano lectivo, nas dependências da antiga Escola Prática de Infantaria, em Mafra. Aí se encontram todos os recursos indispensáveis para receber os alunos, futuros oficiais do exército, com os terrenos precisos para os exercícios de todas as armas e fogos de guerra de infantaria e de artilharia; se bem que se julgue mais conveniente instalar a Escola de artilharia em Vendas Novas ou em Alcochete o que as circunstancias do tezouro não permitirão por agora. E assim, ainda que tardiamente, proceder-se-á como em todos os países onde se cuida que a instrução profissional dos oficiais tem de ser orientada por processos tão



Os alunos da Academia de Toledo, passando um mês no acampamento

proximos quanto possível da realidade dos campos de batalha. Mas já temos ouvido aventar a objecção de que pelo facto da Escola de Guerra ser deslocada da Bemposta, não mudarão os processos de ensino, a não ser que mudem tambem os mestres. Até certo ponto temos a convicção de que assim não deva succeder, e muito menos succederá quando os officiaes comecem a ser enviados ao estrangeiro com mais assiduidade e sejam obrigados a vir dizer aos seus camaradas quais as impressões do que viram lá fóra; quando se fórme uma certa corrente de progresso, certamente os métodos de ensino hão de mudar, quando sejam tambem devidamente fiscalizados, como aliás tem de succeder em todos os outros ramos da instrução pública em Portugal. E' assim tambem que se faz em Espanha: os officiaes do exército do reino visinho vão frequentemente em missão de estudo, ao estrangeiro, e no regresso não

só são obrigados a fazer uma conferencia para transmitirem aos seus camaradas as impressões que trazem, mas ainda fazem um relatório de um determinado assunto sobre que o ministro lhes chamou a sua atenção.

Mas a instrução do official não se completa nas academias teórico-práticas, é aprimorada com todo o cuidado nas escolas práticas de tiro onde os infantes permanecem nove meses na secção da escola central de tiro de Madrid, e os artilheiros um ano na secção respectiva da mesma escola.

Os officiaes de Estado Maior passam tambem alguns meses pela Escola Central de tiro.

Vejamos agora como se emprega o tempo no estudo experimental da Escola de Guerra portugueza, e que pouco difere da época da sua fundação. Dedicemos mais especialmente a nossa atenção á infantaria. Vejamos o que se passou no presente ano lectivo.

#### Trabalhos de applicação — Curso de infantaria — I Ano

a) Copiar uma carta e alguns perfis de terreno.

b) Problemas de balística no vacuo e no ar.

(Nesta altura do ano ainda os alunos não tinham feito o estudo teorico da balística no ar).

c) Desenhar e aguarelar uma culatra; estudo sucinto e comparação com a da carabina 6<sup>mm</sup>,5 m/1896.

d) Um problema de tática subordinado ao seguinte tema, com uma execução preliminar de:

Avaliar a area occupada pelas seguintes formações:

1 — *Infantaria* — Batalhão em: linha desenvolvida, coluna de batalhão, coluna de marcha, linha de colunas, com os pelotões de costado.

2 — *Cavalaria*, grupo de esquadrões, em: linha desenvolvida, coluna de pelotões, massa, linha de pelotões.

*Artilharia* — Grupo de baterias em: coluna singela, linha dobrada, formação de combate.

Com os calculos numericos os alunos apresentarão os schemas das formações na escala que lhes for indicada.

Resolver sobre a carta o seguinte problema tático:

*Hipótese geral* — Forças do partido vermelho occupam as posições das linhas de Torres.

Forças do partido azul occupam Setubal.

Uma coluna de tropas de todas as armas marcha sobre Cezimbra.

*Hipótese particular* — Um destacamento composto por I batalhão de infantaria, I grupo de esquadões, I grupo de 2 baterias está concentrado em Almada e recebe ordem para proteger as fortificações da margem S. do Tejo e impedir que o inimigo se apodere das posições da mesma margem em frente de Lisboa.

Pede-se:

- a) Redacção da ordem de marcha para o destacamento.
- b) Determinação da posição a ocupar para realizar o fim proposto.
- c) Redacção da ordem para o estacionamento.
- d) Estudo do estacionamento.



Officiais da Escola Superior de Guerra, de Madrid, em trabalhos de campo

O leitor, depois de ler todo este programa de trabalhos de aplicação, em que se consumiu uma grande parte do ano lectivo, não duvida da autenticidade das nossas afirmações, pois que também passou pela Escola de Guerra e sabe bem qual é a orientação geral que se tem transmitido através das gerações sucessivas.

Da leitura dèste programa resalta logo a toda a gente quão delicioso foi o tempo perdido no desenho de culatras, quão diversa deveria ser a orientação seguida na escolha dos problemas balísticos e como houve também não só perda de tempo em avaliar areas de formações, como ainda se vê imediatamente a falta de uma graduação de trabalhos tacticos de resolução muito simples que permitam preparar o alumno para a redacção de ordens

das operações de um destacamento mixto, com a agravante de se operar num terreno difficil, onde os proprios mestres se haviam de vêr em situação embaraçosa para satisfazerem cabalmente á exigencia tão vagamente formulada no programa. E' para lamentar que a instrução publica em Portugal continue sem fiscalização de espécie alguma, o que faz tornar estereis todas as reformas de instrução, por falta de methodos de ensino.

E para que sobresaíam mais intensamente as côres do quadro que deixamos mal esboçado, faremos o confronto com o que se passa no país visinho e veremos sobressahir o perfeito contraste com uma intensidade verdadeiramente assombrosa.

(Continúa)

C. S.

## A PREPARAÇÃO MILITAR EM PORTUGAL

E  
Factores morais dos exércitos

*Conferencia realizada na Sociedade de Geografia em 5-4-1913*

### A situação da Espanha em face das alianças

Na conferencia que ha dias tive a honra de efectuar nesta sociedade puz em evidencia os notaveis progressos que se acentuam no exército espanhol. Tive occasião de vos dizer que depois da guerra hispano-americana o país visinho sentiu resurgir as suas antigas energias e manifestou-as na convulsão porque passou em 1909 na campanha do Riff e desde então o problema da defêsa nacional tem preocupado seriamente a atenção pública. Se durante um século a Espanha não teve politica exterior, ella compreendeu a tempo que não devia adormecer na mais completa indiferença, á espera que um novo desastre a fizesse quebrar o seu comodismo e passou a preocupar-se com a grave situação que se desenha na Europa central, ou tendo talvez em vista um outro fim a que já aludí na minha conferencia anterior. Já tive occasião de vos indicar factos concretos que mostram á evidencia como aquella nação pode mobilisar rapidamente 500:000 homens armados, instruidos nos modernos processos de fazer a guerra. Além da organização do seu exército, mos-

trâmos ainda como a Junta Nacional de Defêsa se manifestou ácerca das características da nova esquadra e como se prepararam e melhoraram as importantes bases navais de Ferrol Baleares, Cartagena e Cadiz.

Dias depois de ter realiado a minha conferencia tive occasião de lêr um artigo sensacional publicado no *Heraldo* de Madrid, em que se faz uma larga apreciação ácerca da situação da Espanha em face da política das alianças. Aí se vê claramente justificada a aliança da Espanha com as nações que formam a *entente* com o Reino Unido. E



Exercícios com metralhadora Maxim armada no tripé

entre outros factos citam-se os seguintes justificativos dessa aproximação :

«A raíz del convenio anglo-francés (abril 1904) y del acuerdo franco-español (octubre 1904) la diplomacia alemana hizo considerables esfuerzos por separar á España de Inglaterra, y si entonces nada logró, menos parece que haya podido lograrlo después. La entrevista de Cartagena, la boda regia y otros sucesos de menos importancia, pero significativos, como la construcción de la esquadra por una Sociedad anglo-española, afirman — para los no iniciados al menos — la creencia de que nuestra posición internacional esta, si no decidida, en vias de serlo al lado de Inglaterra y de Francia».

Mas depois vemos logo repelir como uma afronta a idéia de que a Espanha entre nêsse acôrdo só pelo facto de pôr de parte o perigo de uma aggressão que possa ser recebida dessas nações e antes se considêra de maior necessidade e urgencia a execução do programa naval, o artilhamento dos portos e preparação das forças terrestres para uma pronta mobilisação e concentração.

Em resumo, a Espanha altiva e conhededora, pela dura experiencia da derrota, das necessidades da defêsa nacional, diz por intermédio da sua imprensa: de *forma nenhuma queremos gosar dos beneficios associativos sem o reconhecimento previo e cumprimento dos nossos deveres.*

E a forma como a Espanha cumpre a sua promessa ficou já demonstrada na série de factos que tive a honra de vos expôr na minha ultima conferencia.

**A primeira preocupação de Portugal deve ser valorisar os seus recursos. — A nossa verdadeira aliança em que deve consistir. — O espirito ofensivo.**

Tratamos agora do nosso país, deste *enfant gâté* da naturêsa, que, apesar dos seus habitantes se terem mostrado verdadeiramente incorrigiveis em questões de defêsa nacional, tem conseguido, durante um século, atravessar uma existencia, quasi despreocupada, para com o estrangeiro.

Todos que conheçam a historia politica e militar de Portugal, esse trabalho brilhantissimo de Latino Coelho, lá encontram a afirmação por ele feita de «que o nosso país nunca foi lesto em madruguar para as proveitosas invenções e descobrimentos na ciencia militar. E de facto, segundo o velho e damnoso costume portuguez, de pen-durar as armas e deixar que se embotem e enferrugem apenas o perigo é já passado, as nossas instituições e forças militares teem atravessado periodos de lastimosa decadencia. A paz, que é o fecundo ambiente da riqueza e do fomento da cultura, tem contudo o senão de amortecer a energia nacional. A guerra levanta e enaltece os espiritos da nação durante largos anos reclinados no seio carinhoso da paz ininterrupta».

Mas é certo que se tem tambem visto em todas as épocas quanto valem os soldados portuguezes, quando submetidos a um comando activo, zeloso, inteligente, sa-

bedor, quando estimulada a nativa indolencia meridional pelos milagres portentosos da instrução e disciplina.

Portugal é por indole e tradição um povo guerreiro e os seus revezes militares teem tido por causa, geralmente, a desidia e negligencia dos governos que teem presidido nas épocas diversas aos destinos da nação.

Quem aprecie a nossa história militar, durante a ultima dinastia, encontra a plena justificação do que afirmamos e se por vezes as nossas forças militares atingiram um alto valor com a orientação que lhes foi dada por estrangeiros como Shomberg, o jesuita Cosmander, Lippe e Beresford é certo que algumas vezes alcançamos verdadeiros padrões de gloria, completamente entregues ao nosso destino e sem estendermos a mão suplicante á Inglaterra para vir salvar-nos das consequencias de indesculpaveis desvarios.

Quando surge á frente dos negocios do Estado um nome de rara actividade e energia como um conde de Castelo Melhor e mais tarde um outro como Pombal, — que apesar de não ser um general soube preparar a defesa do paiz entregando-a a um caudilho experimentado que veio comandar em chefe um exército em completo estado de desorganisação e anarquia — alcançam-se vitórias memoraveis e o brio nacional sente-se reviver em façanhas épicas.

Nas campanhas da guerra da successão quando o nosso exército é manobrado por generais com o espirito empreendedor e dispostos a uma offensiva enérgica como foi o Marquez das Minas ou o Conde de Vila Verde, ainda nos podemos gloriar de vermos as armas portuguezas brilhar ao sol rutilante das vitórias.

Mas todos conhecem de certo a história pátria, é ocioso repeti-la para vos lembrar a tendencia natural de improvisarmos os recursos, quando o inimigo se apresenta na fronteira ou já se tem apoderado do territorio nacional.

Tem Portugal dado provas de que sabe combater em lances dificeis, quando entregue completamente aos seus proprios recursos e haja uma competente direcção superior. Embora respeite muito as opiniões dos que intendem que se deva definir as condições da nossa aliança com a Inglaterra, parece-me todavia que a primeira coisa a fazer é valorisarmos os grandes recursos com que a natureza nos dotou.

Quando em Portugal haja a verdadeira convicção,

não do que valem, mas do que podemos valer, como succedeu nessa florescente Republica Argentina, que devemos tomar para exemplo, hão de ser os outros países que hão de desejar a nossa aliança; tanto pela nossa excelente situação geographica, como pelo valor tantas vezes comprovado dos nossos soldados, que, no dizer de Latino Coelho, parecem-se com os «pomos persicos, que melhoram em sabor quando transplantados a alheias regiões».

Não preciso citar factos conhecidos, que podem ser tomados á conta de retalições, para justificar até que ponto podemos contar com o auxilio extranho e as amarguras que êle por vezes nos tem custado. E tudo isso só confirmaria o que disse um distinto escritor:

«As nações pequenas só pôdem ter uma aliada segura e poderosa: — a sua dignidade, que dá a altivez perante os insultos, a bravura no combate ou o desprezo altivo da morte, quando não sustem as injustiças e a cubiça dos poderosos. No povo portuguez encontram-se as qualidades excepcionais de bravura de que há a esperar sempre os mais nobres atos de dedicação e de civismo.»

Por isso julgamos que a verdadeira aliança consiste em unir todos os corações na mesma vontade firme de vencer, para que na frente do perigo todos nivelem o peito perante as balas do adversario. E' este o procedimento que está seguindo a nossa visinha Espanha, que só deseja ligar-se ás nações do triplice acôrdo, quando possa garantir-lhes algum apoio.

Muitas considerações se têm formulado tambem no nosso país ácerca dos planos de defêsa concentrada. Quasi toda a gente liga a idéia de defêsa do país a uma ação de defensiva-passiva, sem se lembrar de que Napoleão e os grandes generais de todas as épocas nunca mediram as vitórias pelo numero, mas sim pelo espirito de audacia e de força moral adquirida pelos combatentes na conveniente preparação para a guerra. Ainda que se considere como uma necessidade axiomática da organização da defêsa concentrada tão desenvolvidamente tratada na obra admiravel do sr. general Sebastião Telles, não devemos contudo supôr que se ponha de parte a idéia de fazermos desenvolver nas nossas tropas o espirito empreendedor da offensiva, pois toda a gente já tem visto nos nossos dias que só faz a guerra quem ataca. Em 1704, as nossas tropas, em condições pouco favora-

veis, mas comandadas pelo general audacioso que foi o marquês das Minas, entrou em Espanha e chegou até Madrid. E', pois, uma das primeiras necessidades morais a atender no nosso exército: fazer desenvolver nos chefes o espirito da iniciativa e da unidade de doutrina; orientarem a sua instrução no sentido do combate ofensivo.

**Os factores morais e as finanças publicas. — O tempo de serviço nas fileiras deve garantir a instrução, a educação e disciplina das tropas**

Mas no problema da defêsa nacional há a considerar dois factores perfeitamente distintos e até certo ponto quasi independentes e são êles: os factores morais e os factores materiais. Os primeiros podem, em grande parte, ser cuidados independentemente do estado allitivo das finanças publicas.

Quem queira encarar de frente este aspecto do problema, basta que desenhe na imaginação esses quadros emocionantes suggestionados pelos ensinamentos das duas grandes guerras dos nossos dias: a russo-japonêsa e a que está sendo liquidada nos Balkans para se conseguir retalhar o poderoso imperio turco.

Nota-se nestas guerras, que, apesar dos consideraveis progressos do armamento e da técnica moderna, o homem é ainda o primeiro instrumento do combate. Da mesma fórma que noutras épocas, os factores morais conservam uma importancia predominante. São preciosos a coragem e o espirito do sacrificio, mas não bastam; apenas o sentimento de uma instrução militar sufficiente em todos os elementos do exército dá a confiança em nós proprios e nos outros, o que constitue o factor indispensavel da ofensiva e dos successos que só esta póde garantir.

E' por isso que as leis de recrutamento devem garantir não só o tempo preciso para que o soldado se instrua, mas tambem se eduque e discipline.

Pela instrução dá-se aos executantes o conhecimento do seu papel e a compreensão das necessidades dos outros, bases indispensaveis para uma iniciativa. Deve-se garantir ao combatente que este tenha tido a instrução sufficiente para se lhe garantir a compreensão das realidades do campo de batalha. Na guerra moderna, o soldado fica constantemente fóra da ação dos chefes, entre-

gue á sua iniciativa e assim a França compreendeu que tinha errado passando a dois anos o tempo de serviço militar e a Espanha tambem viu na campanha do Rif que devia elevar a dois anos o tempo minimo em que o soldado se conserva nas fileiras do exército activo. Mas o tempo de serviço militar tem de contribuir em grande parte para a educação, por ser esta que desenvolve as qualidades morais, a coragem e a vontade, a disciplina, a abnegação necessaria para se executar o pensamento de outrem, o espirito de sacrificio e da solidariedade e,



A mesma metralhadora no reparo

sobretudo, a vontade firme de arriscar a vida até ao ultimo esforço, até ao ultimo alento para aniquilar o adversario. Esta educação leva o soldado a dominar no tumulto do combate, ainda mesmo fóra da vista dos chefes, os sentimentos naturais de conservação pessoal que são inatos no homem. E' pela educação que se cultiva o patriotismo ardente, uma disciplina inabalavel, o espirito militar desenvolvido na vida em comum e conhecimento reciproco dos chefes e subordinados, o que faz enraizar uma confiança mutua. E tudo isso para que se consiga a firme vontade de vencer.

Por mais aperfeiçoadas que se obtenham as espingardas, as metralhadoras e os canhões, por mais abundante que seja o ouro de que as nações possam dispôr para os adquirirem, são sempre os factores de ordem moral que

fazem pender a balança para o lado do triunfo. O atirador é constituído por um homem e uma arma; o tiro é obtido pelo funcionamento de uma e outra. A arma é um engenho mecanico, que funciona sempre por uma fórma identica em determinadas circunstancias. O homem é, pelo contrario, um organismo complexo, submetido a variações infinitas. A emoção, o medo, estão intimamente ligados ás circunstancias particulares impressionantes da guerra. Chefes illustres que estudaram a psicologia do soldado nos campos de batalha têm insistido na impossibilidade de fazer desaparecer o enervamento e a perturbação dos sentidos que se apoderam da massa dos combatentes. Nas guerras a que me tenho referido, quando o assaltante chega á distancia de uns 150<sup>m</sup> do defensor, o fogo deste ultimo torna-se absolutamente inefficaz; tal é a perturbação que em grande numero de casos provoca a loucura nos combatentes. E assim se compreende como a vitória pertence em regra aos que persistem na ofensiva, para alcançarem um fim positivo.

E assim se compreende tambem a extraordinaria importancia que se dá á instrução dos fogos de guerra, colocando os soldados e graduados nas condições mais proximas possiveis da realidade do campo de batalha.

Na ordem do dia que o almirante Togo dirigiu aos officiais e marinheiros antes de dispersar a esquadra com que êle se immortalizou na grande epopea dos mares orientais durante a batalha naval de Tsuchima, nós lemos nessa pagina iluminada por um patriotismo incandescente:

«A força militar não depende sómente de se possuírem navios e canhões, mas sobretudo de um poder invível, mas real, o poder eficaz dos homens que se utilizam dos navios e dos canhões.

«Se um canhão puder disparar cem tiros que acertem todos no alvo, vale tanto como cem canhões que só possam, acertar cada um, uma só vez.

«O céu dá os louros da vitória só áqueles que se mantem em exercicio em tempo de paz, e ganham a batalha antes desta ser ferida.»

#### **A vontade de vencer. — A lição dos factos ocorridos nos Balkans**

A vontade de triunfar é tudo na guerra; é o que mais uma vez se está vendo nos servios, bulgaros e mon-

tenegrinos. A vitória não podia deixar de pertencer-lhes. Que extraordinária preparação para a guerra!

No dia 17 de setembro do ano findo, a União dos Estados Balkanicos anunciou a mobilização. *Dois dias depois*, mais de 600:000 homens estavam armados; milhares de viaturas, com os cavalos ou bois atrelados, estavam prontas para acompanharem o exército de campanha. Facto unico na historia!

Quinze dias depois, todas estas tropas, acompanhadas das suas colunas de viveres e de munições e formações sanitarias, estavam concentradas na fronteira inimiga. E em menos de um mez se faz abalar e derruir um imperio que a Europa inteira considerava como poderoso e invencivel!

E não se diga que os turcos têm sido vencidos por lhes faltar material de guerra e patriotismo. As tropas turcas estavam armadas e equipadas com o melhor material de infantaria e canhões de tiro rapido em grande quantidade; ao passo que mais de 100:000 servios e bulgaros estavam armados com a espingarda de antigo modelo Berdan.

O exército servio durante três dias não recebeu pão, quando se atirava a marchas forçadas para o interior do territorio turco e isto devido, em grande parte, á dificuldade de transitar pelos caminhos dos territorios ocupados, e o mesmo succedeu no exército bulgaro. Os servios e bulgaros apreenderam armazens cheios de munições, de viveres e equipamentos. Hei-de mostrar-vos, nas projeções luminosas, algum material que ia sendo apreendido aos turcos, para vos compenetrardes de que para se vencer não é preciso apenas possuir material de combate e que se deve atender conjuntamente aos factores morais.

Não é possivel organizar uma mobilização e concentração tão rapidas como as dos aliados balkanicos e tanto mais que as vias ferreas estavam mal organizadas para o transporte das tropas. E esta preparação operou-se na Servia num curto periodo de quatro anos, depois da Austria ter anexado a Bosnia e a Herzegovina. Foi depois deste insulto que a Servia sentio o resultado de um regimen de personalidades, sem que se pensasse nos interesses do país e de o preparar para as horas do perigo. Depois daquele duro golpe, o povo servio aproveitou a lição e alcançou os resultados que todos têm apreciado pelas ultimas noticias publicadas nos jornais.

Assim vemos como esta nação mobilizou 330:000 homens em um período tão curto e alguns dias depois, na batalha de Koumanovo tomavam aos turcos 155 peças, uma quantidade enorme de projecteis e material de artilharia, quatro ambulancias de campanha, grande numero de espingardas, tendas, etc. Uma fuga desordenada manifesta a derrota inflingida a 100:000 homens. Apesar de serem conhecidas as qualidades superiores do exército turco, elas estavam embotadas pela ausencia de um estimulante moral e pela indisciplina devida ás perturbações recentes que agitaram a Turquia.

Os servios souberam dedicar no tempo de paz toda a sua atenção aos exercicios de tiro e numa obra publicada ha pouco por Tabourno, correspondente russo junto do exército servio, se lê o seguinte:

«Depois da batalha de Koumanovo, quando tive occasião de apreciar o efeito destruidor da artilharia servia, executado por uma fórma tão precisa e tão violenta, perguntei qual era a quantidade de projecteis empregados pela artilharia servia durante a paz.

— Foi consideravel, informa-me um official servio, e tão proficuos fôram os resultados que em nenhuma outra guerra se empregaram tão poucas munições. Os serventes trabalhavam com a precisão de um relógio, cada peça que disparavam era previamente apontada com o maximo rigor. E a infantaria sabia igualmente economisar as suas munições. Donde se pôde aplicar a formula geral: quanto maior fôr o numero de cartuchos consumidos durante o tempo de paz, tanto maior será a economia alcançada na guerra; donde se conclue: de fórma nênhuma se pôde pensar em economia de munições no tempo de paz.

E para corroborar esta asserção deduzida nos campos de batalha, citar-lhes-ei os seguintes algarismos extraídos dum relatorio publicado num dos ultimos anos pelo governo suiso, que indica a importancia que se dá á instrução de tiro, na confederação Helvetica:

- 30 Cartuchos com bala, em instrução de tropas, 5.626:284.
- 30 Cartuchos com bala simulada, em instrução de tropas, 4.867:860.
- 30 Cartuchos com bala, nas sociedades de tiro, 21.942:000.
- 30 Cartuchos simulados, 22.078:000.
- 30 Para revolver, exército, 63:700.
- 30 Para revolver, sociedades de tiro, 517:740.
- 30 Para pistola, exército, 83:679.

Sociedades de tiro, 517:740.

Na artilharia consumiram no mesmo periodo 70:589 granadas de todos os calibres.

Eu desejaria ainda fazer algumas considerações ácerca da prodigiosa mobilisação das tropas balkanicas, que deixa a perder de vista a mobilisação alemã de 1870. Mas não desejo fatigar a atenção de V. Ex.<sup>as</sup> Nessa data mostraram os francêses egualmente que não foi por falta de material, nem de patriotismo que ficaram esmagados pela rudêsa do prussiano vencedor. Enquanto os alemães tinham o seu lugar marcado e corriam a postos como bombeiros ao dirigerem-se para o incendio, os officiaes francêses andavam desnorteados a ler os regulamentos pelas ruas, sem saberem o que haviam de fazer.

E quem é que em Portugal pôde pensar a sangue frio, no que venha a ser esse espectaculo horrivel da mobilisação do nosso exército? E quanto se podia já ter feito, dentro dos proprios recursos do orçamento da guerra, como medida de orientação geral a seguir!

**Os recursos materiais de que carece o nosso exército. — O valor do nosso material de guerra. — Como podemos estar envolvidos numa guerra. — Não são as grandes contribuições de guerra as maiores calamidades que sofrem os vencidos.**

Consideremos agora os factores materiais, os recursos importantes de que carece o exército portuguez. Possui o nosso país o melhor material de guerra do mundo; assim o reconhecem os estrangeiros que a êle fazem referencia. A espingarda Mauser-Vergueiro é considerada verdadeiramente modelar na simplificação dos seus mecanismos; a peça Schneider acaba de dar as suas provas brilhantes na guerra dos Balkans e ácerca do seu valor e da tão debatida controversia sobre freios de glicerina e recuperadores de mola, diz o mesmo escritor russo, a que ha pouco me referi:

«A particularidade da artilharia moderna comum aos dois sistemas é o tiro rapido; em um minuto pôde uma peça lançar 20 e mais projecteis e isto conseguiu-se com o emprego de um recuperador que faz voltar automaticamente a peça á mesma posição, depois de cada tiro. Mas uma invenção destas só poderia dar resultado, se

não fôsse preciso ir corregindo as pontarias. As peças do sistema Krupp tem um recuperador que recebe o esforço do recuo sobre molas que se comprimem no momento do tiro e pela acção da elasticidade levam a peça á posição inicial. A peça francesa Schneider, que é também a do nosso sistema, tem um recuperador hidro-pneumatico. Notou-se que no sistema alemão a mola perde a elasticidade depois de muitos tiros, enquanto o ar é o ideal das molas, visto que não póde quebrar-se nem se fatiga. Teoricamente, o recuperador hidropneumatico Schneider era considerado o melhor, mas na pratica mostrou ser excelente. As peças dos servios e bulgaros dispararam varias centenas de tiros sem que os projecteis se desviassem da zona visada. Foi o que se verificou também entre nós nas experiencias efectuadas em Vendas Novas em 1904.

No tiro da artilharia turca notava-se uma diferença importante: um ou dois projecteis atingiam o alvo, mas os outros experimentavam desvios consideraveis em direcção e alcance. Este facto attribue-se exclusivamente á imperfeição do recuperador.

Em summa, apesar dos maus caminhos e das enormes trepidações que o material Schneider sofreu, a sua superioridade manifestou-se por uma forma esmagadora. E um facto muito curioso assim o atesta igualmente: os turcos empregaram na batalha de Monastir uma bateria Schneider que tinham apreendido aos gregos, sem que estes tivessem tido tempo de levar as culatras; pois o resultado do tiro foi de tal ordem, segundo declara o mesmo escritor, que os servios experimentaram por essa ocasião perdas enormes, revelando este episodio que os turcos também sabiam atirar, mas que o material de que dispunham era inferior ao dos seus adversarios.»

Não se trata aqui de um reclame a material feito pelos partidarios da escola francesa, trata-se de uma superioridade evidente.

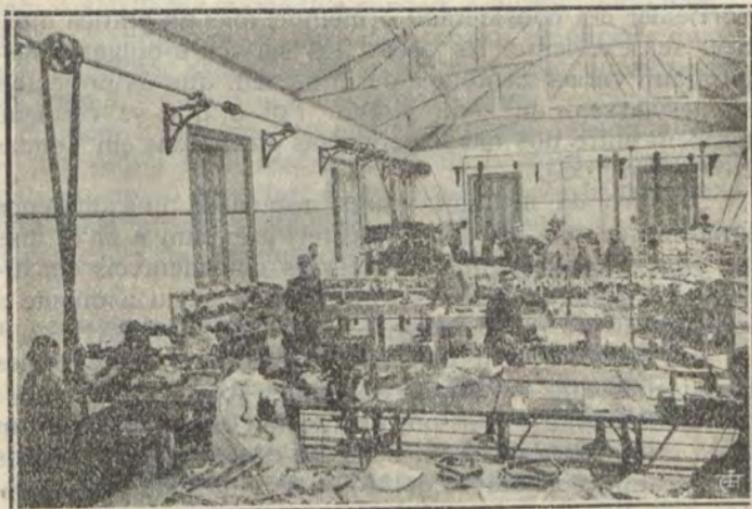
Isto vem a proposito de lhes mostrar que devemos confiar na magnifica qualidade do material de que dispomos para o combate.

Devemos cuidar, porém, em fazer restaurar as nossas estradas nas zonas provaveis das invasões, porque o material delicado como é todo o material moderno, não deve sofrer as violentas trepidações que possam prejudicar os aparelhos de pontaria. Ainda assim viu-se agora nos

maus caminhos percorridos nas longas *étapes* dos servios, que o material analogo ao nosso não perdeu as suas excellentes qualidades.

O mesmo succede com as metralhadoras Maxim, até agora consideradas as melhores que se têm adoptado nos diferentes exércitos. Foi Portugal o primeiro país da Europa que adquiriu as peças de tiro rápido.

O que se dá com o armamento, é o mesmo que succede com os nossos estabelecimentos fabris, que possuem



Oficina do fabrico de calçado, no Depósito Central de Fardamentos

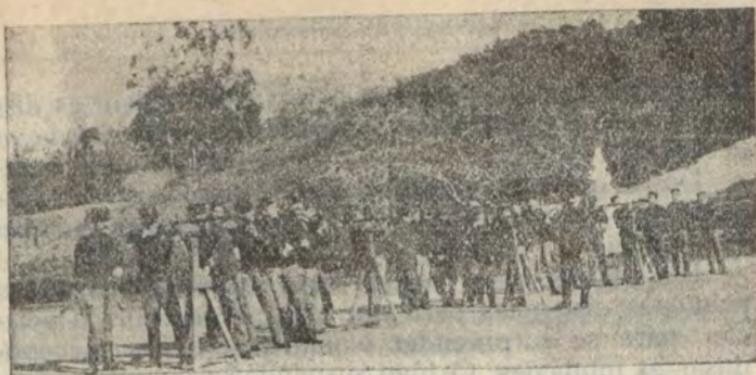
maquinismos dos mais aperfeiçoados; mas a quantidade destes é realmente insignificante para produzirem o suficiente para tão elevado numero de unidades a mobilizar.

Constitue pois uma necessidade urgente a aquisição do material de guerra, a par de medidas que tenham por fim levantar os factores morais do exército português.

Mas no processo a executar para a aquisição dêsse material ha dois caminhos a seguir: ou temos a certesa de que Portugal não se vê envolvido, nestes anos mais proximos, num conflito europeu e iremos comprando armamento á medida que se melhore a situação financeira, ou temos a receiar um conflito e tratamos de adquirir já os convenientes meios de defesa.

(*Continúa*).

J. A. CORREIA DOS SANTOS.



## TACTICA DE COMBATE DA INFANTARIA BÚLGARA

(Continuado do n.º 4)

Antes de tomar qualquer resolução deve-se reconhecer a posição, os caminhos que conduzem ao inimigo, os que pôdem ser utilizados para o contra-ataque ou retôrno ofensico, as linhas sucessivas sobre as quais se pôde continuar a resistencia, os espaços que separam os diferentes pontos d'apoio, os sectores que se devem fortificar e as posições em que se pôde fazer o desenvolvimento.

O major formula todas as hipoteses possiveis de ataque e toma as medidas conducentes a opôr ao inimigo as maiores dificuldades na sua marcha d'avânço.

Quando o reconhecimento esteja terminado, o major faz a distribuição das tropas, indicando a cada unidade o seu objetivo e a missão que devem cumprir.

Devem-se, porém, enviar para a frente destacamentos mixtos, que descubram as tropas inimigas e as obriguem a desenvolver-se.

O resto das fôrças mantem-se, a principio, á retaguarda; uma parte delas disposta a ocupar e defender os pontos de apoio, e a outra parte fôrma as reservas da tropa de manobra, que procederá ofensivamente no momento oportuno.

**A defeza dos pontos d'apoio: o fôgo**

Os destacamentos avançados enviam noticias acerca das direcções pelas quais avança o inimigo e das suas fôrças, e procuram retardar a sua marcha, obrigando-o

a desenvolver-se; preparam o terreno, médem as distancias; devendo as reservas manter se á retaguarda ao abrigo das vistas.

Desde que o inimigo descubra a direcção do seu ataque, occupa-se a posição e rompe-se o fogo, estando o mais abrigado possível.

Em alguns casos o fogo deve-se iniciar sómente a pequenas distancias para que não se descubra a posição, para se surpreênder o inimigo e tambem economisar as munições. O fogo suspende-se durante todo o tempo em que o inimigo avance a coberto e renova-se logo que se descubra ou se apresente em formações compactas.

Quando o fogo das frações de primeira linha não é suficiente para deter o inimigo, fazem-se avançar os apoios, que deverão tambem fazer fogo.

#### **O contra-ataque: Retorno ofensivo**

As tropas encarregadas da defeza dos pontos d'apoio sustentam o combate com o intuito de tomar a ofensiva no primeiro momento favoravel; este principio de combate, com carácter ofensivo, constitue a defensiva ativa.

Todas as unidades teem a obrigação de manter-se a todo o custo nas posições que defendem; se o inimigo avança continuamente, as tropas frescas atacam a coberto fazendo fogo preferentemente sobre um dos flancos e na primeira oportunidade possível ou favoravel executam o contra-ataque.

Toda a fôrça que seja desalojada duma posição é obrigada a atacal-a de novo para a reconquistar.

As tropas frescas, as que menos tenham sofrido, pôdem deslocar se para um flanco e fazer um movimento ofensivo, apoiadas pelas fôrças de manobra, para reconquistar as posições abandonadas temporariamente.

A retirada não se deve executar sem ordem do comandante.

#### **Particularidades do combate da infantaria**

*Destacamentos de reconhecimento.* Os destacamentos compostos de pequenas unidades de infantaria (companhia ou batalhão) com artilharia e alguma cava-

laria, pódem, devido á potencial e rapidez dos seus fogos e á polvora sem fumo, prestar grandes serviços para o reconhecimento, obrigar o inimigo a deter-se e a desenvolver ou atraí-lo para uma direção determinada. Frequentemente a sua ação precede e facilita a da guarda avançada.

**Pontos d'apoio.** Os pontos d'apoio, (localidades, bosques, alturas) e as obras de campanha, desempenham um grande papel no combate.

Tanto na defensiva, como na ofensiva, dão um grande aumento de fôrça e permitem poupar as tropas, deter o inimigo com efetivos menores, conservar as posições ocupadas e poder preparar a manobra.

**Colocar a posição em estado de defeza.** A infantaria deve saber fortificar os pontos d'apoio e construir as obras de campanha necessárias em ligação com as tropas de engenharia. O comandante dá as ordens necessárias para a boa execução e seu emprego.

Quando houver tempo deve-se proceder de um modo metódico para colocar em estado de defeza a posição de combate.

Escolhe-se uma primeira linha de defeza; reforçam-se os salientes, os pontos fracos e os flancos; entrincheiram-se as saídas dos desfiladeiros; organisa-se um reduto, se fôr necessário, e constroem-se caminhos cobertos.

Se o tempo o permite, constroem-se obras nas posições exteriores, das quais se possa bater eficazmente os flancos, deter a marcha ofensiva do adversário e preparar a reação ofensiva.

As orlas dos bosques que possam ser batidas pela artilharia não devem ser ocupadas no início da ação; e nos logares habitados as tropas estabelecem-se deante dos seus limites.

Frequentemente as tropas vão ocupar e defender os pontos d'apoio sem ter o tempo suficiente para os fortificar. Em tal caso emprega-se igualmente a fortificação de campanha, que deve satisfazer sempre ás exigências da situação, organisando defensivamente os pontos de apoio e os obstáculos do terreno e executando trincheiras abrigos, que são construídas também na defensiva quando as tropas se veem obrigadas a deter-se.

**O ataque e defeza dos pontos d'apoio.** Executam-se segundo os principios gerais do combate e tem o seu

carácter especial: importancia dos salientes, envolta dos quais se concentra todo o esforço.

Para a defeza, occupa-se com uma parte das forças a orla ameaçada; a outra parte estabelece-se, em geral, fóra da localidade e sobre um dos flancos para que possa efetuar contra-ataques e passar á offensiva no momento oportuno. Observadores (escolhidos de preferencia entre os officiais) vigiam o terreno para a frente e assinalam a aproximação do inimigo. As tropas defendem a todo o custo a orla; no caso em que o inimigo tenha tomado algum ponto, atacam-no todas as forças que estiverem proximas. A defeza continua-se sobre as linhas interiores da localidade.

### A infantaria e as outras armas

No campo de batalha todos se devem mutua proteção; o concurso das diferentes armas ajuda a infantaria a cumprir a sua missão; a infantaria, particularmente nos destacamentos de reconhecimento e na guarda avançada, procura proceder em união com a cavalaria. A segurança da artilharia incumbe á infantaria, que a apoia todas as vezes que fôr preciso.

A infantaria, qualquer que seja a formação em que se encontre, não deve temer a cavalaria. Quando sejam vistas algumas unidades de cavalaria inimiga, a infantaria póde-se escalonar para fazer frente a todas as eventualidades, e não abandonará a sua missão se a cavalaria inimiga não carrega. Quando algumas fracções de infantaria tenham de combater com a cavalaria inimiga que combata a pé, devem procurar destroça-la com o seu fogo, sobre tudo no momento de montar para se retirar.

A velocidade e a potencia do tiro da artilharia fazem com que tropa alguma, sem se expôr a grandes perdas, se deva mover em formações compactas em terreno que aquéla póde bater eficazmente.

Daqui a necessidade para a infantaria, quando se encontra sob os fogos da artilharia, de utilizar o terreno para se abrigar e tomar as formações menos compactas. Uma infantaria movel e manobradora, póde, sem dificuldade, conservar a faculdade de avançar sempre sobre a artilharia em posição, occupando uma frente extensa com unidades pequenas e escalonadas que se

detenham durante as rajadas, mas que avancem desde que estas cessem, vencendo assim as dificuldades até que se entre na zona eficaz da arma, sendo desde este momento possível á infantaria reduzir ao silencio a artilharia e paralizar a sua ação.

### **Particularidades do combate da companhia, batalhão, regimento e brigada**

*Companhia.* A companhia combate desenvolvida por fracções constituídas ou por grupos, segundo as circunstancias e o momento da ação.

Enquanto a companhia tem que entrar em ação, o capitão indica em voz alta o objéctivo a alcançar, indica as secções que devem desenvolver primeiro, assim como as que ficam provisoriamente em reserva.

Um soldado e um corneteiro por secção ficam com o capitão para transmitir ordens.

No combate ofensivo, a atenção do capitão deve fixar-se nas secções que combatem de frente para assegurar a coordenação da sua ação sobre o objéctivo.

A direção determinam-a as fracções mais avançadas. O capitão indica o momento em que hade principiar o fogo, salvo nos casos em que este deve romper por iniciativa dos comandantes de secção.

Determina a marcha das reservas e o momento em que devem desenvolver-se em atiradores.

Trata do reabastecimento de munições.

Na defensiva, a companhia pôde receber a missão de defender um ponto importante ou de tomar parte com as tropas de manobra na acção ofensiva; o capitão dirige a defeza e o combate em todos os seus detalhes.

*O batalhão.* Quando o batalhão combate emquadrado, emprega todos os meios para obter o maior efeito possível.

O batalhão isolado, ajudado por artilharia e cavalaria, pôde desempenhar missões de certa importancia. O batalhão combate sob os principios gerais expostos anteriormente.

O major indica o objéctivo, designa as companhias que devem desenvolver, dá, em poucas palavras, as indicações sobre a execução da missão. Ordena, se ainda não estiver feito, qual a forma de distribuir os cartuchos pelas companhias.

O papel do comandante do batalhão é; exercer a sua ação sobre as companhias em fôgo, combinando os seus movimentos e unindo a sua ação com a dos batalhões visinhos e com a artilharia; intervir na marcha do combate, empenhando as companhias na linha de fôgo quando o julgar conveniente.

Se a situação do combate exige que o batalhão combata isoladamente, o major empenhará as companhias com circunspeção, combinando a ação de frente com outra dirigida sobre um flanco do inimigo, conservando sempre uma reserva com que possa fazer frente em todas as circunstancias.

*O regimento e a brigada.* O regimento é a unidade de combate mais completa; só êle possui a bandeira, simbolo da pátria.

A brigada é a melhor unidade da infantaria.

Enquanto que o batalhão combate quasi sempre na sua frente, a brigada e o regimento tem a possibilidade de manobrar.

Quando o regimento ou a brigada se acham enquadadas nos dois flancos, o combate conduz-se pelos mesmos principios do combate de batalhão; se estão isolados, tomam as medidas para sustentar o combate de frente, ter os flancos protegidos e executar manobras decisivas sobre o adversario.

A frente que devem ocupar é: o regimento, 1:500 passos; a brigada, 2:000.

Na defensiva as frentes podem ser duplas.

## Secção do estrangeiro

**Japão.** — Limites de idade. — N'este país foram decretados há pouco os seguintes limites d'idade para os diferentes postos:

Generais de divisão.....	62 anos
"    de brigada.....	55 "
Coroneis.....	55 "
Tenentes-coroneis.....	53 "
Majores.....	50 "
Capitães.....	48 "
Officiaes subalternos.....	45 "

**Belgica.** — Organização das companhias de metralhadoras. — Por um decreto de 21 de novembro de 1911, a infantaria belga foi dotada com metralhadoras, sistema Maxim.

Uma disposição ministerial de 31 de outubro de 1912 determina que essas companhias sejam organizadas á razão de uma por cada regimento de infantaria.

Cada companhia compõe-se de tres secções de duas peças. As destinadas aos caçadores constam de 4 secções

O pessoal é o seguinte: 1 tenente comandante da unidade (dois officiaes para as companhias de caçadores); por secção, um sargento, chefe de secção; por peça, um cabo chefe de peça, 1 soldado apontador e 2 serventes.

O meio de transporte não está ainda determinado; as experiencias que se têm effectuado parece que conduzem a adotar a tracção canina.

**Austria.** — **Companhias de metralhadoras.** — Ha pouco tempo que foram aumentados os efétivos das secções de metralhadoras. Até aqui os regimentos de infantaria apenas possuíam uma metralhadora, passando agora a ter duas, que se espera serão em breve elevadas a 4 para em cada regimento se organizar uma companhia sob o comando d'um capitão.

**Alemanha.** — **Desenvolvimento do automobilismo.** — Os dados seguintes dão ideia do enorme progresso do automobilismo durante os ultimos anos.

Em 1907 existiam 12 fábricas de automoveis com 1.775 operários e uma producção de 5.700.000 marcos

Em 1912 existiam já 54 fábricas com 17.748 operários e uma producção de 700.000.000 marcos.

Em 1907 construíram-se 25.815 automoveis para passageiros e 1.211 para carga.

Em 1912 construíram-se 63.102 automoveis para passageiros e 6.844 de carga.

A producção aumentou desde 1907 a 1912 de 32.985 carruagens.

**Argentina.** — **Aquisição de material de guerra.** — Aca-ba de ser adotada uma nova arma, sistema «Mauser» modelo 1909, do mesmo calibre (7.66) que o modelo argentino antigo de 1895. A bala empregada é a ponteaguda, com uma velocidade inicial de 800 metros.

O modelo é muito parecido com o de 1895, no qual se trocou a alça e se fizeram pequenas modificações para o colocar em condições sensivelmente eguaes ao modelo de 1909.

A cavalaria está armada com a carabina «Mauser», tendo alguns corpos ainda a lança.

A artilharia está armada com o canhão Krupp de 75, modelo argentino de 1909, com uma velocidade de tiro de 20 a 25 por minuto, culatra sistema «Bellin», freio hidraulico, escudo de protecção e aparelho de pontaria independente.

As peças de campanha são de 105 milímetros e as de artilharia de sitio de 130.

As metralhadoras são sistema «Maxim», usando os serventes a pistola «Colt».

**Duração do serviço militar.** — A nova lei organica militar prescreve serviço obrigatorio dos 20 aos 45 anos para todos os mancebos na forma seguinte: 1 ano no exercito permanente, 9 na reserva, 10 na guarda nacional e 5 na territorial.

**Escola de aviação militar.** — Com material e elementos proporcionados pelo Aero-Club Argentino, foi organizada uma escola de aviação militar que está destinada a tomar grande desenvolvimento.

Os officiaes que desejam entrar nesta escola teem que tomar parte n'um curso preparatorio no Aero-Club.

O ministerio da guerra está trabalhando activamente na redacção dos regulamentos por onde se ha-de dirigir o ensino neste novo centro de instrucção.

**Brazil.** — **Organisação do exército.** — Segundo informam os jornais brazileiros, o general Barreto, ministro da guerra, está preparando um projecto de lei elevando o efectivo do exército a 30.000 homens.

As forças publicas e privativas dos diversos estados formam uma reserva de primeira linha; a estas se agregam as sociedades de tiro com um efectivo de 50.000 homens.

Finalmente uma reserva de 125.000 homens será formada por todos os cidadãos validos desde os 30 aos 40 anos.

**Italia.** — O «deficit» de subalternos. — Em virtude do deficit de subalternos que se notava em todas as armas do exército italiano, pelo ministro da guerra d'aquelle país foram tomadas medidas extraordinarias para suprir esta falta, fazendo-se uma promoção extraordinaria.

Os officiaes promovidos procedem dos officiaes de complemento de sargentos pertencentes ás tropas mobilisadas pela applicação do decreto de 11 de janeiro de 1912, e dos cursos limitados da Escola Militar e da Academia Militar.

Distribuidos por armas são os seguintes :

**Infantaria:** 243 alferes, procedentes : 15 de officiaes de complemento ; 18 dos sargentos dos corpos de operações contra a Turquia ; 38 sargentos do curso especial e 178 alunos.

**Cavalaria:** 29 alferes.

**Artelharia:** 84 alferes, dos quais : 27 de complemento ; 50 da Escola de applicação ; 7 sargentos do curso especial de Modena.

**Engenharia:** 32 alferes, dos quais : 3 officiaes do complemento ; 28 da escola de applicação ; 1 sargento do curso especial de Modena.

**Sanidade militar:** 1 alferes.

**Veterinaria militar:** 3 alferes.

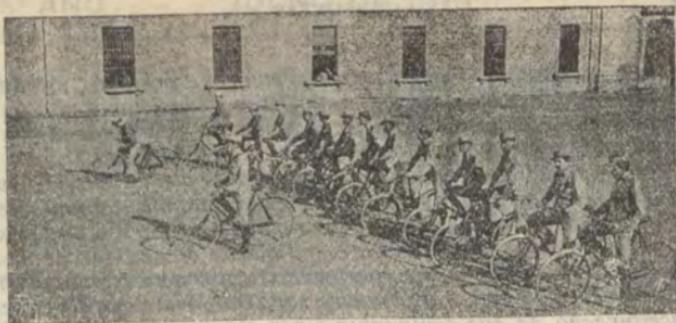
E' digno de se notar que a 24 de janeiro de 1912, já tinha havido uma promoção extraordinaria de 805 alferes, seguida em 14 de abril de uma outra complementar de 254 officiaes.

Assim, pois, sem contar com as promoções por feitos d'armas, os quadros de officiaes subalternos aumentaram durante o ano de 1912 em 1 452 alferes.

Agora trata-se de preencher as vagas existentes que no dia 1 de janeiro de 1913 eram :

1.100 tenentes de infantaria ; 6 aos de artelharia e 90 aos de engenharia.

Calcula-se que com o numero de alunos que actualmente existem na Escola Militar e na Escola de Applicação de Parma (infantaria) em breve desaparecerá esse deficit.



## CONSULTAS

20.ª — O comandante duma guarda encontrou no posto de sentinela um soldado a dormir, desejo saber como êle deve proceder?

*Chama duas testemunhas e depois acorda a sentinela, e procede em harmonia com o código do processo criminal, participando a ocorrência.*

30.ª — Uma autoridade administrativa pretende fazer entrega de presos a uma escolta, entre os quais está um embriagado, como deverá proceder o comandante da escolta?

*Passará recibo de todos os presos, menos do embriagado, por não estar em condições de seguir a marcha.*

31.ª — Havendo divergencias na interpretação do art. 256.º do regulamento geral para o serviço dos corpos do exército, qual o militar que deverá escrever nas cadernetas militares, quando se procede á sua organização ou lançamento de alguma verba, sob a direcção do official a cargo de quem está a escrituração do registo de matricula, pergunta-se:

Podê o comandante do batalhão dar ordem para comparecer na secretaria um sargento de cada uma das companhias, com as cadernetas a organizar ou afim de nelas ser feito qualquer averbamento, para escrever nas respectivas cadernetas o que lhe fôr indicado, ao mesmo tempo que o amanuense impedido na escrituração do batalhão escreve nas folhas de matricula?

*Neste ponto, a «Revista de Infantaria» é de opinião que a companhia será a entidade que deverá sob a direcção do official a cargo de quem estiver a escrituração do respectivo registo de matricula, organizar as cadernetas das suas praças, bem como lançar-lhes os necessarios averbamentos — 1.º, porque a caderneta deverá ser feita simultaneamente com a folha, segundo o espirito do artigo citado pelo consulente; — 2.º, porque competindo ao major dirigir, sob a sua responsabilidade, a escrituração dos registos de matricula, parece que só o amanuense do respectivo batalhão o poderá escriturar, em virtude daquêle official não ser obrigado a preencher o pelo seu proprio punho; — 3.º, sendo a caderneta um documento na*

posse da companhia a que a praça pertence, e portanto, estando á responsabilidade daquela, enquanto o seu proprietario não fór licenciado, não é lícito que ella seja abandonada pelo comandante da unidade onde o mesmo documento deve estar guardado.

Nestas condições, o official encarregado do registo de matricula, fará escripturar na secretaria da sua unidade, conjuntamente com a folha de matricula, a respetiva caderneta para o que se servirá, além do amanuense para a escripturação do registo, dum sargento da companhia a que pertence a caderneta a preencher, o qual, em via de regra, é o primeiro sargento, visto que elle executa a escripturação da sua companhia e por ella é responsavel, perante o seu comandante de companhia.

Esta é a norma seguida em um grandissimo numero de unidades.

## SUBSCRIÇÃO

(Continuado da n.º 4)

Movimento da subscrição aberta por uma comissão de officiaes para auxiliar as despezas com o processo que foi promovido contra o alferes J. P. R. B. por effeito de um acto pelo mesmo praticado em defeza propria.

### Receita

Transporte do N.º 4 .....	472\$800
Recebido do regimento de infantaria 17. ....	1\$800
Soma.....	474\$100

### Despeza

Transporte do N.º 4 .....	126\$725
Honorarios ao defensor Dr. Acacio Ludjero d'Almeida	
Furtado .....	300\$000
Soma.....	426\$725

### Saldo

Entregue ao interessado para amortisação de despezas que fez.....	47\$375
---	---------

Lisboa, 30 de Abril de 1913.

Pela Comissão,

- (a) José Afonso Pala, capitão.
- (a) José Bernardo Ferreira, capitão.
- (a) Sezinando Chagas Franco, tenente.
- (a) José d'Ascenção Valdez, tenente.
- (a) João Lopes Soares, tenente.

# REVISTA DE INFANTARIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infantaria*

Composição e impressão na tipografia da Cooperativa Militar

## O general Luís Augusto Pimentel Pinto

Esta homenagem sentida e saudosa á memória do illustre extinto representa tambem um sincero tributo de inolvidavel gratidão.

A arma de infantaria nunca poderá esquecer que deveu ao sr. general Pimentel Pinto a sua reabilitação moral, porque foi a sua acção de ministro que a tornou oficialmente idónea para poder resolver as questões técnicas da sua especialidade, além de a ter dotado com uma espingarda que é ainda a melhor em serviço na Europa, e a melhor metralhadora então conhecida.

Mas não foi só a infantaria que sentiu os efeitos da sua rasgada e patriótica administração.

Pode dizer-se, com a maior justiça e verdade, que quase tudo que possuímos no tocante á defeza nacional se deveu á grande iniciativa do extinto ministro do antigo regimen.

A artilharia Schneider que acaba de dar as suas brilhantes provas nos Balkans; as fortificações da defeza de Lisbôa e o seu artilhamento, embora incompleto, fornecido pela casa Krupp L. Menshausen; a fabrica de munições para artilharia, ficando disposta a poder produzir peças de 7,5; o desenvolvimento da fábrica de pólvora e de cartuchame para infantaria; o Depósito Central de fardamentos, a Manutenção Militar, etc., são outras tantas medidas que ficam aí bem patentes a



afirmar a pujante envergadura do sr. general Pimentel Pinto que foi um grande e honesto ministro.

E para atestar a sua nobre e altiva honradês basta que se diga que morreu pobre.

Foi sem a menor sombra de dúvida o ministro que nos ultimos tempos mais trabalhou a favor da defêsa nacional.

A Pátria deve-lhe a justiça dêsse reconhecimento.

Quem traça estas linhas, alanciado pela mágoa profunda que a surprêsa dolorosa da morte do sr. general Pimentel Pinto produziu no seu coração de sincero e verdadeiro amigo, não tem a serenidade necessaria para nesta ocasião poder escrever sobre essa sepultura que acaba de encerrar para sempre aquêle que tantas provas lhe dera da sua carinhosa amisade.

E assim, nesta página de luto, apenas pode exprimir a sua saudade e o seu pezar, enviando a toda a familia do extinto, muito especialmente á sua desolada e inconsolavel viuva e filhos, a expressão sentida e magoada dos seus pezames.

CORONEL SANSFIELD





## A BATALHA DE KIRK-KILISSE

23-24 d'outubro

### I

O plano dos bulgaros fez com que efetuada a sua concentração podessem tomar parte nesta memoravel batalha as seguintes tropas:

O 2.<sup>o</sup> exercito, sob o comando do general Iwanow, tendo a 8.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> divisões a Oeste e a Nordeste de Andrinopla e a 2.<sup>a</sup> divisão em Haskova e em frente de Tâmiras;

O 3.<sup>o</sup> exercito, sob o comando do general Dimitriew, formado pela 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> divisões, colocado a Leste de Tundja, com face ao Sul.

Entre estes dois exércitos, que tinham efetuado a sua concentração em virtude de grandes marchas que executaram, estava intercalado, o 1.<sup>o</sup> exército, sob o comando do general Kutintschew, que fez a sua concentração pela linha férrea.

Kirk-Kilisse está colocada no fundo dum vale, sendo dominada por duas obras estabelecidas a Este e Oeste e a pequena distancia. As alturas que a cercam oferecem bom horizonte e campo de tiro descoberto. As vinhas constituem a sua principal cultura.

Os bulgaros não desconheciam a alta importancia desta posição, que lhe dava entrada franca em territorio turco e não ignoravam a fraqueza das defezas desta praça.

A missão de a atacar de frente foi confiada ao 3.<sup>o</sup> exercito. Ao mesmo tempo o 1.<sup>o</sup> exercito atacaria as forças situadas a Oeste da praça, enquanto que o 2.<sup>o</sup> exercito marcharia contra as frentes Norte e Oeste d'Andrinopla.

Estabelecido este plano, a 17 d'outubro foi dada a ordem para se iniciarem essas operações. Na madrugada de 18 tudo se pôz em marcha. Kurtakoj foi tomada sem resistencia, enquanto que a 8.<sup>a</sup> divisão teve de sustentar

violentos ataques com as avançadas turcas que se encontravam em volta de Mustapha-Pachá.

No entretanto o 3.<sup>o</sup> exército continuava avançando sob o seu objetivo principal, Kirk-Kilisse, para o que se dividiu em quatro colunas.

A 1.<sup>a</sup> por Odzakof, a 2.<sup>a</sup> por Esikler e Koocas-Aoklica, a 3.<sup>a</sup> por Denkoj-Demirdza e a 4.<sup>a</sup> por Tirново.

O 1.<sup>o</sup> exército marchava para Oeste formando 4 colunas.

E deixando os exércitos bulgaros em marcha em direção ao sul e a caminho do coração da Turquia vejamos o que ao mesmo tempo se passava dêste lado.

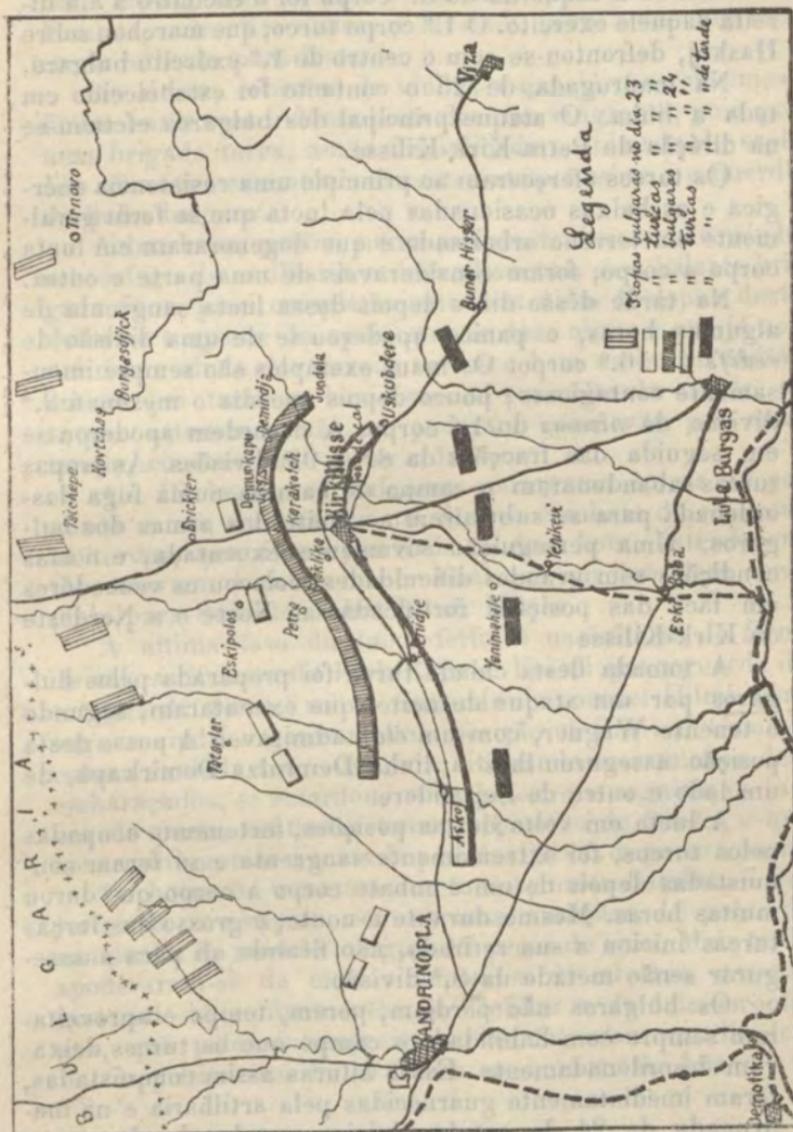
Os turcos, conhecendo o que se passava dos lados do território bulgaro, não se limitaram a esperar a visita que lhes ia ser feita, escolhendo boas posições onde comodamente e com vantagem podessem receber condignamente os seus importunos hospedes.

Tiveram um rasgo de audacia, de cavalheirismo que lhes custou caro, que foi talvez a sua pèrda. Pozeram-se tambem em marcha, tomaram a ofensiva, indo ao encontro do adversario. Mas como a sua concentração ainda estava longe de conclusão e como os serviços da retaguarda ainda não estavam montados, em breve lhes faltaram viveres, munições, recursos sanitarios, reforços, apoios, tudo enfim que dá vida e impulso ás tropas, caindo por isso rapidamente na fome, na miseria, nas privações, na desordem, na indisciplina, nessa fuga vergonhosa que tão mal colocada deixou a honra militar dos turcos.

O espirito ofensivo é uma bela coisa quando tudo está previsto para se pôr em execução. Iniciar a ofensiva não é difficil; nos primeiros momentos, quando os impulsos do coração mais se fazem sentir, é facil marchar ao encontro do inimigo, mas decorridas as primeiras horas e efetuadas as primeiras marchas e quando a fome faz contrair os estomagos, quando as tropas reconhecem que á retaguarda não encontram quem as apoie e quem lhe mande os mil recursos de que se carece, e, iniciados os primeiros combates, quando o soldado quer fazer fôgo e vê que ninguem lhe fornece munições, o resultado só pôde sêr a debandada. Quando se falar em ofensiva deve-se primeiramente vêr se se pôde tomar. Os turcos não olharam a isso e daí a sua derrota rápida e pronta.

E como não olharam a essas circunstancias, com os olhos vendados e não vendo especialmente o que lhes fi-

cava para a rétuuarda, que era apenas a confusão que não quizeram vêr, a 22 d'outubro o exército turco, com-



posto do 1.º, 3.º e 16.º corpos d'exército rompeu a linha d'Andrinopla e Kirk-Kilisse sob uma frente de 40 kilómetros, marchando para o Norte á procura do adversario.

As divisões 7.ª, 8.ª e 9.ª do 3.º corpo d'exército, que

avanzaram sobre Erikler e Eskipolos, caíram sobre o centro do 3.º exército bulgaro, enquanto que o 16.º corpo, marchando á esquerda do 3.º corpo foi d'encontro á ala direita daquêlê exército. O 1.º corpo turco, que marchou sobre Haskoj, defrontou-se com o centro do 1.º exército bulgaro.

Na madrugada de 23 o contacto foi estabelecido em toda a linha. O ataque principal dos bulgaros efetuou-se na direção de Petra-Kirk-Kilisse.

Os turcos ofereceram ao principio uma resistencia enérgica e as baixas ocasionadas pela lucta que se feriu geralmente em terreno arborizado e que degeneraram em lucta corpo a corpo, foram consideraveis de uma parte e outra.

Na tarde dêsse dia e depois dessa lucta sangrenta de algumas horas, o panico apoderou se de uma divisão de *redifs* do 16.º corpo. Os maus exemplos são sempre imensamente contagiosos; pouco depois succedia o mesmo á 2.ª divisão de *nizams* do 1.º corpo. A desordem apoderou-se em seguida das fracções da 8.ª e 9.ª divisões. As tropas turcas abandonaram o campo de batalha numa fuga desordenada para se subtrairem ao efeito das armas dos bulgaros. Uma perseguição vivamente executada, e nestas condições sem grandes difficuldades, colocou os vencedores em face das posições fortificadas ao Norte e a Nordeste de Kirk-Kilisse.

A tomada desta cidade turca foi preparada pelos bulgaros por um ataque de noite, que executaram, segundo o tenente Wagner, com um *élau* admiravel. A posse desta posição assegurou-lhes a linha Demirdza-Demirkapu, de um lado e outro de Sejtandere.

A lucta em volta destas posições, fortemente occupadas pelos turcos, foi extremamente sangrenta e só foram conquistadas depois de um combate corpo a corpo que durou muitas horas. Mesmo durante a noite, o grosso das forças turcas iniciou a sua retirada, não ficando ali para a assegurar senão metade da 8.ª divisão.

Os bulgaros não perdiam, porém, tempo e aproveitaram sempre com habilidade o campo que os turcos deixavam desordenadamente. Essas alturas assim conquistadas, fôram immediatamente guarnecidas pela artilharia e na madrugada de 24 de outubro iniciou-se o bombardeamento da cidade, não tardando por esta fórma a que a cidade de Kir-Kilisse se achasse envolta em chamas.

E enquanto das alturas que a dominavam a artilharia sobre ella ia vomitando as suas linguas de fogo, a infan-

taria iniciava um ataque contra ela e em toda a sua frente, de Demirdscha-Tivorno-Karakotsch-Raklika. Mais para leste ainda, uma coluna estendia-se para as alturas de Jundala, entre Kir-Kilisse e Meskuh, para cortar aos turcos a retirada para leste.

As alturas cobertas de vinhas a que já nos referimos, fôram então teatro duma lucta deveras sangrenta, pois que uma brigada turca, ainda disciplinada e animada de espirito ofensivo, executou um contra-ataque sobre a esquerda da linha bulgara.

Achando-se, porém, numa posição desfavoravel e caíndo sob o fogo da artilharia e metralhadoras, essa valente brigada ficou quasi completamente destruida. E depois deste desastre e apesar do apoio que as duas obras a que já nos referimos ainda davam aos turcos e bem assim as muitas outras que tambem havia mesmo em volta da cidade, as tropas attomanas não se poderam conservar por mais tempo, concentrando-se na cidade.

A's 10 horas, os bulgaros conseguem entrar no povoado e ali estabelecem um furioso combate de rua com os turcos, que durou por mais de uma hora, batendo então estes em retirada e por sinal que em desordem completa para Sudeste, sobre Bunar-Hissar.

A ultima fase da lucta feriu-se nas alturas do forno de cal, a Sudeste de Kirk-Kilisse. Foi ali que a guarda da retaguarda turca, sob o comando do coronel Hilmi, conseguiu ainda organizar uma posição defensiva. Como a coluna enviada sobre Jundala, utilizando os caminhos des-  
embaraçados, se retardou, os bulgaros, que seguiam os turcos de perto, tentaram tomar a posição de frente, o que conseguiram, mas á custa de pesadas baixas de parte a parte.

Os bulgaros tomaram aos turcos, nesta batalha, 7 baterias de tiro rapido, com as suas munições, 18 peças de campanha de modelo antigo e 12 peças de sitio. Mais tarde apoderaram-se de muitos depositos de viveres, um rico material de equipamentos, de tendas e de dois aeroplanos, que pelas intemperies se encontravam inutilizados.

Os prisioneiros feitos fôram em numero de 1:500.

Os esclarecimentos que ficam apontados fôram extraídos de varias publicações e especial do livro do tenente

Wagner, do exercito austriaco, que acompanhou o exercito bulgaro e ao qual já nesta *Revista* tivemos occasião de nos referir. Agora, para completar idéias e mesmo para com o exemplo estranho abriremos os olhos a muita gente, vamos referir-nos ás operações dos turcos *vistas por dentro*.

O major alemão von Hachwaechter, que acompanhou o exercito turco, escreveu tambem em livro as suas impressões diarias, livro a que tambem já tivemos occasião de nos referir. E para definir idéias sobre esta batalha e para mostrar aos nossos leitores os nefastos efeitos da má organização e da pessima disciplina de um exercito no campo de batalha, alguns trechos vamos traduzir.

Pelas 11 horas e 15 minutos, diz o major von Hachwaechter, alguns tiros de peça se faziam ouvir sobre a direita. A's 11 horas e 45 atingiamos as alturas de Petra. Pelo meio dia chega a informação de que a infantaria inimiga, avaliada em 2:000 homens, se encontrava em Karamza, a nordeste de Eski-Polos. A ordem de ataque foi dada ás 12 horas e 40 minutos. A divisão da esquerda devia cerrar sobre a 8.<sup>a</sup> e ficar em ligação com ela.

O panorama que se descobre de Eski-Polos é magnifico. Depois das 11 horas e 10 minutos, ouve-se o canhão sobre a esquerda; o 1.<sup>o</sup> corpo deve estar empenhado.

Um imenso incendio distingue-se na direcção de Andrinopla. Ao mesmo tempo, o combate da artilharia parece iniciar-se para a direita.

A situaçã parece tornar-se séria. As tropas concentram-se á retaguarda da colina Sudeste de Eski-Polos. A artilharia coloco-se em bateria. Em parte alguma posso notar iniciativa da parte dos officiaes immediatos aos comandos. O general em chefe precisa multiplicar-se e apparecer ele proprio em toda a parte. Os *redifs* avançam como em passeio e deixam retardatarios por toda a parte. A impressão geral é má.

Nada ainda sobre o inimigo. De todos os lados ouve-se o troar lento da artilharia. Mas rapidamente o troar aumenta, as nossas baterias abriam o fogo contra as delgadas linhas de atiradores inimigos. As nossas perdas são minimas. A nossa artilharia parece ter regulado o seu tiro, as suas granadas arrebetam sobre a posição bulgara.

A lucta da artilharia cessa ás 3 horas e 40 minutos. O Pacha deu provas duma calma perfeita. A sua coragem atinge a temeridade.

Não é o papel do general em chefe ter de dirigir os regimentos e os batalhões, mas se ele não o tivesse feito, as tropas nunca atingiriam os locais convenientes. Os batalhões são formados por um quinto de tropas activas, dois quintos de recrutas e dois quintos de *redifs*.

*3 horas e 50 minutos.* — Um violento fogo de fusilaria faz-se ouvir sobre a nossa esquerda. É a 9.<sup>a</sup> divisão e a do príncipe Aziz que se empenham perto.

A's 4 horas e 8 minutos aparece um regimento de cavalaria que deve formar a nossa cavalaria divisionária. Foi dada ordem para que conjuntamente com a 7.<sup>a</sup> divisão formem em reserva, sendo mandados três destacamentos de oficial. A ligação vai se estabelecer com o 1.<sup>o</sup> corpo. A cavalaria tem bom aspecto; os cavalos parecem bem arreados.

A infantaria bulgara parece que se quer furtar ao encontro, parecendo que tenta colocar-se entre nós e a 7.<sup>a</sup> divisão. Mas haverá outra coluna mais ao norte?

A 7.<sup>a</sup> divisão recebe ordem de se aproximar a 23 das 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> divisões.

A luta arrasta-se, ás 5 horas e 15 minutos a artilharia cala-se.

Nós esperamos no dia 24 ser atacados na direita por forças importantes. Em consequencia, o Pachá deu, ás 5 horas e 40 minutos ordem de se marchar amanhã energeticamente para a frente. A divisão receberá reforços vindos da 9.<sup>a</sup>.

Nós contamos assegurar a occupação da posição de hoje com poucas forças, enquanto que o resto ficará á disposição do general. Nós bivacámos no mesmo local, o quartel general instalou-se numa miseravel cabana de Petra. Salvo algumas uvas e pouco pão, não ha nada mais que comer.

Logo que entrou, o general deu instrução para fazer vir os trens regimentais, mas o terreno está de tal fórma encharcado que não poderão chegar. Dormimos até ás 5 horas.

*3.<sup>a</sup> feira, 23 de outubro.* — A chuva caiu durante toda a noite. Nenhumas informações novas da cavalaria, é provavel que a linha da correspondencia não funcione.

As conferencias do estado maior duraram até ás 6 horas. A's 7, o fogo iniciou se perto e na nossa frente. Montámos a cavallo ás 7 horas e 30 minutos. Apenas tinhamos percorrido uns 600 metros quando bandos de *redifs* veem correndo e gritando ao nosso encontro.

Alguns minutos são necessários para compreender a situação. Depois vimos o Pachá puchar pela sua espada e bater com toda a força com ela os *redifs* que o cercavam. Nós passamos a fazer outro tanto e fizemos fogo com o nosso revolver contra os que fugiam das linhas de fogo.

Conseguimos desta maneira, cavalgando em volta desta massa confusa, reformar alguns grupos. Por toda a parte se davam tiros; os *redifs* faziam fogo para o ar. O Pachá percorreu os campos, dando as suas ordens e não cessando de lançar as suas tropas para a frente. A' retaguarda de todas as pedras ou sebes descobriam-se *redifs* escondidos.

Estes desgraçados, extenuados pelas fadigas e pelo mau tempo, não tinham que comer, andavam mal vestidos, mal calçados, mal comandados. Cada batalhão não tinha mais de 200 soldados antigos. As munições foram logo gastas num tiro desordenado. Como o reabastecimento de munições não se fazia, as tropas, por todos estes motivos desarmadas, batiam em retirada, arrastando na sua fuga desordenada os elementos que encontravam na sua passagem.

Mas por enquanto nada se perdeu ainda; o inimigo parece que ainda não compreendeu a nossa situação. A sua artilharia embaraçada pelos maus caminhos, não está ainda empenhada.

As nossas estradas estão acumuladas com viaturas quebradas, caixas de munições com a designação *Krupp*.

A's 10 horas o combate está indeciso. A artilharia bulgara entrou em acção.

Os chefes e os seus immediatos do nosso lado não sabem o que hão de fazer nem para onde hão de ir. O Pachá faz tudo o que póde, mas não póde estar em toda a parte e substituir toda a gente. Compreende-se bem que isto assim não anda. O inimigo por enquanto ainda não apresentou forças numerosas.

A situação da 7.<sup>a</sup> divisão, á nossa direita, é boa.

O seu comandante tinha, ontem de tarde, reunido o seu grosso e marcha agora vigorosamente para a frente, como o provam as mudanças de posição da artilharia. A situação é critica.

As nossas baixas são fracas. A artilharia é calma e desempenha bem o seu dever. Mas as munições começam a faltar. Eu proponho levar á linha de fogo ás costas de homens, as munições que havia nas viaturas desmante-

ladas. Quando porém elas chegaram, não se podia abrir os cunhetes porque a lama e a humidade não as deixam desaparafusar.

Os *redifs* fôgem porém de novo. Pelas 11 horas o general leva outra vez uma parte da artilharia para uma posição mais á direita.

Era tempo, a retirada inicia-se e a fuga principia. Mas o inimigo parece que não se quer comprometer. E se estimo que ele tambem tenha levado reforços á sua esquerda contra a 7.<sup>a</sup> divisão, de sorte que nós temos pouca gente na nossa frente. A situação parece bôa na nossa direita.

De todos os lados ardem povoações; o canhão ouve-se em toda a nossa frente.

O aspecto dos infelizes feridos, molhados e gelados, é espantoso. Não existe orgão algum de serviço de saude na primeira linha. Não tem mesmo agua para lavar os feridos.

Nós conseguimos deter os *redifs* sobre a posição mais á retaguarda. O inimigo atacava com pouco impulso

Petra está a arder. As estradas estão cheias de bagagens e mil coisas que impedem o transito por elas, apesar das ordens terminantes que se deram para que as deixassem livres. Esta ordem não chegou ao seu destino.

*Meio-dia.* Os três batalhões pedidos pelo general á 7.<sup>a</sup> divisão chegaram. Pelas 2 horas nós ocupámos a posição fortificada; o inimigo não continua a avançar.

Imediatamente, pelas 2<sup>h</sup>,30, a infantaria aparece ao norte do alvo. E' a esquerda da 7.<sup>a</sup> divisão. A nossa artilharia pôde atacar de flanco e o inimigo é repellido. A's 3 horas chega um official do estado maior da 7.<sup>a</sup> divisão que annunciou o successo. E' um verdadeiro prazer vêr os regulares avançar apesar do fôgo violento dos búlgaros. A artilharia acompanha a ofensiva mudando de posição. Nós dirigimo-nos para a cidade, depois que o Pachá deu todas as ordens para a defeza.

Emquanto êle telegrafava, voltou o official d'estado maior da 7.<sup>a</sup> divisão, que comunicou ás 5 horas que as tropas abandonavam as suas posições, que a retirada era geral, apesar dos búlgaros não avançarem. Um terrivel panico succedeu de novo sem que se pôde conhecer a causa. Os officiais não poderam reagir. O quartel general correu o risco de ser invadido. Esta comunicação foi feita em alemão.

Nós não podemos compreender como tudo isto succedia.

O Pachá sai para fóra e, com alguns cavaleiros, galopa para o forte. Na escuridão, eu não encontro o meu cavallo.

Corro a pé com os outros officiaes para o quartel general, encontro um ajudante e depois o meu cavallo. Procurámos o Pachá por toda a parte mas não o encontrámos.

Tudo está cheio de soldados. As ruas estão amontadas com peças e viaturas; os habitantes, que são christãos, fuzilam-nos pelas janelas. O barulho e a desordem não se podem descrever.

7 horas. Subimos ao forte, onde já não ha tropas, fômos a seguir para a gare, onde os comboios são tomados d'assalto. Forçam os empregados a pô-los em movimento, apezar dos accidentes que se possam dar. O general não se encontra. Todo o 3.<sup>o</sup> corpo e parte do 1.<sup>o</sup> batem em fuga, sem que se possa dizer como e porquê.

Estavamos ali cerca de 15 cavaleiros que fômos os ultimos a abandonar a cidade, mas para onde vamos agora? Dirigimo-nos para Lula-Burgas, que tinha sido tomada como objectivo pela artilharia e pelo grosso dos fugitivos.

Chove a potes, estamos cansados de fadiga e não tinhamos comido coisa alguma desde a manhã. Alcançámos Asambelli atravéz dos campos, marchando paralelamente á estrada, não podendo ir mais longe por causa da escuridão.

Em Kavakli alcançámos a estrada de Kirk-Kilisse a Baba-Eski, seguindo a marcha ao passo.

Todas as bagagens, munições e vivêres do corpo de exército estavam perdidas. Só se veem peças enterradas, cujas atrelagens tinham sido tiradas pelos fugitivos. Os caixões de munições estão caídos na lama, a desordem é completa.

Ha fugitivos por toda a parte. A's 7<sup>h</sup>,30 alcançámos Baba-Eski. Como uma tal noite é longa! Do Pachá não havia novas.

Eis aqui um exército que desapareceu sem combate, sem ter sofrido perdas importantes e apezar de uma das suas fracções ter alcançado uma vitória importante. Que vai succeder?

.....  
A estação é teatro de scenas espantosas. Todos os habitantes fugiram, levando as crianças, as mulheres e tudo o que teem de mais precioso e seguem a linha ou fogem para Radosto em longas filas. As povoações estão a

arder, a desordem é espantosa. Vêem-se crianças meias nuas e mulheres descalças fugindo pela lama.

Os oficiais e soldados conduzem-se como brutos; de revolver em punho exigem tudo que lhes parece bom. Nós esperamos poder dormir no nosso compartimento até á partida do comboio, mas precisamos defender nos dos soldados com a arma na mão porque dele se querem apoderar. As carruagens são escaladas e os seus tectos estão cheios de soldados.

Os fugitivos não acabam de chegar. As gares situadas mais a Oeste fôram abandonadas pelos empregados. As tropas encontram-se cortadas de Constantinopla. Os comboios juntam-se na mesma linha.

O tempo está melhor. Mas a humidade faz apodrecer os sapatos. A miseria é geral, soldados ameaçam-nos e exigem de comer.

Alguns fugitivos são detidos em Tschorlu, partindo muitos deles em sentido contrario. Nada se sabe ao certo da situação. Que miseria! Pelo que eu ouço, a situação é má em toda a parte.

A divisão do principe Aziz, do 1.º corpo, experimentou tambem um pânico na direita da nossa linha, e a vista dos fugitivos contribuiu para abater o moral do 3.º corpo.

Esta retirada geral comprometeu a importancia do successo alcançado a 23 pelos outros corpos, que, para não se encontrarem isolados, tiveram tambem que bater em retirada, sobre Lula-Burgos ou Baba-Eski.

Os feridos oferecem um aspecto lastimavel. Tiveram de fazer a pé o longo trajecto de Kirk-Kilisse a Tschorlu por Baba-Eski antes de encontrarem os meios de evacuação.

Póde-se admitir que a situação de 24 ficou indecisa. Se não foi completamente desastrosa para os turcos, é necessário procurar a causa na ignorancia em que estavam os búlgaros da extensão da sua vitória. Não souberam explora-la; ou bem melhor, não pensaram sequer em occupar as posições abandonadas.



## A instrução técnica dos oficiais

Confronto entre os métodos de instrução adoptados na Escola de Guerra portugêsa e nas escolas de Espanha

### II

Está reconhecido de ha muito que o problema da vida nacional portugêsa é uma questão de natureza pedagogica. Mas não se procure alcançar a sua solução, lançando apenas á luz da publicidade reformas de instrução; pois temos de lutar dia a dia, pela transformação radical dos métodos de ensino. E se este facto se nota na instrução secundaria e superior, também a sua ação se exerce ainda muito mais sensivelmente nas escolas de applicação, taes como a Escola de Guerra.

Já tivemos occasião de dizer no nosso artigo anterior que o official portugês é uma victima da falta de escola pratica, não foi orientado devidamente na Escola de Guerra, onde perdeu um tempo precioso desenvolvendo um esforço colossal num apêlo quasi constante á memória.

No exército portugês nota-se a falta de applicação pratica dos principios mais usuaes na sciencia da guerra. Emquanto nos outros países se procura caminhar a par e passo com as investigações e progressos notados dia a dia nos exércitos que marcham na vanguarda dos modernos descobrimentos, em Portugal não se liga a importância devida a todas as questões que possam influir no levantamento das forças moraes. E tanto assim é que o numero de officiaes do nosso exército, que os govêrnos têm enviado ao estrangeiro em comissões de

estúdo é cada vez maior e no exército continua-se a saber cada vez menos do que êles lá foram vêr. Se porém repararmos por um instante para os meios empregados pela nossa vizinha Espanha para conseguir esse extraordinario desenvolvimento das suas forças vivas, lá encontram as relações intellectuaes estabelecidas com os principaes centros de civilisação para onde foram comissionados industriaes, professores, medicos, officiaes, etc., e que vieram depois dizer aos seus compatriotas tudo quanto podêsse traduzir um progresso, influir para qualquer transformação da vida nacional. Mas, limitando as nossas considerações ao caso especial da Escola Militar portugêsa, nota-se num exame feito aos programas de ensino, como se tem de recorrer ao artificio para se conservar a Escola de Guerra em local onde ela nunca poderia ter sido instalada, senão provisóriamente.

Mas o peor é que êses artificios representam um esforço exagerado e na maioria inutil, o que se traduz pela animadversão que todo o official sente enraizar-se-lhe profundamente na alma contra a Escola Militar por onde passou o período mais terrivel da sua existencia. Este facto tão sistematico era só por si sufficiente para levar alguem a investigar a origem do mal, operação esta que apesar de tão facil, não foi ainda posta em execução.

As réformas de instrução teêm sucedido, é certo, mas os processos da vida velha é que não se modificaram e até em alguns pontos se agravaram, já na vida nova. Assim, por exemplo, um facto unico em toda a história da pedagogia: ficar estabelecido na mesma escola o sistêma de recrutamento de professores precedendo próvas públicas, para uns, e documentaes para outros.

Como é possivel admitir-se o principio de um prestigio bem equilibrado entre toda a corporação docente, com um processo mixto tão absurdo, para recrutar professores dentro da mesma instituição de ensino?

Este facto só por si será o germen de uma perturbação profunda na vida dos mestres e educadores e com um bocado de reflexão dos dirigentes é de esperar que o sistema se modifique quanto antes.

Continuemos agora na analyse dos programas do curso de infantaria, que a seguir publicamos. D'uma simples leitura vê-se como se perdeu semanas a medir áreas de formações a *descrever o terreno em relatórios* (!), quando seria natural que essa descrição se fizesse em face de um

determinado original, no seu confronto com o mápa de uma região estudada. D'ahí resulta que os futuros officiaes quando chegam aos regimentos, não sabem distinguir uma estrada de um caminho, como se notava frequentemente nas Escolas Práticas das armas, onde os alunos não revelavam a mais ligeira noção de conhecimento pratico na ligação da carta ao terreno. Mas nos trabalhos de salas entregavam cadernos de papel com a *memória descriptiva*.

A falta de exercicios metódicos de applicação é manifesta e indesculpavel em toda a extensão dos programas. Mas como a nossa observação é considerada sob o ponto de vista profissional, pedagogico e pratico trataremos agora da cópia dos programas do curso de infantaria para a seguir fazêmos algumas considerações que seriam talvez desnecessarias, depois da simples leitura dos mencionados documentos, que constituem factos cuja analyse deve ser feita por todos que se preocupem com as questões de ensino no nosso pais.

### Programma n.º 1

#### Desenho de 1 carreira de tiro e seu desenfiamento

1.º — Planta de 1 carreira de tiro regimental completamente desenfiada, construída em terreno plano com a extensão de 400 metros, três linhas de tiro e havendo uma faixa de terreno para cada lado das linhas extremas de ... metros ...

2.º — Perfil longitudinal. Escala ...

3.º — Abrigos para marcadores. Escala ...

4.º — Descrição detalhada do desenfiamento.

Este trabalho será entregue no dia 4 de dezembro de 1912.  
Escola de Guerra, 5 de novembro, de 1912.

### Programma n.º 2 dos trabalhos de salas

#### Problemas elementares de tactica

A — Suppondo uma companhia de n... descrever detalhadamente:

1.º — A divisão da companhia.

2.º — Passagem da companhia em linha á columna da companhia.

3.º — Mudança da frente da columna de companhia para o flanco ...

4.º — Passagem á linha desenvolvida.

5.º — Passagem da companhia em linha á columna de companhia sobre a ...

6.º Passagem á linha sobre ...

B — Suppondo um batalhão a 4 companhias, tendo cada uma o efectivo acima indicado, descrever minuciosamente:

- 1.º — Passagem da linha desenvolvida á linha de colunas.
- 2.º — > da linha de colunas á coluna de batalhão.
- 3.º — > da coluna de batalhão á coluna dobrada.
- 4.º — > da coluna dobrada á linha de colunas.
- 5.º — > da linha de colunas á coluna de batalhão

com a frente para a . . .

- 6.º — Passagem da coluna de batalhão á linha desenvolvida. (N é o numero escolar do aluno).

Este trabalho deve ser entregue no dia 8 de janeiro de 1813.

Escola de Guerra, 11 de dezembro, de 1812.

### Programa n.º 3

Exercício de leitura de carta topográfica  
(aprovado em sessão do Conselho de instrução  
de 21 de dezembro de 1912)

Os srs. alunos redigirão uma memória descritiva de terreno representado na folha da Carta dos arredores de Lisboa, que fór indicada a cada um dos mesmos alunos.

Este trabalho será entregue no dia 8 de fevereiro de 1913.  
Escola de Guerra, 8 de janeiro de 1913.

### Programa n.º 4

#### I

A) — Calcular o espaço ocupado por um batalhão de infantaria nas seguintes formações:

- a) — linha desenvolvida;
- b) — coluna de batalhão, aberta e de costado;
- c) — coluna dobrada, normal e de costado;
- d) — linha de colunas, normal e de costado;

B) — Calcular o espaço ocupado por um esquadrão de cavalaria nas seguintes formações:

- a) — linha desenvolvida;
- b) — linha de pelotões, aberta e cerrada;
- c) — coluna de pelotões;
- d) — coluna de estrada.

C) — Calcular o espaço ocupado por uma bateria de artilharia nas seguintes formações:

- a) — linha singela e dobrada;
- b) — colunas, singela e de secções;
- c) — formação de combate.

Observação. — Com os calculos numericos os alunos apresentarão a representação gráfica das formações indicadas na es-

cala, que, pelo sr. lente adjunto lhes fôr determinada. O mesmo senhor lhes indicará o efectivo das unidades, a que os problemas se referem.

## II

A) — Na hipótese duma divisão com a composição e efectivo, que lhes fôr indicado, marchar ao encontro do inimigo pela estrada de . . . e supondo que a guarda avançada dessa divisão é constituída por 1 esquadrão de cavalaria, 1 regimento de infantaria, 1 grupo de baterias, 1 companhia de sapadores mineiros e 1 coluna de transporte de feridos; calcular a profundidade do grosso da coluna, e o tempo que este se levará a concentrar na altura da testa.

B) — Representar na Carta  $1/20000$  a coluna de marcha do grosso no momento, em que a testa attinge . . . e a disposição da coluna concentrada, na suposição que a artilheria fica sobre a estrada na formação da coluna de secções, que a infantaria forma no terreno marginal, na formação mais adequada a esse terreno, e que o trem de combate forma parque a . . . á retaguarda.

Este trabalho deverá ser entregue no dia 12 de março de 1913.

Escola de Guerra; 8 de fevereiro de 1913.

## Programa n.º 5

### Problemas tacticos — Hipótese geral

Na zona estratégica de operações definida pela península de Torres Vedras operou isoladamente uma divisão azul e uma divisão encarnada. Ambas receberão como missão, dos respectivos comandos superiores do exército a destruição da adversária.

Abstrae-se da existencia de Lisboa, e supõe-se que as operações se realizarão na primeira quinzena de março.

### Hipótese particular

A divisão azul passou a noite de . . . de março na zona Carnide-Bemfica-Queluz-Bellas e o seu comando recebe no dia seguinte ás 8  $1/2$  horas da manhã a notícia, enviada por um reconhecimento de oficial, de que a divisão inimiga avança pela estrada de Mafra-Sabugo, tendo a sua guarda avançada passado na ponte de Chelleiros ás 7  $1/2$  horas.

O referido comando decide opôr ao inimigo uma brigada, menos 2 batalhões nas posições da Matta (27s)—Vale de Lobos, ao norte de Suinas ( $\Delta$  291), procurando resistir ahí enquanto a outra brigada vai pela estrada de A. de Beja—Caneças, desenvolver-se no sector Mancebos-Almargem do Bispo e de lá actuar ofensivamente sobre o adversario. Os restantes 2 batalhões ficam em reserva geral na estrada Porcalhota-Massamá entre a ponte de Carenque e a ponte Pedrinha.

A situação da infantaria da divisão azul no estacionamento é a seguinte:

### Regimento de infantaria 1, Bellas

#### 1.º Batalhão (Machados)

1. <sup>a</sup> companhia.....	Casal da Carregueira
2. <sup>a</sup> > .....	Quinta do Bomjardim
3. <sup>a</sup> > .....	Machados, parte norte
4. <sup>a</sup> > .....	> > sul

#### 2.º Batalhão, Bellas

1. <sup>a</sup> companhia.....	Bellas
2. <sup>a</sup> > .....	>
3. <sup>a</sup> > .....	>
4. <sup>a</sup> > .....	>

#### 3.º Batalhão, Idanha

1. <sup>a</sup> companhia.....	Quinta de Grajal
2. <sup>a</sup> > .....	Venda Secca
3. <sup>a</sup> > .....	Idanha, parte norte
4. <sup>a</sup> > .....	> > sul

### Regimento de infantaria 2, Queluz

#### 1.º Batalhão, Massamá

1. <sup>a</sup> companhia.....	Quinta do Porto
2. <sup>a</sup> > .....	Massamá
3. <sup>a</sup> > .....	Olival
4. <sup>a</sup> > .....	Quinta da Foz-côa

#### 2.º Batalhão, Queluz

1. <sup>a</sup> companhia.....	Parte norte
2. <sup>a</sup> > .....	> >
3. <sup>a</sup> > .....	> sul
4. <sup>a</sup> > .....	> >

#### 3.º Batalhão, Amadora

1. <sup>a</sup> companhia.....	Porcalhota
2. <sup>a</sup> > .....	>
3. <sup>a</sup> > .....	Amadora
4. <sup>a</sup> > .....	Venteira

### Regimento de infantaria 3, Bemfica

#### 1.º Batalhão, Quinta da Venda Nova

1. <sup>a</sup> companhia.....	Quinta do Ministro
2. <sup>a</sup> > .....	> > Rangel
3. <sup>a</sup> > .....	> da Venda Nova
4. <sup>a</sup> > .....	> do Cesar

#### 2.º Batalhão, Bemfica

1. <sup>a</sup> companhia.....	Bemfica
2. <sup>a</sup> > .....	>

3. <sup>a</sup> companhia.....	>
4. <sup>a</sup> > .....	>

### 3.º Batalhão, Quinta das Garridas

1. <sup>a</sup> companhia.....	Quinta da Feiteira
2. <sup>a</sup> > .....	> > Casquilha
3. <sup>a</sup> > .....	> das Garridas
4. <sup>a</sup> > .....	Feiteira de Cima

## Regimento de infantaria 4, Carnide

### 1.º Batalhão, Collegio militar

1. <sup>a</sup> companhia.....	Collegio militar
2. <sup>a</sup> > .....	Quinta do Caupers
3. <sup>a</sup> > .....	> da Luz
4. <sup>a</sup> > .....	Quinta das Carmelitas

### 2.º Batalhão, Carnide

1. <sup>a</sup> companhia.....	Carnide
2. <sup>a</sup> > .....	>
3. <sup>a</sup> > .....	>
4. <sup>a</sup> > .....	>

### 3.º Batalhão, Casal do Falcão

1. <sup>a</sup> companhia.....	Quinta da Freira
2. <sup>a</sup> > .....	Casal das Lagôas
3. <sup>a</sup> > .....	Pontinha
4. <sup>a</sup> > .....	Casal do Falcão

A's 9 horas da manhã é distribuida ás unidades a ordem para a marcha, attribuindo á 1.<sup>a</sup> brigada, menos o 2.º e 3.º batalhões do Regimento de infantaria n.º 2 a occupação do sector defensivo M<sup>a</sup> da Matta-Val-de Lobos, e ficando á 2.<sup>a</sup> brigada a missão offensiva no sector Mancebas-Almargem do Bispo. Os 2.º e 3.º batalhões do Regimento de infantaria n.º 2 ficam em reserva geral.

A marcha da brigada é coberta pela cavalaria de segurança na força de 3 esquadrões primitivamente estacionada em Montelavar e Pero Pinheiro.

A' 1.<sup>a</sup> brigada é dado um grupo de 3 baterias de 7,5<sup>c</sup> T R., 2 pelotões de cavalaria, uma bateria de metralhadoras a pé, uma secção de munições de infantaria, e outra de artilheria, 2 hospitais de sangue e uma columna de transportes, tudo estacionado em Queluz.

A' 2.<sup>a</sup> brigada pertencem iguais elementos, que estarão estacionadas em Bemfica e Carnide.

Pede-se:

1.º — Considerações gerais sobre o estacionamento da divisão.

2.º — Organização detalhada do estacionamento dos ... com-

panhias do ... batalhão do regimento de infantaria n.º ..., na noite de ... de março, anterior á marcha para o combate.

### Croquis respectivos

3.º — Ordem de marcha á companhia de modo que ás ... horas passe com a testa no ponto inicial ... ou falta do ponto...

4.º — Figurado, na carta de Estado Maior da coluna de marcha, a que pertence a respectiva companhia, ás ... horas, suppondo que a ordem de sequencia das unidades de infantaria é a seguinte:

1.ª Brigada

2.ª Brigada

5.º — Considerações gerais sobre o desenvolvimento para o combate da respectiva coluna (ou sobre a acção eventual da reserva).

Todos os outros esclarecimentos necessarios para a resolução do problema serão fornecidos pelo lente adjunto, que dirigir o trabalho.

Deve ser entregue este trabalho no dia 10 de maio.  
Escola de Guerra, 6 de março, de 1913.

\*

\*

\*

A leitura destes programas constitue a mais documentada condenação aos métodos de ensino adotados no curso de infantaria. A evidente falta de coordenação, a desconexão dos assúntos e a gradação dos exercícos é de tal natureza que é da maxima necessidade cuidar-se quanto antes em se proceder á criação de qualquer repartição de estudos, no Estado Maior General do Exército, que quando esteja desempenhando a sua verdadeira missão, deve ocupar-se da elaboração dos programas de ensino para a instrução técnica dos officiaes. A Escola de Guerra tem de estar subordinada ao Estado Maior do Exército, que aliás deve superintender em todos os assúntos de instrução, logo que saia do estado embryonario em que se encontra ainda, após a nova organização do exército. Mas o mal não é exclusivo do curso da arma de

infantaria, pôde dizer-se que infelizmente se generalisa em todas as armas, como terêmos ocasião de ir verificando com a simples exposição de factos.

Em toda a mal orientada organização dos programas não se nota um modesto exercicio de pequenas unidades, como preparatório, ou trabalho preliminar para as grandes unidades.

Aos fogos de guerra não se dedica uma simples palavra! E como todo o tempo perdido em avaliar áreas de formações poderia ser optimamente aproveitado para a execução de trabalhos mais modestos e de aplicação imediata na vida dos futuros subalternos!

Como num curto praso de tempo o aluno poderia ser habituado a manejar uma carta em face do terreno e então, se tudo isto se executasse em Mafra, numa escola de guerra proxima do terreno adaptável a todas as situações, como as condições de ensino variavam por completo! Escusado seria andarem os alunos a perder tempo em longas *étapes* até alcançarem os objectivos fronteiriços á linha de circunvalação da capital em marchas extenuantes e pouco proveitosas.

Quem lucra com a conservação da Escola de Guerra no coração da capital?

O ensino? De fórma nenhuma.

As conveniencias pessoais dos alunos, tambem não. E se a transferencia está de ha muito indicada que se faça para as instalações da antiga Escola Pratica de Infantaria, porque motivo não se hade tomar uma resolução nêse sentido, desde que o aumento de despêsa é tambem nulo?

Se em todos os países assim se procede, porque motivo não se havia de tomar ha mais tempo entre nós uma resolução tão salutar?

Felizmente para a bôa orientação do ensino profissional dos futuros officiaes do exército este assûnto não pôde deixar de ser resolvido brêvemente; mas é preciso ainda que ao Estado Maior General do exército se confie a direção e fiscalisação dos programas e dos métodos de ensino. A Escola de Guerra tem de ser um órgão de execução, fiscalisada como todas as outras escolas do país, quando se compenetrem os legisladores da necessidade de encontrar solução para o problema pedagogico português.

(Continúa)

C. S.

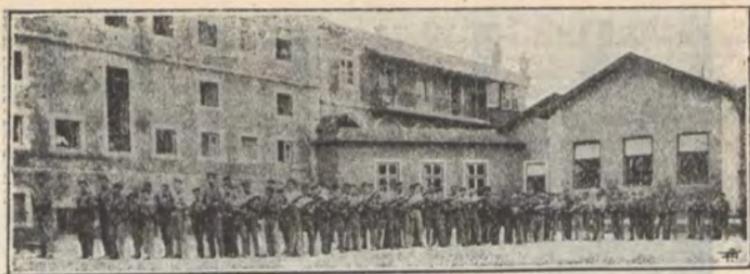


## Aos Ex.<sup>mos</sup> Ministros da Guerra e das Colonias

Acabam de ser promovidos a alferes para as colonias nos termos do Decreto de 14 de novembro de 1901, oito sargentos ajudantes de infantaria.

Vieram estas promoções prejudicar os alferes oferecidos, que segundo o § 2.º do art. 8.º do referido Decreto, eram os preferidos, dando-se ainda a circumstancia de que os alferes provenientes da classe de sargentos agora a promover, por incluir na respectiva lista, serem ainda dos prejudicados pela falta duma lei e que agora existe, qual é a da promoção em dia do terço dos sargentos ajudantes correspondente ao numero de aspirantes quando estes sejam promovidos a alferes, e que por tanto bem bastou áqueles o terem esperado pela sua altura para a promoção 18 e 20 mezes (se uns menos outros mais), quanto mais verem-se agora assim preteridos.

E se atendermos a que o cumprimento da lei traz beneficio, pois que havendo subalternos a mais na infantaria, numero agravado ainda com a justiça ultimamente feita pela citada lei que promoveu os sargentos ajudantes a alferes, em relação ao numero que lhes cabia segundo o terço dos aspirantes promovidos, maior fica o numero de subalternos, com a promoção de sargentos ajudantes, o que não sucedia recorrendo-se a officiais, jámais havendo-os oferecidos, por que saíam uns — os promovidos — e vinham outros — os regressados — não sendo assim alterado o numero que já ha a mais, tudo nos leva a chamar a atenção de Suas Ex.<sup>as</sup> os Ministros da Guerra e das Colonias para que estes factos sejam remediados.



# A PREPARAÇÃO MILITAR EM PORTUGAL

## Factores morais dos exércitos

*Conferencia realizada na Sociedade de Geografia em 5-4-1913*

*(Continuado do n.º 5)*

Mas quem nos pôde garantir que pelo facto da Hespanha haver entrado na esfera de atracção política da Inglaterra nós não estejamos sujeitos a um perigo ainda maior do que estavamos antes dessa aproximação?

Quem pôde prevêr que o fim político da Espanha não seja exactamente aproximar-se da Inglaterra, com o intuito de lhe dar algum auxilio maior do que nós lhe podemos dar numa futura luta no Mediterraneo e encontrar depois uma compensação numa tentativa de engrandecimento á nossa custa.

Quem pôde tambem prevêr que a Península Ibérica se manterá isenta de uma aggressão extranha?

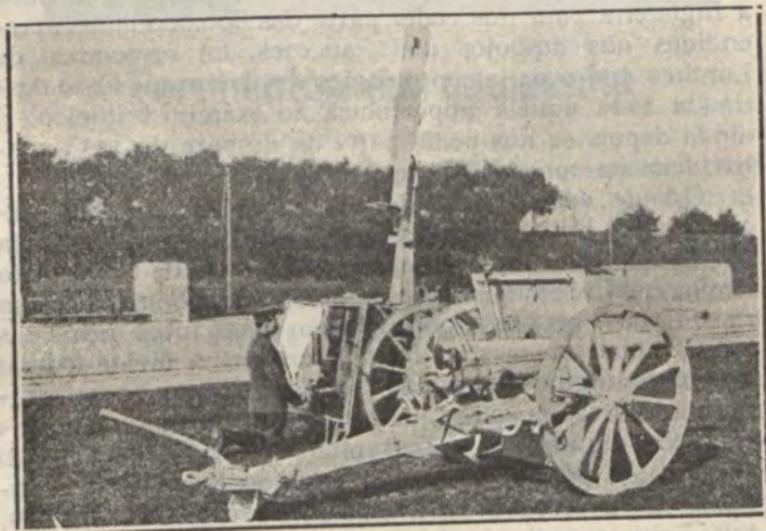
Desde que ela se incline para qualquer dos grupos aliados, como é possivel manter-se neutral?

Então já se esqueceram do que succedeu connosco em várias épocas posteriores a 1640 em que fomos arrastados ás lutas por vêses inglórias e contra a vontade dos nossos antepassados?

Em 1762 viu-se Portugal forçado a romper a neutralidade, que a todo o custo queria conservar, na luta que a França e Espanha, ligadas pelo pacto de familia, traziam com a Inglaterra.

Em 1801 quizémos ser neutrais, mas a Espanha contratára com a França guerra á Inglaterra e Napoleão mandou a Espanha invadir-nos. Fômos insultados, batidos, perdemos Olivença para conquistarmos a paz. E nas campanhas peninsulares não foi tambem Portugal arrastado a entrar na guerra?

Ora no momento atual que a rutura de uma conflagração geral está á mercê do menor incidente e em que toda a probabilidade é que a guerra rebente entre dois grupos e não entre duas potencias, não compreendemos que possa haver a cegueira de se esperar pelo dia em que haja a certeza de que temos de nos defender para se improvisarem meios de combate.



Material de artilharia de campanha Schneider-Canet

E mesmo porque a economia resultante de uma indecisão inadmissivel torna-se depois origem de mais avultadas despesas impostas pela vontade do vencedor.

Em 1801 nas condições de paz duríssimas apresentadas por Luciano Bonaparte e Manuel Godoy a Sousa Coutinho exigiam-nos 6:000 contos e queriam alem disso que Portugal cedesse á Espanha: Elvas, Campo Maior, Olivença, todo o território para além do Guadiana.

Junot, pelo decreto de 3 de dezembro de 1807, lançou uma contribuição de 2 milhões de cruzados para serem pagos nas proporções das fortunas; o alvará de 7 de junho de 1909 decretou uma pesada contribuição de guerra em que, só sobre o comercio e capitalistas se lançou um milhão de cruzados. Lançou-se tambem uma contribuição industrial sobre os advogados, escrivães, tabe-

liães, solicitadores, médicos, boticarios, bacalhoeiros, mercieiros, cambistas, donos de lojas, etc.

Pouco depois, para coroar a ruina do povo, veio de subito um decreto do imperador Napoleão, lançando a Portugal uma contribuição de 100 milhões de francos (18:000 contos) com o protesto de ser este o resgate das propriedades individuais. Para o pagamento desta espoliação recebiam os franceses ouro, prata e géneros.

E o mais curioso é que mais tarde, quando pediamos á Inglaterra para nos ceder parte das 800:000 libras apreendidas nos despojos dos franceses, foi respondido de Londres que o parlamento ingles resolvera que fôsse destinada toda aquela importancia ao exército britânico. E ainda depois se nos pedia parte da despeza de 1151 contos, feita na construção das linhas de Torres.

Grande ensinamento devemos tirar da guerra da successão nos Estados Unidos, para vermos quanto custa a um Estado, não ter o número consideravel de tropas para abafar uma rebelião, desde o início. Mas sobretudo devem reparar bem no preço porque saem essas lutas fratricidas entre filhos da mesma Pátria comum. A dívida federal elevou-se algum tempo depois da guerra a 17:246 milhões de francos, pelo que foi preciso aumentar as contribuições anuais de 1:600 milhões ou sejam 320:000 contos! As perdas para os Estados do Norte foram avaliadas em 286:124 homens dos quais 7:658 eram officiais. Luta gigantesca que durante 5 anos ensanguentou os Estados Unidos.

Mas vale a pena apresentar mais alguns algarismos: na campanha de 1866 a Austria pagou á Prussia 13:200 contos além de igual soma que lhe era devida pelo Schelewing-Holstein para as despesas da guerra.

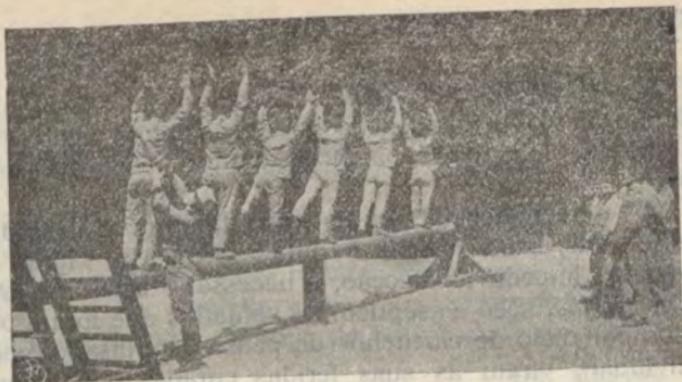
Bade pagou 2:610 contos, a Baviera, além da perda de direitos a territórios importantes pagou 13:050 contos.

Hesse e Saxe pagaram 7:200 contos.

Em 1871, além da ruina, da desolação e da miséria que os invasores espalharam na sua passagem até terminar o cerco de Paris, os franceses pagaram 1 milhão de contos de réis e perderam as provincias da Alsacia e da Lorena.

(Continúa).

J. A. CORREIA DOS SANTOS.



## Ferimentos em campanha

Com a devida vênia traduzimos o interessante artigo do ilustre médico suíço o sr. major dr. C. du Marval, da revista *A Cruz Vermelha Suíça*.

### Algumas notas sobre as experiencias dos cirurgiões durante a guerra dos Balkans

As diferentes missões enviadas junto aos exércitos turco e aliados, entraram nos seus países. De todos os lados os médicos e cirurgiões das sociedades da Cruz Vermelha publicam relatórios da sua actividade e tiram conclusões das experiencias feitas durante a guerra que acaba de findar. Algumas dessas conclusões são interessantes:

1.<sup>o</sup> — Por cada 100 feridos, 70 foram-no por balas de espingarda, 30 por balas de shrapnells e estilhaços de obuz. As feridas feitas por arma branca (sabre ou baioneta) foram muito pouco numerosas.

A gravidade das feridas depende da distancia do inimigo no momento do fôgo. Se o tiro é dado a menos de 500 metros, a bala produz estragos consideraveis. Se o inimigo faz fôgo a uma distancia de 500 a 1:500 metros, as feridas são menos graves. Para além de 1:500 metros, quando a velocidade da bala diminue, as feridas produzi-das tornam-se mais perigosas.

3.<sup>o</sup> — A bala turca, de um calibre inferior á dos aliá-dos, e recoberta com camisa de aço aguçada, fez em geral ferimentos mais benignos que a bala cônica dos aliá-dos. Esta bala cônica desvia-se muitas vezes no corpo e despedaça então mais os tecidos.

4.<sup>o</sup> — As feridas das balas de sharapnells e as feridas que fazem os estilhaços de obuz, são muito mais sérias que as das balas das espingardas e muito mais vezes mortais.

5.<sup>o</sup> — Reconheceu-se que para diminuir a gravidade das feridas, para chegar a uma cicatrização rápida das chagas e impedir a infecção, é necessário fazer *um penso muito rápido*, sêco e aséptico. Os soldados que foram pensados por meio de cartuchos de penso esterilizado (penso individual), viram as suas feridas curadas rapidamente.

6.<sup>o</sup> — O melhor desinfétante parece ser a tintura de iodo, com que se devem tocar as feridas e pintar a pele adjacente. As lavagens com outros antisépticos, não deram bons resultados.

7.<sup>o</sup> — E' também á prudencia dos cirurgiões, *á sua abstenção*, que se deve um grande número de curas. Hoje os cirurgiões não procuram já intervir em todos os casos; a cirurgia de guerra torna-se essencialmente conservadora. E' necessário esperar pacientemente o momento em que uma intervenção se imponha, ou em que uma complicação obrigue o cirurgião a operar, mas essas complicações são tanto mais raras quanto mais vezes se deixa agir a bôa naturêsa.

8.<sup>o</sup> — E' necessário cada vez mais chegar a *transportes rápidos*, de forma a colocar os feridos em hospitais convenientes, ao abrigo das intempéries, nos meios onde estão reunidas as melhores condições de cura

9.<sup>o</sup> — A resistencia individual dos soldados, foi grande durante a guerra de 1912-1913; os homens eram em geral muito vigorosos e quasi nunca alcoólicos e é necessário notar que foi, graças a essa resistencia física, que muitas complicações secundárias poderam evitar-se, apesar das privações que não faltaram aos homens, durante um inverno rigoroso. Homens são suportaram e venceram sempre mais facilmente lesões graves que organismos depauperados, com *surmenage*, alcoolizados, e menos habituados ás fadigas como eram os camponêses da península balkanica.

Nós próprios tivemos ocasião de observar casos surpreendentes:

Lembramo-nos de ter encontrado nos hospitais sérvios e búlgaros muitos homens caídos com feridas penetrantes no abdomen. E' tóra de dúvida que muitas ansas intestinaes tinham sido perfuradas, mas êstes soldados cura-

ram-se muitas vezes sem intervenção cirúrgica, unicamente pelo repouso e dieta absoluta, e graças a sua boa saúde anterior.

10.º — O princípio admitido «o transporte é a primeira necessidade do ferido», fica em pleno vigor. *A cirurgia no campo de batalha, deve ser muito simples, mas a evacuação dos feridos muito rápida.* Na retaguarda, nos hospitais, a regra geral deve ser a abstenção cirúrgica, enquanto ela se não imponha de uma maneira evidente.

DR. MARVAL

M. Roquette, cap. inf.<sup>a</sup> trad.

## Secção do estrangeiro

**Alemanha.** — *Granadas de mão.* — Vae ser adótada no exercito desta nação uma granada de mão para exercicios, consistindo em um recipiente cilindrico de cartão coberto com uma ligeira tampa de madeira e contendo 1 grama de polvora ordinaria, á qual se comunica fogo por meio de uma mecha Bikford, que tarda 7 segundos em arder. Apesar da diminuta carga de polvora, faz fumo bastante para indicar o ponto em que caiu, não oferecendo ao mesmo tempo perigo algum.

**Brazil.** — *Reorganisação da confederação do tiro.* — O director da Confederação apresentou á consideração do ministro da guerra algumas medidas que julga necessarias para que as sociedades de tiro constituam uma verdadeira reserva do exercito, com educação militar e apta para a defeza do territorio nacional.

Uma das necessidades que se apresenta á primeira vista é a criação de um governo tecnico e respectiva secretaria, dando-se á direcção da confederação uma autonomia de que hoje carece.

As sociedades de tiro devem ser organisadas em companhias semelhantes ás de caçadores do exercito. Como garantia, para os postos de officiais subalternos e graduados, serão estas concedidas mediante concurso.

O director da Confederação propoz que os cargos de inspectores fossem exercidos por atiradores, que receberiam uma recompensa especial por esse serviço.

Justifica a criação de um poligono de tiro em cada região militar, necessidade que se faz sentir tanto no exercito de primeira linha como no da segunda. Aos candidatos a empregos publicos, dos que desejem matricular-se nas escolas superiores, assim como dos operarios que desejem colocações nos estabelecimentos federais, dever-se-lhes-ia exigir o diploma de reservistas.

O director da Confederação propõe ainda que as sociedades de tiro recebam uma subvenção pecuniaria conforme o numero de atiradores de que disponham; isto seria um estímulo para que as sociedades tratassem de apresentar anualmente um grupo de socios convenientemente educados na pratica da guerra.

Convem dar um uniforme ás sociedades, propondo ainda

mais algumas outras reformas, entre as quais a modificação do tipo de chapéu e calçado até agora usado pelas sociedades de tiro; indica a necessidade de uniformisar o tipo das cartucheiras usadas, adotando um modelo geral, que propõe.

No mês passado existia em todo o territorio dos nossos irmãos americanos 209 sociedades de tiro assim distribuidas pelas diferentes regiões militares:

Amazonas .....	3
Territorio do Acre .....	1
Pará .....	3
Maranhão.....	2
Piauhy .....	4
Ceará .....	13
Rio G. do Norte.....	5
Parahyba .....	7
Pernambuco .....	33
Alagoas .....	3
Sergipe .....	4
Bahia .....	5
Espirito Santo .....	1
Rio de Janeiro .....	13
Minas Geraes .....	21
Districto Federal .....	13
S. Paulo .....	49
Paraná .....	5
Santa Catarina .....	5
Rio Grande do Sul .....	14
Mato Grosso.....	7
Total.....	209

Todas estas sociedades teem um numero de socios superior a 50:000 homens, mais ou menos instruidos.

Muitas sociedades fazem concursos especiais, sendo o rendimento obtido, termo medio, superior a 60% para as provas com revolver e pistola. Organizam tambem *raids* de infantaria e exercicios tecnicos de dupla acção, algumas vezes agregadas ás tropas federais da mesma guarnição.

**Rumania.** — *Limites de idade.* — Uma lei recente reduziu o limite de idade de 68 para 65 anos para os generais comandantes de corpo de exercito; de 65 para 62 para os generais de divisão; e de 62 para 60 para os generais de brigada.

Para os officiaes superiores conserva-se o limite antigo.

Os capitães que forem atingidos pelo limite da idade são ainda conservados 2 anos nesse posto, podendo ainda ascender ao posto immediato se durante esse lapso de tempo tiverem vaga.

**França.** — *Aumento de soldos.* — Está-se tratando presentemente em França de aumentar os soldos dos officiaes. Ha tempos foi nomeada uma comissão, que já apresentou os seus trabalhos ao ministro da guerra. Este, sendo perguntado por carta por um deputado, respondeu, tambem em carta que a *France Militaire* publicou, que estava na melhor das intenções de converter esse projecto em lei e que já tinha mesmo tratado o assunto com o ministro das finanças, que no entanto não se tinha ainda resol-

vido a dar-lhe o seu voto por causa das dificuldades orçamentaes, mas que estava tratando de estudar a fôrma de dar ao assunto um caracter pratico a fim de o efetivar.

Ora, segundo o projecto que o ministro da guerra apresentou ao seu colega das finanças, os soldos dos officiaes serão aumentados da seguinte fôrma :

O soldo mensal dos generaes de divisão seria augmentado de 100 francos e a dos generaes de brigada de 210 francos.

Para os coroneis, que são, a partir de 1913 repartidos, para effeitos de saldo segundo a sua antiguidade e que ha duas tabelas fixadas em 750 e 678 francos, haverá um augmento em cada uma das tabelas que será confrontado, em medio, em 276 francos, ficando assim e subsistir apenas uma tabela unica.

E da mesma forma para os tenentes-coroneis. As duas tabelas que devem existir a partir de 1913 seriam reunidas com um augmento medio de 235 francos.

Para os majores o projecto mantem as duas tirifas de saldo, que serão augmentadas cada uma em 208 francos.

O projecto prevê para os capitães, que, como se sabe formam 4 tabelas conforme as suas antiguidades e tempo de serviço, um augmento medio de 188 francos.

Para os tenentes, tambem divididos em 4 tabelas, o augmento será de 110 francos e para os alferes será de 72 francos.

## CONSULTAS

32.ª — A mulher de official demetido do exército tem direito ao Montepio official por êle vencido enquanto pertenceu ao exército?

*Segundo os atuais estatutos, aprovados por Decreto de 22 de novembro de 1870, tem, se o socio continuar a pagar as suas cotas, depois de obter a admissão, pelo pedir; o mesmo se dá quando demetido pelo govêrno, sem ser por sentença condenatoria; e, quando demetido por sentença condenatoria, os seus herdeiros têm direito á pensão a que tinham direito na epoca de sua admissão.*

33.ª — Quando um official divorciado casar 2.ª vez, qual das mulheres terá direito ao Montepio official, a 1.ª ou a 2.ª?

Prejudicada, visto que a questão, com quanto já tenha sido ventilada, ainda não foi resolvida.

No emtanto, o consulente que tanto se interessa por questões respeitantes ao nosso Montepio Official, bem poderia, pela propaganda intensa e racional, procurar promover que os seus estatutos fôsem completamente remodelados, tendo como fundamento da sua modernisação científica o *relatorio da comissão incumbida de propôr pelo ministerio da fazenda as bases para a reforma da lei organica do Montepio official, acompanhada de um projeto de novos estatutos elaborados de harmonia com as ditas bases e em conformidade da portaria de 10 de março de 1904.*

Determinando o art. 39.º do regulamento para as promoções aos postos inferiores do exército, na sua condição 2.ª, que para ser

promovido a 1.º sargento é necessário ter, como 2.º sargento, tomado parte numa escola de recrutas e noutra de repetição, pergunta-se:

Poder-se-ha concorrer sem as referidas escolas, ainda que, para se ser promovido, se tenham de as fazer?

*Deve ter tomado parte no ultimo periodo da escola de recrutas que acabou, conforme as recentes alterações ao respectivo regulamento de promoções, e na escola que so segue, até prestar as suas provas no concurso ou terminal-a. Comtudo, póde, no praso respectivo, fazer a competente declaração para o proximo concurso prra 1.º sargentos.*

34.ª — Um major diretor da instrução de recrutas do respectivo regimento tem competencia disciplinar sobre todas as praças que dão e recebem instrução de recruta, ou simplesmente sobre as do seu batalhão?

*Tem competencia sobre todas as praças, devendo comtudo participar ao comando o castigo applicado a alguma delas.*

## SUBSCRIÇÃO

A Comissão encarregada de angariar donativos para occorrer ás despesas com o processo instaurado em Braga ao alferes J. P. R. B. por um acto por êle praticado em defeza propria e cujos resultados, publicados obsequiosamente na *Revista de Infantaria*, nos numeros 2, 3, 4 e 6 do corrente ano, foram:

Receita . . . . .	474\$100 réis
Despeza . . . . .	426\$726 »
Saldo . . . . .	47\$375 »

vem declarar que, não tendo querido aquêlê official receber o saldo da subscrição, apezar de, pessoalmente, ter feito bastantes despesas com o seu processo, resolveu entregar o aludido saldo a estabelecimentos de beneficencia, se outra indicação não fôr feita pelos camaradas subscriptores até ao fim do corrente mês.

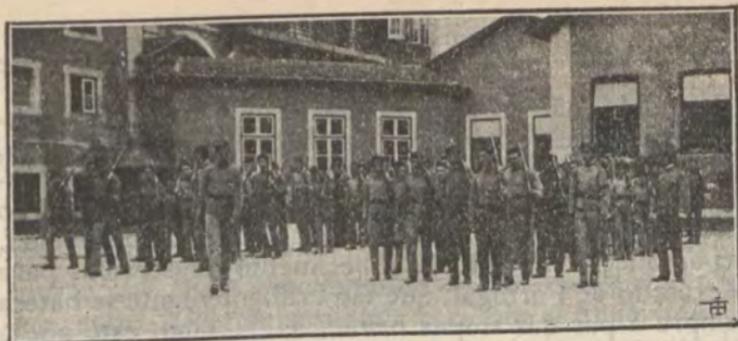
Lisboa, 13 de Junho de 1913.

Pela Comissão,

- (a) *José Afonso Pala*, capitão.
- (a) *José Bernardo Ferreira*, capitão.
- (a) *Sezinando Chagas Franco*, tenente.
- (a) *José d'Ascenção Valdez*, tenente.
- (a) *João Lopes Soares*, tenente.

---

**ERRATA** — No numero 6 safu no destino do Saldo a designação: *Entregue ao interessado* — em vez de — *A' disposiçào do interessado*, etc



16.º ANO

AGOSTO DE 1913

N.º 8

# REVISTA DE INFANTARIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — Empresa da Revista de Infantaria

Composição e impressão na tipografia da Cooperativa Militar

---

## CURIOSIDADE HISTORICA

Compulsando ha tempo, para uma investigação historica a que procediamos, varios documentos da correspondencia do Marechal Beresford para D. Miguel Pereira Forjaz, o celebre ministro da guerra da Regencia de 1807 a 1820, existentes no nosso Arquivo militar, referentes ao ano de 1813 e portanto ao periodo da *Guerra peninsular*, deparámos com um officio que nos parece curioso reproduzir por quanto êle constitue, a nosso vêr, mais um atestado eloquente do proposito firme do Marechal Beresford e em geral de todos os chefes inglêses do exército aliado anglo-luso, de occultarem quanto possivel os serviços relevantes dos mais notaveis officiaes portuguezes da época e de reservarem, com exclusivo ciume, para os seus compatriotas a fama e a gloria dos louros alcançados naquela porfiada campanha.

Bom é não esquecer nunca as lições da Historia, e relembrá-las é um dever!

Nessa campanha de quasi 6 anos em que tão eficazmente cooperámos, em que tanto sangue portuguez foi

derramado, não só para beneficio da Patria, mas tambem para grande beneficio da Inglaterra e da Espanha, Lord Wellington — a quem aliás a nossa independencia tanto deveu! — ao abandonar o exército aliado no final da campanha, não teve uma palavra de despedida, de agradecimento, de reconhecimento de serviços para o exército de Portugal, que tão brilhantemente se batera sempre a par das tropas britannicas... factó este que a sua exigencia, um ano depois, em 1815, assáz comprova, ao pretender que Portugal lhe fornecesse um corpo de 15:000 homens para a campanha da Belgica!

Quanto á Espanha, depois de Olivença ter sido tomada aos francezes, em 15 de abril de 1811, por tropas portuguezas e algumas britannicas, todas sob o comando de Beresford, depois de nas campanhas de 1811, 1812, 1813 e até final da guerra, termos eficazmente contribuido para que o seu sólo fôsse libertado da presença dos soldados de Napoleão, pagou-nos, opondo-se sempre á restituição de Olivença, que ainda hoje conserva.

Bom é termos sempre presente as lições da Historia!

Segue a transcripção do officio :

«N.º 590

Ill.º e Ex.º Sr.

«Havendo recebido a carta de V. Ex.ª de 9 do corrente, participando-me que tendo-lhe escripto o Embaixador de S. A. R. da Côrte de Londres, pedindo-lhe alguns detalhes Biographicos dos Officiaes Portuguezes que por feitos de Armas se teem distinguido na guerra actual contra os Francezes, a fim de serem inseridos no Panorama Militar que Mr. Phylippurt deseja publicar em Londres; V. Ex.ª se lembrava de que podia ser encarregado d'este trabalho o Major Chapuzet<sup>1</sup>, pedindo-me lhe communicasse se nisto havia algum embaraço; tenho a honra de observar em resposta d'isto a V. Ex.ª que hum Panorama Militar

<sup>1</sup> Sem duvida João da Matta Chapuzet, official do corpo de engenheiros e que em 1812 era capitão assistente do Quartel mestre General.

«sendo uma pintura na qual se expressa huma Batalha  
 «ou acçoens Militares, não posso comprehender como  
 «para isto se fassão precisos os detalhes Biographicos,  
 «ou Discripção da Vida dos sujeitos que na mesma pin-  
 «tura se pretendem representar. Portanto, em quanto  
 «sobre isto não tiver melhor explicação, se me offerece  
 «dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que huma das difficuldades que n'isto  
 «encontro, he a generalidade com que o maior numero  
 «dos Officiaes Portuguezes se tem constantemente des-  
 «tinguido, e imittado reciprocamente em acçoens de  
 «Patriotismo e Valor, em todas as occazioens desta  
 «Guerra; e não se haver por tanto recomendado á me-  
 «moria nomes e factos particulares, praticados com es-  
 «pecialidade. Comtudo, á vista do que V. Ex.<sup>a</sup> sobre a  
 «minha duvida me responder, eu poderei então dar a  
 «opinião que V. Ex.<sup>a</sup> sobre este assumpto me pede <sup>1</sup>.

«Deos Guarde a V. Ex.<sup>a</sup>. Quartel General em Za-  
 «rauz, 23 de Agosto, de 1813.

«Marl. W. C. Beresford, Marq. de Campo Maior.  
 «Sr. D. Miguel Pereira Forjaz».

\*

\*

\*

Como se vê, ao passo que o português D. Miguel Pereira Forjaz—embora essencialmente anglofilo—não só aceitára de boa vontade o pedido do nosso embaixador em Londres, mas até indicava um official competente, o major Chapuzet, para coligir os *detalhes biográficos* dos officiaes portuguezes que *por feitos d'armas* se tinham distinguido na guerra contra os francezes, o *inglês* Beresford<sup>2</sup> recorria a indignos subterfugios para não mandar satisfazer o pedido, inclusivè, faltando á verdade, ao afirmar *não se haver recomendado á memoria nomes e factos particulares praticados com especialidade!*

Póde calcular-se quanto seria facil ao major Chapuzet desempenhar-se do encargo em 1813 — ainda no

<sup>1</sup> Reproduzimos o officio com a propria ortografia e pontuação.

<sup>2</sup> Aliás irlandês por nascimento.

decurso da campanha, — quando agora, a 100 annos de distancia, a simples leitura das *Ordens do dia*, de 1809 a 1814, dá o mais completo e solene desmentido á gratuita afirmação do orgulhoso Marechal!

Desnecessario é afirmar que a subserviencia de D. Miguel Pereira Forjaz levou-o a acatar sem mais réplica as observações de Beresford não tendo, por isso, andamento o pedido transmitido pelo nosso embaixador em Londres.

Curiosa coincidência: em junho de 1913, e a proposito de uma medalha concedida pelo governo inglês e pela batalha de Vitoria ao nosso general Silveira — que nela comandou a *divisão portuguesa* — pedem-se, de Londres tambem, apontamentos sobre os serviços prestados pelo Conde de Amaranthé (*sic*). E êsses apontamentos foram remetidos tão minuciosos quanto possivel, embora a biografia militar do célebre tenente-general Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, 1.º Conde de Amarante — um dos officiaes portuguezes que nunca mereceu as simpatias de Beresford — não esteja ainda hoje, embora publicada em várias obras<sup>1</sup>, completamente e imparcialmente feita.

MAJOR PACHECO SIMÕES

---

## A instrução técnica dos officiaes

### III

Confronto entre os métodos de instrução adoptados na Escola de Guerra Portugueza e nas escolas de Espanha.

Antes de proseguirmos nas nossas modestas considerações, devemos dizer a alguns dos leitores, que possam extranhar a forma abrupta como appareceu nas paginas desta revista uma extensa citação de factos, acêrca da forma como se orienta o ensino na Escola de Guerra,

---

<sup>1</sup> Soriano, Chaby, Dictionario Popular, varias monografias publicadas por 1811 e 1812, etc.

que de ha muito, ainda no tempo da monarchia, este estabelecimento de ensino profissional tem merecido a nossa critica em artigos que será facil coligir em algumas gazetas diárias. Por mais de uma vez, por ocasião do preenchimento das vagas de lentes, quando vimos as anomalias a que conduzia o sistema de concursos documentais, que deram como resultado ficarem excluidos do corpo docente da Escola capacidades tão illustres, tais como, Achilles Machado, dr. Santos Lucas, Almeida Lima, Mancelllos Ferraz, Pereira Bastos, etc., agitámos a questão relativa ao sistema de recrutamento de professores, sendo de opinião que o concurso precedendo provas publicas era ainda a unica forma de se evitar a repetição de factos que só serviam para quebrar o prestigio de uma corporação que deve dar uma absoluta garantia de capacidade para se desempenhar de uma tão elevada missão. E não nos enganavamos nos nossos vaticinios porque os factos, testemunhados por dezenas de gerações que foram massacradas no tribunal inquisitorial da Bemposta dão-nos razão de sobejo para irmos insistindo nesta campanha tão justa e necessária: a modificação radical dos métodos de ensino adoptados na Escola de Guerra.

Mas porque motivo não insistimos nós noutra época e interrompemos o nosso tiroteio que mal se fazia ouvir numa ou outra ocasião, embora não pensassemos nunca em ser candidatos ao alto grau de mestres na Escola militar? Pela simples razão de que nos tempos do velho regimen a ex-Escola do Exército era um viveiro de politicos que empregavam a maioria da sua actividade nos cargos mais importantes do Estado e seria uma loucura querer esgrimir contra êles, embora tivessemos por nós todos os argumentos e o apoio moral dos officiais do exército que mal podiam conter na alma um eterno brado de revolta contra todas as venalidades de que fôram vítimas, agravadas com um dispendio colossal de energia que tão mal era aproveitada para o fim que se deve ter em vista na preparação dos futuros chefes condutores das grandes massas humanas para a vida ou para a morte gloriosa num campo de batalha.

Mas com a mudança do velho regimen é-nos licito acalentarmos uma esperança de que não continuaremos bradando no deserto e que alguma coisa se ha de con-

seguir para fazer modificar os velhos hábitos adoptados, tanto no critério seguido para bem aferir da capacidade dos que se propõem a mestres, como para instruir e educar os alunos, segundo as regras mais em voga nos diferentes paizes. E como se vê, nós não vamos buscar exemplos ás grandes potencias, fazemos apenas um modesto confronto com a nossa vizinha Espanha, nação que por todos os motivos não pôde sêr-nos indiferente, em todos os processos adoptados para o aperfeiçoamento técnico dos officiaes do seu exército.

Como tivemos occasião de vêr, pelos programas já publicados, relativos ao curso de infantaria, professados na Escola de Guerra, a desorientação e falta de método são uma coisa verdadeiramente pavorosa! Mas um facto muito curioso que se dava até ha pouco tempo e que, segundo nos parece, ainda continua a ser notado: o aluno entrega um trabalho de salas e nunca chega a saber onde errou para ter occasião de corrigir os erros.

A classificação dos trabalhos aparece publicada e nunca se destina um dia sequer, para se trocar impressão com os alunos ácerca do melhor caminho que devia ter seguido para chegar ao fim que se tem em vista. E no curso do Estado Maior *nunca* se trocou uma única impressão entre o official aluno e o lente adjunto sobre a melhor forma de se orientar o assunto, quer fôsse da tactica, estrategia ou orgânica. *Magister dixit* e nem uma palavra de comentário á obra julgada pelo mestre! Ora este facto constituia um erro tanto mais condenável, quanto é certo que de uma bem orientada e metódica discussão nos assuntos militares de applicação, resulta fatalmente a precisão das idéias que devem ser claras sobre uma determinada interpretação dos principios a aplicar.

E que série de comentarios se faziam a um tal procedimento do qual resultava sempre ficar mal ferida a competencia profissional do lente adjunto, que em regra nada esclarecia e por vezes se limitava a citar nomes de obras e de catálogos. E assim o trabalho monumental, verdadeiramente assombroso exigido aos officiaes alunos do curso de guerra não era, nem poderia

ser tão proficuo enquanto a orientação seguida não fôsse outra nos trabalhos de aplicação, como de resto sucederia nos outros cursos onde se tem em vista bater o *record* do preenchimento de resmas de papel com citações e estropiar a memória com pormenores intoleráveis, pondo por outro lado de parte questões de mais rudimentar aplicação na vida prática.



Alunos da Academia de Infantaria de Toledo

Nós temos feito um esforço sobre-natural para não alongarmos as citações de factos, mas ha algumas que não podemos omitir como por exemplo: um aluno de infantaria em pleno seculo xx ter acabado o seu curso da Escola de Guerra, ser considerado apto para comandar um pelotão e não ter visto funcionar uma única metralhadora das que se empregam no exército!

Isto é simplesmente inacreditavel!

O aluno de artilharia não via disparar uma peça!

Um aluno ser considerado apto para dirigir um pelotão no combate e nem sequer fazer uma *idéia prática* de que sejam fogos de guerra!

E outro tanto sucedia com os officiais das outras armas que saíam da Escola com a cabeça a estoirar, cheia de tanta teoria, que muitas vezes era bem mal digerida pelos mestres!

E se fôssemos fazer a história dos factos passados em exames e aulas teóricas, na organização de pontos encontraria o leitor os assuntos mais inconcebíveis e picarescos e que já deram assunto para a tradição urdir os mais ridículos dispautes que durarão através dos séculos. Assim, por exemplo, é conhecida a predilecção que um antigo lente tinha pelos estrumes que eram indicados aos alunos para serem tratados em ponto, sobre a seguinte fôrma muito curiosa:

Ponto n.º 1 — *Estrumes e porquê?*

Mas o leitor julga que se extinguiu por completo esta fôrma tão característica e incompreensível de organizar pontos para alunos? Não senhor, vai encontrar melhor quando vos apresentar a série de pontos práticos e teóricos que foram patenteados aos candidatos aos primeiros concursos precedendo provas públicas, que se realizaram na Escola de Guerra; ainda que nós, segundo a opinião dum dos *mais illustres* mestres da Escola, para irmos mais depressa, devessemos começar pelo fim.

\*

\*      \*

Muito embora as nossas considerações sejam todas documentadas em factos do dominio do nosso meio militar, devemos ser justos em confessar que na Escola de Guerra se notou este ano, depois que se iniciaram as visitas ao estrangeiro, effectuadas pelos lentes da Escola, um manifesto desejo de fazer progredir os métodos de ensino e assim, embora haja numerosas lacunas a preencher e algumas delas não possam ser preenchidas enquanto a Escola de Guerra não fôr instalada em Mafra, é certo que já se saiu este ano lectivo do entorpecimento que até então se notava. As campanhas abertas contra a Escola, algumas delas bem violentas, conseguiram despertar o seu corpo docente.

A realização dos exercicios no campo de Tancos

mostrou quão necessário e útil é o ensino prático e como esse deve ser preparado com maior antecedencia e sem artificios, provenientes da falta de tempo e do maior aproveitamento do periodo teórico, e do que se segue ao encerramento das aulas.

Os exercicios em Tancos veem confirmar em absoluto que a Escola de Guerra deve estar instalada em Mafra, proxima dos variados theatros de operações de pequena guerra onde os alunos encontrem locais apropriados para os diferentes exercicios. E' assim que faz a Espanha, a França e a Alemanha tirando as escolas militares da séde da capital. A academia de Infantaria instalada em Toledo realisa anualmente trabalhos de campo durante um mez, em terrenos escolhidos para todos os exercicios militares, onde vai bivacar e ali se conserva até estarem terminados os exercicios. Mas não fazem viagens em comboio desde a Escola até ao local dos exercicios, visto que estes se executam, quando muito, a uma *étape* da Academia. Com a despeza feita em Portugal com o transporte de alumnos em caminho de ferro, como succedeu na marcha para Tancos, pôde-se auxiliar a verba a dispender com a instalação da Escola de Guerra em Mafra, o local que terá de ser lhe destinado num periodo mais ou menos longo, muito embora a isso se oponham quaesquer interesses particulares, que nada valem em face do papel primacial que em toda a parte se destina á instrução professional dos futuros officiais do exército.

Seguindo o exemplo de Espanha e de outras nações, a Escola de Guerra deveria ser fraccionada em Academias, funcionando cada uma delas junto da respectiva escola pratica, mas emquanto assim não se proceder a instalação terá de ser feita em Mafra.

(Continúa).

C. S.



## A BATALHA DE LULA-BURGAS

### II

A seguir á derrota dos turcos em Kirk-Kilisse causada pelas suas proprias tropas em virtude do panico quase geral que delas se apoderou, os bulgaros dividiram as tropas que nela tinham tomado parte. O 1.º e o 3.º corpos bulgaros continuaram a marchar para o sul e as restantes forças que lhe ficavam mais para leste marcharam em direcção de Bunarhisar e Viza.

Como se vê pelo croquis que juntamos ao primeiro artigo, o terreno que constituiu o teatro destas operações é caracterizado pela existencia de numerosos cursos d'agua que em direcção sensivelmente paralela correm para sudoeste, o que lhe dá um aspecto devéras ravinado.

E este aspecto faz com que o horisonte seja ali bastante limitado, mal deixando que a vista se estenda para além da crista seguinte. Os vales são bastante largos e profundos, tornando-se alagadiços e pantanosos logo que as chuvas se prolongam, como estava sucedendo na quadra em que se davam os acontecimentos a que nos estamos referindo.

O major Hochwaechter acusou os bulgaros, como já vimos no primeiro artigo, de não terem efectuado uma perseguição vigorosa, pois que a fuga desordenada dos turcos lhe dava todas as probalidades d'uma estrondosa victoria. A razão porque os bulgaros se limitaram a uma perseguição moderada e lenta ainda não é oficialmente conhecida, mas é natural que resida na propria natureza do terreno. Em um terreno assim constituido é sempre facil e pronta uma organização defensiva que poderia comprometer as forças atacantes mais

empenhadas ou mais isoladadas. A explicação parece pois residir na vulgar prudencia, que em casos desta natureza é sempre aconselhavel. Alem disso a região é pouco habitada, imensamente pobre e quasi completamente desprovida de quaisquer vias de comunicação de caracter regular. A propria estrada que partindo de Andrinopla passa por Lula-Burgas não é empedrada.

Os bulgaros desejando dar um golpe decisivo, ainda reforçaram mais as tropas que iam penetrando pelo coração da Turquia. Reforçando os exércitos empenhados com os reservistas dispuniveis, fizeram ainda apelo ao 2.º corpo d'exército, que se encontrava empenhado no investimento de Andrinopla, podendo-se desta forma calcular o efectivo das forças que entraram no combate de Lula-Burgas em cerca de 200:000 homens.

A victoria de Kirk-Kilisse elevou extraordinariamente o moral das tropas bulgaras, que em marchas successivas se dirigiram para o sul, tendo apenas os descansos necessarios para se efectuarem os reabastecimentos.

O primeiro exercito logo que chegou a Keremetlija-Kukeler-Demeranlija, destacou uma parte das suas forças para reforçar o investimento de Andrinopla, indo as forças restantes para Baba-Eski e Jenikoj. Mas quando estas forças lá chegaram já uma divisão de cavalaria se tinha apoderado de Baba-Eski e dos pontos de passagem de Dimotika, aprisionando na gare d'aquela povoação o ultimo comboio que vinha de Andrinopla.

Os acontecimentos que se tinham dado na batalha anterior e sobre tudo a retirada desordenada, que não se efectuou conforme os planos que os turcos tinham concebido, fizeram com que os restos ordenados, que ainda existiam, não podessem alcançar o Ergene sem que se ferissem novos combates em que os proprios turcos teriam de tomar a ofensiva. A esquerda do exercito turco foi cair em Baba-Eski, não podendo por isso, em virtude da sua posição e da ofensiva que os bulgaros estavam desenvolvendo, reforçar Tschorlu.

Alem disso a ala direita dos turcos ainda se encontrava batendo desordenadamente em retirada em direcção a Bunarhisar, encontrando-se exposta a ser batida de flanco pelas colunas bulgaras que marchavam sobre Viza.

Em face do perigo iminente que estava prestes a desencadear-se sobre as tropas otomanas, o estado-maior turco tomou uma resolução que bem pode ser considerada heroica. As tropas bulgaras que marchavam sobre Strandja, ameaçavam-lhes por uma forma devéras sensível a sua única linha de retirada, e, para evitar esse perigo decidiu tomar a ofensiva sobre a sua direita, de Viza e Bunarhisar sobre Kirk-Kilisse, manobra esta que seria facilitada se se conseguisse ocupar pela ala esquerda Lula-Burgas e Turk-Beg.

Esta resolução heroica foi bem compreendida pelas tropas turcas já refeitas do panico sofrido. Fortes columnas que partiram de Viza e Bunarhisar, lançando-as para além de Karagatsch-Dere. Bunarhisar foi também evacuada, batendo as tropas bulgaras em retirada até sudeste de Kirk-Kilisse.

Os bulgaros em face desta crítica situação, concentraram todas as suas forças disponíveis, permitindo que o 3.º exército tomasse na manhã de 29 de outubro a contra-ofensiva, que se efectuou duma maneira envolvente.

Em face deste movimento, que foi levado a cabo com energia e com forças numerosas, as tropas turcas não puderam sustentar-se nas posições que tinham reconquistado. Bunarhisar foi de novo recuperada pelos bulgaros, sendo os turcos lançados para a retaguarda de Karagatsch-Dere.

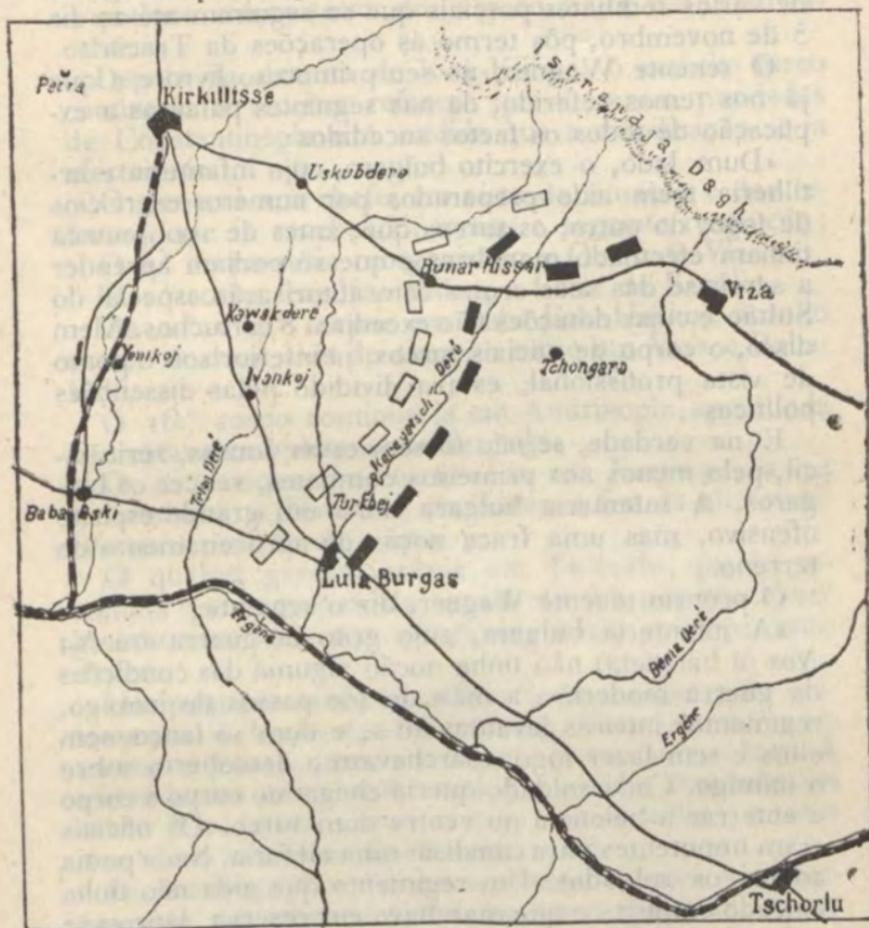
Nesta altura os dois contendores mostraram ser dignos um do outro. Os combates que se feriram nessas posições não foram favoráveis nem a uns nem a outros e durante 2 dias a luta manteve-se verdadeiramente indecisa.

Na esquerda, os turcos colocaram o 4.º corpo, que ficou a Oeste de Lula-Burgas, ligando-se ao 1.º e 2.º corpos.

Em volta de Lula-Burgas, onde a situação se tornava mais crítica e onde devia ser dado o golpe decisivo, tomaram os bulgaros uma resolução que lhes deu os melhores resultados. Como era o ponto decisivo, aí colocaram uma artilharia numerosa. Não perdendo tempo em travar duelo com a artilharia turca, que era pouco numerosa e mal municada, foi logo empregada contra a infantaria otomana. O efeito deste fogo em breve aumentou a desmoralização e a indisciplina em que se en-

contrava, de sorte que quando a infantaria bulgara se preparava para o assalto já não encontrou quem lhe opuzesse resistencia.

As posições avançadas de Lula-Burgas e Bunarhissar foram ocupadas pelos bulgaros, mas no entanto a si-



tuação ainda não estava definida, a vitória ainda não se sabia a quem pertencia.

E na indecisão, os bulgaros acharam conveniente mandar marchar no dia seguinte, 30 de outubro, para aquelas posições novos reforços, que vieram de Andri-nopla a marchas forçadas. E empenhadas em novos combates que se feriram durante todo esse dia e durante toda a noite que se seguiu, havendo furiosos encontros de corpo a corpo, conseguiram os bulgaros der-

rotar por completo mais uma vez as tropas otomanas, que mais uma vez bateram desordenadamente em retirada na direcção de Tschorlu, a qual se generalisou em verdadeira fuga na madrugada de 31.

E assim terminou esta batalha, que sendo seguida de varios combates parciais que se seguiram até ao dia 5 de novembro, pôs termo ás operações da Tracia.

O tenente Wagner, no seu primoroso livro e a que já nos temos referido, dá nas seguintes palavras a explicação de todos os factos succedidos :

«Dum lado, o exercito bulgaro, cuja infantaria e artilheria tem sido preparados por numeros exercicios de fogo, do outro, os turcos que, antes de 1909, nunca tinham efectuado manobras e que só podiam aprender a servir-se das suas armas com autorisação especial do Sultão e cujas dotações não excediam 8 cartuchos. Alem disso, o corpo de officiais turcos, já inferior sob o ponto de vista profissional, estava dividido pelas dissensões politicas».

E na verdade, se não fossem essas cousas, seria facil, pelo menos nos primeiros combates, vencer os bulgaros. A infantaria bulgara tinha um grande espirito ofensivo, mas uma fraca noção do aproveitamento do terreno.

O proprio tenente Wagner, diz o seguinte :

«A infantaria bulgara, cujo grito de guerra era *Na Nos* (á baioneta) não tinha noção alguma das condições da guerra moderna; a mais de 400 passos do inimigo, regimentos inteiros levantavam-se e dum só lanço, sem altos e sem fazer fogo, marchavam a descoberto sobre o inimigo. Cada soldado queria chegar ao corpo a corpo e enterrar a baioneta no ventre dum turco. Os officiais eram impotentes para canalisar uma tal furia. Nada podia conter os soldados. Um regimento que ainda não tinha entrado em lucta e que marchava em reserva, lançou-se todo êle sobre o inimigo á simples voz dum sargento, não havendo ordem alguma que o obrigasse a deter-se ou a deitar-se».

A desmoralisação e a falta de preparação dos turcos, não lhes permitindo tirar partido de faltas de naturêsa tão grave, apenas causaram, e isso confirma o que afirmamos, um numero de baixas no exercito bulgaro que excedeu toda a espectativa e que chegou a ser a preoccupação dos seus dirigentes.

E posto isto, como no artigo anterior, passaremos a dar idéia do que se passou do lado dos turcos, para o que nos vamos servir do livro do major von Hachwächter.

Depois da derrota de Kirk-Kilisse, o exercito turco continuou a receber reforços que lhe eram mandados de Constantinopla e á medida que a mobilisação se ia effectuando.

O general em chefe, em vista da situação e dos reforços que ia recebendo, tomou a seguinte resolução:

O 3.º corpo seria reorganizado a Oeste de Viza;

O 1.º corpo, em Kawakden, a Leste de Korali;

Os 2.º e 4.º corpos em Baba-Eski-Haskoj, ficando assim as duas alas do exercito turco em Viza e Baba-Eski.

O 16.º corpo continuaria em Andrinopla, que ainda não estava completamente cercada;

O 18.º corpo concentrar-se-ia em Karatepe, a 14 quilometros a Nordeste de Saraj, a fim de ali constituir uma posição defensiva.

O quartel general estava em Tschorlu, que foi escoltado pelas tropas da escola de tiro por não haver grande confiança nos *redifs* que havia pelas proximidades.

Um pequeno duelo de artilharia teve logar a 10 quilometros a Leste de Bunarhissar. Eram aproximadamente 2 horas quando a infantaria entrou em luta. A ofensiva dos turcos tinha detido o avanço dos bulgaros sobre Viza e as tropas turcas podiam passar a noite nos locais estabelecidos durante o dia.

De madrugada a infantaria otomana começou energicamente por ganhar terreno e a sua artilharia causou aos bulgaros baixas consideraveis.

A posição da artilharia encontrava-se a Oeste do regato de Jaudzack-Deré, sobre as alturas, tendo a direita voltada para Evrendzik.

O 3.º corpo do exercito ligava-se pela sua esquerda ao 17.º, cujo grosso se encontrava em Karagatsch. Para sul o 1.º corpo encontrava-se tambem já empenhado na luta.

A artilharia rompeu fogo a 3:800 metros. As baterias

inimigas ocupavam o centro da linha sobre as alturas Sudeste de Bunashissar.

A direita turca ganhou terreno lentamente e pôde parar o movimento envolvente da ala bulgara, que era constituída por forças pouco numerosas. A luta foi indecisa por muito tempo.

Os bulgaros cediam pouco a pouco. Os turcos durante a tarde conseguiram avançar até ao segundo regato, o Karagatsch-Deré.

Durante a noite as tropas conservaram-se nessas posições, onde se fortificaram. Mas aqui, como em Kirk-Kilisse, não foram estabelecidos postos avançados e foi permitido acender fogos de bivaque sobre as cristas!

Como não estava assegurado o serviço de reabastecimento de munições, o general ordenou que não fosse de novo tomada a ofensiva, o que só pode ter lugar á 1 hora, que é quando as munições chegaram.

Os bulgaros não tinham abandonado as suas trincheiras.

Na esquerda a situação não era bôa. O 17.<sup>o</sup> e 1.<sup>o</sup> corpos tiveram que recuar durante a noite e durante a tarde o 17.<sup>o</sup> corpo teve que pedir o auxilio do 3.<sup>o</sup>. Desta forma a retirada dos turcos estava-se comprometendo seriamente.

Pelas 9 horas da tarde os bulgaros atacaram á baioneta o centro turco, forçando-o a retirar. Outro tanto tinha já sucedido ao cair da tarde á ala direita.

As tropas foram mantidas a custo nessas posições. Mas as más novas recebidas da esquerda, particularmente do 17.<sup>o</sup> corpo, a chuva incessante, a falta de munições e de víveres obrigaram o general a dar ás 3 horas da manhã a ordem geral de retirada sobre Viza.

Esta retirada foi a principio executada em boa ordem.

Na ala direita, contudo, a lucta ainda continuava ás 8 h. e 30 m. da manhã do dia seguinte, mas as reservas, em face daquela ordem, já tinham iniciado a retirada.

Durante esta retirada, a artilharia do 3.<sup>o</sup> corpo cometeu uma falta grave: fazendo fogo contra aquelas fracções aumentou consideravelmente a desordem e a confusão.

Os officiaes perderam então toda a sua autoridade, o que sendo auxiliado pelo mau tempo, pela falta de mu-

nições e pela fome, fez com que se desse um pânico igual ao de Kirk-Kilisse, a partir das 11 horas, sendo tudo lançado em tumultuaria confusão sobre a linha de Viza-Saraj.

Detive-me, diz o major von Hachwaechter, perto duma casa de colmo. Estava cheia de soldados e de feridos, o ar estava verdadeiramente empestado. Alguns dizem-me que já havia longos dias que não comiam. Dou-lhes metade do meu pão, mas o que é isto para tanta gente! E' na retaguarda dos exercitos que se pode analisar das suas miserias.

E' porem necessario continuar a marcha, sob a chuva persistente; a lentidão acentua-se, ha já cinco horas que estamos em marcha e Viza, com o seu velho castelo, perfila-se somente no horisonte distante.

Mas imediatamente somos submergidos por uma multidão que uivava, que seguia as carruagens, os cavaleiros, os caixões de munições, uma ambulancia com numeros medicos. Tudo isto marcha ao grande trote; na retaguarda, outras isoladas, e depois destacamentos inteiros, olham anciosamente para traz. A cerca de 1:000 metros de nós levantam-se massas negras que avançam na nossa direcção, os meus condutores não querem ir mais longe.

Eu estou desmontado, porque enviei, durante a noite, um gendarme a Tscherkeskaj, a quem emprestei o cavallo, para apressar a remessa de um comboio de munições, como o general Muhktar me tinha pedido pelo telefone.

Era incontestavel que alguma coisa de extraordinario se havia passado, A's minhas perguntas apenas respondem confusamente. A nossa escolta desapareceu; os condutores fizeram meia volta; e era na verdade o melhor que havia a fazer, porque, com esta lama, era impossivel pensar em deter a torrente humana que corre em sentido contrario.

A onda arrasta-nos cerca de uma hora, fugindo na nossa frente milhares de fugitivos. Imediatamente eu vejo um condutor fugir, o meu companheiro de viagem não viu nada, êle não entendia os meus gritos, que eram abafados pelo *bruhaha* geral.

Muitos soldados colocam, sem nada dizer, as suas armas sobre a minha carruagem para, desta forma, poderem fugir mais facilmente. Todos se agrupam diante da estreita ponte, que todos querem passar ao mesmo tempo. A desordem é indescritível.

O capitão que comanda a escolta começa também a fugir para se colocar em segurança. Ordeno-lhe que fique ao pé de mim. Ele responde-me: «Mas o que vai ser de mim?» Eis-me pois só neste mar de lama, no meio desta turba revertida ao estado de bestialidade.

Peço aos oficiais e soldados que salvem a bagagem do seu Pachá, mas não sou atendido por ninguém.

Vi um soldado desatrejar um pequeno cavalo para se salvar sobre êle. Tive então uma idéia! Convideio-o a entregar-me o animal, mas êle bateu-me no peito quando eu lancei mão ao freio. Expliquei-lhe que eu precisava ir á procura de auxilio para salvar as bagagens, mas o seu espirito de conservação levava-o a fazer outra série de considerações. Ofereci-lhe um *medjidié*, uma e depois duas libras turcas; acabou por me entregar o cavalo. Eu estava de tal forma molhado e gelado que só com muito custo o consegui montar.

Marchei assim cerca de uma meia hora, quando um soldado procurou lançar-me abaixo para m'o roubar. Ao mesmo tempo tirou me a minha espada e algum tempo depois a minha pistola teve sorte identica.

Ao cabo de uma hora eu alcançava Saraj. Esperava encontrar aqui alguns socorros no quartel da gendarmaria, mas não havia lá ninguém. Não havia nada a fazer. A onda aumentava constantemente. Tudo está agora bem perdido!

Os homens que passam pertencem igualmente ao 1.º corpo. Sei agora *de visu* o que são os horrores da guerra.

Seguindo a estrada de Escherkeskaj via sempre longos bandos de paisanas em fuga, gritando e chorando. Isto durou horas, a noite tinha chegado e a chuva caia sem parar. E assim, devido ao pânico dos turcos, conseguiram os búlgaros alcançar mais uma vitória.



# A PREPARAÇÃO MILITAR EM PORTUGAL

## Factores morais dos exércitos

*Conferencia realizada na Sociedade de Geografia em 5-4-1913*

*(Continuado do n.º 7)*

E atendendo ainda ás despesas feitas durante a guerra, custou á França, a falta de preparação militar, a assombrosa soma de 200.000:000\$000 réis, o que foi pago integralmente, sem o que, o invasôr não abandonava o território conquistado.

Na cidade de Orleans, exigiram sob pena de execução militar, uma requisição de 600:000 francos e levaram a ironia até á crueldade de apresentarem aos orleanistas esta contribuição forçada como uma graça excécional.

Advertida pelo municipio a população foi pagar ao edificio da camara a quantia exigida, havendo familias que tiveram de entregar as mais caras recordações de familia, simples objectos de prata de valor estimativo.

Na ultima guerra entre a Turquia e a Grécia esta pagou a indemnisação de 4 milhões de libras.

Mas todas estas quantias constituem uma bagatela em face dos horrores causados pelo massacre, pelo roubo, que sofrem as cidades assaltadas, onde o homem manifesta á larga os seus instinctos mais cruéis que os dos animais feróses.

Quem é que se esqueceu das narrativas feitas na história acerca dos massacres praticados pelos franceses nas guerras Peninsulares?

As barbaridades que Loison praticou em Evora, seriam verdadeiramente inacreditaveis, se tantas testemunhas oculares as não houvessem referido e se a sua possibilidade não fôsse atestada pelas crueldades singulares pra-

ticadas posteriormente pelo exército de Moltke na campanha franco-prussiana.

Transcrevamos o depoimento de uma testemunha ocular, citado por Pinheiro Chagas, a propósito das atrocidades praticadas pelas tropas de Loison, em Evora:

«Vendo-se os franceses já senhores do campo não tiveram a lembrança de enterrar os seus mortos, nem a de perseguir alguns fugitivos, porque a sede do saque os fez com a cavalaria cercar a cidade, enquanto a infantaria com bastante custo, investio as portas e muralhas, que, por muito arruinadas e mal guarnecidas, lhes deram entrada; e imediatamente aqueles vencedores, tocando á dególa, foram matando gente pelas igrejas e pelas ruas e praças.

«Os corações mais bárbaros se enterneceriam com os gemidos e os soluços, que em uma cidade grande, naquela tarde e noite, davam os seus habitantes, com especialidade as mulheres e os filhos, vendo em sua presença crueiramente assassinados os pais e os maridos.

As igrejas foram cheias de muitas pessoas que ali se refugiaram, mas os francezes nem mesmo assim deixaram de praticar ali as mais torpes acções.

«Ao estrago nos templos seguiu-se o das casas particulares, onde os invasores entravam quebrando as portas com grande estrépito, com o que, com o alarido das mulheres e rapazes, e com o estampido dos continuados-tiros, parecia ser aquele espectáculo uma representação do dia de juizo.

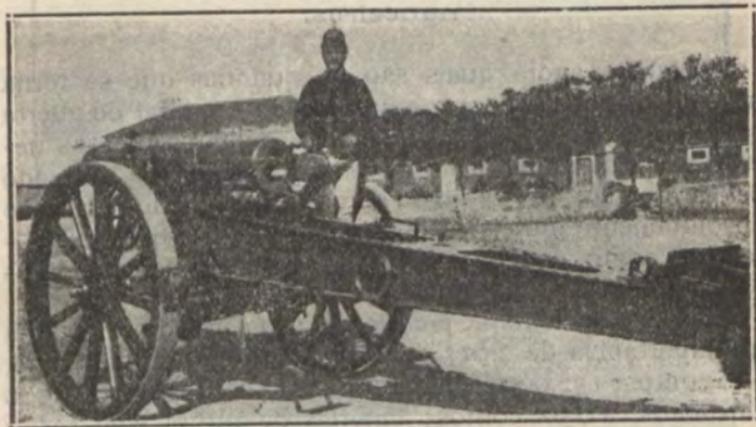
Com o vinho das adegas e armazens, que eles arrombaram, cresceu a confusão e cresceu a fúria, passando todos a encherem-se de vinho e a caírem de ébrios; e então praticaram outros excessos como aquele de conduzirem nua uma mulher pelas ruas, ou como aquele outro de se divertirem praticando tiranias com corpos mortos.

«Em uma palavra o célebre Loison, general em chefe daquela tropa, no sábado 30 de julho pelas onze, fez publicar uma ordem para ter fim o saque e a mortandade declarando que ele, *com sentimentos generosos*, perdoava inteiramente aos habitantes daquela cidade. Mas essa ordem foi pelos soldados escarnecida, porque no sábado e no domingo saquearam e mataram com a mesma fúria».

«E factos identicos se iam passando na marcha para Extremoz, em Elvas, Arronches e Portalegre, onde ia restabelecendo a auctoridade franceza, saqueando umas terras, impondo fortes contribuições a outras e perdoando a

algumas, até que a noticia do desembarque dos inglezes o obriga a marchar rapidamente para o norte do Tejo».

Na 3.<sup>a</sup> invasão Wellington proclamou: que o único remédio para defender a pátria era cada um sair da sua casa trazendo tudo o que pudesse contribuir para a sustentação ou progresso fácil dos francezes e destruir tudo o que não pudesse trazer. A grande maioria da população teve de obedecer a esta ordem e por isso se imagina o que seria o exodo de muitos milhares de pessoas, adeante



Obuz Schneider-Canet de 15 cm

do exército, em retirada para traz das linhas de Torres, velhos, doentes, mulheres, creanças mal alimentadas, arrasando-se pelas estradas, levando às costas roupas e utensilios indispensaveis para a jornada, sob um sol de agosto; tendo destruido tudo quanto não podiam transportar.

Quando os francezes esbarravam com alguns escondidos as cenas mais crueis se passavam; registavam-se toda a casta de crimes, de violencias e de infamias. O pudor das familias era insultado, infinitas vezes sem reparo pelos olhos dos pais, das mães, dos irmãos, dos maridos. Quando passava a onda, deixava atraz como que um inferno de gemidos, de gritos, de lágrimas e de sangue.

Na 3.<sup>a</sup> invasão, só na diocese de Coimbra registaram-se em algumas freguezias 2:969 assassinatos, 20 povoações incendiadas e 1:444 casas queimadas.

E são estes os maiores impostos que os vencidos têm

de pagar aos vencedores e para que eles se evitem é que se facultem aos governos os recursos necessários para a defeza nacional. E não se espere que os horrores da guerra sejam atenuados pelos progressos da civilisação.

**A quantia minima que se torna urgente dispende com o exército. — Necessidades absolutamente indispensáveis. — Se o povo português intende que não deve pagar mais organize-se o exército progressivamente dentro dos recursos financeiros.**

Vejamos agora quais são as quantias que se torna urgente dispende para a aquisição do material de guerra que se deve distribuir ás 8 divisões militares para as necessidades da mobilisação. E sem este material é escusado pensarmos em que se possa garantir a defeza do país e são absolutamente inúteis as despezas militares se não se dotar o exército com o material de guerra e com todos os serviços auxiliares de que carece.

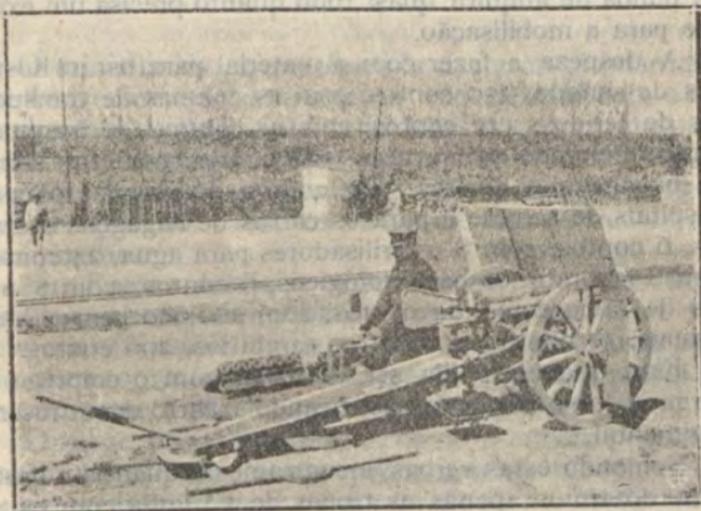
Assim, a artilharia precisa de 119 peças de campanha na importancia de 2:033 contos; 8 baterias de montanha, 136 contos; 152:000 espingardas, 2:617 contos; 50.000:000 cartuchos, 1:250 contos; baterias de rutura com torres para a defeza do porto de Lisboa com monta-cargas, aparelhos, acessórios, etc., 1:200 contos; 150:000 fardamentos e instalações de depositos, 3:100 contos; 76:800 equipamentos, 1:720 contos; 12600 arreios para os cavalos, 756 contos; 30:900 para muares, 1:977 contos; 60:000 granadas por peças de campanha 600 contos.

*Material de engenharia:* — sapadores mineiros, viaturas com material, 20 contos; viaturas e material de pontoneiros, 50 contos; material de telegrafistas, 10 contos; telegrafia sem fios, aerosteiros e caminhos de ferro, 100 contos; metralhadoras a cavallo e metralhadoras de montanha, 80 contos; 10:000 ferramentas portáteis, 30 contos;

#### **Serviço de saúde**

E' este o serviço que se encontra mais deficientemente dotado de recursos. Devemos acentuar o facto dominante de que a natalidade portugueza dá margem a que a população do exército seja escolhida no ótimo, visto que

o excesso da natalidade sobre a requisição dos efectivos permitem essa escolha. Daqui resultam 2 vantagens: robustez física do contingente e economia para o Estado na diminuição da população hospitalar. As guerras modernas exigem grandes massas de combatentes e os países de menor população precisam poupar os seus efectivos militares já por uma higiene e profilaxia rigorosa, já pela reparação na oficina cirurgica, como quem diz no campo operatório. Por esses processos já se notou como



O novo material Schneider de artilharia de montanha, do qual devem ser recebidas brevemente 5 baterias

os japoneses aboliram o tifo, a febre tifoide, as enterocolites, variola e sarampo e todas as doenças contagiosas que representam o flagelo dos exércitos em campanha com excepção do *beri-beri* porque tiveram 80:000 beribericos, dos quais apenas uns 8000 não voltaram ao combate.

Um dos processos de saneamento desse exército foi o terem preferido sempre o acantonamento ao bivaque, onde uma secção de quartéis acompanhada de médicos e do pessoal sanitário com microscópios adoptavam as medidas profiláticas mais rigorosas. Daí resultou poderem manter os seus efectivos e reparal-os tanto quanto possível.

Na actual guerra dos Balkans viu-se que a falta de

profilaxia e de material sanitário fizeram com que houvesse diminuição nos efectivos turcos; principalmente a cólera produziu baixas consideráveis.

Num país montanhoso, como o nosso, dever-se-iam estudar modelos de material apropriado, como se tem feito na Suíça.

Deve-se instruir os homens no serviço de colocação de pensos. Temos também de cuidar da análise sumária das aguas, dos serviços bacteriológicos e radiográficos em campanha; em summa neste serviço de tamanha importancia temos de adquirir quasi tudo quanto precisa um exército para a mobilisação.

A despeza a fazer com o material para os 40 hospitais de sangue, 250 contos; com as colunas de transportes de feridos, 112 contos; com as colunas de hospitalisação, incluindo as barracas, 128 contos; com 143 carros de bagagens e víveres, 143 contos; 206 tendas para os hospitais de sangue e para os carros de bagagens e víveres, 6 contos; com 8 esterilizadores para agua, 24 contos; com 8 laboratórios bacteriológicos, 6 contos; com 8 carros de radioscopia, 24 contos; com 200:000 pensos individuais, 32 contos; 400 carros sanitários, 296 contos.

Esta quantia podia ser reduzida com o emprego da carga a dorso por batathão, ficando 1 carro como reserva regimental.

Somando estas verbas encontramos a quantia a gastar para dotarmos apenas as tropas de 1.<sup>a</sup> linha com os recursos absolutamente indispensaveis e encontramos assim 16:719 contos.

Devemos notar que a esta soma devemos juntar algum material de sitio, as munições e material para a defesa do campo entrincheirado, as verbas a inscrever no orçamento para dar á instrução o desenvolvimento que ella precisa ter, melhoramentos nos quartéis e sobretudo o desenvolvimento preciso nos estabelecimentos fabris. Destes vamos tratar especialmente da manutenção militar e do depósito de fardamento.

A manutenção militar não pode deixar de ter na mobilisação um grande depósito em Tancos, como uma grande sucursal da manutenção e os depósitos volantes ao longo das linhas férreas; tendo principalmente em vista aproveitar a nossa linha férrea de Oeste.

(*Continúa*)

J. CORRÊA DOS SANTOS.



## UMA NOVA BALA

O ministro da guerra francês declarou ultimamente que brevemente se iam executar experiencias com o fim de dotar a arma da infantaria francêsa com uma nova bala tendo uma penetração superior á da bala D. (ponteaduda) actual e não tendo, sob o ponto de vista da deterioração do cano, os mesmos inconvenientes que esta possui.

Em França deseja-se ardentemente que estas experiencias se effectuam quanto antes, porque, quer seja pela transformação da bala, quer seja pela transformação da propria arma, todos reconhecem a necessidade de aumentar a potencia do fogo da infantaria.

Ora, se não é necessario, como escreveu o general Lamiroux no seu estudo sobre a arma modelo 1886, *querer reduzir o combate á soluçao de um problema de tiro, tambem não é necessario reduzi-lo a um simples acto de vigor e coragem das tropas.*

E' o fogo da infantaria que logo desde o inicio do combate e mesmo antes do fogo da artilharia, exerce a ação mais eficaz e prepara o assalto final. Deve-se pois dar ao fogo da infantaria toda a potencia possivel. Tal é o modo de vêr geral no exercito francês.

Este modo de vêr, porém, não se salientava em tão elevado grau ha um certo número de anos e muito especialmente depois da arma modelo 1885 que assegurou á infantaria francêsa a superioridade por muitos anos sobre todas as infantarias.

Mas depois que as infantarias das outras nações passaram a ter um armamento superior, o problema passou a ser posto no exercito francês e hoje constitue uma preocupação dominante.

Hoje a arma alemã, praticamente do mesmo calibre

que a francesa, atira, com a velocidade de 860 uma bala que a 350 metros atravessa uma placa de ferro fundido de 7 milímetros e que a 800 metros, tendo uma velocidade restante de 362, atravessa ainda 0,<sup>m</sup>35 de madeira de pinheiro.

Com a fortificação actual do campo de batalha, com o habito que se dá actualmente ao atirador de sempre se cobrir com um abrigo, facil é de comprehender a importancia de tais resultados.

Em todo o caso os francezes tem a bala D. que é uma rival em tudo digna da bala S. dos alemães. Os efeitos, os estragos causados nas estrias por esta bala não são ainda conhecidos. Outro tanto não succede, porém, com a bala D. dos francezes, que está provado que deforma as estrias duma forma consideravel, sendo este mais um ponto de preocupação dos officiaes desta nação, pois que esses estragos, além de prejudicarem a arma sob o ponto de vista material, alteram-lhe as propriedades balisticas e fazem com que a penetração seja tambem consideravelmente diminuida. A infantaria francesa está hoje em manifesta inferioridade, sob o ponto de vista do armamento, á infantaria alemã.

O govêrno francês, assim o declarou o ministro da guerra da tribuna da camara dos deputados quando se discutia o ultimo orçamento, já pensou em substituir o actual modelo por um outro, que parece já está estudado.

Este pensamento, sem dúvida louvavel para a grande maioria dos francezes, não pôde ser levado a cabo de animo leve. Uma mudança total de armamento não pôde custar á França menos de 16.000 contos.

O esforço financeiro que um tal acto exigia além, de se tornar muito pezado para a França, teria consequencias que a muitos aterram e que muitos outros põem em dúvida.

Tem-se pois procurado por todas as formas resolver o assunto por uma outra forma mais rápida, simples e menos complexa.

E uma delas consiste em dar á arma actual uma nova bala que a valorise sob o ponto de vista halistico, dando-lhe uma penetração superior á da bala D. e que ao mesmo tempo não deforme as estrias.

Sob este ponto de vista este problema parece estar resolvido.

Já em fins de 1909 uma bala constituída por uma liga especial e chamada bala Dergnesse, nome do seu inventor, foi ensaiada pela comissão de experiencias de Versailles. Estas balas desfariam a 1.000 metros as chapas regulamentares de blindagem empregadas nessas experiencias. E para ajuizar deste efeito bastará dizer que essas chapas já a 600 metros são de uma proteção eficaz contra o tiro feito com a bala D.

As placas de blindagem fôram reforçadas e novas experiencias se fizeram em 1910 e 1911. A distancia de 1.200 metros a bala atravessou ainda estas chapas e ás distancias superiores ela atravessou muros de tijolo, parapeitos de sacos de terra e arvores bastante espessas.

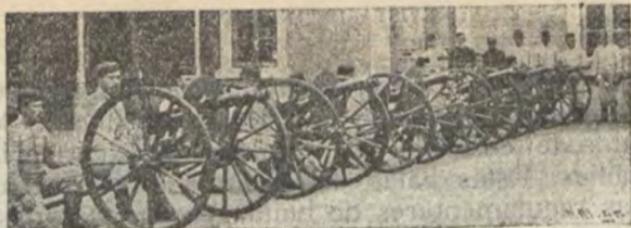
Estes resultados são oficialmente constatados. A menores distancias, a bala Dergnesse atravessa chapas de 27 milímetros de espessura. A 1.200 metros atravessa chapas de aço chromado de 5 milímetros, podendo pois atingir os serventes da artilharia mesmo abrigados atraz dos seus escudos. Atravessam tambem as paredes dos cofres de munições e furam ainda as paredes das granadas, podendo assim provocar a explosão d'um cofre inteiro.

Sob o ponto de vista dos estragos nas estrias a comissão reconheceu que são bem menores do que as da bala D.

Nestas condições parece que não devia haver dúvidas na sua adoção. A razão, porém, porque ela não é ainda oficialmente adotada parece que reside no seu custo, pois que na sua composição entra um metal raro que a torna muito cara.

Presentemente está-se estudando a forma de a tornar mais economica e se isso se conseguir como ha fundadas esperanças, terá a França em breve este problema resolvido.

E apontando a forma como e com que carinho estas questões são tratadas n'aquella país, não podemos deixar de olhar para o que entre nós se passa, em que se trata de tudo, menos destas questões, sempre da actualidade e importancia. Entre nós não ha a estudar a questão da arma ou da bala; ha a estudar e resolver a questão do número de uma coisa e outra.



## BIBLIOGRAFIA

### **A Infantaria Portuguêsa na guerra da Península, pelo coronel Ferreira Gil.**

Este ilustre official e nosso prezado amigo, o sr. coronel Ferreira Gil, bem conhecido de todos os leitores desta *Revista* de que tem sido um distinctissimo colaborador, acaba de dar á luz da publicidade mais uma clara manifestação do seu pujante talento e do seu grande entusiasmo pela historia da nossa querida arma, da infantaria portuguêsã.

Como comemoração da guerra peninsular, aquelle nosso amigo estudou essa glóriosa época por forma a pôr bem em relevo as qualidades e virtudes da peonagem lusitana, e bem assim a sua organização, instrucção, disciplina e preparação para a guerra.

Mas para não dar ao seu trabalho uma feição arida e monotonã e mesmo para que o seu trabalho não se resentisse da falta da natural sequencia que deve haver em todos os estudos historicos e sobre tudo para que a sua comprehensão fôsse completa e perfeita, completou o estudo da *rainha das batalhas* que pretendeu fazer com todos os incidentes diplomaticos e politicos que directamente se relacionam com o assunto.

E apontando esses factos e descrevendo os diversos feitos d'armas por uma forma tão clara como brilhante, consegue dar-lhe ainda maior relevo com a critica pessoal e documentada com que os acompanha.

Na primeira parte deste trabalho, que é a que já se encontra publicada, começa o sr. coronel Gil por estudar a guerra com a Espanha, descrevendo as origens do conflicto, que com fundamentada razão attribue aos erros da politica e da diplomacia; descreve a situação militar em Portugal no anno de 1801, passando depois a narrar a infeliz campanha que se seguiu.

Antes de entrar na parte que se refere ás invasões, indica-se neste livro as tentativas de organização da força pública, que constitue um dos capitulos que com frequencia deve ser lido e meditado por todos nós.

Esta primeira parte apenas se refere á campanha de 1808, terminando por um capitulo dedicada á Legião Portuguêsã.

Ao ilustre historiador, nosso colaborador e prezado amigo as nossas felicitações pelo seu primoroso trabalho.

**O livro do cidadão-soldado, por J. E. McCreira Sales, tenente de infantaria.**

Este nosso amigo e camarada, reunindo e ampliando uma serie de artigos com que honrou as colunas desta *Revista* sobre a

educação do soldado, organisou um folheto muito interessante e muito util.

E para confirmar esta asserção bastará dizer que por uma forma clara e ao alcance de todas as inteligencias, o nosso camarada e amigo, o sr. tenente Moreira Sales, versa todos os assuntos que directamente se relacionam com o dever militar e o dever cívico.

No 1.º capitulo, *moral pratica*, ensina o que deve ser o dever, o respeito e a educação da vontade, e, para se fazer ideia da importancia e desenvolvimento dos restantes capitulos, bastará indicar os assuntos versados:

A conquista da felicidade á custa do esforço proprio, Educação patriótica, Virtudes militares e civis, Educação cívica, Pela vida sã, e, finalmente, Instrução profissional do soldado.

E tratando todos estes assuntos com largo desenvolvimento e por uma forma ligeira mas atraente, aquele nosso amigo forneceu a todos os nossos camaradas um apreciavel guia para orientar as suas palestras aos novos soldados.

Muito agradecemos ao sr. tenente Sales o exemplar com que nos honrou e o felicitamos pelo seu util e valioso trabalho.

---

## Secção do estrangeiro

**Belgica** — Defeza nacional. — O governo belga decidiu confiar a defeza da provincia de Luxemburgo a um exército territorial, cujos soldados serão instruidos nos centros de instrução que serão criados em diferentes localidades da mesma provincia.

Nestes centros serão encorporados anualmente 300 milicianos luxemburguêses, repartidos em 6 companhias, que formarão um batalhão analogo aos batalhões de caçadores.

O estado maior e 3 companhias terão a sua sede em Arlon, sendo as outras companhias restantes colocadas em Neufchateau, Marche e Bastogne.

O tempo de serviço, como de resto para todo o exército, será de 15 mezes.

Calcula-se que o total desta organização dará um efectivo de 3.000 a 4.000 homens para as 13 classes de milicias e 20.000 para o levantamento em massa.

A sua instrução será essencialmente pratica e recairá, além da disciplina, sobre o tiro e marchas, e bem assim nos trabalhos tecnicos da fortificação do campo de batalha.

Alguns destes homens estarão providos de bicicletas e será tambem organizada uma secção de metralhadoras.

**França.** — As manobras de 1913. — As manobras deste ano serão dirigidas pelo general Joffre, chefe do estado maior general do exército, e terão lugar de 8 a 17 de setembro proximo na região Sudoeste da França, proximo da Garona no departamento de Gers e Tarn.

Tomarão parte nestas manobras os 12, 16, 17 e 18 corpos d'exército, uma divisão colonial e a 6.ª divisão de cavalaria.

Os regimentos de infantaria receberão effectivos o mais elevados possivel, devendo tomar parte nas manobras todos os reservistas disponiveis.

Cada regimento será acompanhado de 3 secções de metralhadoras, sendo uma secção com o material a dorso, outra em carros e a terceira em bicycletes.

Todos os regimentos levarão também exploradores montados, além de 22 viaturas diversas e 44 cavalos.

A artilharia de cada corpo de exército será formada por 18 baterias.

Com os seus próprios recursos constituirão duas artilharias divisionarias de 2 grupos de 3 baterias montadas. Os dois grupos de artilharia de corpo serão subministrados por corpos de exercito que não tomem parte nas manobras.

As baterias serão constituídas a 4 peças de 6 cavalos e 4 carros de quatro cavalos.

A cada corpo de exército será affecto um regimento de cavalaria de 6 esquadrões, 4 de cavalaria ligeira e 2 de dragões.

**Alemanha.** — Alpinistas-metralhadores. — Um destacamento de regimento 142 de infantaria alemã que se acha de guarnição em Malhouse fez nas montanhas de Guebiviller um ensaio de transporte de uma secção de metralhadoras, levando ás costas dos proprios soldados munidos de *skis* todas as peças das metralhadoras e respectivas munições.

Os resultados das experiencias foram satisfatorios e mostraram que se pôde constituir perfeitamente secções de alpinistas-metralhadores.

**Inglaterra.** — Os territoriais em 1913. — Segundo as publicações officiaes, as cifras que alcançaram os effectivos do exercito territorial durante as concentrações que se effectuaram naquele ano são as seguintes:

Assistiram aos exercicios 6.855 officiaes e 154.995 soldados durante 15 dias; 1.014 officiaes e 66.366 soldados por 8 dias e 47 officiaes e 314 soldados por menos de 8 dias, e deixaram de comparecer 1325 officiaes e 27.331 soldados com autorisação e 37 officiaes e 6.019 soldados sem ella.

Resumindo, com relação ás cifras previstas, ha um *deficit* de 2.000 officiaes e 50.000 soldados.

**Estados- Unidos.** — Reorganisação do exercito. — Um decreto do presidente da republica dos Estados Unidos reorganizou em brigadas e divisões o exercito d'aquelle pais.

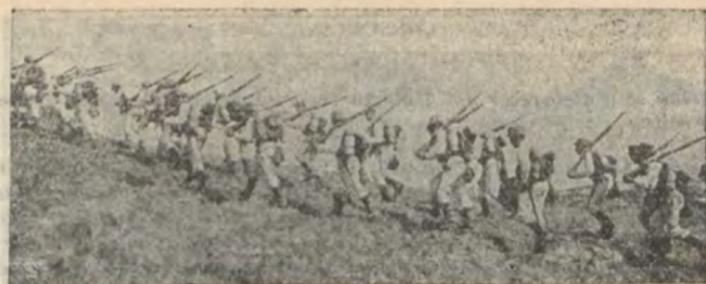
Segundo elle, foram criadas três divisões organicas e uma divisão de cavalaria.

Cada divisão consta de 2 ou 3 brigadas de infantaria, com a proporção conveniente de artilharia divisionaria, cavalaria, engenharia e outras tropas auxiliares.

A divisão de cavalaria consta de 3 brigadas e uma mais em caso de mobilisação.

**A defeza do Canal do Panamá.** — Segundo um projecto do ministro da guerra dos Estados- Unidos vai ser completada a defeza do canal de Panamá com a fortificaçáo das ilhas Hawai, cujas obras principais serão construidas em Porto Peare.

Nesta mesma cidade será collocada uma guarnição de 10.000 homens. Além disso para se assegurar a portecção do canal por terra, serão collocados postos militares em todo o seu comprimento e nas duas entradas.



## CONSULTAS

35.\* — A um regimento de infantaria está adstrita uma secção de metralhadoras que não tem pessoal nomeado; o oficial de tiro e armamento não assistiu, nem sabe oficialmente da receção daquele material, pôde ser chamado á responsabilidade do estado de conservação do citado material da secção ou, pelo menos, das metralhadoras? As metralhadoras deviam estar á responsabilidade do oficial de tiro e armamento? E para que essa responsabilidade se pudesse exigir, devia o aludido official assistir oficialmente á receção das metralhadoras?

*O official de tiro e armamento não é responsável pelos artigos cuja entrega, ao seu cuidado, lhe não foi dada oficialmente. Se as metralhadoras estão ao cuidado do regimento, compete ao official de tiro e armamento vigiar por elas, depois de lhe terem participado. Os restantes artigos compete ao conselho administrativo vigiá-los e conservá-los.*

36.\* — Um 2.<sup>o</sup> sargento que tem tomado parte em todas as escolas de recrutas, desde a nova reorganisação do exército, não as tendo completado por ter sido nomeado para fazer parte do pessoal permanente duma carreira de tiro, durante a instrução do tiro aos recrutas do seu regimento, pergunta-se:

Este sargento deve ser considerado como tendo tomado parte em uma escola de recruta, para o efeito da promoção ao posto immediato?

*Não.*

37.\* — Desde quando se conta a antiguidade nos postos adquiridos pelas praças no ultramar, quando regressem á metropole, dando ingresso no exército continental?

*Desde a data em que prestaram as provas necessárias para garantirem o posto immediato, adquirido no ultramar, quando pretendam ingressar no exército da metropole.*

38.\* — Tendo sido extensiva ás colonias a circular do ministerio da guerra n.º 3:811 de 23 de outubro do ano findo, inserta na O. E. n.º 12 (1.<sup>a</sup> série) de 30 do citado mez e ano, e publicada no B. M. U. n.º 20 de 14 de novembro, pergunta-se:

A materia da circular é ou não extensiva ás praças de pret europeias em serviço nas colonias?

*Não é, visto que a citada circular diz respeito somente a officiaes*

e destina-se a esclarecer um diploma respeitante somente a esta classe do exercito.

39.ª — Dizendo o § 1.º do art. 31.º do D. de 14 de novembro de 1901, que os segundos sargentos transferidos para o ultramar e que regressem no fim dos dois annos de serviço effectivo no ultramar, são promovidos a primeiros sargentos, na primeira vacatura quando tenham as habilitações legaes e sejam aprovados no respectivo exame

Mas como se dá o caso de haver 2.º sargentos nomeados nos termos deste artigo, e sem habilitações ao posto para 1.º sargento, quando regressarem ao exercito da metropole e façam o respectivo curso, têm ou não direito ao que dispõe o § 3.º do mesmo artigo? Tendo, onde se acha determinado?

Se fizerem o referido curso e satisfizerem ás provas do concurso, do actual regulamento de promoções, até 31 de dezembro do corrente anno, a Revista de Infantaria entende que tem. Isto conclue-se da forma como estão redigidos os art.ºs 82 e 83 do regulamento citado e da comparação com os regulamentos anteriores, sobre o assunto.

40.ª — Um segundo sargento, nomeado para servir no ultramar nos termos do artigo citado e que findos os dois annos continua em nova comissão de serviço nos termos do c.º 1.º do art. 41.º do mesmo D., quando regressar ao exercito da metropole, onde permanece, estão ou não ao abrigo da concessão feita pelo citado artigo 31.º?

Não estão, visto que o § 3.º do art. 31.º é muito positivo, no praso que fixa.

41.ª — Tenho notado que num regimento que alguns recrutas dos ultimamente alistados, pelo facto de terem algumas cadeiras do curso superior, trazem os distintivos a que se refere o art. 10.º do capitulo II do plano de uniformes no facto de cotim, sem contudo terem sido declarados cadetes nos termos do D. de 7 de novembro de 1907. Pergunta-se, podem ou não fazer uso desse distintivo, pelo facto de serem estudantes da Universidade?

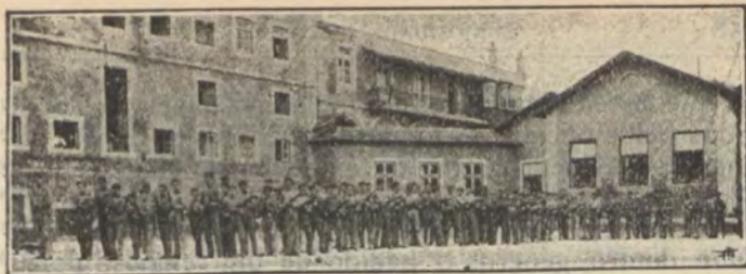
Não devem fazer uso do referido distintivo, a não ser que estejam nas condições do art. 140.º do plano de uniformes do exercito.

42.ª — Desejava saber se a circular de outubro de 1907, que se refere aos cursos de 1.º cabos e soldados, se foi revogada.

Se o consulente se refere á circular n.º 59 da 1.ª Divisão do Exercito de 22 do mez de outubro, que manda averbar as habilitações literarias, essa, está validada pelo regulamento de serviço interno.

43.ª — O que devo fazer para ser 2.º sargento miliciano, possuindo o curso de habilitação para 2.º sargentos?

Tendo mostrado aptidão para sargento, numa escola de recrutas e noutra de repetição, ser proposto para ser promovido e desempenhar durante duas semanas, pelo menos, as funções de sargento numa escola de recrutas, depois de proposto para a promoção.



16.º ANO

SETEMBRO DE 1913

N.º 9

# REVISTA DE INFANTARIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infantaria*  
Composição e impressão na tipografia da Cooperativa Militar

---

## CURIOSIDADE HISTORICA

Quem tenha de proceder a investigações no nosso arquivo geral ácerca de qualquer ponto da história militar, deve em regra contar com 90% de probabilidades de não encontrar os elementos de estudo ou informação que procura, tanta lacuna nêle existe, tanta falta se nota de documentos importantes, muitos sem dúvida extraviados nas sucessivas remoções do arquivo, até ir parar a Santa Clara. Em compensação, porém, pôde contar que sempre se lhe hão de deparar verdadeiras curiosidades históricas, dignas de interesse para todo o investigadôr do passado.

Na época correspondente á *Guerra peninsular* ha muito a explorar ainda, em consequencia de não ter ido ávante a projectada publicação, na íntegra ou em extracto — conforme a sua importancia — dos documentos da correspondencia entre as principais estações superiores e autoridades militares daquela época, publicação em que aliás tanto se empenhou o malgrado coronel de artilharia e distinto escritôr Maximiliano de Azevedo, a quem o nosso arquivo histórico-militar deve ainda tanto e tão valioso trabalho.

Já apresentámos aos leitores da *Revista de Infantaria* uma curiosa e *significativa* resposta do marechal Beresford a D. Miguel Pereira Forjaz, tendente a evi-

tar que fôsem divulgados em Inglaterra os serviços prestados pelos officiaes portuguezes que mais se tinham distinguído na lucta contra os exércitos de Napoleão, de 1808 em diante.

Hoje temos occasião de reproduzir uma *originalidade* doutro género: o pedido de um religiôso portuguez que, sendo *frade*, foi *official de infantaria* e solicitou o *soldo da patente de capitão* em paga dos seus serviços militares.

Segundo o costume — que aliás já não estranhámos! — o processo relativo a essa pretensão não apparece completo no arquivo; falta precisamente o requerimento do frade (talvez devolvido ao Rio de Janeiro), mas existe um officio de remessa e uma informação que elucidam o assunto, sendo a informação de véras curiosas.

Segue o officio de D. Miguel Pereira Forjaz, o Ministro da Guerra da Regencia para o marechal Beresford:

«N.º 115

Ill.º Ex.º Sr.

«Remetto a V. Ex.ª, por ordem do Governo, o Requerimento incluso de Frei Manoel da Pesqueira, Religiôso da Provincia da Soledade, que requer o Soldo da Patente de Capitão, o qual veio remettido do Rio de Janeiro com Aviso do Conselheiro Ministro e Secretario de Estado, Conde das Galvêas, de 9 de Julho do anno passado; assim como tambem a Informação do Inspector das Thesourarias Geraes das Tropas, a que o mesmo Governo mandou proceder, para que V. Ex.ª, á vista de tudo, informe, interpondo o seu parecer, sobre a pretensão do Supplicante.

«Deos Guarde a V. Ex.ª. Palacio do Governo, em 7 de Março de 1814.

«D. Miguel Pereira Forjaz

«Sr Marquez de Campo Maior».

Segue a informação — não assinada — mas que extracta o requerimento do frade e contêm a informação prestada pelo Inspector das Tesourarias Geraes das Tropas — Joaquim da Costa e Silva, segundo crêmos, e a que o officio precedente alude:

«Fr. Manoel da Pesqueira, Religiôso da Ordem de S. Francisco, supplicou a S. A. R. em o Rio de Janeiro

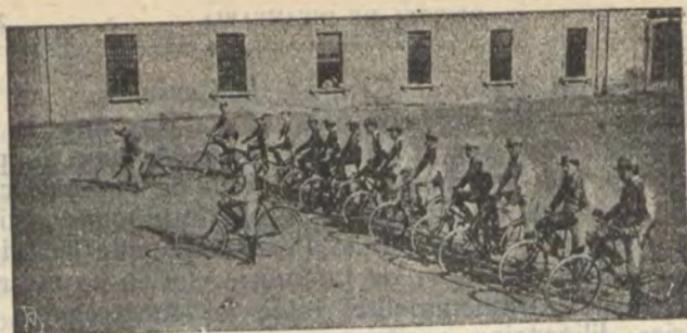
«o soldo do posto de Capp.<sup>am</sup> de Cassadores em remuneração dos serviços que fez na Restauração de Portugal, onde serviu o mesmo posto. Alega o Supplicante ter sido o primeiro que na Villa de Thomar aclamou o nome do Principe Regente; que tendo obtido do Governo Provisional do Porto a Patente de Alferes do Regimento 11 de Infantaria, servio no mesmo Regimento distinctamente, onde foi encarregado de várias diligencias e espionagens, que desempenhou, pelo que foi promovido pelo General Hill a Tenente do 4.<sup>o</sup> Batalhão de Cassadores, e confirmado por S. Ex.<sup>a</sup> neste posto, servio na expulsão dos Francezes do Porto e assistio ás batalhas do Bussaco e Redinha até Salamanca; depois do que supplicou a sua dimissão por ser incompativel este serviço militar com os votos da sua profissão Ecleziastica.

«Porem o supplicante não apresenta documentos destes serviços, porque diz havellos destruido, quando na sua viagem para o Rio de Janeiro foi invadido e roubado por duas Fragatas Francezas o Navio em que se transportava.

«Esta supplica veio transmitida pelo Conde das Galveias e D. Miguel mandou informar a Joaquim da Costa a saber, se o Supplicante teve assento de Capp.<sup>am</sup> ou Official em alguma das Tezourarias: Joaquim da Costa responde que não; e diz que este Frade requer incompetentemente, pois que pelo seu estado Mendicante, elle só pode, em remuneração dos seus serviços, perceber hua gratificação como esmola, mas não como soldo militar: comtudo D. Miguel consulta o parecer de S. Ex.<sup>a</sup> a este respeito».

Embora o não possamos afirmar com segurança, esta informação, preparada para ser presente a Beresford, parece ser do secretario militar do marechal, Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, que foi tenente general do exército e Visconde de Juromenha.

Não tivémos occasião de pesquisar a resposta de Beresford, mas não oferece dúvida que ela não seria favoravel á pretensão do frade, que demais não provava com documentos os serviços que alegava, nem os postos de official que afirmava ter exercitado.



## COOPERATIVA MILITAR

**A vida económica do oficial português. Como a Cooperativa deve satisfazer ao fim para que foi criada**

Quando alguém estabelece o confronto da tabela dos vencimentos percebidos pelos oficiais do exército português, com as dos exércitos estrangeiros, pôde, á primeira vista, supôr que as condições de vida dos nossos oficiais são absolutamente desafogadas, visto que a remuneração, que o Estado lhes confere, não difere muito de qualquer dos outros países europeus tomado para termo de comparação. Quem tire esta conclusão erra por completo, pois que em nenhum outro país as condições de vida são mais difíceis do que entre nós. Para se ajuizar da vida económica dos individuos, devemos inquirir quanto é o mínimo que êle tem de gastar para poder viver com a decencia em harmonia com a sua profissão. Temos de saber quanto as exigencias da vida o obrigam a dispender, para assim se chegar a uma conclusão satisfatória.

E' por isso que, muito embora as tabelas de vencimentos adoptadas no nosso exército não defiram muito das de qualquer outro exército europeu, como o official estrangeiro encontra maiores facilidades na vida económica, chega-lhe perfeitamente para manter uma existencia desafogada a quantia que recebe do Estado, que em regra faculta ainda aos officiaes, por vários meios indirectos, recursos extraordinários.

Foi esta questão largamente debatida e documentada nas páginas desta revista em artigos successi-

vos que ha tempos mostraram á evidencia a necessidade que havia em melhorar os soldos dos officiaes. Fô-



*Edifício da Cooperativa Militar*

ram atendidas nessa ocasião as justíssimas aspirações do exército, mas é certo que ficou ainda bastante por

conseguir. Ha muito ainda a fazer para melhorar as condições económicas do official do exército portuguez e a tudo podem os governos dar deferimento, dentro dos próprios recursos orçamentais. O autor destas linhas tem insistido por várias vezes neste assunto e feito vários confrontos com o que se passa noutros paizes, onde se comprehende que o official, como é uma entidade que não pode nunca aspirar a alcançar fortuna, que não póde contar com o dia de amanhã por ter de estar sempre pronto a marchar para a fronteira em qualquer instante que a Pátria perigue; que tem de andar constantemente de casa mudada; que não tem o direito de poupar a sua vida no momento de perigo, deve, por isso, merecer do Estado uma atenção e ampáro especiais para êle e sua familia.

Nós bem sabemos que nos outros paizes as instituições militares são vistas por um prisma muito diferente do que se adóta entre nós. Ali sabe-se e sente-se que o exército é um instrumento de força a que todos recorrem no momento do perigo e á sombra do qual podem abrigar-se, com probabilidades de segurança, contra as arremetidas dos adversários invasores do paiz.

Em Portugal, como consequencia da paz estéril secular que nos preparou a miseravel crise social que todos sentimos, o exército era considerado muito erradamente como um colossal parasita que servia apenas para sugar o melhor das receitas públicas. E nesta desgraçada orientação egoista, vive ainda uma grande maioria da nação devido á falta de escola, de educação e de cultura do sentimento nacional colectivo. Daqui resulta que os governos, dominados pela corrente que não podem vencer — e não porque não saibam — têm sempre receio de quebrarem a rotina e de séguirem o exemplo de outras nações onde se auxiliam os officiais do exército por meios indirectos que vão incidir na vida económica.

Mas lá por fóra, os officiais dispõem ainda de recursos da vida associativa, constituindo as cooperativas de consumo que embora sejam de origem recente já revelam progressos rápidos. Estas sociedades em que são capitalistas os associados têm por fim o benefício de todos êles, resumindo-se-lhes os preços dos objectos de consumo ou facilitando-lhes empréstimos.

Nas sociedades de consumo propõe-se a supressão

dos intermediarios na compra dos produtos ou géneros de consumo, sendo adquiridos directamente por grosso em casa dos produtores.

Os cooperadôres vão-se abastecendo segundo as suas necessidades, das mercadorias, sobrecarregadas apenas de ligeiras despezas gerais e os lucros provenientes dessa elevação de preços são repartidos entre os societários na proporção das suas compras.

São duas as correntes principais estabelecidas nos grandes centros do cooperativismo. ■ como na Inglaterra.



*Escritório da Cooperativa*

Entendem uns preferivel o sistema de se comprarem os géneros pelo preço corrente do mercado, pois logram assim os socios constituir um pequeno capital, que recebem no fim do ano social; outros são partidários do sistema dos preços dos géneros mais baixos que os do mercado, alcançando assim uma vantagem imediata por ocasião das compas. Apesar destas questões serem largamente debatidas, lá por fóra, não se sabe ao certo qual seja a corrente dominante e segundo as nossas informações, é variavel em cada cooperativa a orientação seguida, pois são as assembleias gerais que decidem da contenda que por vezes possa surgir.

Tambem se adopta lá fóra o sistema unico das compras a prontô pagamento, o que não se póde estabelecer

entre nós, porque o oficial tem de recorrer ao crédito, não porque êle administre peor o seu vencimento de que um inglês ou um francês; mas porque as condições de vida são, entre nós, muito mais difíceis, como já ficou exposto e por isso um oficial do exército portuguez que nos grandes centros disponha exclusivamente do soldo e que tenha encargos de familia precisa de recorrer, fatalmente, ao crédito.

Seja qual fôr o sistema adótado não partilha dos lucros, não resta dúvida que as cooperativas de consu-



*Secção de Farmacia*

mo dispensam extraordinarios beneficios e se a cooperativa militar portugêsa não tem correspondido em absoluto ás justas aspirações dos seus fundadores é porque esta instituição não tem sabido viver dentro das normas estabelecidas pelos estabelecimentos congêneres, que no estrangeiro apresentam uma vida desatogada.

Em primeiro logar, é de supôr que as gerencias successivas, apesar de toda a pureza e honestidade da administração, não empregaram a tempo os meios devidos para evitarem os recursos dos intermediarios, por ocasião dos grandes abastecimentos, que não deve sur-

prender ninguém que saiba que um comerciante não se improvisa. Daqui resulta o completo desvirtuamento do fim fundamental das sociedades cooperativas.



Secção de Rouparia

Em segundo lugar as assembleias gerais não são tão concorridas como era para desejar; ainda mesmo nas ocasiões em que se trata de reforma de estatutos e discussão de contas da gerencia de anos findos, chegando na maioria das convocações a ser difícil reunir número legal de sócios para a assembléa poder funcionar.

Resulta dêste abandono o convite a um regimen de

ditadura no qual as direcções nem sequer se dão ao incómodo de apresentarem o seu parecer, dentro do praso legal de qualquer proposta que seja redigida e apresentada á assembléa na mais pura das intenções de colaboração para os progressos da sociedade. O que se passa nas assembléas gerais da Cooperativa Militar é um reflexo do nosso estado social, que se manifesta em todos os ramos de actividade portugueza.

Aquêles que juntam os seus clamôres aos que não encontram vantagens na cooperativa devem compenetrar-se de que é mais útil e práctico comparecerem nas assembléas gerais para ali procurárem a melhor fórma de a fazerem progredir.

E quando a assembléa não seja convocada em circunstancias ordinarias têm ainda ao seu dispôr os meios de provocarem uma reunião extraordinaria.

No que respeita á gerencia, os factos têm comprovado ultimamente que ha motivos para se alimentar a esperanza de que os beneficios dispensados pela Cooperativa vão dilatando o seu raio de acção.

Com mais algum respeito das direcções pelas propostas dos socios, que embora não correspodam á orientação de alguns, podem ser encaradas pela maioria como benéficas para a instituição; com o aumento da concorrência ao consumo das diferentes secções, para haver assim maior affluencia de capitais com o sistema da compra diréta nos grandes centros, despresando-se por completo as ofertas feitas por intermediarios; emfim, quando haja a consciencia dos serviços relevantes que a cooperativa possa dispensar a todas as classes do exército, é de esperar que dentro de alguns anos se possa atingir um grau de prosperidade que até ha pouco não tem passado de simples aspirações.

Segundo se lê no último relatório e pelo exame dos algarismos publicados vê-se que ao apêlo e á propaganda feita no ultimo ano correspondeu de facto, um grande número de novos consumidores. E' porque estes sentiram vantagens de tal ordem que deu em resultado estabelecer-se uma concorrência tal que as vendas realisadas no primeiro trimestre do corrente ano excederam já em perto de desaseis contos de réis, as que se realisaram em igual periodo do ano passado.

E muito mais se poderá conseguir em resultados progressivos se a maioria dos sócios pensar por um ins-

tante que é uma pura perda o tempo consumido a barafustar nas secções de venda e nos centros de palestra contra a Cooperativa Militar e que deve aproveitar a reunião das assembléas gerais para ali, em familia, apresentar as suas opiniões, na ocasião mais propícia em que se pode dar remédio ás suas reclamações.

E a propósito de assembléa geral convém lembrar que já não é sem tempo que se deve tornar público um



Secção de Mercadoria

regulamento que oriente a marcha das discussões, pois bastante se tem feito sentir a sua falta.

Os estatutos são deficientes neste ponto e passam por um tal assunto como gato por brasas; quando é certo que em toda a parte se lhe dedica a maior porção de importância. Isto é claro que se explica pela pouca importância que as assembléas gerais dão a si próprias, por não compreenderem a força que representam.

Não ha dúvida que muito ha a fazer ainda no nosso exercicio no sentido de tornar mais fácil a vida econó-

mica dos quadros. E tudo se poderá realizar dentro dos próprios recursos orçamentais; mas enquanto as circunstancias não se proporcionarem, vamos pensando em conseguir que a Cooperativa Militar satisfaça á sua verdadeira missão. E para isso basta apenas que os sócios se interessem mais pela instituição e não se limite grande parte deles a... empurra-la para o abismo.

CAPITÃO CORREIA DOS SANTOS

---

## O regulamento tactico e a instrução dos recrutas

A orientação do regulamento tactico e tambem a do regulamento para a instrução dos recrutas consiste em ministrar a estes a instrução progressivamente e conforme as sub-divisões da companhia. Obedecendo a esta orientação, a instrução começa a ser ministrada por grupos.

Quanto á orientação nada tenho a dizer. Quanto porém á execução não posso deixar de salientar as dificuldades práticas que se encontram durante o ensino. E estas dificuldades são todas provenientes da falta de bons chefes de grupo que é, e creio que será sempre, muito difficil obtêr quadros desta categoria que bem possam desempenhar-se dos seus devêras. A sua pouca preparação, os seus hábitos e o seu vivêr em comum na caserna com os seus subordinados, não só não garantem a necessária competencia, mas até lhe tiram a indispensavel auto.idade.

Para corrigir as deficiencias dêstes graduados e para atenuar os vícios que a sua maneira de ministrar a instrução podessem causar na marcha geral da instrução dos recrutas, vi-me na necessidade de reunir estes em fracções maiores para em conjunto e quando isso fôsse possível a instrução lhes ser ministrada pelos subalternos ou sargento. E pôsto isto passarei a analisar os 1.º e 2.º titulos do Regulamento para a instrução tactica, devendo começar por dizer desde já que êsse diploma não é mais do que o regulamento antigo estragado. Os

modernismos que lhe introduziram nem sempre estão bem applicados ou então defeituosamente introduzidos. E senão vejâmos.

### A' vontade

A designação *á vontade* não a acho apropriada para o fim que se tem em vista, pois que a latitude desta palayra não se harmonisa com as exigencias que de baixo de forma são pedidas ao soldado. O fim desta voz de comando é colocar os homens numa posição mais cómoda do que a de sentido, ou seja uma posição de descanso.

Para isso a voz de *descançar* era, evidentemente, mais apropriada por estar mais em harmonia com o fim que se tem em vista. Os recrutas logo que ouvem a voz de *á vontade* passam naturalmente a dar-lhe plena execução e não ha posição que não escolham. Entre o tomar uma posição de *descançar* e uma de *á vontade* ha uma diferença muito grande, visto uma ter restrições e a outra depender dos hábitos e costumes de cada um.

Mas como as restrições daquela posição nem sempre se cuadunam com as necessidades da vida militar, conveniente seria incluir as duas vozes no regulamento tactico.

### Indicação dos tempos

O regulamento tactico permite que os instrutores ensinem por tempos as diversas posições, movimentos e manejos, mas, como não os indica, todos têm a tendencia de os pôr de parte, e, com isso, a instrução é muito prejudicada, tornando-se o ensino mais confuso, mais complexo, e sobre tudo menos uniforme e regular, não ficando com o caracter de simultaneidade que é indispensavel na vida militar.

Peior inconveniente resulta porêm se os instrutores fazem uso da faculdade que o regulamento lhe confere, pois que fazendo cada um as divisões conforme o seu critério, ha uma tal diversidade na maneira de instruir que, além de prejudicar aquella necessária simultaneidade, vai lançar uma verdadeira confusão no espirito dos recrutas.

### Passo lateral

Não prescreve a ordenança o passo desta naturêsa e faz falta. Nas pequenas deslocações laterais, e especialmente nos alinhamentos em que o flanco necessita deslocar-se, se se proceder ao alinhamento sem que previamente a força se desloque uniformemente, resulta uma deslocação tumultuária dos soldados que, além de produzir um péssimo efeito, só servirá para lhes incutir vícios e erradas noções de firmêsa, correcção e aprumo.

Não é com o ensino dêste passo que se gasta muito tempo. Se com a sua supressão se teve em vista simplificar o ensino e poupar tempo, fracos foram os resultados que se colheram. Nós apoiámos tudo que tenha em vista simplificar a instrução do soldado contanto que essa simplificação vise apenas coisas superfluas e que do seu desaparecimento não resultam inconvenientes de qualquer naturêsa. O caso presente está nestas condições; não representa qualquer vantagem e da sua supressão só resultam inconvenientes.

### Perfilar arma

E' a posição de continencia com arma. Na factura dum regulamento desta naturêsa, entre outras causas, deve-se atender á simplificação, á proficuidade e á exterioriação.

Sob o ponto de vista de exterioriação não houve progresso nem retrocesso; ficou-se na mesma. O *perfilar arma*, sob este ponto de vista, é a mesma coisa que o antigo *braço arma*. O que houve foi apenas uma mudança de nome e uma mudança de posição. A essência, o intuito exterior, ficáram positivamente os mesmos. Se ha o intuito verdadeiramente radical de simplificar e ao mesmo tempo de acabar com uma posição de mero cumprimento, entendemos preferível acabar com ambas as posições, visto uma e outra terem precisamente a mesma significação.

Sob o ponto de vista de proficuidade nada se adeantou nem retardou substituindo uma posição por outra. A instrução é tão proficua para o soldado ensinando-lhe uma cousa ou outra.

Sob o ponto de vista da simplificação justo é reco-

hecer que é mais fácil aprender a colocar a arma na posição de *perfilar* do que em coloca-la na antiga posição de *braço-arma*. Mas se isso é um facto, também é justo reconhecer-se que com aquela posição resulta um inconveniente que com esta não se dava.

O soldado, na forma, precisa ter sempre o seu braço esquerdo livre para o curvar quando precise alinhar para assim poder definir a sua situação na formatura. Ora, quando tiver a arma naquela posição não o pode curvar e por consequencia o alinhamento tem de sair imperfeito e incorrecto.

Mas se ha alguma ocasião em que era necessário que o alinhamento fôsse rapido, pronto e correcto era evidentemente nas ocasiões em que se precisa alinhar tendo os soldados a arma perfilada, porque quando isso se necessita, não sendo em casos de instrução, é porque geralmente se continua a fazer a continencia que anteriormente ao alinhamento se tinha iniciado, isto é, é quando se está na presença dum superior.

Pois é exactamente nêstes casos, em virtude do defeito da posição, que os soldados mais se amontoam, desordenam e acotovelam para encontrarem o seu verdadeiro logar. E tudo isto porque a arma nessa posição lhe tem o braço esquerdo preso.

Para obviar a estes inconvenientes ha quem tenha recomendado aos soldados que curvem o braço direito até definirem a sua verdadeira posição. Esta recomendação não é legal e torna-se notada pelo mau efeito que produz e mesmo porque os soldados, devido á falta de ensino e á falta de hábito em curvar êsse braço, o fazem por uma forma arbitraria, desigual e desordenada que tira ao soldado todo o seu aspectô de compostura militar que devem ter debaixo de forma e especialmente quando se encontram numa posição de continencia.

Para fugir a todos êstes inconvenientes preferivel é voltarmos á antiga posição de *braco arma*, pois que a pequena dificuldade que haja em ensinar este movimento, e bem pequena é ela por sinal, é sobejamente compensada, não só porque é uma posição mais bonita e elegante, mas tambem porque não acarreta êsses inconvenientes.

Nós gostámos muito das inovações, mas hão de servir apenas para melhorar e aperfeiçoar. Alterar para prejudicar é preferivel deixar estar o que estava. Ma

se ha, como já disse, um acentuado espirito radical de simplificar até ao estritamente necessário para as evoluções militares, acabe-se então com as posições de continencia, porque a posição de sentido a pé firme representa já uma atitudes de respeito e um simples olhar aos flancos, quando em marcha, póde tambem suprir qualquer daquêles movimentos.

Nós, porém, muito desejamos vêr subsistir as posições de continencia, porque as julgamos necessárias, mas entre as duas apontadas, achamos mais bonita, mais própria e mais militar a posição de *braço arma*.

#### Apresentar-arma

Pelo dispôsto no n.º 95 da ordenança de infantaria a arma só se pode apresentar estando na posição de *ombro-arma*.

A ordenança não prescreve a posição de *perfilar-arma* e certamente por esta razão apenas se refere áquela posição.

Pouco se me oferece dizer sobre esta posição. O que mais desejamos frisar é que sendo uma posição de continencia e de verdadeira exteriorisação, muito melhor efeito produzia antigamente quando passava do braço direito para a frente do corpo do que produz hoje, quer passe do ombro, quer da posição de *perfilar*. São movimentos do lado *esquerdo* e por isso se resentem da falta de harmonia e naturalidade que se nota em todos os movimentos não *direitos*.

Mas sendo esta posição de continencia empregada apenas em casos muito especiais, vantagens vêmos tambem em fazer passar a arma pela posição de continencia imediatamente inferior. Fazer passar a arma de qualquer das posições de serviço para a posição de *apresentar* dá sempre logar a uma certa sequencia de movimentos que não se impõem nem pela elegancia nem pelo seu aspecto marcial.

#### Formação em duas fileiras

Recomenda o n.º 175 que o pelotão forme em duas fileiras distanciadas de um metro. Esta disposição, duma tão simples indicação, é na prática de uma execução

muito difficil. A tendencia natural do soldado, quando entra na forma, é aproximar-se do seu camarada chefe de fila a uma distancia muito inferior a um metro.

Mas se á força de prática conseguem, alguns, acostumar-se a avaliar essa distancia e a respeita-la, outros ha que o não fazem, e, por isso, o bom instrutôr e o comandante meticoloso que desejarem que a sua tropa se apresente alinhada e com os preceitos geométricos que ao caso são applicados, precisa ter o cuidado, e bastante grande é necessário que êle seja, de alinhar nas ocasiões próprias a segunda fileira. E se não o fizer ostensivamente, precisa então não esquecer a necessaria recommendação. Mas se apenas se limitar a esta fica sujeito a pouco alcançar.

A formação em linha, com as suas fileiras distanciadas de um metro, fica uma formação pouco densa, uma formação que se deforma muito facilmente. Para soldados que costumam ter na forma uma attitude de ferro, de autómatos, ainda poderia servir, pois que nas marchas em linha evita que a fileira da retaguarda se afaste da fileira da frente, mas para soldados milicianos não a achamos nada própria.

A difficuldade das marchas em linha consiste, como todos sabem, na conservação dos alinhamentos. Pois com a formação tal qual a recomenda o regulamento em vigôr, essa necessidade duplica, porque a fileira da retaguarda para marchar bem precisa ir tambem alinhada. Se a distancia fôsse menor, bastaria que os homens da retaguarda cobrissem e acompanhassem os da frente, mas com essa formação isso não basta. Aumentar as difficuldades de execução para soldados milicianos não nos parece, pois, coisa que se recomende.

Esta disposição tem uma vantagem, e essa deve ser a causa justificativa dela ter apparecido á luz do regulamento, que não devemos occultar. A passagem á *costado a quatro* ficou, evidentemente, mais facilitada. Os cerra-filas impares não precisam deslocar-se para que os chefes de fila pares se intercalem. Esta vantagem não me parece sufficientemente grande para poder justificar os inconvenientes que a formação tem com as fileiras a 1 metro de distancia e ás quais já me referimos.

Essa vantagem podemos mesmo chamar-lhe mínima. A difficuldade na passagem da linha á formação de *cos-*

*tado a quatro* residiu e reside ainda na deslocação das filas pares. Essa é que é a verdadeira dificuldade que o instrutor tem a vencer, mas essa em nada ficou diminuída com a formação prescrita pelo regulamento em vigor.

A *cruzar arma* não ensina o novo regulamento e os manejos *para inspecção* são deficientes e não estão colocados na devida altura.

O novo regulamento não representa um progresso, mostra apenas o prurido de modificar coisas sem vantagem nem necessidade.

Um comandante de companhia



## A PREPARAÇÃO MILITAR EM PORTUGAL

II  
Factores morais dos exércitos

*Conferencia realizada na Sociedade de Geografia em 5-4-1913*

(Continuado do n.º 8)

Precisamos adquirir 1 padaria de campanha e 3 a 4 secções de padarias de montanha, o que deve importar em uns 40 contos.

As viaturas necessárias para o serviço de subsistências, que nos garantam em todas as localidades o serviço dos transportes 150 contos; tracção mecânica por locomóveis de estrada o que representa economia pela redução da verba do gado, 200 contos; forragens para reserva

de guerra para 15:000 cabeças de gado, 600 contos; géneros para 300:000 homens, 2:250 contos.

E isto não basta, porque decretada a mobilisação ha uma paralisação de todo o movimento, agrícola, comercial e industrial.

Instalação para as fábricas de rações de reserva, 200 contos; desenvolvimento da manutenção actual para satisfazer ás necessidades dos grandes depósitos e do resto do exército, campo entrincheirado, linhas de Torres, zona



Officina de carregamento de cartuchos na fabrica de Chelas

do interior, hospitais, etc., 800 contos (incluindo o aumento de força motríz, alargamento de cilos, etc.).

Despêsa total a fazer com a manutenção militar, 4:240 contos.

Nos depósitos de fardamentos precisam ser criados os depositos regionais para fornecer os regimentos de reserva e completar os do activo e ampliar o depósito central que actualmente tem a dotação para produzir anualmente 25:000 fardamentos. Na verba que já ficou indicada atendeu-se á despeza a fazer com 150:000 fardamentos; mas não se incluiu a da instalação dos depósitos regionais.

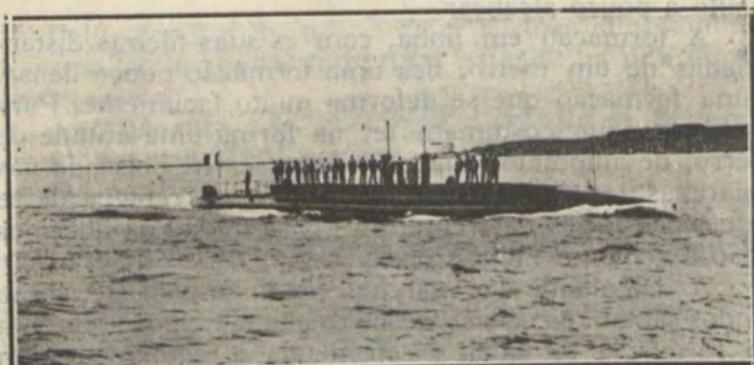
Ha ainda a atender á despêsa a fazer com a compra

tado a quatro residiu e reside ainda na deslocação das filas pares. Essa é que é a verdadeira dificuldade que o instrutor tem a vencer, mas essa em nada ficou diminuída com a formação prescrita pelo regulamento em vigor.

A *cruzar arma* não ensina o novo regulamento e os manejos *para inspecção* são deficientes e não estão colocados na devida altura.

O novo regulamento não representa um progresso, mostra apenas o prurido de modificar coisas sem vantagem nem necessidade.

Um comandante de companhia



## A PREPARAÇÃO MILITAR EM PORTUGAL

E

### Factores morais dos exércitos

*Conferencia realizada na Sociedade de Geografia em 5-4-1913*

(Continuado do n.º 8)

Precisamos adquirir 1 padaria de campanha e 3 a 4 secções de padarias de montanha, o que deve importar em uns 40 contos.

As viaturas necessárias para o serviço de subsistências, que nos garantam em todas as localidades o serviço dos transportes 150 contos; tracção mecânica por locomóveis de estrada o que representa economia pela redução da verba do gado, 200 contos; forragens para reserva

de guerra para 15:000 cabeças de gado, 600 contos; géneros para 300:000 homens, 2:250 contos.

E isto não basta, porque decretada a mobilisação ha uma paralisação de todo o movimento, agrícola, comercial e industrial.

Instalação para as fábricas de rações de reserva, 200 contos; desenvolvimento da manutenção actual para satisfazer ás necessidades dos grandes depósitos e do resto do exército, campo entrincheirado, linhas de Torres, zona



Officina de carregamento de cartuchos na fabrica de Chelas

do interior, hospitais, etc., 800 contos (incluindo o aumento de força motris, alargamento de cilos, etc.).

Despêsa total a fazer com a manutenção militar, 4:240 contos.

Nos depósitos de fardamentos precisam ser criados os depositos regionais para fornecer os regimentos de reserva e completar os do activo e ampliar o depósito central que actualmente tem a dotação para produzir annualmente 25:000 fardamentos. Na verba que já ficou indicada atendeu-se á despeza a fazer com 150:000 fardamentos; mas não se incluiu a da instalação dos depósitos regionais.

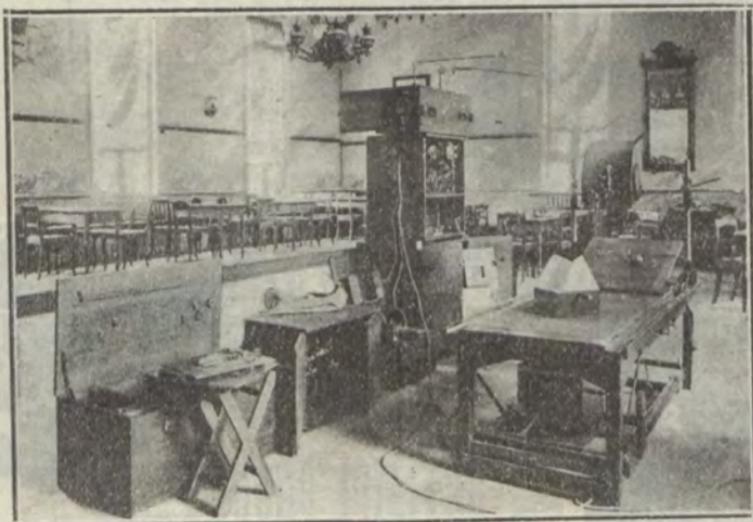
Ha ainda a atender á despêsa a fazer com a compra

de uns 5:000 cavalos e desenvolvimento dos potris e depósitos de remonta, 1:200 contos.

Estas verbas, somadas com a anterior, prefazem a quantia de 22:159 contos.

Falta a atender aqui á verba para a defêsa da baía de Lagos, e que apresenta cada vez maior importancia estratéfica, baía de Setubal, etc., o que prefaz uns 25:000 contos.

Poderá esta quantia parecer á primeira vista uma despesa excessiva a fazer com o exército; mas muito maior



Uma estação de radioscopia armada para serviço em campanha

será o encargo para a nação se tivermos a fatalidade de sofrer um desastre, em luta com uma ou outra potencia pois já ficou bem indicado, ou por outra não é facil avaliar quanto nos custará uma derrota, em dinheiro, territórios e vidas, e quem sabe mesmo em quanto mais...

E se atendermos agora á situação da marinha, para um país que possui costas a defender, como o nosso, ainda melhor se compreende a necessidade do aumento da despesa para a aquisição de uma esquadra. E' verdadeiramente irrisoria a verba que se destina ao nosso orçamento da marinha de guerra!

Mas se o país não quer compreender quanto lucra em

dotar a defeza nacional com os recursos de que carece, como são os seus habitantes os unicos que hão de sofrer-lhes as desgraçadas consequencias, estude-se quanto antes qual a organização do exército que se pôde adoptar ás nossas condições financeiras e saía-se desta situação calamitosa de não possuímos recursos para a mobilisação das unidades que figuram no papel, como já tem sido posto em evidencia pelos nossos illustres camaradas que tão brilhantemente se têm occupado da defeza nacional. Parecia-me de toda a conveniencia que se organisassem uma, duas ou três divisões militares, mas a valer, de fórma que podéssemos contar com as unidades desprovidas de todo o material que carecem e com o pessoal instruído, educado e disciplinado por uma duração de serviço militar que possa dar essa garantia segura. Assim procedem as grandes e pequenas nações donde não se pôde deixar de colher ensinamentos que só pôdem ser indifferentes aos que caminhem cegamente para o abismo. Todas as nações organisam as suas forças de defeza nacional dentro dos recursos orçamentais e aumentam os seus effectivos á medida que o tesouro publico assim o permite. Veja-se, por exemplo, a Alemanha que receberá, desde outubro deste ano, mais 68:400 recrutas do contingente anual, adquirirá 40:000 cavalos suplementares, dos quais 30:000 serão destinados á artilharia de campanha. A Alemanha tem de obter neste momento 225:000 contos e depois inscrever anualmente no orçamento da guerra mais 54:000 contos. E na França procede-se da fórma análoga. E nem esta, nem qualquer outra nação nos dá o exemplo de apresentar esqueletos de um vasto plano a ser posto em pratica em periodos mais ou menos longos.

Trata-se de garantir que o exército constitua um instrumento de ataque ou de defeza, mas com forças mobilisaveis e sempre suscetiveis de um aumento progressivo. Mas para se poder animar, impulsionar toda a grande massa dos combatentes é preciso cuidar com esmero da educação profissional dos officiaes, o que só se pode conseguir collocando a Escola de Guerra onde seja possível ministrar-se uma instrução pratica, como se faz em toda a parte do mundo. Emfim, o problema militar tem de ser resolvido com o concurso patriótico de todos os portuguezes, que estejam animados no mais fervoroso sentimento de garantirem a independencia nacional.

E se assim se não procede quanto antes, não nos de-

vemos surpreender que dentro em pouco as conferencias internacionais da Haia intervenham, não no sentido de tentarem a realização impossivel dos que sonham com a paz universal, mas para um fim humanitario: para se impôr aos Estados a obrigação de se desarmarem quando apresentem simulacros de organisação que só podem servir para submeter milhares de creatura a uma chacina horrivel.

J. CORRÊA DOS SANTOS.



## As baixas na guerra

Todos aqueles que se interessam pelas questões militares encontram sempre interessante os elementos estatisticos que se referem ao numero de baixas que se teem dado nas principais batalhas das epocas mais recentes. E nós que vestimos uma farda e que portanto estamos submetidos á lei de um dia podermos oferecer o nosso corpo e o nosso sangue para completar essas estatisticas, não podemos nem devemos desconhecer esse assunto para podermos ajuizar bem das circunstancias em que nos encontraremos e das consequencias a que um dia podemos ser submetidos.

São inumeras as estatisticas deste genero e algumas, na verdade, bem diferentes.

Apezar da potencia e precisão das armas de tiro rapido, as batalhas contemporaneas não teem sido mais mortiferas do que as do seculo passado. Para o comprovar bastará comparar as cifras do quadro seguinte

sobre o número de baixas sofridas em algumas batalhas desde o tempo de Napoleão até á batalha de Mukden.

		Efetivos	Baixas	%	Horas de combate
Eylau	francezes	75:000	28:000	38	Em 13 horas
	russos e prussianos	82:500	26:000	32,5	
Borodino	russos	104:000	43:000	41,3	Em 15 horas
	francezes	124:000	28:000	22,6	
Waterloo	francezes	72:000	24:000	33,3	Em 8 horas
	aliados	142:000	22:000	17,7	
Sulferino	austriacos	133:000	13:000	9,8	Em 11 e 1/2 h.
	pr. e italianos	144:000	14:000	9,5	
Konigratz	prussianos	220:000	9:100	4,1	Em 8 horas
	austriacos	215:000	18:000	8,7	
Mars la Tour	alemães	66:300	15:800	23,8	Em 10 horas
	francezes	121:000	13:800	11,4	
Gravelote	alemães	192:000	19:600	9,8	Em 9 horas
	francezes	120:000	12:300	10,2	
Mukden	russos	320:000	65:000	20,3	Em 14 dias
	japonezes	290:000	45:000	15,5	

Como se pôde vêr, a percentagem de baixas em Mukden é menor do que em Eylau, Borodino e Waterloo, quasi igual á de Mars la Tour e maior do que a de Sulferino, Konigratz e Gravelote. Deve-se porém ter em conta que nenhuma destas batalhas durou mais de 15 horas, enquanto que as baixas na batalha de Mukden foram causadas em 14 dias de lucta.

Em vista destes elementos e mesmo em vista do que já sobre o aumento é tambem mais ou menos conhecido das batalhas recentes feridas nos Balkans, pôde-se concluir que as batalhas do futuro não serão mais mortíferas do que as mais recentes, embora as armas de fogo se continuem aperfeiçoando, pois que a estes aperfeiçoamentos os métodos de combate vão variando, tornando as tropas menos vulneráveis. O enfraquecimento moral, mais do que o numero de baixas, será em definitivo, a verdadeira causa da derrota dos exércitos, enfraquecimento que pôde ser causado com effectivos menores e á custa de maiores sacrificios.

Na batalha de Mukden, que distintos militares consideram como o tipo da batalha moderna, o exército russo teve 50:000 feridos do total das baixas, o que mostra que a proporção entre mortos e feridos se conservou mais ou menos igual á que se dava anteriormente, apesar da adoção dos projecteis de pequeno calibre. Este numero de feridos, que representa  $\frac{1}{6}$  do efectivo presente no campo de batalha, pode-se tomar, sem incorrer em erro sensível, como media para as batalhas do futuro.

E conhecidas as percentagens das baixas sofridas, vejamos agora qual o numero de cartuchos que em média foi calculado como necessario para pôr um homem fóra do combate.

Na Batalha de Sulferino consumiram os austriacos 8.400.000 cartuchos. Em consequencia do seu emprego, morreram sobre o campo 2.000 francêses, correspondendo, pois, a cada baixa definitiva 4.200 cartuchos, que, a 30 gramas de pezo aproximadamente por bala, dá um total aproximado de 125 kilos, quantidade de metal ainda muito superior á calculada pelo marechal de Saxe, pois que são rarissimos os seres humanos que alcançam aquele pezo. Isto prova, bem claramente, que até então, ainda tendo em conta as distancias, que pouco se havia adeantado nos efeitos do fogo.

A partir da geral applicação das armas com estrias e de carregar pela culatra, o movimento progressivo é bem conhecido.

Em Gravelotte foram necessarios 1.300 cartuchos, ou sejam cerca de 40 kilos de chumbo, para causar a morte dum combatente. Este pezo diminue ainda mais rapidamente, em relação ao numero de cadaveres, á medida que aparecem as armás de repetição e pequeno calibre.

Na guerra greco-turca, cada 800 projecteis, ou seja um pezo de cerca de 20 kilos, matavam um homem.

Na guerra hispano-americana (segundo os calculos americanos) matava-se um homem com 700 cartuchos, ou sejam cerca de 18 kilos de chumbo. Sabe-se que a larga duração da campanha cubana fez dos soldados

espanhois habeis atiradores, apesar das erroneas opiniões que levaram ao abuso do fôgo por descargas.

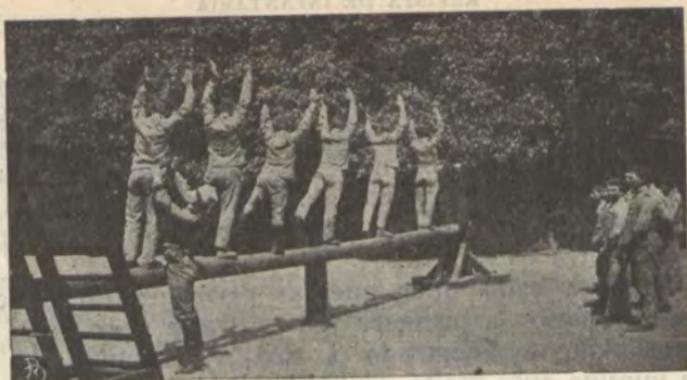
Ainda que não haja dados positivos dos boers na sua guerra contra os inglêses, assegura-se, contudo, que chegaram a alcançar diminuir aquella cifra a 12 kilos, podendo-se afirmar outro tanto de lucta dos francezes contra os boxers.

Embora estas duas guerras revistam um caracter especialissimo; a primeira por se tratar dum povo entusiasticamente adestrado no tiro, e a segunda por ser um inimigo cujo modo de combater estava fóra de todo e qualquer principio d'arte, aqueles factos não devem contudo ser desprezados.

Na guerra russo-japoneza consumiram-se em media, 800 cartuchos para causar uma baixa definitiva no campo de batalha, e tendo em conta a pequenês do calibre das armas empregadas, pôde-se calcular o pezo em 18 kilos.

Fazendo analogo calculo pelo que respeita aos feridos correspondem approximadamente: em Sulferino, 18 kilos para cada ferido; na guerra greco-turca 7 kilos; na guerra hispano-americana, 6 kilos; na anglo-boer e franco-boxer 4 kilos; e na russo-japoneza 6 kilos.

E com estes elementos podemos todos nós, se um dia tivermos de entrar em campanha, ajuizar das leis a que ficaremos submetidos.



## BIBLIOGRAFIA

### **Napoléon en Campagne, por le colonel Vachee.**

A acreditada casa editora francesa dos srs. Berger-Levrault, da Rue des Beaux Arts—5 e 7, Paris, acaba de lançar á luz da publicidade mais este interessante livro de 224 paginas com duas cartas da epoca imperial e um croquis.

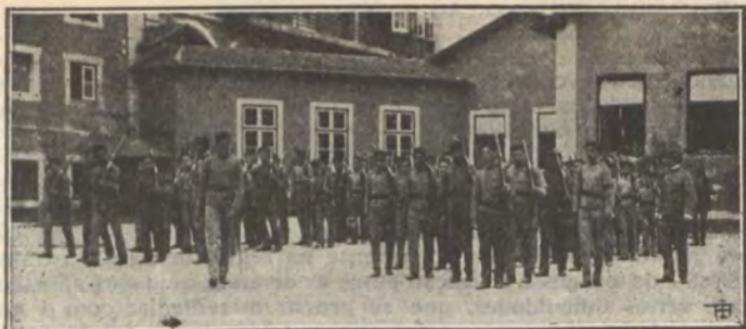
O fim que o seu autor teve em vista foi mostrar Napoleão vivo, pensador e procedendo no seu quartel general, fazendo sobresair os seus habitos de trabalho, os seus metodos de comando, dando até á ultima pagina a impressão ao leitor de ter servido ao lado do grande general no decurso de umas das suas memoraveis campanhas.

Todo o comando comporta da parte do chefe e dos seus auxiliares, em primeiro logar um grande trabalho interior de imaginação e pensamento e uma forte acção de vontade; a decisão e depois quatro actos exteriores essenciaes, que são; a elaboração e a transmissão das ordens, a vigilância da execução destas e por fim as sancções.

A maneira como cada um destes actos é executado constitue a caracteristica, a marca dum comando. O livro do coronel Vachee, que tem por base a correspondencia do Imperador, a do major general e a dos marechais, e ainda as memorias da epoca imperial, dá bem a ideia da forma de proceder daquêle que foi o mestre da guerra.

Para desenvolver ainda mais nitidamente as ordens e narrações da guerra e o método de comando de Napoleão, o autor do livro em questão acompanha-o passo a passo, durante dias e durante noites, porque a noite era quando o general mais trabalhava, durante o periodo de 11 a 14 d'outubro de 1806 (batalha de Iena).

Este livro é pois uma análise do que se têm chamado o genio de Napoleão, e é ao mesmo tempo uma sintese da sua personalidade de chefe do exército, expondo a filosofia e os processos do comando napoleonico.



## Secção do estrangeiro

**Suecia.** — Orçamento para 1914. — Os orçamentos para 1914 importam em 275 milhões, o que representa um aumento de 12 milhões com relação aos do ano anterior.

Deste orçamento pertencem ao exército 55.125.100 corôas, sendo os aumentos, em relação ao do ano passado, aplicados no seguinte: 230.000 corôas para soldos dos oficiais; 511.000 para administração militar; 456.000 para remonta

Para despesas extraordinárias contam-se 500 000 corôas para aquisição de armamento; 380.000 para artilharia; 1 milhão para construção de quartéis; 110.000 para trabalhos da fortificação de Badeu; 50.000 para material de engenharia; 510.000 para aumentar o efectivo das tropas técnicas; 400 000 para os novos uniformes; 300.000 para aquisição de tendas-abrigo e 875 000 para subvenção das sociedades particulares de tiro.

**Inglaterra.** — Corpos de cadetes. — A organização dos corpos de cadetes data de 21 de maio de 1910. Anteriormente a essa data existia uma organização similar, sendo essas unidades constituídas apenas por alunos das escolas.

Tendo o decreto d'aquela data generalizado e ampliado esse princípio aos mancebos de 14 a 17 anos que não sejam alunos de escolas, tomaram esses corpos um largo e animador desenvolvimento.

Em um artigo que lemos no *Journal of the Royal United Service*, vemos que, segundo um relatório referido a 30 d'abril de 1912, o efectivo desses corpos era de 1.000 oficiais e de 18.000 cadetes, havendo apenas em 1910 uns 17 oficiais e 5.536 cadetes, dando-se pois nesse curto prazo de tempo um aumento devêrsa considerável.

Aqueles efectivos estão divididos em 54 batalhões e 99 corpos, fazendo um total de 153 unidades, organizadas em 427 companhias, estando encorporadas 77 delas nas unidades do exército territorial.

Dessas unidades 55 estão dotadas com armas de calibre re-

duzido, sendo concedido a cada aluno 210 cartuchos. Algumas dessas unidades tem feito exercicios no campo, havendo uma delas que tem 440 cadetes.

\*

**Austria-Hungria.** — Emprego de porta-voz. — Nos paizes montanhosos e particularmente na região de Krast, a transmissão de ordens e a ligação entre as diversas unidades apresentam sérias dificuldades, que se procuram remediar com o emprego de sinais oticos e acusticos, telegrafos e telefones de campanha.

As tropas da Bosnia fazem porém já uso de um porta-voz, com o qual vão ser progressivamente dotadas as unidades estacionadas na região.

Os batalhões de infantaria empregam dois modelos de porta-voz, ambos munidos com uma corneta de chamada e que diferem unicamente na sua força

Um modelo é destinado aos comandantes de batalhão e outro aos comandantes de companhia.

\*

**Alemanha.** — Organização do pessoal dos arsenais e corpo de artifices — A fusão dêstes dois pessoais, prescrita a titulo de ensaio, não foi adotado, não se chegando a efectuar essa fusão.

O pessoal dos arsenais passa a ser recrutado:

- 1.º Entre os aspirantes pagadores;
- 2.º Sargentos de todas as armas que se tenham alistado no exercito como voluntarios, ou que possuam um certificado de instrucção;
- 3.º Entre os artifices e em primeiro lugar os que tenham seguido com exito o curso superior das escolas de artifices.

Os candidatos devem requerer o seu ingresso nêsse corpo, devendo reunir todas as condições morais desejaveis, devendo ser irrepreensivel a sua vida particular.

Devem ter 5 anos de serviço (3 para os voluntarios de 1 ano), a idade será inferior a 26 anos, devem ser solteiros e ter aptidão para o serviço de campanha, exigindo-se-lhes um conhecimento serio do material e das munições da sua arma e ainda de artilharia.

Para que possam obter estes conhecimentos, os aspirantes das outras armas são mandados para os regimentos de artilharia de campanha durante 3 menses, fazendo depois serviço no depósito de artilharia, onde são classificados.

\*

**Suissa.** — Creditos para artilharia. — O conselho federal suiso solicitou da Assemblêa Federal um credito de varios milhões de marcos para aquisição de peças de artilharia, cujo

credito se dividirá entre o necessario para a criação de 12 baterias de obuses, cada uma das quais constará de 4 peças, 8 carros de munições, 1 carro observatorio e 5 de serviço, e mais 3 baterias de montanha, que, com as que existem actualmente, formarão 4 grupos de 3 baterias a 4 peças.

**Brazil.** — **Alimentação do soldado.** — A ração destinada á alimentação do soldado tem um valôr que é fixado trimestralmente pela administração militar e que varia em geral entre 240 a 280 réis, não podendo exceder 300 réis.

Em cada corpo o encarregado da alimentação do soldado é o official de administração militar.

Quasi todos os regimentos e especialmente os que estão em *vila militar*, dispõem de cozinhas a vapor dotadas de todos os aperfeiçoamentos modernos.

A alimentação diária das praças consta de café e pão, ás 5 horas; almoço das 9 ás 10 horas, composto de pão, sopa, um prato de legumes, outro de carne, fructa e doce; e jantar, das 17 ás 18 horas, constando dos mesmos pratos do almoço.

As rações são excelentes e abundantes. Os sargentos e cabos têm cozinha especial. Os que comerem á sua custa recebem em dinheiro o subsidio para rancho.

As substancias alimenticias que entram diariamente na composição dos ranchos são por kilo ou litro: arroz 0,080; assucar 0,100; azeite 0,020; bacalhau 0,020; batatas 0,080, café 0,060; carne de porco 0,206; carne fresca 0,600; farinha 0,200; manteiga 0,020; pão 0,160; queijo 0,050; sal 0,006; toucinho 0,010; vinagre 0,002; carvão 0,150 e lenha 0,002.

**Estados-Unidos.** — **Instrucção da milicia** — E' sabido que a milicia nos Estados Unidos constitue a unica reserva de que o governo federal pode dispôr em caso de guerra exterior.

O recrutamento dos milicianos efectua-se sobre a base do alistamento obrigatorio de todos os cidadãos uteis dos 18 aos 45 anos, os quais permanecem ordinariamente em suas casas, com a unica obrigação, em tempo de paz, de assistirem a 24 sessões de tiro por ano e a um periodo de instrucção de 8 dias.

As unidades, que dependem dos governos dos diversos Estados, embora o governo federal conserve o direito de inspecção, são as seguintes:

140 regimentos de infantaria a 3 batalhões; 60 esquadrões de cavalaria; 51 baterias de campanha e 122 baterias de artilharia de costa.

Os effectivos são de 9.142 officiais e 112.710 soldados.

A instrucção é ministrada por officiais de exercito regular e segundo um relatorio feito pelo general inspector, a milicia fez grandes progressos no ultimo ano.

Não obstante nota-se que por falta de carreiras e campos de tiro só uns 60 por cento d'aquêles effectivo é que recebe instrucção completa.

Assim opina-se naquêlê país que a instrução da milicia não poderá' atingir o grau de desenvolvimento que exige uma boa preparação para a guerra enquanto se não ampliarem e efectivarem as obrigações e deveres de todos e enquanto se não estipular soldo e pré para uns e outros, como já foi proposto ao parlamento, em que se consignava que se devem abonar aos officiaes entre 1.000 a 1.800 francos, conforme as patentes, e ás praças de pré entre 225 e 1.125 segundo as classes e gradações.

**Projecteis narcoticos.**—Nos Estados Unidos em breve será experimentado um novo projectil chamado—*projectil para adormecer* ou *projectil narcotico*.

Segundo o seu inventor, o homem que seja ligeiramente ferido com este projectil ficará adormecido, e, portanto, fóra de combate durante 24 horas, e ainda que a lesão seja grave, não causa dôres.

O sistema organico absorve rapidamente o narcotico contido na bala e o ferido fica insensibilizado quasi instantaneamente.

**Russia.**—**Carreira de tiro em S. Petersburgo.**—Com o fim de que as tropas de infantaria, possam, no inverno, exercitar-se no tiro ao alvo, acaba de ser construida em S. Petersburgo uma carreira de tiro.

Esta carreira é completamente coberta e comprehende 5 compartimentos distinctos, nos quais se pode fazer fogo ao mesmo tempo, tendo cada um linhas de tiro para 30, 75, 150 e 300 metros.

Proximo da carreira ha varios locais, chamados de reunião, devidamente aquecidos, tendo saidas independentes de maneira a permitirem ás diversas unidades succederem-se immediatamente e sem a mais pequena demora no tiro.

Todos os pavilhões e a propria carreira de tiro estão iluminados por electricidade, coisa indispensavel na latitude de S. Petersburgo, onde os dias de inverno são muito pequenos; estando tambem os pavilhões dotados com um sistema especial de ventilação para que se possa fazer fogo durante dias inteiros.

A carreira de tiro está construida no meio da cidade, e o seu custo foi de 535.000 francos.

**Tribunais de honra** — Os tribunais de corpo de officiaes, encarregados por um lado de julgar os actos incompativeis com a honra militar, a dignidade e a moral dos officiaes, e por outro lado de regular as questões pendentes entre officiaes, foram reorganizados sob o nome generico de *tribunais d'honra*.

As principais modificações introduzidas nas antigas regras foram as seguintes :

1.ª Além dos tribunais de honra que julgavam os officiaes foram organisados tribunais desta classe para os que pertenciam a um ou outro corpo.

Cada tribunal é composto de cinco militares, á razão de um por regimento e brigada de artilharia ou grupo de artilharia independente, e um substituto.

2.ª Para os officiaes e funcionarios do estado maior, estabele-

cimentos, administração, saúde, corpo juridico, engenharias, topographos, etc., foram organisados tribunais de honra em analogas condições.

3.º Os tribunais para officiaes subalternos tinham uma composição variavel segundo pertenciam a um ou outro corpo.

Agora passam a ter uma composição uniforme, mas o seu numero será determinado pelo general comandante da região e segundo o numero de officiaes.

Cada tribunal será composto de 5 membros electivos entre os capitães mais antigos de primeira e segunda classes que tenham pelo menos três anos de serviço no corpo, havendo dois suplentes.

Os membros do tribunal são eleitos todos os anos por meio de voto secreto dos officiaes do corpo ou da divisão, não podendo ser eleitos os que tenham castigo ou que já tivessem sido submetidos a um tribunal de honra.

A estes tribunais podem ser submetidos ou por pedido proprio ou por imposição das auctoridades.

As sentenças são secretas e se algum official as divulga é submetido a outro tribunal.

As questões entre officiaes são tambem resolvidas por estes tribunais, os quais decidem se se devem reconciliar, se se devem bater em duello ou se algum deles deve ser julgado em tribunal de honra.

Se um official se recusa a bater-se em duello é convidado a pedir a reforma, sendo expulso do exército se não o fizer.

Quando um official fôr condenado pelos tribunais de honra, a pena consiste em pedir a reforma, sendo tambem expulso do exército se não o fizer.

Quando as decisões do tribunal determinem o duello, o proprio tribunal determinará as condições do encontro.

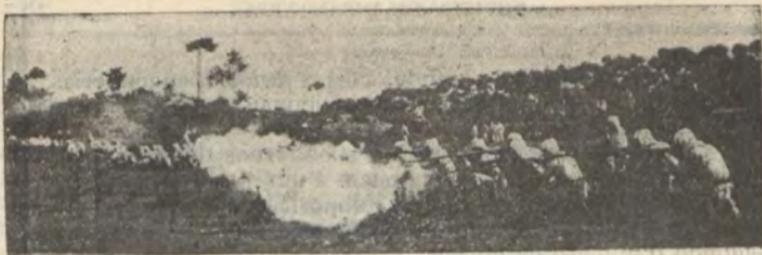
---

## CONSULTAS

---

44.º — Estando estabelecido que se faça uso nos exercicios e nas marchas do chapéu de feltro, deseja-se saber se do mesmo se pode fazer uso na instrução de recrutas, quando esta seja ministrada no quartel.

*O chapéu usa-se somente em serviço de campanha, marchas e exercicios; o 2.º barrete, para serviço interno, instrução no quartel, e, quando se não determine superiormente o contrario, em serviço fóra do quartel; o 1.º barrete, com o pequeno uniforme; isto em relação ás praças de pret. Quanto a officiaes, não a generaes, temos a considerar: o barrete no grande uniforme, e no pequeno (para passeio e apresentações officiaes; o barrete com capa cinzenta, para serviço interno, marchas sem tropas, instrução no quartel e, quando se não determine o contrario, em todas as formaturas com tropas; o chapéu, para serviço de campanha, marchas com tropas e exercicios tacticos.*



## SUBSCRIÇÃO

A comissão que levou a efeito a subscrição, entre os-officiais do exército, para ocorrer a despezas provenientes do processo promovido em Braga contra o alferes J. P. R. B., por um acto pelo mesmo praticado em defeza propria, vem declarar que, não tendo sido impugnada a sua proposta para ser distribuido o saldo de *quarenta e sete mil trezentos e setenta e cinco réis* (47\$375) por estabelecimentos de beneficencia, como consta de jornais diários do mês de junho e da *Revista de Infantaria* do mês de julho, distribuiu, no corrente mês, o referido saldo pela seguinte fórma:

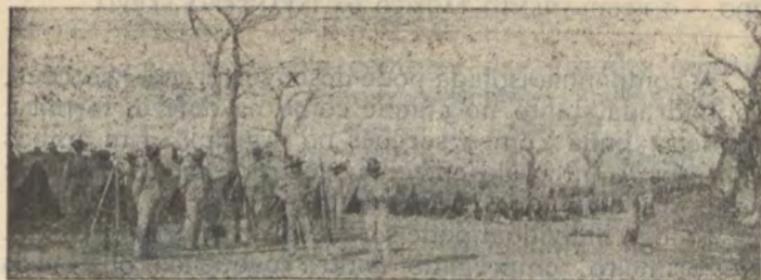
A' Assistencia Infantil da freguezia de Santa Iza- bel . . . . .	10\$00
A' Cantina Escolar da freguezia de Santa Cata- rina . . . . .	10\$00
A' Cantina Escolar da freguezia de S. Mamede..	10\$00
A' Cantina Escolar da freguezia de S. Miguel, con- siderada muito necessitada. . . . .	17\$38
<i>Total</i> . . . . .	47\$38

cujos recibos, na importancia total de *quarenta e sete es-  
cudos e trinta e oito centavos*, se acham em poder do se-  
gundo sinatario, no quartel dos Paulistas e á disposiçào  
dos Ex.<sup>mos</sup> subscritores, para serem verificados, bem como  
todas as contas já publicadas.

Lisbôa, 11 de agosto de 1913.

### A comissão,

- (a) *José Afonso Palla*, capitão.
- (a) *José Bernardo Ferreira*, capitão.
- (a) *Sesinando Chagas Franco*, capitão.
- (a) *José d'Ascenção Valdez*, tenente.
- (a) *João Lopes Soares*, tenente.



16.º ANO

OUTUBRO DE 1913

N.º 10

# REVISTA DE INFANTARIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infantaria*

Composição e impressão na tipografia da Cooperativa Militar

## O regulamento tactico da infantaria sérvia

Depois das vitórias que o exército da Servia alcançou na última campanha dos Balkans, interessante será fornecer aos nossos leitores uma idéa geral do regulamento tactico da sua infantaria.

Os principios fundamentais dèste regulamento passamos pois a indica-los.

Em pé de guerra, a companhia de 216 homens, divide-se em 4 secções de 5 esquadras cada uma e numeradas da direita para a esquerda.

A distancia entre as filas na formação em linha é de 1<sup>m</sup>,03 e o intervalo entre os homens de 0<sup>m</sup>,10.

Em tempo de paz, a divisão da companhia é em 3 ou 2 secções para efectivos inferiôres a 74 e 48 homens respectivamente.

Além da coluna por secções a 4 passos, emprega-se a de meia companhia, com intervalo de 1 passo entre as secções.

A formação da marcha é, em geral, a coluna de 4 ou de 2.

O fogo da companhia em ordem cerrada é, por descargas, em linha e em 4 filas de meia companhia. Além disso empregam-se as descargas de secção.

A companhia isolada pôde desenvolver até 3 secções; enquadrada, tanto no ataque como na defêza, forma a primeira linha com 2 secções no principio. Em ambos os casos, o intervalo entre as secções é de 10 passos e a sua distancia á reserva é de 300.

O fogo individual pôde ser *lento*, *ordinário* e *rápido*. No primeiro, empregado contra pequenos objectivos desde 600 a 1:000 metros, os homens de cada pelotão dispáram *sucessivamente* da direita para a esquerda.

No *ordinário*, indicado para distancias inferiôres a 600 metros, os dois homens de cada fila dispáram alternadamente.

No *rápido*, reservado para momentos decisivos prelemináres do assalto, perseguição, defêza contra a cavalaria, permite-se a cada soldado disparar sem se preocupar com os outros.

O fogo por descargas emprega-se contra grandes objectivos a qualquer distancia. As descargas por esquadra são o tipo normal; se se precisa adquirir a superioridade do fogo ou destruir o inimigo rapidamente, utilisam-se as descargas por secção.

Em terreno descoberto, á aparição da cavalaria, a reserva avança e forma com os atiradores que passa a fazer fogo rapidamente. Se a companhia está a coberto ou a cavalaria se apresenta de improviso, faz-se fogo em qualquer formação.

A coluna de 4 ou de 2 em caso de necessidade, é o tipo normal em ordem de marcha do batalhão.

Exceccionalmente, se o terreno o permite, adopta-se a coluna de batalhão. Em ambos os casos, a distancia entre as companhias é de 10 passos e de 4 entre as secções.

São quatro as formações que adopta o batalhão em ordem unida.

A *massa*, formada por colunas de companhias, umas no costado das outras, com intervalos de 5 passos; a *massa profunda*, ou coluna dobrada, com igual intervalo que a anteriôr e 10 passos de distancia; a *coluna de batalhão* já citáda e a *linha*, como ordem de parada e para marchar debaixo do fogo de artilharia.

O batalhão isolado pôde desenvolver até 3 companhias com intervalo de 20 passos. Enquadrado, desenvolve duas em principio.

A reserva de batalhão coloca-se a 300 passos atraz

das companhias. No combate das grandes unidades, cada batalhão coloca duas companhias na linha de fogo e as outras duas em reserva do batalhão. Em todos os casos, o aumento do reforço das linhas dos atiradores effectua-se sempre por companhias completas.

A direcção do fogo compete aos comandantes das companhias. O comandante do batalhão apenas indica os pontos a bater e a concentração dos fogos.

Como nas unidades inferiores, a formação tipo da marcha do regimento é a coluna de 4 com 20 passos de distancia entre os batalhões. Emprega-se também, quando o terreno o permite, a coluna por seccões com igual distancia, e, por último, a coluna dobrada constituída pelos 4 batalhões em linha ou massa profunda, com 25 passos de intervalo e distancia. Se o regimento tem apenas 3 batalhões, dois d'elles formam a primeira linha e o terceiro coloca-se á retaguarda do centro, constituindo a segunda.

O regimento pôde desenvolver, estando isolado, até 3 batalhões, e enquadrado, dois. O intervalo entre elles é de 40 passos e a distancia das reservas dos batalhões á segunda linha pôde exceder a 300. Esta segunda linha adoptará qualquer das formações indicadas para a ordem unida.

O regulamento tactico em vigôr estuda o ataque, segunda se trata de um combate de encontro ou contra uma posição fortificada. Em ambos os casos, contudo, os principios gerais são análogos.

Conhecida a presença do inimigo e antes de se entrar debaixo da acção do fogo da artilharia, designam-se as tropas encarregadas do ataque. Estas, armando os sabres e carregando as armas, avançam em ordem unida. Ao começar o fogo da artilharia, adoptam a ordem preparatória de combate constituído por colunas de filas ou por esquadras a primeira linha e por seccões a reserva.

Chegados a 1:500 metros, limite máximo da acção do fogo da infantaria, ordena-se o desenvolvimento em atiradores, avançando em passo ordinário até 1:000 metros; então inicia-se o fogo, concentrando-o sobre a fracção ou parte da posição inimiga mais numerosa ou que melhores obstáculos oponha ao avanço, que se verificará por lanços de 100 passos, como minimo, e pelo maior numero possível de homens.

As reservas seguem o movimento a passo largo, em linha, se o terreno não é muito descoberto, sendo provável que as reservas de companhia tenham tido já necessidade de reforçar as linhas de atiradores a estas distancias, que ao diminuir irão exigindo cada vês mais homens na linha de fogo, de sorte que chegando o momento em que a sua acção seja decisiva, todas estas reservas, e parte das do batalhão, tenham entrado em fogo.

Continua-se sem interrupção o avanço, aumentando a intensidade do fogo até se chegar a uma posição final cuja distancia ao inimigo permita percorre-la em um só lanço. Dessa posição e com fogo repetido, prepara-se o assalto que se executa fazendo fogo sobre a marcha até 100 passos ou menos, em que aos gritos de *hurra!* se lançam todos sobre o inimigo. Se este se retira, inicia-se a sua perseguição com fogo rápido.

O combate defensivo pôde ter por objectivo preparar uma acção decisiva ou ganhar tempo. Pôde tambem ser imposto pela superioridade numérica do contrario. Em qualquer caso deve-se ter em vista que não basta castigar o inimigo com o fogo; é necessário dar-lhe um contra-ataque.

A reacção ofensiva é a única razão desta classe de combates, que podem ser obrigados por um encontro imprevisto com o inimigo ou premeditado; neste caso é indispensável a escolha e preparação prévia da posição.

Se o combate defensivo dever ser tambem decisivo, é conveniente retardar o mais possível a abertura do fogo, não só para economisar munições mas tambem para denunciar prematuramente a posição que se ocupa.

Ao chegar o atacante a 1:500 metros, as tropas da defêza rompem o fogo por descargas de pelotão contra as fracções mais visíveis e contra a artilharia; chegado o inimigo á zona eficaz do fogo da infantaria, desde 1:000 metros, deve-se reforçar a linha de atiradores para se obter a superioridade do fogo, que se deve obter antes do inimigo alcançar uma distancia inferior a 600 metros, devendo para isso a linha de fogo ter recebido já os necessários reforços das reservas da companhia e grande parte das do batalhão e regimento.

No princípio do assalto a primeira linha faz fogo rápido e o resto das reservas fogo por descargas. Se

assim ainda não se consegue derrotar o inimigo, deve a defêza iniciar o contra-ataque. No caso de que o combate defensivo tenha por único fim ganhar tempo, deve-se desenvolver desde o principio quasi toda a força, deixando uma pequena parte em reserva.

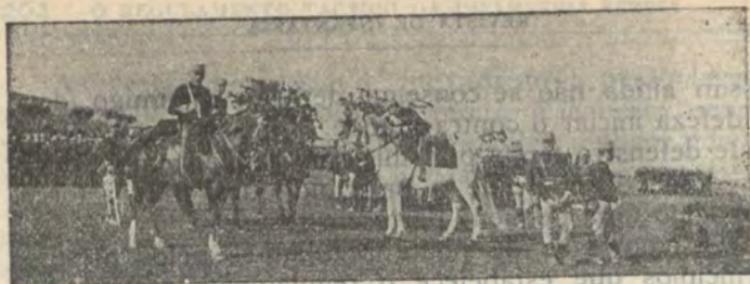
Os combates de noute regulam-se pelos mesmos principios que estabelece o regulamento tactico austriaco, salvo pequenas particularidades.

As unidades executantes collocam em primeira linha as três quartas partes dos seus effectivos, deixando o resto em reserva, situada a 50, 100 ou 200 passos a companhia, o batalhão e o regimento, respectivamente. O assalto executa-se a 50 ou 100 metros, aos gritos de *hurra!*, mas não se fazendo fogo.

Antes do combate distribue-se a datação dos parques regimentais, guardando-se as munições na mochila e cartucheiras. Iniciado o combate, os comboios de munições avançam até ás reservas de regimento, e se podem marchar a coberto, até ás de batalhão, cujos comandantes ordenam, em caso de necessidade, que vários soldados transportem nas suas mochilas os cartuchos á linha de fogo.

Em terreno descoberto, e na presença da cavalaria, avançam as reservas, formadas a quatro. Se falta tempo para isso ou os atiradores estão a coberto, inicia-se o fogo rápido a 600 metros na disposição em que se encontrem as linhas.

Emprega-se, em geral, para a reserva de segurança em marcha, a quarta parte do effectivo. Supondo este de 4 batalhões, o escalonamento de segurança para a marcha de um regimento é: uma secção como flexa; 600 passos á retaguarda, 3 secções, guarda avançada; a 800 passos, três companhias, grosso da guarda avançada, e, finalmente, a 1:200 passos dêste, os três batalhões, grosso da coluna, havendo portanto a profundidade total da coluna de 2:000 a 2:700 passos.



## A instrução técnica dos oficiais

### Confronto entre os métodos de instrução adoptados na Escola de Guerra Portuguesa e nas escolas de Espanha

Nas sociedades que atravessam uma crise moral sufocante, ou que sofrem de uma paralisia nas suas iniciativas, ainda as mais fugazes, é certo que, quando toda a gente, platonicamente, concorda com a necessidade evidente de uma grande reforma em uma das suas instituições, é quando essa transformação leva mais tempo a operar-se. Já o eminente escritor militar, o general Lewal fazia considerações desta natureza e filosofava com acrimonia a propósito da surdez e cegueira que se notavam na França, quando se chamava a atenção dos governos para os progressos revelados pela Prússia que tão eficazmente soubera preparar a mobilização do seu exército, que derruira em 1866 a supremacia da Austria para mais tarde impôr tão altivamente a sua vontade firme ao vencido no campo de batalha de Sedan, onde Mac-Mahon procurava, debalde, mostrar a um príncipe imbecil como sabia morrer com honra um marechal francês.

Todos os esforços eram inúteis na França falsa e corrupta, até que a tremenda calamidade do desastre de 1870 veio fazer resurgir uma nacionalidade que tratou de preparar a sua regeneração. E' bem certo que o diagnóstico da doença social faz-se com uma segurança mais absoluta do que o da doença dos individuos.

E assim, quando vemos as mesmas causas revive-

rem em toda a sua nudéz, podemos garantir seguramente os mesmos efeitos. E tanto mais que, na vida colectiva dos povos ha sinais que não fallham, em todas as épocas, como precursôres das convulsões tremendas.

E querem sinal mais aterrador, mais symptomatico do que este que se nos depára diariamente defronte dos olhos com a Escola de Guerra do exercito portuguez?

Ha por acaso ahi alguem que não concorde com o



Alunos do curso de artilharia em exercicio de fogos de guerra

destino que de ha muito devia ser dado a um tal estabelecimento de instrucção militar?

Altas individualidades da monarchia e da Republica não têm proferido contra o estabelecimento da Bemposta as apostrofes mais esmagadoras?

Não se ouve a cada hora, a cada instante, fazer os comentarios mais contundentes e aniquiladores para a reputação profissional de uma instituição que tem a seu cargo a mais alta missão de educar os futuros officiais de um exercito?

Ha um unico individuo fora da Escola de Guerra que não junte os seus clamorosos protestos a todos os que uma vez ou outra surgem animados da esperança de verem operar uma transformação radical nos meto-

dos de educação e ensino adoptados nesse estabelecimento?

E não seria caso para averiguar se esse côro unisono não traduzirá um brado intimo de revolta contra amargas injustiças sofridas; ou se não será o sentir de gerações que desejam vêr progredir uma escola cuja reforma deve ser considerada como a base de uma redempção militar?

E quando se efectuou ha mêzes a campanha durissima e de uma rudêza sem precedentes, feita contra a Escola de Guerra, porque motivo se assistiu ao facto unico de não ser a Escola a tomar uma attitude condigna com o seu proprio prestígio.

Nós não temos a pretensão de estarmos fazendo acusações de ordem moral á Escola de Guerra, apenas comentamos factos que produziram no espirito público a mais funda emoção. Se temos apresentado alguns dos numerosos casos concretos que toda a gente conhece, e que revelam como a nossa escola militar está tão mal orientada para satisfazer á sua missão, é no intuito principal de demonstrar que não ha um unico facto que justifique a sua permanencia em Lisboa.

Bem sabemos que ha quem diga que a Escola de Guerra não deve ser separada em academias tais como as espanhólas, pois dêssa forma iriam quebrar-se os laços de uma estreita camaradagem que tão óptimos resultados tem produzido entre nós.

Mas erram os que julgam que essa camaradagem se obtem com a maxima coesão, pelo facto de residirem sob o mesmo tecto, os futuros officiaes do exército, pertencentes a cursos diferentes. A differença de castas desaparece logo que se cuide em crear uma unidade de origem para os officiaes de todas as armas. Pensou e tentou Pimentel Pinto levar á pratica esse sonho; mas, foi obra de duração efémera.

E' com essa unidade de origem no recrutamento dos officiaes que se alcança o exito seguro na quebra das castas, que tão perigosas são nos exércitos modernos. A França preocupou-se durante alguns anos com a resolução deste problema fundamental e conseguiu a sua solução, apesar de ter as academias militares fóra de Paris, em Saint-Cyr, Versailles, Saint Maixem, etc. Na Alemanha, em Italia, tambem as academias militares estão separadas e instaladas fóra das respectivas

capitais, porque se compreende ali que o ensino prático não pôde de fôrma nenhuma ser sacrificado pelo facto de haver conveniencias particulares a respeitar nos corpos docentes que procuram por todas as formas viver nos grandes centros politicos.

A Suissa tambem consegue, com a reunião dos tenentes e capitães de todas as armas, nas escolas centraes, apertar os laços de união de uma estreita cama-



Alunos do curso de artilharia em exercicio com material de sítio

radem. Outro tanto sucederá entre nós quando se criem os cursos que não podem deixar de funcionar n'um curto praso.

Mas entre nós, nos tempos em que funcionavam as escolas práticas das armas, os aluuos que concluiam os cursos da antiga Escola do Exército, tinham a vantagem de suprirem, em parte, as deficiencias do ensino prático, durante o periodo que tirocinavam naquelas escolas. Os directores da instrução já sabiam que tinham de ensinar aos futuros officiaes os mais insignificantes pormenores da vida pratica e tratavam por isso de fazer cumprir um programa que salvava um tanto a situação. E assim os aspirantes e os segundos tenentes davam entrada nos regimentos sofrivelmente habilitados a desempenharem-se de qualquer missão que

requeresses alguma facilidade de execução. Actualmente, com a extinção das escolas práticas, a situação será verdadeiramente alarmante, se os processos de ensino não se modificarem integralmente. Desde que os futuros oficiais continuem a não ver funcionar uma metralhadora, a não fazer idéa nenhuma da execução prática dos fogos de guerra, a dedicarem a sua atenção exclusivamente a desordenada solução de problemas relativos a grandes unidades, a perderem um tempo precioso no desenho de bahias e de machanismos da espingarda, teremos de assistir ao mesmo regimen de cretinisar cérebros e de inutilisar gerações.

\* \* \*

Já dissémos que, em qualquer reforma da Escola de Guerra, tem ella de ser rigorosamente fiscalizada pelo Estado Maior do Exército. A Escola não pôde ter a independencia que a lei lhe confere. Os methodos do ensino devem ser rigorosamente fiscalizados e a elaboração dos programas para trabalhos praticos tem de ser feita de comum acôrdo com o Estado Maior. Pôde alguém admitir que se tenha atravessado um tão longo periodo, assistindo-se indiferentemente a um espectáculo tão acremente condemnado por centenas e milhares de victimas? Alguem foi ver á Espanha como ali se orienta o ensino dos officiaes e é por esta nação que, por varios motivos ponderosos, teremos de nos encaminhar. Sigam se quanto possivel os metodos de ensino adotados no exercito espanhol, onde há muito que aprender e a adaptar ao nosso meio. O official espanhol prosegue em uma intensiva instrução profisional, desde os cursos realizados nas academias, até aos altos comandos. Ainda há dias recebemos os programas dos cursos frequentados pelos tenentes e capitães na escola central de tiro. E por nos parecerem esses diplomas de um grande interesse apresentamos o seu resumo:

### **Curso especial de primeiros tenentes**

(de 19 de setembro a 18 de outubro)

#### **A — Direcção do fogo.**

*Parte teórica.* — Caracteres gerais dos fogos individuais e coletivos. — Estudo geral da vulnerabilidade.

— O fôgo em relação com o terreno. — Causas que fazem variar o efeito do fôgo. — Telemetria. — Direcção do fôgo e condução das tropas debaixo de fôgo. — Emprego da metralhadora. — Principios fundamentais do seu tiro, métodos de instrução e regras de tiro. — Estudo da vulnerabilidade debaixo do fôgo da metralhadora. — Estudo comparativo dos fôgos destas armas e da espingarda.

*Parte prática.* — Estudo individual do tiro do polígono. — Démonstração das propriedades gerais dos fôgos colectivos. — Confirmação da vulnerabilidade relativa de algumas formações usuais nas três armas. — Idem na influencia da forma do terreno nos efeitos do fôgo. — Resolução de um problema de tiro com pontaria indirecta. — Tiro com duas alças. — Fôgo rapido e por descargas. — Correccão do tiro em alcance. — Tiro de noite. — Exercícios praticos de telemetria, apreciação de distancias, relevos e designação de objectivos. — Metodo de instrução de tiro com as metralhadoras. — Exercício de combate com uma seccão de metralhadoras <sup>1</sup>. — Idem para a direcção do fôgo e condução de tropas debaixo do fôgo do adversário.

### *B — Armas e munições.*

*Parte teórica.* — Estudo mecanico da espingarda regulamentar. — Idem comparativo com algumas espingardas estrangeiras. — Idem de cartuchos e polvoras. — O serviço do armamento. — Estudo mecanico e balistico da metralhadora Hotchkiss.

*Parte prática.* — Estudo experimental das espingardas. — Idem do cartuchame e polvoras. — Idem da metralhadora Hotchkiss, pratica do seu funcionamento, interrupções e forma de as remediar. — Serviço de armamento; reparações.

### *C — Aplicação tática.*

*Parte teórica.* — Idéas gerais ácêrca dos exercícios táticos, sobre um plano e no terreno.

*Parte prática.* — A correspondente ao mesmo assunto.

<sup>1</sup> Os espanhóis não têm dotação fixa em cartuchos para a instrução das metralhadoras. Gastam o que precisam.

Todos os assuntos da parte teórica são tratados sob a forma de conferencias, algumas das quais são impressas á custa do ministerio da guerra ou por conta de autor que queira publicar uma obra revista com maior apuro. E assim se avoluma consideravelmente a literatura militar espanhola, com obras de notavel merito. Temos em nosso poder uma obra publicada há pouco tempo e que é compilação das conferencias e da série de trabalhos executados na Escola Central de Tiro, para dar cumprimento ao programa que deixamos expôsto. É um trabalho deveras notavel e onde há muito que aprender.

Os capitães tambem são obrigados a executar um programa na frequencia de um curso, que funciona, em geral, de 10 a 30 de junho.

Tambem conseguimos obter um desses programas, que versa especialmente sobre instrução de tiro, armamento e munições, com as respectivas partes teóricas e práticas.

No exército espanhol dá-se uma importancia consideravel ao estudo teórico e práctico do tiro. Na academia de infantaria de Tolêdo e na academia de artilharia de Segóvia, os alunos dedicam-se constantemente á resolução de importantes problemas prácticos de fôgos de guerra.

Nos regimentos, é tambem essa a constante preocupação. Os fôgos são executados por companhias, que marcham para o campo, onde se procura estudar os efeitos dos fôgos sobre determinados objectivos occupados com alvos figuras. Mas isto é frequentissimo, como o póde confirmar qualquer individuo que o deseja saber com pormenores.

Mas há muito mais ainda a considerar, debaixo de outros pontos de vista não menos importantes, o que temos de deixar para outro numero desta Revista.

(Continúa).

E. S.



## Preparação militar da Espanha

*(Conferencia realizada pelo Capitão J. A. Correia dos Santos, na sala «Algarve» da Sociedade de Geografia, em 10 de Março de 1913.)*

Em 1884, na ocasião em que se reorganisava o exército português, o rei Afonso XII, na abertura das Côrtes, dizia o seguinte, num discurso da corôa: «nenhuma nação tem o direito de encarar com indiferença os assuntos militares. E como não basta a vontade de uma nação para que éla viva eternamente em paz, será razoavel que nos preparemos para a defêsa muito melhor do que temos feito até agora». Apesar deste lugubre presentimento, que parecia um dobre de finados, os dirigentes da Espanha continuavam fortalecendo o espirito embevecido com a leitura das paginas que lhes apresentavam evocações das façanhas praticadas pelos soldados velhos terços da sua infantaria, que se habituou a registar noutras eras com o seu sangue generoso, em regiões longinquas, o nome sagrado da sua Patria, espalhando assim os exemplos de abnegação, tenacidade e bravura.

Segundo a norma invariavelmente seguida nos países que disfrutam um longo periodo de paz, é só na probabilidade de um proximo conflito que alguém se lembra de que uma força publica toleravelmente organizada não é uma superflua ostentação. A Espanha, apesar de todos os brados patrioticos que se perdiam na infinidade do espaço, seguiu para a beira do abismo, até que chegou a sua vez fatal do tremendo desastre de Cuba, que lhe estimulou as energias da sua forte na-

cionalidade. Serviu-lhe a lição, aprendeu, assim como muitas outras nações, a ser forte na escola da desgraça; mas ela dispunha de energias latentes para resistir ao choque tremendo, como resistiu a França depois do epílogo de Sédan e como já tinha resistido a Alemanha depois de Jéna.

Mas quando as nações se encontram num grave periodo moral de convalescença, o mais pequeno embate póde lança-las no abismo de onde nunca mais se



O Director da Academia de Infantaria, passando revista nos alunos levantem e tenham o destino analogo aos grandes imperios da antiguidade ou da valorosa Polonia.

Como foi que a Espanha entrou numa fase de notavel evolução militar?

É o que me proponho fazer, citando e analisando alguns factos mal coordenados, mas com a paixão patriótica de que contribuo assim com um pequenissimo grão de areia para a construção do grandioso edificio da defêsa nacional, já tão largamente architectado por quem tem toda a competencia para o fazer.

Três factores influem para se alcançar a vitória: o terreno, as armas e os combatentes.

Se estes três factores se sabem combinar, alcança-se indubitavelmente na guerra todo o exito.

O terreno desempenha nos nossos dias o mesmo papel que nas épocas de Julio Cesar e de Napoleão;

tanto agora, como então, continuam os grandes vales sendo as zonas de invasão prováveis, e também em todas as ocasiões os exércitos procuram o apoio dos obstáculos naturais para resistirem ao seu adversario.

Quando fixamos por um momento um mapa da Península, vê-se logo o grande partido que se pôde tirar do terreno para a defesa do seu territorio, a série de cordilheiras que se cruzam em todas as direcções, formando uma variedade de bases angulares que tanto se prestam á defensiva como á offensiva, para a reconquista do pais, occupando successivamente as bacias do Ebro, Douro, do Tejo, Guadiana e Guadalquivir.

A série de cordilheiras que na direcção Leste-Oeste se desenvolve desde a divisoria Iberica até ao Atlantico, combinadas com as correntes dos rios que seguem a mesma direcção, constituem outras tantas linhas de defesa que permitem disputar o terreno, palmo a palmo, ao invasor antes da retirada para Guadalquivir, que se pôde organizar como ultimo reduto da defesa.

Se a Espanha pudesse contar com o apoio de Portugal, vê-se claramente que o eixo geral da defesa seria o lado occidental.

No caso de uma guerra com Portugal, o teatro provavel das operações seria o territorio comprehendido entre o Douro e o Guadiana se fôsse Portugal o invasor, ou entre a Beira Alta e o Alemtejo, se fôsem os espanhóis os invasores.

No estudo strategico da Peninsula, de Roldan y Viscaino, considera-se como causa das maiores desgraças que se têm dado na Peninsula, a falta de união dos seus filhos. Entende este notavel escritor que, por esse motivo, perderam estas duas nações, a pouco e pouco, a sua importancia na Europa; mas nota-se ha algum tempo que a Espanha quer dar alguma coisa para o concerto europeu, quer, enfim, viver e dar acôrdo de si. Deixemos o estudo strategico da Peninsula, que nos levaria a considerações muito extensas, e apenas diremos ainda que a Espanha se preocupou sempre com uma invasão pelo sul, pois sempre que na costa africana tem dominado uma nação poderosa, tem-se visto invadida pelo sul, como succedeu com o dominio dos fenicios, cartaginêses e arabes. E' por isso que aos espanhóis não convem que o dominio em Marrocos seja exercido por outra nação, que não seja ella própria.

A Espanha considera o nosso país como o verdadeiro reduto da defesa da Península, e por isso lembra o perigo que para ela pôde resultar da nossa aliança com outra nação, que se aproveite de tão importante base para a atacar.

A Espanha, nos seus planos de operações contra Portugal, preocupa-se sempre em desenvolver o espirito offensivo e com o fundamento de que a verdadeira defesa da Espanha teria de fazer-se atacando por determinados pontos do territorio portuguez, para nos obrigar a retirar ou á perda das nossas linhas de communicações com a base. Conhecem os officiaes espanhoes as nossas fronteiras, tão bem ou mesmo melhor que a maioria dos officiaes portuguezes, e de todas as zonas, na fronteira, as que os espanhoes consideram mais favoraveis para a offensiva, são: de Cidade Rodrigo a Coimbra, pela Beira Alta, e de Badajoz a Setubal, pelo Alemtejo, apresentando a maior vantagem a combinação das duas.

Segundo a opinião dos mais autorisados escriptores, temos de concluir que todas as forças que invadirem Portugal convergem para o vale do Tejo ao sul do Mondego e para a Península de Setubal e que ahi se devem tambem concentrar as forças da defesa. Portanto, a zona limitada ao norte pelo Mondego, a leste por uma linha que, partindo de um ponto deste rio, acima de Coimbra, passa pela serra da Louzã e curso do Zezere, até á sua confluencia no Tejo, segue este rio até Santarem, e se dirige depois para a margem esquerda por Palmela até Setubal, constitue o que vulgarmente se chama *zona da defesa concentrada*.

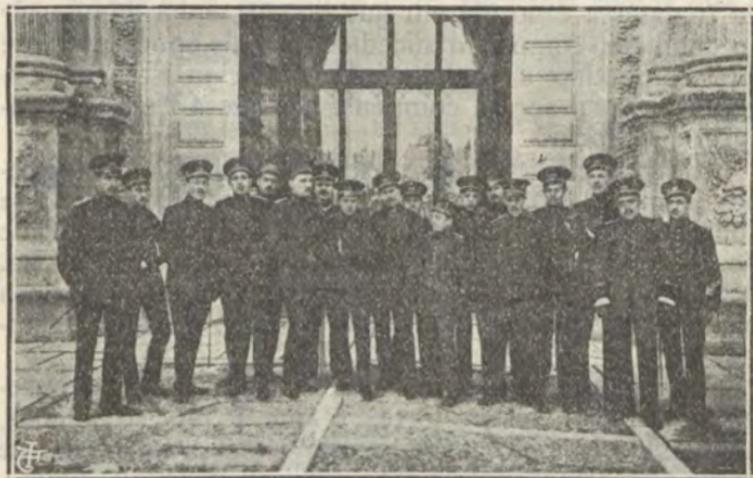
Segundo a opinião do sr. Sebastião Teles, no seu notavel trabalho, a «Fortificação e a defesa do país», esta divisão estrategica não modifica o sistema geral das operações, que pôde ser seguido na defesa. «Em conformidade com os principios scientificos, esse sistema pôde ser: a defesa na fronteira, a invasão do territorio inimigo, e a defesa no interior do país. O primeiro está geralmente condemnado, o segundo só pôde ter logar — na opinião do mesmo escriptor — quando a Espanha estiver em guerra com outra nação e o terceiro é o geralmente aconselhado para as nossas condições actuaes.

Na conferencia que espero realisar, subordinada ao

têma a «Preparação militar de Portugal», direi quais são as minhas convicções ácerca da interpretação perniciosa que se tem dado á idéia de defêsa concentrada e como se tem sacrificado o espirito ofensivo das nossas tropas.

As linhas ferreas construídas nos ultimos anos, mostram-nos bem qual é o espirito ofensivo que se desenvolve no exército espanhol.

Apesar da superioridade numerica que o reino visinho tem sobre nós, não ocultam os seus escritores mi-



Alunos da Academia de Artilharia de Segovia

litares o perigo que para a Espanha representa a nossa aliança com a Inglaterra e toda a sua politica se tem notado que é feita no sentido de se entrar para um acôrdo ou aliança com mais alguns valores do que Portugal pôde dar numa luta futura.

Não desejamos tirar quaisquer conclusões, apenas citamos factos que não pôdem ser indiferentes a ninguém.

Desde a conferencia historica em Cartagena, até esta data, a Espanha tem sabido valorisar consideravelmente a sua defêsa nacional, tanto no exército de terra, como na sua esquadra.

Além deste valor rial que a Espanha proporciona á Inglaterra numa luta futura, garante-lhe ainda portos importantes como Cadiz, Algeciras e Ceuta, que com

Tarifa desempenham um papel tão considerável na posse do estreito, e ainda Malaga, Almeria, Alhucemas, Baleares e Ferrol, onde se encontram instalados os magníficos estaleiros pertencentes á «Sociedade Española de Construcción Naval», que tomou a seu cargo a reorganisação dos Arsenais do Estado e a construção da nova esquadra.

Em uma guerra marítima é considerável a importância que estes pontos pódem ter como bases de operações de uma esquadra.

Desde que a Espanha se encontra tão aproximada da Inglaterra e no dia em que aquela tenha de intervir no conflicto, como tem sucedido noutras épocas em que tem combatido a Inglaterra, a Italia ou França, pergunta-se, qual será a compensação que a Espanha procurará alcançar?

Ela própria, citando o exemplo dos estados pequenos como a Romania, Grecia e Bulgaria, que não se contentam apenas em manterem a sua independencia e desejam tirar aos turcos quanto possuem na Europa, declara: «Como é que nós otros, com nuestra gloriosa historia, no hemos di aspirar tambien a engrandecernos?»

Dizem êles, e não resta duvida, que, para o conseguirem, basta serem fortes e que é preciso apenas, para isso, terem bem organizados os seus meios de ataque e defêsa.

### **A organização do exército espanhol**

Vejamos agora quais são os encargos que a defêsa nacional acarreta na Peninsula, para o exército e a armada.

Devemos dizer, em primeiro lugar, que, desde a guerra hispano-americana, a nossa vizinha tem seguido uma evolução financeira e economica muito notavel. Sob o ponto de vista financeiro tem desenvolvido os seus recursos publicos e restabelecido o equilibrio nos seus orçamentos; apesar das faltas cometidas no passado, a sua divida, conquanto seja importante, não póde ser considerada como excessiva, tanto mais que o encargo rial do serviço dessa divida se atenua gradualmente. Não menos notaveis têm sido os progressos realizados sob o ponto de vista economico: a agricultura

está em pleno desenvolvimento; a produção mineira aumenta consideravelmente, e o commercio externo está em aumento acentuado.

As receitas da Espanha prefazem a quantia de 226:600 contos de réis, abatendo os encargos da divida ficam disponiveis 146:000 contos de réis; gasta com o exército 36:700 contos de réis e com a marinha 14:000 contos, o que prefaz com a defêsa nacional a quantia de 50:700 contos de réis, ou sejam 34 por cento das receitas disponiveis, o que corresponde a 27590 réis por habitante para a população de 19.611:000.

Fazendo o confronto com Portugal vemos que no nosso país a receita geral é de contos 73:835; os encargos da divida absorvem 32:042 contos, ficando disponiveis para gastos gerais 41:793 contos de réis. Dispênde se com o exército 10:389 contos, com a marinha 4:374 contos o que prefaz a quantia de 14:764 contos de réis para a defêsa nacional; ou sejam 35 por cento das receitas disponiveis, o que corresponde a 27460 réis por habitante.

Do exame destes algarismos se vê que dentro das receitas actuais de Portugal não é possivel desviar qualquer quantia para aumentar a que já se destina ao orçamento da guerra e marinha, a que se dá o nome de orçamento da morte.

Nestas condições vamos cair num dilema: ou se cuida de dotar o país com os meios de que carece a sua defêsa nacional ou temos a certeza absoluta de que por mais heroico que seja a resistencia dos soldados e marinheiros portuguezes entregues exclusivamente aos seus recursos, sem a cooperação de tropas aliadas, irão dar durante alguns dias pasto aos canhões, sem que se possua os meios para deter as ondas incessantes dos batalhões dos nossos intrépidos, bem providos e mais numerosos adversários. Lembrem-se que todos, ricos e pobres, sofrerão as calamidades monstruosas da derrota.

E' preciso procurar obter as receitas para fazer face ás despezas urgentes com o animal e material. E não sei onde possa haver hesitação em se criarem as receitas necessárias para a defêsa nacional, pois toda a gente sabe que nos momentos aflitivos o povo tem sempre pago tudo quanto se lhe exige para a defêsa da Pátria, quer pela imposição do govêrno do país, quer pela vontade do vencedor.

E também se sabe que os recursos obtidos nessa ocasião de pouco ou nada servem, porque não é a última hora que se adquire o material por compra no estrangeiro, sucedendo muitas vezes ficar em poder do inimigo, depois de efectuado o bloqueio.

Numa outra conferencia, em que tenciono tratar propriamente da preparação militar de Portugal, direi quais fôram os assombrosos encargos lançados á ultima hora sobre o povo para acudir ás necessidades da defesa e alguns que fôram impostos pela vontade do vencedor.

O outro factor importante do combate é o homem e é com as suas qualidades morais que devemos contar acima de tudo, para se alcançar a vitória. E isto não passa despercebido á Espanha, revelando o, quer na sua lei de recrutamento, quer na instrução profissional.

A lei de recrutamento espanhola é muito mais tolerante do que a portugêsa, procura conciliar os interesses do cidadão com os interesses do Estado. Concede adiamentos até 4 anos, por motivo de estudos já começados; por causa de empregos industriais e comerciais, por motivos de inevitavel abandono de trabalhos agricolas em terrenos proprios ou arrendados e quando um mancebo tenha um irmão incorporado, salvo se este fôr voluntário. O numero de adiamentos é fixado pelo ministro da guerra e não pôde exceder 10 % do efectivo.

Tambem a lei de recrutamento espanhola de 1912 concede isenções a mancebos, amparo de pais pobres sexagenários ou da mulher que os tenha criado, amparo de irmãos, qualquer que seja a sua idade, se fôrem inábeis, e até aos 19 anos, sendo habeis.

O mais notavel da nova lei de recrutamento consiste em terem acabado as remissões, que fôram substituidas por uma taxa militar a que são obrigados os alistados por 10 mêses. A taxa é de 1:000 pesetas. Mas só se aproveitam desta vantagem quando já conhecem a instrução de recrutas no acto do alistamento.

Os mancebos que tenham recebido a instrução preparatória nas escolas militares têm uma redução no tempo de serviço. As escolas estão organisadas junto das unidades activas. Empregam 164 instrutores officais do activo e da reserva nesse serviço, em 156 escolas.

Um facto verdadeiramente notavel da ultima lei de

recrutamento foi a fôrma como se procedeu a uma nova distribuição dos anos de serviço militar e que é a seguinte:

- 3 anos no activo, 1.<sup>a</sup> situação;
- 5 anos na 2.<sup>a</sup> situação do activo;
- 6 anos na reserva;
- 4 anos na reserva territorial.

Mas o verdadeiro facto extraordinario foi a deliberação tomada para que os soldados não deixassem de



Officiais do curso de guerra em preparativos para os trabalhos de campo

permanecer nas fileiras o mínimo de dois anos, embora fôssem licenciados antes do 3.<sup>o</sup> ano do activo. Anteriormente podiam ser licenciados depois de prestarem serviço entre um ano e um ano e meio.

Este facto é sintomático e tanto mais quanto se sabe que a França está tratando de voltar novamente aos três anos de serviço activo e começa assim a dar razão aos que nêsse país tanto combateram a actual lei de recrutamento, com o fundamento de que não se deve confundir a nação armada com a massa armada e que o soldado precisa do tempo necessario para se instruir e educar.

A lei do recrutamento espanhola concede um «bo-

nus» sobre o tempo de serviço colonial; o que nós já tivemos e acabou com a lei agora em vigor.

Possue o exército espanhol estabelecimentos fabris, sendo verdadeiramente importantes; a fabrica nacional de armas brancas de Tolêdo; a fabrica de artilharia de Sevilha; pirotécnia militar de Sevilha; a fabrica da polvora em Murcia; a fábrica da polvora de Granada; a fábrica de armas em Oviedo e vários parques e depósitos de notavel importancia.

A divisão militar territorial compreênde 8 capitánias gerais comandadas por generais na metrópole, além das capitánias de Baleares, Canárias, Melilla e o governo militar do Norte de Africa em Ceuta.

A' frente dessas capitánias encontram-se generais de valor, tais como Marina, em Madrid, que deu as suas provas na ultima campanha do Riff e Weyler, em Barcelona.

Tem o exército espanhol 14 divisões militares, mobilisavel cada uma com duas brigadas de infantaria a dois regimentos, um regimento de cavalaria, um regimento de artilharia montada ou de montanha, uma companhia de administração militar e uma secção de saude, além dos serviços de engenharia respectivos.

A infantaria compreende 70 regimentos distribuidos pela metrópole e pelas possessões 23 batalhões de caçadores. Cada regimento de infantaria e batalhões de caçadores dispõe de uma secção de metralhadoras, mas nem todas as unidades as possuem ainda, estando completamente dotados de material os batalhões de caçadores.

Possuem três brigadas de caçadores, fracionadas em meias brigadas.

Na cavalaria ha uma divisão de duas brigadas a 2 regimentos, e é comandada actualmente pelo infante D. Carlos de Bourbon; e mais três brigadas cujos quartéis generais estão respectivamente em Cordóba, Barcelona e Burgos; contando ainda com a brigada do eventual de Melila: 29 regimentos de lanceiros, dragões, hussares, caçadores a cavalo e os esquadrões de guarnição nos Baleares, Canárias e Ceuta.

Possue a cavalaria 4 estabelecimentos de remonta e 6 depósitos de reprodutores.

A artilharia compreende 1 regimento de artilharia de sitio, 5 regimentos de montanha, sendo 1 para a guarnição de Melila e outro para a de Ceuta; 12 regimentos de artilharia de campanha e 1 regimento de ar-

tilharia a cavalaria. Ha um depósito de remonta e outro de reprodutores para artilharia.

A engenharia tem 7 regimentos mixtos de sapadores e telegrafistas a 6 companhias, com duas companhias de depósito; 1 regimento de pontoneiros a 4 companhias, 1 regimento de caminhos de ferro, 1 companhia de sapadores de praça, 1 companhia de aerosteiros, 1 secção de ciclistas, 1 brigada topográfica e as tropas de engenharia de Malorca, Canárias, Ceuta e Melila.

As tropas de comunicações comprehendem 1 batalhão de caminhos de ferro e ainda as companhias de administração militar. As tropas do serviço de saude comprehendem a brigada de saude militar, aquartelada na metrópole e as tropas coloniais. Dispõe ainda das tropas de carabineiros e guarda civil e das forças indígenas.

O effectivo orçamental do exército espanhól era ultimamente: 12:321 officiaes, 116:233 praças de pret e 28:781 cavalos e muares, havendo a acrescentar ainda as tropas dos carabineiros e guarda civil, em numero consideravel de 781 officiaes, 18:975 praças e 2:595 cavalos. O effectivo encontra-se assim distribuido: infantaria, 68:164; cavalaria, 14:401; artilharia, 19:259; engenharia, 6:250; administração militar, 2:631.

O contingente anual foi ultimamente 64:000 homens, dos quais foram incorporados 41:926.

O effectivo de guerra no exército espanhól não é fácil de calcular com uma certêza absoluta, assim como tambem não o é entre nós, por causa da incertêza do numero de praças de que consta cada uma das classes de reserva. Mas muito por baixo avalia-se em 300:000 homens para o exército activo e reserva e 200:000 para a reserva territorial, o dôbro do que nós poderemos apresentar-lhe nas fronteiras; mas isso para nós seria de menor importancia, dadas as nossas condições naturais da defêza; o pior é que êsses 500:000 homens apresentam-se instruidos, armados e equipados e nós, por emquanto, todos o sabem, em que situação nos encontramos.

Quais foram os meios empregados para a poderôsa evolução que se operou na instrução do exército do reino visinho?

— E' um espanhól, distinto escritor militar, que m'o dizia ainda ha pouco numa carta:

— «Em primeiro lugar — diz-nos o ilustre professor da Escola de tiro de infantaria — os nossos progressos são devidos consideravelmente á orientação que se dá ao estudo dos officiaes; quasi todos os officiaes de infantaria são provenientes da Academia de Toledo; as escolas práticas de tiro imprimem directivas a todas as armas, cujos resultados se sentem no desenvolvimento intelectual e técnico dos officiaes de todas as armas; ao grande desenvolvimento que temos dado aos exercícos de quadros e a dedicação ao estudo dos regulamentos táticos com applicação successiva ao terreno e aos fôgos de guerra, com situações imprevisas e o mais próximo possível da realidade».

As tropas saem de manhã para o campo e regressam á tardinha, depois de executárem todos os mais importantes exercícos de campanha. Toda a gente que ultimamente tem visitado a Espanha nota como os regimentos regressam constantemente dos exercícos do campo, as tropas cobertas de poeira, mas marchando com um aspecto que inspira confiança ao povo que experimenta o pesado encargo das despezas militares. Vê-se claramente que ha na Espanha a firme resolução de possuir um exército que constitua um poderoso instrução das metralhadoras.

— Isso é para nós uma questão muito importante, basta dizer-lhe que da verba consideravel destinada á instrução do tiro, gasta-se de preferencia a que fôr precisa para a instrução do pessoal no tiro das metralhadoras. Esta questão começa a ter toda a importancia prática nas academias militares.

### A instrução dos officiaes

A instrução dos officiaes no exército hespanhól é, sobretudo, muito prática. A orientação ali seguida é análoga á de outros países onde as armas estão cada uma na sua escola ou academia, fóra da capital, nas proximidades de terrenos que permitam exercícos de campo. Além disso, os alumnos pássam durante um mês em bivaque, onde executam todos os trabalhos práticos do serviço de campanha.

Nas projecções luminósas que vão ser apresentadas terei occasião de comprovar o que afirmo, os factos da vida da Academia de Infantaria, instaláda em Toledo,

e a de artilharia, em Segovia. Mas, além destas, ha a Academia de Cavalaria em Valladolid, a Academia de Engenharia em Guadalajara, a de Intendencia Militar em Avila. Apenas a Escola Superior de Guerra está em Madrid, assim como a Escola Médico-Militar.

Os alunos das academias, só se considêra terem terminado os cursos a seguir ao periodo de instrução nas escolas práticas de tiro. Os futuros oficiais de infantaria estudam 3 anos em Toledo e a seguir frequentam, durante nove mêses, a escola teórico-prática de tiro de



Os alunos da Academia de Toledo, em preparativos para exercêlo

infantaria, onde se dá um extraordinário desenvolvimento aos fogos de guerra.

Os alunos de cavalaria, depois de estârem 3 anos em Valladolid, pássam 5 mêses na escola de tiro. Os oficiais de artilharia têm 5 anos de curso e nos dois últimos anos são considerados alfêres e destinam se ao estudo de questões práticas. O estado maior, depois dos 3 anos do curso, tem 2 anos de tirocinio nas armas e na escola central de tiro.

Os médicos têm um ano de curso na escola médico-militar. Faça-se agora o confronto com a instrução profissional dos alunos da nossa escola militar e vêr se-ha que ninguem pôde compreender como se tenha mantido no interior da capital uma escola de guerra, sem condições nenhuma para instrução prática, por maior que seja a competencia dos meus illustres camaradas que

têm a seu cargo a elevada missão de instrutores e educadores. (*Apoiados*).

### O material de guerra

Digâmos agora alguma coisa ácerca do material de guerra.

A Espanha emprega a espingarda Mauser com projectil ponteagudo. A arma é inferior á nossa, elles próprios o confessam.

As metralhadoras adoptadas são as que têm maior cotação: a Maxim e Hotchkiss. O material de artilharia é o que ha-de melhor: peças Schneider, e segundo a última estatística ácerca do material adoptado nos diferentes exércitos, figura a Espanha com 548 bôcas de fogo, incluindo já as 200 peças de tiro rápido encomendadas á casa Schneider e que devem ser brevemente recebidas.

No último orçamento da guerra estão inscritas as verbas de 1:000 contos de réis para a aquisição do material de artilharia, 1:027 contos para material de engenharia e 700 contos para a remonta.

### Marinha de guerra

Se a Espanha apresenta tão extraordinários progressos na defesa terréstre, não se tem ela descuidado em mentar a sua esquadra. Ainda ha dias se leu a noticia de que se ia votar o crédito de 80 milhões de pesetas para aquisição de novas unidades de combate.

A esquadra espanhola já atinge 100:000 toneladas, enquanto que a nossa mal chega a 22:000; que navios são os que teremos para opôr aos da Espanha ou para colocar ou ao lado dos seus numa luta contra um inimigo comum? Os navios que a Espanha já tem nos seus portos são de uma importancia considerável, mas dentro em pouco serão recebidos os 3 couraçados de 15:700 ton. o «Espanha», o «Afonso XIII» e «Jaime I»; dos 24 torpedeiros entram 7 brevemente em serviço.

As bases navais são melhoradas constantemente; a de Cádiz para os construtores. Os barcos serão construidos em Ferrol, os torpedeiros e submersível em Cartagena; os cruzadores exploradores em Cádiz.

O contracto [que o Estado efectuou com a «Socie-

dade Espanhóla de Construção Naval», garantiu não só a construção dos três couraçados mas ainda o desenvolvimento de obras importantes nos arsenais no Ferrol, que dispensam a Espanha de recorrer ao estrangeiro para o fabrico de quaisquer navios de grande tonelagem.

Entrou a Espanha assim num campo prático. Mas apesar dos seus consideráveis recursos, tenho a mais ardente fé que se nós possuíssemos o material de guerra preciso para mobilisar as nossas tropas, quadros bem instruídos, desde o vértice á base da hierarquia militar e a marinha de guerra para a defêsa das costas, a nossa autonomia seria mantida. E para isso basta apenas um pequeno sacrificio material e pôr a máquina militar em andamento. Mas como já mais de uma vez temos escrito, é preciso colocar as peças da máquina nos seus logares e procurar bem como se deve dar-lhes impulsão. E' sobre este assunto que versará a nossa palestra daqui a alguns dias.

Terminada a conferencia, foram apresentadas, nas projecções luminózas, alguns aspectos mais interessantes da vida militar espanhóla, especialmente da instrução prática nas academias militares, pelas quais se vê como é um erro conservar-se em Lisboa a nossa escola de guerra.

---

## BIBLIOGRAFIA

---

**O corpo de delicto no processo criminal militar,**  
*por Arnaldo d'Oliveira, alferes do secretariado militar.*

E' um livro destinado a auxiliar os officiaes da policia judiciaria militar, constituindo, pela exposição do assunto, um perfeito manual onde todos poderão adquirir sem esforço os conhecimentos precisos para bem se desempenharem das suas árduas e dificeis tarefas.

As questões de justiça são sempre muito complexas, porque alem de precisarem satisfazer com verdade e imparcialidade aos sãos principios da justiça, necessario é tambem que essa verdade e essa imparcialidade satisfaçam aos principios da lei e do direito para que nada falte na exposição dos factos e na indagação dos acontecimentos.

O que este livro é e qual o fim a que obedeceu di-lo o seu auctor bem claramente nos seguintes periodos do seu prologo: «Lembramo-nos de compendiar metodicamente as disposições

legais sobre a parte do processo criminal militar — *O corpo de delicto* — e o que de mais importante se ha decidido e escrito, em geral, sobre o corpo de delicto. O nosso fim foi facilitar a pronta consulta e poupar tempo na investigação dos textos e sua comparação aos que por dever das suas funções teem de intervir na confecção ou levantamento dos corpos de delicto no processo militar».

E o nosso illustre camarada desempenhou-se habilmente desta difficil tarefa.

Indicando o que ha escrito sobre o corpo de delicto, participação dos crimes, instrucção preliminar, exames, prisão, interrogatorios, buscas domiciliarias, apreensão dos objectos do crime, testemunhas, redacção do processo verbal, não só aponta o caminho a seguir a todos os infratores, mas até lhes aponta os textos legais e pareceres de notaveis juriconsultos por onde os officiais de policia judiciaria se poderão guiar com absoluta segurança.

Nos crimes essencialmente militares e portanto n'aqueles em que a interferencia dos nossos camaradas com mais frequência se tem de fazer sentir, indica o sr. alferes Oliveira quais são os seus elementos constitutivos, apontando-lhes portanto os pontos sobre os quais devem fazer especialmente recair a sua atenção.

E para facilitar ainda mais a tarefa dos officiais de policia judiciaria junta ao seu livro o nosso camarada uma longa serie de modelos que lhes permitem com uma rapida e facil consulta poderem sem dificuldade nem esforço encontrar os precisos elementos para bem se desempenharem da sua tarefa.

E' um bom serviço que o sr. alferes Oliveira prestou e por isso o felicitamos.

### Obra portugêsa apreciada no estrangeiro.

A importante revista «Boletim mensal do Estado Maior de exercito dos Estados Unidos do Brazil», occupa-se largamente da obra «Artilharia Portatil», do nosso camarada o capitão da infantaria João Antonio Correia dos Santos, concluindo pelo fórma seguinte a apreciação que a seguir transcrevemos:

«Sugeri-nos as considerações que ahi ficam a leitura do magnifico estudo apresentado em concurso á Escola de Guerra de Lisboa pelo illustrado capitão de infantaria do exercito portugêso, João Antonio Correia dos Santos, que, com o mesmo titulo e sub-titulo que encimam estas linhas, publicou-o em bem cuidada brochura da qual nos ofereceu um exemplar com expressiva e affectuosa dedicatoria. O autor, além de jornalista e propecto official do exercito com o curso de estado maior, é professor assistente na Faculdade de Sciencias da Universidade de Lisboa e no Collegio Militar. Assim, dizer que a «*A Artilharia Portatil*» ou «*Granadas de mão e de espingarda*» constituiram a these de seu concurso á Escola de Guerra, é afirmar que ele esgotou completamente o assunto, tratando-o com raro brilhantismo, competencia e erudição de perfeito mestre e com entusiasmo proprio do soldado de raça.

Buscando as granadas de mão em sua remota origem, o illustrado camarada d'além mar em estilo simples, claro e de

uma elegancia que encanta, no-las apresenta em suas diversas fases e modos de empregar nas diversas situações da guerra, descrevendo, a seguir, as vantagens que obtiveram recentemente, com o seu uso, os russos e japonezes, os guerreiros do Riff e de Tripoli e até os chineses ao proclamarem a Republica.

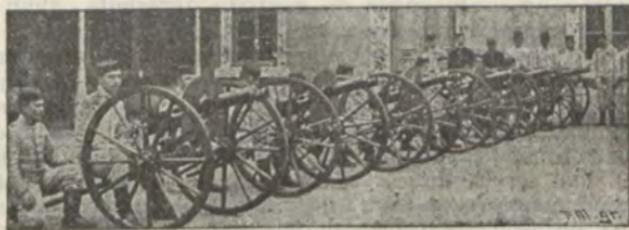
As granadas de mão e de espingarda — mostra ainda o brilhante auctor da «A Artilharia Portatil» — surgindo da historia do passado, estão destinadas a prestar relevantes serviços nas guerras actuaes, secundando eficazmente os poderosos meios de destruição em uso em todos os exercitos. Por assim entenderem, já diversas potencias procuram adotar um tipo, e estudos convenientes já se fazem na França, Inglaterra, Alemanha, Russia, Japão, Italia e na Argentina.

Por esta breve noticia se vê que «A Artilharia Portatil» do bravo e erudito capitão da infantaria portugueza J. A. C. dos Santos é um livro que muito honra o exercito luzitano por constituir um riquissimo repositorio de ensinamentos sobre o assunto.

Demos-lhe o lugar de honra a que tem direito em nossa bibliotéca e ahi o encontrarão os camaradas estudiosos do nosso exercito.

Ao seu auctor enviamos os mais sinceros agradecimentos de par com os parabens pelo magnifico exito obtido com o seu interessante e fecundo estudo.

A «Revue de Artillerie» tambem aludiu ha tempo ao valor d'este trabalho, recomendando a sua leitura aos officiaes de todas as armas.



## Secção do estrangeiro

**Alemanha**—Formações ternarias — Nos ultimos tempos em virtude de projectos de reorganisação do exercito, tem-se emitido muitas vezes a ideia de organizar os batalhões de infantaria com tres companhias em lugar de quatro, para introduzir no batalhão a formação ternaria, que se reconheceu em geral ser a mais vantajosa.

Na realidade, a formação binaria, tal como existe na brigada de infantaria, composta de dois regimentos, apresenta para o funcionamento como forma menos pratica. O comandante da brigada não pode constituir uma reserva para conseguir a pro-

fundidade desejada, a não ser que se redusa mais ou menos a força dos regimentos.

Este inconveniente pode-se evitar com a formação ternaria. O comandante d'um regimento de infantaria alemã pode dispôr de dois batalhões, um ao lado do outro e conservar o terceiro em reserva.

A formação do batalhão em quatro companhias pode constituir, sem alterar a composição das suas companhias, uma parte reserva com a quarta parte do seu efectivo. O batalhão alemão está perfeitamente organizado e a formação a tres seria um erro ou um passo para traz.

Desde a adopção das metralhadoras e a dotação de uma companhia desta especie por regimento de infantaria, teem estes, na realidade, a formação quaternaria, e portanto um fraccionamento que nada deixa a desejar.

No exercito alemão os regimentos de artilharia de campanha, as brigadas de todas as armas, a divisão de infantaria e o corpo do exercito teem um fraccionamento defeituoso, porque todas estas unidades teem a formação binaria.

A transformação desta organização originaria grandes despezas; por isso não se pode pensar em o fazer em tempo de paz. Em tempo de guerra parece necessario faze-lo, pelo menos na infantaria, posto que a formação ternaria seria facil combina-la, agregando unicamente uma brigada de infantaria de reserva ao corpo de exercito, como já se fez em França.

Esta brigada de reserva do corpo do exercito deve estar constituida de fórma que cumpra com a sua missão. Os seus soldados devem ter aptidão para a marcha e para o combate, constituindo-se pelos reservistas mais novos.

Na Alemanha faz-se notar que o aumento de uma brigada de reserva em cada corpo do exercito apresenta, alem disso, mais as seguintes vantagens:

No corpo do exercito a proporção entre infantaria e artilharia seria mais equitativa com a proporção actual de 24 batalhões e 24 baterias de 6 peças é de presumir que depois dos grandes desenvolvimentos e combates decisivos, a infantaria, redusida pelas baixas rapidas pelas marchas e pelo fogo, ás tres quartas partes ou dois terços dos seus effectivos, não podem occupar nos combates successivos a frente necessaria para o desenvolvimento das 144 peças na offensiva ou defensiva, de sorte que fracções consideraveis de artilharia de campanha não poderão tomar parte na lucta ou não estarão suficientemente protegidas.

\*

**Projectil de infantaria** — Um jornal alemão «*Schlesische Zeitung*» diz que parece ter-se reconhecido em experiências, que, no tiro contra os escudos de artilharia de campanha, um projectil com o núcleo de aço e camisa de chumbo dará melhor resultado que um projectil de chumbo com ponta de aço. Quando este ultimo bate no escudo, a ponta de aço perfura-o, mas o núcleo de chumbo separa-se e não a segue, resultando dai o serem insignificantes os efeitos produzidos sobre os serventes, cobertos pelos

escudos, em virtude de pouca quantidade de projectil que a ponta de aço por si constitue.

A bala de núcleo de aço compõe-se de um núcleo de aço coberto de chumbo, tudo revestido de um envólucro metálico. Atingindo o escudo, o chumbo e a camisa metálica separam-se do núcleo de aço, este perfura o escudo e produz efeitos como um verdadeiro projectil de aço. As experiências feitas com uma bala toda de aço não deram bom resultado por causa da sua densidade relativamente pequena, que não lhe permite atingir força suficiente de penetração. Ajunta o periódico, que provavelmente a bala com núcleo de aço será o projectil de futuro para a infantaria.

**Espanha** — Pistola automatica Campo-Giro — Por circular de 24 de setembro de 1911, foi declarada regulamentar a pistola automatica Campo-Giro, invento do tenente coronel do estado maior D. Venancio Lopez de Cebellos y Aguirre, conde del Campo-Giro.

Inventada em 1904, a nova pistola tem sido experimentada minuciosa e detidamente desde meados de 1905, tendo sido introduzidas todas as modificações que a pratica demonstrou serem beneficas.

A pistola Campo-Giro é solida, de mecanismo simples e de grande potencia no tiro.

Possue peças que impossibilitam qualquer distracção do atirador quer em disparos, quer em falta de munições.

Os dados numericos e balísticos da pistola Campo-Giro de 90 m/m regulamentar no exercito, obtidos nas provas que foram feitas pela comissão de experiencias de artilharia, são :

*Dados numericos* : Peso da arma, 925 gramas; comprimento, 243 m/m; altura 134 m/m; espessura da coronha, 32 m/m; calibre 9 m/m; comprimento do cano, 160 m/m; comprimento da parte raiada, 143 m/m; diametro maior, 16 m/m. Numero de estrias, 6; profundidade, 0,12 m/m; amplitude 3,33 m/m; peso, 240 m/m; direcção, para a direita. Comprimento do cartucho, 33,6 m/m; peso 12,32 gramas; peso da bala, 8,30 gramas; peso da polvora sem fumo 0,48 gramas,

*Dados balísticos* : Velocidade inicial, 390<sup>m</sup>; força viva da bala na boca, 64,3 kilogramas; penetração em madeira de pinho a 25<sup>m</sup> 160 m/m.

Posteriormente á sua adopção, e por ter sido considerada excessiva a sua velocidade inicial, para o uso a que é destinada, diminuiu-se a sua carga de polvora para 0,49 gramas, com a qual se obteve a velocidade inicial de 340<sup>m</sup>, aliviando-se extraordinariamente os espaços da arma, pois desceu a pressão média na alma, de 2551 kg. por cent quadrado, a 2049, obtendo-se, portanto, uma diminuição na pressão de mais de 500 kg. por cent. quadrado.

**Noruega** — Tiro obrigatorio — Em 1911 o Storting aprovou o projecto de lei que tornava a instrucção de tiro obligatoria de forma a que todos os milicianos deviam disparar anualmente trinta tiros de arma de guerra durante os quarto, quinto e sexto

ano do seu serviço. Este fogo seria executado nas carreiras de tiro das diversas sociedades.

Esta resolução deve entrar em vigor no corrente ano. A classe de 1910 fará os seus 30 tiros. Os milicianos que residam no estrangeiro ou a uma distancia muito grande das carreiras de tiro mais proximo ficam dispensadas.

Estes exercicios serão administrados pelas sociedades de tiro, ficando as despezas a cargo do ministerio da guerra.

Os cartuchos e as armas serão emprestadas pelos regimentos de infantaria, que ficarão tambem incumbidos de ministrar a instrucção e registar os resultados.

O ministerio da guerra espera que os tiros obrigatorios farão com que todos os mancebos formem parte das sociedades de tiro e estimularão o interesse até agora um pouco adormecido por este ramo de exercicios.

Estas esperanças já foram em parte realisadas, pois que desde 1907 em que o numero de atiradores inscritos nas sociedades era de 48.000, subiu já a 57.000 no ultimo ano.

O governo faz todo o possivel por favorecer essas sociedades.

As dificuldades que se encontram nas sociedades e a parte do dinheiro e de instructores habeis.

A contribuição do Estado é de 5 francos por cada atirador effectivo, facilitando ainda a compra de munições, pagando ainda metade da despesa a fazer com as carreiras de tiro que estejam instaladas de uma forma satisfatoria.

**Inglaterra.**— Serviço de estafetas por motocicletes.— Acaba de ser organizado neste país um serviço de estafetas por motocicletes no exército regular e no exército territorial.

1.º *Exército regular.*— Segundo disposição oficial de 20 de maio ultimo foi criada para o serviço de estafetas do exército uma *Motor Cyclist Section*, que ficou a cargo do corpo de engenheiros.

Os indivíduos que formem parte desta secção serão voluntarios que tenham de 18 a 30 anos, podendo readmitir-se até aos 40 anos.

Estes voluntarios recebem instrucção especial durante 15 dias, e como formam parte da *special reserve*, terão anualmente exercicios durante outros tantos dias consecutivos.

As maquinas devem ser fornecidas por eles proprios, que será paga, em caso de inutilisação, á razão do seu custo, com a depreciação consequente do tempo que teve de uso.

Alem do soldo, terão como indemnisação meia libra diaria, sendo-lhes paga a gasolina que em serviço gastarem nos dias uteis de instrucção ou serviço.

2.º *Exército territorial.*— Conforme o disposto na ordem do mês de junho ultimo consignam-se motocicletes nas seguintes proporções: 7 a cada um dos 42 regimentos da *Yeomanry* affectos ás brigadas montadas; 3 a cada um dos 14 pelotões de sinais; 8 a cada uma das 14 companhias divisionarias dos mesmos; 4 a cada uma das 5 companhias de radiotelegrafistas e 17 a cada batalhão de ciclistas.

Para indemnisação, gasolina, etc., recebem meia libra diaria.



16.º ANO

NOVEMBRO DE 1913

N.º 11

# REVISTA DE INFANTARIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietário e editor — *Empresa da Revista de Infantaria*

Composição e impressão na tipografia da Cooperativa Militar

## A instrução militar preparatoria

A instrução militar preparatória representa a base em que assenta a nossa organização militar, e, além disso, marca o ponto de partida para o resurgimento do nosso Portugal.

A instrução militar preparatória vai á escola de instrução primária e inicia, aí nessa colmeia abençoada onde volteiam os rapazes da nossa terra e que serão os homens de amanhã, o seu trabalho, grande e generoso, a favor da defeza nacional, fortalecendo-lhes o corpo por meio duma ginástica científica, aformoseando-lhes o character, vincando-lhes na alma os beneficos sulcos dos sentimentos generosos que constituem a maior riqueza dum povo.

E esta organização trouxe a suprema vantagem de integrar na escola de instrução primária os cuidados, a dedicação, os mais sentidos esforços duma parte do exército, que acompanha todo esse labutar da benemérita classe do professorado primário do nosso país, uma grande parte da qual vivia quase ignorada por essas aldeias além.

E há tantas dedicações, há tanta sinceridade, tanto desejo de ser útil da parte desse professorado, que bem merece que se atente e se olhe com olhar carinhoso para esse trabalho que, bem encaminhado, pôde e deve produzir frutos iguais aos que a pátria japonesa colheu das suas escolas de instrução primária e em que a Suíça firma a força da sua honra como nação livre e independente, embora pequena.

Combater o analfabetismo é um dever de todo o homem de coração, mas acompanhar esse movimento salvador educando a criança, abrindo-lhe a alma sob os influxos dos sentimentos da honra, do dever, da piedade e do amor da pátria, deve constituir a mais grata preocupação do verdadeiro patriota!

Todos sabem que a educação deve nascer no lar; é o instinto da mãe, a grandeza da sua alma, o incomparável carinho e affecto do seu amor desinteressado e puro, que deve infiltrar nas tenras creaturinhas que o destino lhes pôz nos braços, a força, a suprema força que brota da nobreza do character.

Mas, um povo que se tem arrastado fóra do convívio da instrução, e que sente a pezar na sua vida o esmagamento dum passado atrofiante que desborda duma religião de má fé; um povo que ainda lhe parece escutar os lancinantes gemidos das vítimas da inquisição e as mórbitas e mentirosas ladainhas dos conventos, não pôde sacudir toda essa terrível herança ancestral dum para outro momento, e ir direito ao seu destino, desempoeirado e crente que a sua força e a sua glória residem apenas nos nobres attributos do seu character colectivo.

E como há tantos lares que se ocultam ainda nas anfractuosidades das nossas serras sem estarem positivamente preparados para esse trabalho educativo em família, lancemos mão das escolas de instrução primária, e comecemos a edificar para o futuro, constituindo nucleos de famílias que daqui a 15 anos poderão talvez preencher cabalmente a sua função social.

Porque a educação é uma necessidade social.

O individuo, diz um distincto professor italiano, vivendo numa sociedade organizada, dotada de estrutura e de funções peculiares, tem necessidade de aprender qual é e como é o ambiente social no meio do qual nasceu, para lhe poder adaptar a sua propria

pessoa e para poder eficazmente tomar parte na cooperação social, por forma que se torne util a si e aos outros.

Porque a verdade é esta: a força, a industria, a civilização das nações dependem apenas, como diz um filósofo inglês, da energia dos caracteres de seus filhos.

Ora, se a educação representa um tão primacial papel no funcionamento das sociedades, com que carinhoso affecto não devemos nós todos acercarmo-nos dos beneméritos professores primários, que desejam, aliás, com todo o entusiasmo, cooperar nesta obra grandiosa do resurgimento nacional, para os ajudar no seu sincero esforço tão cheio de responsabilidades, mas cujo exito representa a felicidade da nossa terra.

Portanto, se a instrução militar preparatória não tivesse outro objectivo além dèste que é fomentar a educação moral e civica dos nossos rapazes, bem felizes nos deveríamos considerar, porque é licito esperar dèste trabalho iniciado com tão bons auspícios, energias que se desentranharão em dias de gloria e de triumpho para a nossa patria bem amada.

Coimbra, 7—9—913.

CORONEL SARSFIELD

Inspector de infantaria da 5.ª divisão do exercito

(Do *Cidadão Soldado*).



## A intelligencia e a vontade na guerra

A firmeza de character é a característica e ao mesmo tempo o apanagio de todos os grandes homens. Se dirigirmos as nossas vistas sôbre os grandes capitães e sôbre os homens que teem regido os destinos dos povos, assim se reconhece á simples vista.

Uns e outros, quer seja como herois, quer seja como martyres que se apresentem á nôssa vista, raras vezes elles veem acompanhados da aureola da sabedoria; mas, em compensação, reconhece-se nêles, em qualquer das epopeias historicas em que figurem, qualidades de conductores das multidões e executores de uma vontade firme, resoluta e tenaz.

A gloriosa expedição da Macedonia á India foi impulsionada a Alexandre pela sua firme decisão. A intelligencia, a sua sabedoria, consideraria esta empresa como uma mera loucura.

A firme vontade de Anibal, inspirada no odio a Roma, foi quem lhe destinou o vasto projecto de levar a guerra á Italia.

Foi a vontade de Colombo que, contra opinião dos sisudos sabios de Salamanca, o levou á posteridade com a gloria de ter descoberto a America.

Foi a mesma força de vontade que levou Vasco da Gama a descobrir o caminho da India.

Foi a acção da alma energica de Frederico II quem fez com que a Prussia deixasse de desaparecer como nação.

Foi a vontade de Napoleão, impulsionada pela sua demasiada ambição e o seu odio á Inglaterra, que o levou a impôr leis á Europa continental.

Foi a vontade do general Oyama, impondo-se e vencendo pela sua inquebrantavel tenacidade o animo vacillante do general russo a verdadeira causa que fez com que os japoneses se cõoassem de gloria e renome nos campos da Mandchuria.

A vontade foi sempre o factor que maiór predominio tem exercido em todas as guerras.

O general Moltke disse:

«Tudo é incerto na guerra, á excepção da vontade e energia que consigo leva o general em chefe».

A dificuldade reside apenas na execução, que é precisamente o factor diferencial entre a intelligencia e a vontade.

Vencer é avançar, afirmou o grande Frederico II. Mas quem é que origina e permite o avanço? Evidentemente a vontade mais firme e a exteriorisação da sua firmeza é que fazem com que o adversario retroceda.

Este citado rei, passando um dia próximo dum castêlo da Silésia, viu sôbre a sua fachada um brazão que representava os corvos acometendo-se, tendo por divisa: «o mais obstinado alcança-a».

E vendo isto disse a Debrac, que o acompanhava — «Alí está a verdadeira causa da victória».

Napoleão, o homem de vontade tão forte e tão energica como foi, tendo escrito as suas memorias, não podia deixar de definir a influencia da vontade na sorte das guerras e até nos destinos dos povos.

Nas suas memorias encontra-se a seguinte frase:

«Forma-se uma ideia pouco exacta de força de alma necessaria para deliberar, tendo a reflexão completa das suas consequencias, nas duas grandes batalhas das quais dependem a historia de um exército, dum país e ao mesmo tempo a posse de um trono».

Analizando o papel que a intelligencia desempenha no talento, ver-se-há que a sua intervenção se patenteia considerando o ambiente da incerteza no qual é forçoso mover-se e decidir-se a arte da guerra.

Essa intelligencia começa por apresentar aos olhos do chefe as consequencias nefastas que pôde acarretar essa batalha, bem como a sua tremenda responsabilidade, que ainda se apresenta maior do que ela realmente é, aconselhando o chefe a que nada faça, desempenhando assim o papel de conselheiro sabio e prudente; essa prudencia porém fica assim em guerra aberta com a necessidade

de proceder e só então essa vontade de ferro é que poderá levar a tomar a necessaria resolução.

A influencia da intelligencia nas situações difíceis tem sido bem evidenciada todas as vezes em que na guerra chega a ser necessario tomar uma resolução depois de ouvir um conselho de officiais. O predominio desses elementos inteligentes e prudentes leva sempre á solução das resoluções mais timidas, quando não levam á irresolução e indecisão, e isso, como a historia o confirma, equivale á inaptidão tendo como resultados a derrota.

Foi a intelligencia que aconselhou Napoleão e que o fez desistir da manobra projectada contra o exército austriaco quando este desembarcou na Bohemia em 1813.

A sua vontade nesse momento vacilou e a isso se attribue o facto de Dresde não ter sido um acto decisivo.

Foi a falta de vontade, a falta de resolução, que caracterizou a acção dos russos na campanha da Mandchuria. Kuropatkine, não se abalanchando a uma acção decisiva pelo receio intelligente de saber que não estava devidamente informado e apoiado que o levou á inacção e consequentemente á derrota.

Do lado dos japoñeses succedeu precisamente o contrario. Da parte dos seus camaradas notou-se sempre a vontade mais decidida vencendo com a sua acção as maiores difficuldades, o que lhes deu a victória como resultado final.

E assim vemos de um dos lados uma acção excessivamente intellectual e prevendo tudo e de outro uma acção tenaz e menos estudada, ficando de um lado a prudencia com todo o seu cortejo de indecisões e do outro a temeridade acompanhada de todos os actos de arrojo e audácia.

E quem tiver dúvidas sòbre a verdade destas duas afirmações podê-las-há tirar desde que se dê ao trabalho de confrontar a ordem do comando russo relativa á defesa das posições de Liao-Yang com a ordem do exército do general Oku relativa ao seu avanço sòbre Vafangu.

Varios escritores militares, analisando a interferencia da intelligencia e da vontade nas grandes operações de guerra, têm sempre concluido pelos máus resultados a que aquella muitas vezes leva. Parece uma cousa paradoxal, mas é uma verdade.

O grande escritor Jomini diz em uma das suas obras: «Um homem ignorante, dotado de talento natural, pôde

fazer grandes cousas; mas o mesmo homem, saturado de falsas doutrinas estudadas na escola e cheio de sistemas pedantescos, nada fará de bom, a não ser que esqueça tudo quanto aprendeu.

«Não há nada mais propício para matar o talento natural e fazer triunfar o êrro do que as teorias pretenciosas fundadas na falsa ideia de que a guerra é uma ciência positiva, onde todas as operações pódem ser reduzidas a calculos infalíveis.»

Como refutação a este modo de pensar um dos argumentos que se aduzem é o exemplo dos generais de Napoleão, quando se viram obrigados a desempenhar um comando independente, em que se atribue os precalços que nestas condições sofreram á falta de dotes intellectuais.

Esta falta era geralmente comum á maioria dos generais daquela época. Isso porêem era devido a um defeito inerente ao sistema de comando de Napoleão. Este apenas queria, valentes, sim, mas tambem e talvez sôbre tudo, homens que se submetessem á sua vontade sem limites. Desde que soubessem cumprir os desejos dessa vontade, nada mais desejava.

O temor que tinham pelo seu Imperador anulava as suas acções, tirava-lhes todo o espirito de iniciativa. Para tudo precisavam das suas ordens, das suas instruções; e se estas lhes faltavam, se não chegavam a tempo, ficavam indecisos, nada resolviam e a inacção e a indecisão na guerra são a derrota.

A energica vontade de Napoleão atrofiava a acção dos seus logares-tenentes, e era essa falta e não a falta de intelligencia que os impedia de bem se desempenharem dos seus deveres.

Essas faltas são apenas a carencia de um sistema educativo orientado no sentido da acção independente, da iniciativa. Napoleão matava a iniciativa dos seus subordinados e foi esse o problema que mais tarde tão habilmente Moltke soube resolver.

O general Jomini ainda escreve: «As qualidades mais essenciaes em um general são sempre um grande carácter ou valor moral que conduza ás grandes resoluções e depois o sangue-frio ou o valor físico que domina o perigo. A ciência sómente figura em terceiro plano, mas será um poderoso auxiliar e será necessario ser cego para não conhecer isto mesmo.»

O general Kuropatkine, na sua ordem de despedida

de 8 de fevereiro de 1906, aponta como causas de derrota da guerra russo-japonêsa: «A falta de uma vontade firme por parte de todos, desde o simples soldado até ao chefe mais elevado, de combater até ao ultimo momento, desprezando as baixas sofridas, por grandes que estas fôsem; a resolução tomada rapidamente, depois de um assalto infructuoso, de retirar em vêz de renovar o ataque e tratar de alcançar a vitória; descalabro que ás vezes só era experimentado pelas forças da primeira linha. Em muitos casos esta retirada obrigou a desenvolver as unidades visinhas que não tinham sido atacadas, precisamente no momento em que estas podiam ter prestado o seu apoio para restabelecer o combate.»

«De uma maneira geral, tanto os soldados velhos como os bisonhos não ofereciam um nucleo sufficiente com verdadeiro espirito militar e possuidos da força de animo necessaria para se sustentarem sem vacilar e sem desalento, quaisquer que fossem as circunstancias da lucha incessante de varios dias».

«E' evidente que nem a escola nem a vida prática teem contribuido na Russia, durante êstes ultimos quarenta ou cincoenta anos, para formar caracteres independentes, pois que, em caso de os ter formado, devia existir no nosso exército um numero bastante maior ao que hoje existe na realidade».

«Chamo a atenção dos camaradas sobre a necessidade de estudar atenta e cuidadosamente o caracter dos seus subordinados. Nós possuímos poucos soldados capazes de executar acções independentes de energia ou iniciativa. Procuraes esses militares, animaes-os e protegei-os na sua carreira. Desenvolvi essas qualidades indispensaveis a todo o militar».

«Desgraçadamente, sucedia com frequencia na Russia serem os homens empreendedores perseguidos em lugar de recompensados. Em tempo de paz, os soldados nestas condições eram considerados por muitos superiores como agitadores; estes homens abandonavam com frequencia o serviço militar».

«Pelo contrario, os homens falhos de character, mas que estavam sempre dispostos a aprovar as opiniões dos seus chefes, recebiam accelerações na sua carreira. Esta forma de proceder pagámo-la muito cara durante a guerra. Lembremo-nos dela».

Quer, porém, isto dizer que não seja necessaria a in-

teligencia? Ninguém o poderá afirmar. O que se pretende provar, por se reputar necessário, é que os grandes capitães devem reunir as duas faculdades: intelligencia e vontade, devendo, porém, acrescentar-se, e é isso o que se pretende afirmar, que as grandes victórias são mais filhas da força de vontade do que da intelligencia.

O esforço intellectual não pôde chegar a formular regras para obter as victórias como a de Cannas, Austerlitz, Sedan, etc. O estudo é importante para isso; mas a historia apresenta estes modêlos como tipos de estudo á meditação dos homens de guerra, não para que tratem de as imitar servilmente, mas para que, compenetrados do seu espirito, lhes sirvam de fontes de inspiração.

Não obstante estes salutaes ensinamentos que a historia nos proporciona, a teoria intellectual é a dominante e mais aceita em todos os exércitos. É assim, em todos os centros de cultura e nos diversos ramos da mesma há a tendência para crear nucleos de intellectuais. E' o sêlo indelevel da funesta educação, cimentada quase em absoluto no desenvolvímto das faculdades de assimilação e por isso se nota essa acentuada preferencia pelos cerebros flexiveis, faceis, complacentes e acomodaticios, pondo de parte os espiritos independentes e originaes.

E' o peso morto de gerações passadas, instruidas por estas ideias que nos inculcou essa repugnancia e temor á resolução pessoal. E' o facto corrente de solicitar informações, consultar e pedir conselhos; é o facto de restringirmos toda a nossa mentalidade aos volumosos regulamentos officiaes. E' finalmente o medo á resolução que hoje a todos domina.

O culto pelo memorismo foi substituido pela adoração do intellectualismo. Nas escolas a dissertação do aluno é com o apoio dos mesmos dados e citações que ouviu durante o trabalho consciante efectuado por outro. Não ha trabalho proprio, a meditação sôbre os assuntos explicados é coisa que não existe. Nas escolas é tudo um conjuncto de abstracções sem conexão alguma com a realidade; e, como na escola, outro tanto succede na vida, que sendo formada por coisas conexas e ligadas e nunca por abstracções, não pôde esse sistema deixar de ser defeituoso.

Nas escolas apenas se instrue e não se educa. E' necessario fazer do homem, e, com maioria de razão, do chefe, um caracter e não um arquivo de conhecimentos.

O triunfo não está reservado aos mais sábios, mas sim aos mais energicos.

Por isso a teoria objectivista, o realismo, trata de ensinar a pensar e a reflexionar, collocando-nos em presença das coisas e tendo que desenvolver activamente o nosso ser a fim de dar força á nossa acção, dirigindo-o para o fim que se tem em vista.

Devem-se preparar elementos de luta e não fazer com que se compreendam coisas melhor ou pior. O fim de todo o ensino e educação militar deve consistir em infundir no chefe o rigor valitivo necessario para se criar um caracter e a rectidão directora desse rigor.

Não se deve esperar o triunfo por parte da aristocracia intelectual. Não é o culto exclusivo do intellecto que dá a victoria; do jogo da guerra á propria guerra há uma grande distancia. Não são as fórmulas, os processos mecanicos que a esta imprimem o seu caracter.

Representar com o jogo da guerra a situação do exército francês em Austerlitz e a do exército austriaco ao tomar Napoleão o comando das forças francêsas, e admitindo uma direcção puramente objectiva, é fóra de dúvida que a victoria seria outorgada, no primeiro caso, aos russos; no segundo ao arquiduque Carlos: e contudo a historia mostra bem que succedeu o contrario.

Os que tiverem dúvidas a este respeito poderão lêr a obra de Wachser de Lafange — *Selecciones sociales*. E talvez estes paragrafos sejam suficientes para as desvanecer.

«Fui surpreendido frequentemente pela rigidez de espirito dos homens desta classe, os mais instruidos e que são considerados como verdadeiras auctoridades nas suas especialidades.

«A menor manifestação de uma ideia independente fere-os e tomam *à priori* como erros perniciosos tudo o que não lhes foi ensinado pelos seus mestres.

«Estes homens, que são o maior obstaculo ao progresso científico e material, reúnem a par de uma inteligencia muito cultivada e a par de vastos conhecimentos, um servilismo de espirito que nada o póde modificar.

«Como é possivel que os que comungam nestas ideias não atribuam as victorias de japoneses e búlgaros á acção minusculta da ciencia?

«Será esforço vão fazer-lhes compreender que são os triunfos de uma raça moralmente superior á alma da raça inimiga».



## Granadas asfixiantes

As granadas de mão vão passar por nova fase

A casa Krupp, infatigável no seu contínuo fabrico de maquinas de guerra que, pelo seu crescente poder mortifero, torne inuteis as anteriores, assegurando com isto uma venda e negocio constante, acaba de realizar experiencias interessantes com uma nova arma de guerra, a que passou a denominar «Bombenkanone» (canhão de bombas) e em cuja construção anda empenhada há mais de dois anos.

A forma geral da nova peça de artilharia é idêntica á que já nesta mesma *Revista* tem sido indicada para o lançamento de granadas por meio de espingardas. O principio é sensivelmente o mesmo, substituindo-se, porém, a arma pela peça. Assim a granada, ou bomba, que tem dimensões muito maiores, enormes, coloca-se na boca da peça, ficando exteriormente e recebendo a força de projecção mediante uma vara metálica que entra na alma da peça, que enche por completo.

Uma disposição especial faz com que, uma vez iniciado o movimento do projectil, se separe d'êla a vara.

Em virtude desta disposição, a peça é de muito pequeno calibre, leve, e por isso extremamente portátil.

A bomba é cheia com gazes deletérios ou asfixiantes, em cuja preparação tem trabalhado com afincos os químicos alemães.

Quando a bomba fizer a sua explosão, os estragos que poderá causar nas fileiras inimigas, com os seus estilhaços, não são para comparar com os efeitos que em outra ordem se pretendem obter.

Os gases deleterios ou asfixiantes que então se desenvolvem, podem provocar a morte de todo o ser vivo que se encontre até uma certa distancia do ponto de explosão, formando se uma columna de ar que derrubará obstaculos de toda a ordem dentro dum raio determinado.

Sob o ponto de vista estrategico, o valor da nova arma reside não só na facilidade dos seus movimentos, mas tambem na poderosa potencia destruidora do seu projectil.

Nas experiencias realizadas até este momento, o alcance destes projecteis é relativamente pequeno.

Desde então têm-se feito a este respeito progressos consideraveis a respeito dos quais se tem contudo mantido o mais escrupuloso segredo, sendo impossivel, por isso, conhecer os detalhes do alcance actual, bem como a composição e quantidade do explosivo empregado.

A invenção desta nova arma de guerra deve parecer ilogica depois das conferencias chamadas da paz, celebradas em Genova e Haya, em 1899, 1906 e 1907, nas quais a Alemanha tomou parte e votou com as outras nações civilisadas contra todos os projecteis contrarios ás leis da humanidade, como são as bombas de gases deleterios e as balas inglêsas conhecidas pela designação de Dum-Dum, pela primeira vez fabricadas no arsenal da India inglêsa.

Mas para se poder iludir de alguma maneira os precêitos estabelecidos nessas conferencias pacifistas, estabeleceu se uma clausula restritiva de uma importancia capital, modificando-se o regulamento, depois de bastantes discussões, no sentido de que os projecteis, cujo uso se proibe, são aqueles *que tenham por unico objectivo espalhar gases asfixiantes ou deleterios.*

E como estes projecteis não são *unicamente* destinados a espalhar gases asfixiantes ou deleterios, pois que formam estilhaços como as granadas, julgam-se os alemães auctorisados a utilizar essas bombas, justificando desta maneira, perante as potencias congregadas, o seu direito ao emprego desse projectil como sendo tão humanitario como qualquer outro que mereça essa designação.

E para sustentar esta logica se realisam as tais conferencias!

E para apresentar razões desta natureza gastou

o rico Cornagie uma parte dos seus milhões para se construir na Haya o grandioso *Palacio da Paz!*

A razão verdadeira foi e ha de ser sempre a razão do mais forte. Quem não quizer sofrer-lhes as duras consequencias, não tem remedio senão preparar-se emquanto é tempo.



## A FISILOGIA DA MARCHA

Começarei por me referir a uma passagem do regulamento tactico do exército alemão, que duma fôrma muito frisante indica a importancia dêste assunto.

No artigo 303 da edição de 1900 encontra-se previsto o seguinte: «O mais importante factor que aumenta a efficácia das tropas para a guerra é o seu poder de resistencia ás marchas. A marcha é a pedra de toque de todas as operações e o successo de todos os empreendimentos; depende em alto grau da fôrma como as tropas para isso são preparadas. Em multos casos a chegada a tempo de um corpo de tropas ao lugar que lhes é destinado e em bom estado para entrar em combate pôde ser o factor decisivo duma situação».

Poderei eu ser impugnado por tratar este assunto de character geral apenas sob o aspecto militar; mas não faço isso porque êste assunto, se tem importancia sob o ponto de vista meramente militar, tambem o tem sob o ponto de vista da higiêne e da medicina, devendo, portanto, ser tão conhecido pelos militares como pelos médicos.

De todas as causas que tendem a diminuir a resistência dos soldados, a falta de preparação para as marchas é talvez aquela que momentaneamente menos se pôde evitar.

Um comandante pôde pela sua providencia evitar a fome aos seus soldados, pôde-lhes mitigar a sêde, pôde curá-los; mas as dificuldades das marchas só êles proprios as poderão vencer se estiverem de antemão devidamente treinados.

O mesmo regulamento alemão diz ainda no seu paragrapho 306: «Contudo as tropas bem treinadas nas marchas desempenharão sempre o papel que naturalmente lhes está reservado e só assim deixará de acontecer se delas se exigirem esforços demasiados ou excessivamente exagerados».

Para isso deve-se evitar que elas tenham de fazer esforços que não sejam extremamente necessarios, sendo indispensavel conhecer a fisiologia da marcha, que é o efeito que o acto de marchar tem na economia do corpo do soldado.

Se estes efeitos e o maquinismo pelos quais são produzidos, são completamente atendidos e constantemente lembrados, a marcha deve ser uma causa não de redução mas antes de aumento do seu poder de resistencia.

Eu proponho-me considerar a questão da marcha debaixo de dois aspectos:

Primeiro, o efeito da marcha puro e simples debaixo das condições ordinarias do serviço; segundo, o efeito das prolongadas e continuas marchas.

Começarei, pois, pela marcha pura a simples e darei, para esclarecer o assunto, uma definição do que eu intendo pela palavra *marcha*. Marchar, quer dizer, passear, usando certos fatos; transportando uma certa carga, disposta sobre o corpo por uma certa fôrma; num passo mais ou menos certo, regulado, não pelas necessidades fisicas do individuo mas pelas condições medias dos restantes individuos com os quais se vae reunido.

Isto parece antes uma complicada maneira de descrever um simples facto; mas eu julgo que será admitido que todas aquelas particularidades são essenciaes para se completar a ideia de marchar dos civis e são essas particularidades que differenceiam as duas fôrmas que constituem o problema da marcha.

Eu vou discutir passo a passo a difinição que acima

foi dada e começarei, por isso, por analisar a propria palavra *marcha*.

Marchar é o resultado dum certo esforço muscular, que é causado pela contracção de determinados musculos. Quando um musculo se contrae, esta contracção é acompanhada por dois fenomenos: movimento e calor.

Para isto ser compreendido é necessario acrescentar que a contracção, o calor e movimento visivel são absolutamente independentes e essenciaes, contudo, uns aos outros.

Não se pôde dar alguns dos três elementos sem que se tenham efectuado os outros.

Não se pôde alcançar o calôr sem que se tenha dado a contracção e movimento, nem se pôde efectuar o movimento sem que se tenha dado a contracção e o calor e assim sucessivamente.

E assim sucederá sempre, excepto o caso em que um musculo se contrae contra uma resistencia que não pôde vencer, não resultando, portanto, movimento, que sendo uma excepção serve apenas para confirmar a regra.

E posto isto possarei a fornecer um exemplo. Quem tiver conhecimento dos carros movidos a gazolina ou qualquer outro sistema de combustão interna, sabe muito bem que o visivel movimento do pistão é devido á combustão no cilindro d'uma certa quantidade de gaz, que expandindo-se não só o coloca em movimento mas tambem origina um determinado desenvolvimento de calor.

Ora estes dois fenomenos são absoluta e inteiramente semelhantes.

No caso do musculo nós temos, como o resultado dum nervoso impulso, que corresponde á explosão do gaz, a combustão de certos elementos constitutivos do proprio musculo, consistindo essencialmente de carbone e hidrogeneo, a consequente contracção do musculo com a producção de calôr e em resultado o visivel movimento.

O ponto para o qual eu particularmente vou dirigir a atenção é o absoluto e essencial caracter do calor produzido.

Não pôde haver alguma acção muscular sem a necessaria producção de calôr, como identicamente succede na explosão do gaz dos motores.

Se se contrai simplesmente um grupo de musculos, como quando se curvam os braços, a producção do calôr é tão pequena que é absorvida pela circulação do sangue

e distribuído pelo corpo sem que materialmente se conheça alguma elevação de temperatura; mas apesar desse calor ser insuficiente para elevar a temperatura do corpo por uma tórma perceptível o calôr existe de facto e pôde mesmo, com aparelhos apropriados, ser medido na substancia do musculo que o produziu.

Deve-se ainda acrescentar que é sempre proporcional ao trabalho feito.

O caso, porém, torna-se muito diferente se nós considerarmos o movimento de um grande numero de musculos e se se repetirem os movimentos por diferentes vezes, como no caso da marcha, luta ou carreira.

O calôr produzido neste caso é tão grande que visivelmente aquece o corpo.

Passarei a dar alguns exemplos.

Numa série de observações feitas em 1906 em Inglaterra com soldados marchando sob diversas condições de carregamento, fado, etc., a temperatura foi tomada em 358 vezes antes e depois da marcha.

A sua temperatura reconheceu-se que se elevava em média 2, 3.<sup>o</sup> Fahr., acima do normal. Esta elevação de temperatura é puramente fisiologica: é a consequencia natural do exercicio da marcha.

E' porém obvio que os musculos produzindo constantemente calôr nessas condições, uma das duas coisas deve resultar; ou a temperatura do corpo é elevada a ponto que torna os movimentos impossiveis, ou então uma boa parte desse calôr deve-se dissipar por uma fôrma ou outra.

Ordinariamente, o ultimo caso é o que se dá.

O calôr desenvolvido nos musculos é levado pelas correntes sanguineas para a superficie do corpo, onde passa para o exterior por três fôrmas: Pela evaporação da respiração; pela directa radiação da pele; e pelo arrefecimento do ar aspirado.

Devido a essas três circunstâncias a temperatura do corpo tende a normalisar-se, não resultando inconveniente algum para o organismo.

Se esses factos fisiologicos se derem num meio pouco favoravel a essa normalisação da temperatura ou se o organismo do individuo estiver fraco, muito facilmente essa elevação de temperatura assume um character pernicioso para o organismo, degenerando facilmente em febre. Mas é necessario acentuar que geralmente a elevação da

temperatura pelo exercício da marcha é normal e inevitável e ainda benéfico e necessário, eliminando-se sempre em todas as condições normais através do próprio corpo.

Depois isto eu continuarei a estabelecer o confronto com o caso dum motor.

Como é bem sabido, logo que o automóvel tenha percorrido uma pequena distancia os seus cilindros tornam-se muito quentes, não sendo porém necessário tomar quaisquer medidas especiais para que arrefeçam.

Esta disposição consiste em um sistema de circulação da água, que leva o calor dos cilindros, onde é produzido, ao radiador que existe na frente do carro, onde o calor é irradiado.

Mas todos os que conhecem os automóveis sabem perfeitamente que este calor é necessário e que enquanto não atingir uma certa quantidade de calor não trabalha suficientemente bem.

Os dois casos são absolutamente comparáveis. Tanto o homem como o automóvel desenvolvem uma certa soma de energia, resultando como consequência um certo desenvolvimento de calor.

Nos dois casos o calor é deslocado do local em que se produz, no primeiro caso, nos músculos, e, no segundo, nos cilindros, por uma circulação fluida.

Em ambas esse calor é levado á superfície da maquina por essa mesma circulação fluida e ali irradiado para o ar atmosferico que a envolve, pela evaporação, no caso do homem, e pela convecção do radiador, no caso do automóvel.

E tanto num caso como no outro se se impede essa irradiação, pela pele ou pelo radiador, produzir-se há um sobre-aquecimento da maquina, que no homem se chama *febre* que sempre o pôde pôr em perigo.

Consideremos agora a grande diferença que existe entre o andar do paisano e o marchar do soldado. Essa diferença consiste no facto do primeiro andar á sua vontade, podendo variar os seus passos, os seus passos e ainda a carga que transporta, até que a sua temperatura se normalise, isto é, até que a quantidade de calor desenvolvido seja igual á quantidade de calor irradiado. Todas essas liberdades são em geral negadas ao soldado quando marcha encorporado.

Se voltarmos de novo á definição de marcha, que dei no principio deste artigo, notar-se há que tudo quanto

vem depois da palavra *marcha* se refere ás condições que aumentam a soma de calor produzido durante a marcha ou se refere á propria dissipação desse proprio calor.

Assim, por exemplo, a carga transportada aumenta a soma de trabalho feito e consequentemente a soma de calor produzido e o fato que se usa póde auxiliar ou dificultar a irradiação desse calor.

Posto isto desejo frisar que os factores que influem na dissipação do calor são mais importantes do que os que tendem a fazer aumentar a sua produção, que muitas vezes não são devidamente considerados.

Quando fôr permitida a irradiação livre de calor produzido pela superficie do corpo, todos os exercicios que o soldado é geralmente obrigado a fazer não elevam a temperatura acima do que é normal e permitido.

O principal facto que aumenta a produção do calor é a carga que se transporta e bem assim o caminho sobre o qual se efectua a marcha.

Em Inglaterra tem-se feito varias experiencias para verificar o efeito da carga na producção do calor. Para isso fizeram-se com o mesmo homem marchando sempre no mesmo terreno em dias diferentes e com uma temperatura sensivelmente igual.

Quando transportava a arma e o sabre reconheceu-se que a temperatura se elevava cerca de meio grau Fahrenheit e quando ia equipado em ordem de marcha a temperatura elevava-se de um grau.

E depois de varias outras experiencias feitas de fórma a fazer variar a carga e bem assim a natureza do terreno reconheceu-se que o aumento da temperatura é proporcional á carga e ás dificuldades que o terreno apresenta á marcha.

A fórma de transportar a carga é tambem uma coisa deveras importante. As experiencias que nesse sentido tambem se fizeram mostraram que uma carga com o peso de 10 kilos exigia três vezes mais esforços na energia do soldado sendo transportada á mão do que sendo simetricamente distribuida pelos ombros.

O facto da mochila, o caracol, ser transportado aos ombros dos soldados não é uma questão de capricho nem de tradição. E' apenas uma necessidade fisiologica.

Se o pêso da carga fôr materialmente aumentada até 30 kilos e a marcha aumentar tambem em duração e especialmente se as condições do tempo não forem favora-

veis, a temperatura pôde elevar-se de uma fôrma devêras consideravel.

O fisiologista alemão Zunitz diz que elevando a carga até 33 kilos e tendo de a transportar a 6 kilometros a temperatura do soldado pôde nestes casos elevar-se a 102 ou mesmo 104. E dizendo isto acrescenta que os homens que atingirem essas temperaturas se tornam muito corados, perdem a fixidez da vista e ficam muito em perigo de adoecer.

Uma carga de 24 kilos transportada em dia muito quente, diz o mesmo fisiologista, pôde produzir os mesmos efeitos que uma carga de 33 kilos transportada em dia muito frio.

A fôrma de transportar a carga, como já se disse, é da mais alta importancia.

Uma carga mal equilibrada exige um constante esforço muscular que ainda mais vai aumentar a quantidade de calôr desenvolvido, que neste caso é desnecessario. Para isso deve-se colocar a carga de fôrma que o seu centro de gravidade corresponda o mais possivel ao centro de gravidade do homem.

O centro de gravidade de um homem que não esteja carregado é um pouco abaixo do umbigo e verticalmente abaixo da linha dos ombros.

Um pêso colocado sobre as costas dum homem desloca logo o seu centro de gravidade numa maior ou menor extensão e quanto maior fôr a distancia dêste deslocamento, horisontal ou verticalmente, maior será o esforço que será necessario fazer em cada passo para acomodar os musculos a este forçado desequilibrio, e portanto quanto maior fôr êsse esforço tanto maior será a quantidade de calôr desenvolvido.

(Continúa)

C. H. M.



## Maximas para o comando

Da revista francesa *Le Journal des Sciences Militaires*, transcreyemos as maximas que seguem, que são outros tantos mandamentos que devem ser do mais perfeito e completo conhecimento de todos os militares.

1.<sup>a</sup>

Um chefe cuja autoridade se imponha a todos, é a primeira necessidade de um exército e de cada uma das fracções que o compõem.

2.<sup>a</sup>

A hierarquia dos graduados foi instituída para que a vontade do chefe supremo se transmita, e depois se cumpra, nos sitios onde não possa ser dada pelo proprio e presidir em pessoa a execução das suas ordens.

3.<sup>a</sup>

Compenetrar-se da necessidade de momento, cumprir as leis e regulamentos no seu espirito e conformar-se com as ordens e instruções dos superiores, são as condições principais em que se deve inspirar o exercicio de todo o comando.

4.<sup>a</sup>

Para saber bem mandar é necessario que primeiro se aprenda a bem cumprir, porque tendo o cuidado de

cumprir bem é como melhor se aprende o necessário para bem mandar.

Formular bem uma ordem é uma coisa importante, mas leva-la á execução e ajudar que esta seja cumprida, é uma coisa ainda mais importante

Em principio, e com o fim de deixar a cada um o pleno exercicio das suas attribuições, as ordens deveriam dar-se exclusivamente ao pequeno numero de subordinados immediatos.

Mas se assim se fizesse desde o mais alto posto da hierarquia até ao ultimo, esta maneira de transmitir a vontade do superior demandaria demasiado tempo; e por isso, na maior parte dos casos, as ordens fazem-se para todos os subordinados, mediatos ou immediatos, daquêlle que as faz.

O que manda, não cumpre o seu dever por completo quando se limita a transmitir automaticamente á sua tropa as ordens recebidas do posto superior. Deve-as precisar e ampliar a fim de evitar toda a hesitação da parte dos seus subordinados immediatos, entre os quais deve tambem, quando haja lugar para isso, repartir a missão que tem ordem de cumprir.

Do comandante de um corpo de exercito ao chefe de grupo, os deveres são da mesma natureza e não diferem mais do que no numero, importancia, complexidade e dificuldade.

Desta comunidade de obrigações nasceu a estreita solidariedade que existe entre os membros da hierarquia, cujas attribuições se encontram solidamente ligadas e á qual nada pôde faltar sem prejuizo da sua propria autoridade.

9.<sup>a</sup>

Para formar elementos capazes do comando é necessário proporcionar-lhes ocasiões e liberdade de mandar, não se devendo te-los numa dependencia tão estricta que se lhes impeça prescrever por sua propria iniciativa.

10.<sup>a</sup>

O bom efeito do comando depende menos da perfeição das leis do que do emprego mais ou menos judicioso, firme e seguro que délas se saiba fazer.

11.<sup>a</sup>

A medida que o militar se vai instruindo melhor no cumprimento dos seus deveres profissionais, adquire direito a uma liberdade de acção menos restricta. Se é official deve gosar de uma independencia profissional á importancia do seu posto.

12.<sup>a</sup>

A observancia derivada das mesmas regras tem uma virtude educadora, cujos bons efeitos se devem utilizar, tanto no estabelecimento da disciplina como na sua manutenção.

13.<sup>a</sup>

Uma obrigação comum aceita-se mais facilmente do que aquella que deve cumprir um só; portanto não se deve omitir fazer comprehender aos soldados que, no exército, todas as obrigações são comuns, ainda que algumas vezes se cumpram por turnos em vez de se cumprirem simultaneamente por todos.

14.<sup>a</sup>

Uma ordem que se espera suscita menos opposição e causa menos desgostos do que uma ordem que surpreende e não se espera.

15.<sup>a</sup>

Nada indigna mais do que a injustiça. Sem verdadeira justiça de cima não pôde haver verdadeira submissão de baixo.

16.<sup>a</sup>

O exemplo do chefe é mais eficaz do que todos os preceitos.

17.<sup>a</sup>

Mandar a ignorantes é o mesmo que falar no deserto. O chefe militar não obterá da sua tropa mais do que aquilo que préviamente lhe ensinou.

18.<sup>a</sup>

Não conhecer mais do que a letra das leis e regulamentos não é estar suficientemente conhecedor delas. E' necessario conhecer-lhe o espirito para estar em condições de aplicar convenientemente todas as disposições.

19.<sup>a</sup>

E' necessario ensinar pela educação e exemplo os deveres morais que as leis e regulamentos não definem.

20.<sup>a</sup>

A severidade previne mais faltas do que as que reprime, disse Napoleão. Não ha nada mais certo.

21.<sup>a</sup>

Os subordinados acolhem as indicações do chefe segundo os sentimentos que experimentam da sua pessoa.

22.<sup>a</sup>

O exercício do comando é defeituoso quando não produz disciplina ao mesmo tempo que os actos ordenados.

23.<sup>a</sup>

A benevolencia do chefe deve estender-se ao conjunto da sua tropa antes de se dividir pelos individuos. As demonstrações que dê a estes ultimos não devem nunca favorecer os que são objecto delas em detrimento dos demais.

24.<sup>a</sup>

Em circunstâncias excepçionais, é prudente empregar com o temperamento necessario as regras creadas para as condições normais.



## Secção do estrangeiro

**Suissa.** — Reorganização da «landsturm». — O conselho federal aprovou uma nova lei reorganizando a «landsturm» do seu exército.

Segundo a dita a lei, a «landsturm» é destinada á vigilancia das fronteiras, communicações, ao serviço de étapes e ao serviço territorial, podendo ser tambem utilizada como tropa de campanha em missões secundarias para substituir a «landwehr».

A «landsturm» ficará sendo constituída pelos antigos militares instruidos e que tenham 41 a 48 anos e homens instruidos das classes mais novas que não sejam completamente aptas para o serviço normal.

Os mancebos podem ser recrutados voluntariamente depois que tenham uma certa instrução de tiro, devendo as autoridades cantonais decidir a respeito destas admissões voluntarias uma vez informado o local da unidade a que desejem pertencer.

Os quadros serão escolhidos entre os officiaes e graduados da

élite da «landwehr» até aos 25 anos depois da sua entrada no serviço.

Os homens com menos de 48 anos e que não sejam aptos para o serviço da «landsturm», ficam colocados nos serviços auxiliares.

As unidades da «landsturm» serão formadas por circunscrições correspondentes ás da «élite» e da «landwehr».

**Belgica.** — Soldo dos officiaes. — Segundo a nova lei de soldos, os alferes vencerão 2.500 francos anuais, com um aumento de 300 francos de tres em tres annos.

Os capitães receberão 3.700 francos, aumentando-se-lhes 1.000 francos ao cabo de tres annos de posto e 1.300 francos ao cabo de seis annos.

Os capitães de cavallaria teem uma gratificação de 100 francos e os de artilharia e engenharia 200 francos.

Os officiaes que cursarem os estudos da escola superior de guerra teem uma gratificação de 300 francos.

O aumento de soldo dos officiaes superiores é de 600 francos por anno.

**Alemanha.** — Estatística de espionagem. — Os espiões condemnados pelos tribunais criminaes nos ultimos annos ascendem a uma cifra bastante elevada.

Em 1908 foram condemnados 8 individuos pelos tribunais de Leipzig, sendo a maioria condemnada a 4 annos de prisão.

Igual numero de processos teve lugar em 1909, com penas até 6 annos.

No anno seguinte foram prêsos 13, muitos dos quais soffreram 10 annos de prisão. As penas elevaram-se a 12 annos para alguns dos espiões apanhados em 1911.

O mais curioso é que a maioria dos espiões é de alemães, não sendo das outras nações mais do que 4 inglezes, 3 francezes, 2 russos, 1 italiano e 1 belga.

**Os futuros effectivos.** — Resumindo a politica dos armamentos que na actualidade segue a Alemanha com um passo tão firme e resolutivo, diz-se que na proxima sessão de Reichstag, o Kaiser fará apresentar um decreto sobre o exercito, que envolverá em suma a questão dos effectivos e a criação de novos corpos.

O actual effectivo será mantido até 1916.

As tropas serão reforçadas, sobretudo nas fronteiras franceza e russa.

Será criado um novo corpo de exército em Friburg-sur-Bale, uma divisão da qual occupará a margem esquerda do Reno.

A criação dos regimentos de artilharia de campanha para Colmar e Albenstein será activada e serão organizados, além disso, quatro regimentos da mesma arma.

Em Albenstein, na fronteira russa, fixar-se-há igualmente um novo exército, e por ultimo, os regimentos que só fornecem dois batalhões passando a ter três e os engenheiros e o trem dos vigéssimo e vigéssimo primeiro corpos passarão a ser reforçados.

Tudo isto desdobrado em numeros dá o seguinte :

1.º Criação de dois regimentos de artilharia e um batalhão de telefonistas.

2.º Formação de 2 novos corpos de exército.

3.º Estabelecimento de uma 7.ª inspecção na fronteira occidental.

4.º Criação do terceiro batalhão em 14 regimentos, que anteriormente tinham dois.

5.º Organização de um regimento de cavalaria, a 5 esquadrões.

6.º Aumento de metralhadoras até que cada regimento de infantaria possua uma companhia de metralhadoras.

**Socialistas militaristas** — Poucos dias antes de morrer, o chefe dos socialistas alemães, Bebel, escreveu uma carta explicando a attitude dos seus correlegionarios a respeito dos celebres projectos militares apresentados ao parlamento imperial e que tiveram em vista elevar o exército de 1.ª linha ao efectivo de cerca de um milhão de homens.

O chefe socialista exprimiu-se e justificou a sua attitude e a dos demais socialistas perante esses projectos da seguinte forma: «Que os socialistas alemães não fizeram rude opposição ao aumento dos armamentos, introduzido no seu país apesar das provocações do Imperador Guilherme, porque descobriram que o exército estava desorganizado, e porque a guerra balkanica era a melhor prova da inferioridade do material francês».

E' que a ideia do socialismo assim como qualquer outra, nos corações bem formados e nos cerebros bem construidos nunca pôde sobrelevar á ideia da grandeza e dos programas nacionais.

E se os alemães pensam todos assim, se todos reconhecem que é pelo exército que podem engrandecer e enobrecer a sua patria, quem precisa do exercito, como nós, para se defender poderá porventura pensar de outra forma?!

Se a ideia do engrandecimento é uma aspiração legitima, a ideia da defesa é uma necessidade imperiosa.

Essa necessidade por poucos portuguezes, porem, é reconhecida e por isso é que a nossa defesa nacional anda tanto ao desbarato e ao abandono.

Antes fossemos todos nós socialistas como Bebel.

**França.** — Analfabetos no exército. — Nos últimos exames verificados recentemente em 7.859 recrutas provou-se que o analfabetismo alcança no exército francês a cifra de 3,46 por cento entre os que não sabem lêr nem escrever em absoluto e que essa cifra atinge 16 por cento dos que apenas sabem lêr.

A imprensa francesa de todos os matizes queixa-se, e com razão, do estado da instrução do país, em comparação com a das outras nações mais adeantadas, que acusam percentagens muito menores.

**Efectivos de infantaria em pé de guerra.** — Em virtude da última organização dada aos quadros do exército, os regimentos e batalhões de infantaria poderão desdobrar-se em caso de guerra, com a única excepção dos que fazem parte das guarnições africanas.

O effectivo total no momento de mobilização será o seguinte: 170 regimentos de infantaria, 529 batalhões, 178 regimentos de reserva, 31 batalhões activos de caçadores e outros tantos de reserva, 2 batalhões de sapadores bombeiros, 36 batalhões de tropas coloniais, 20 batalhões de zuavos, 5 batalhões africanos e 37 batalhões argelianos, com outros tantos de reserva.

O total dos batalhões é de 1.218. Os batalhões da legião estrangeira devem permanecer em Africa, não podendo, portanto, ser incluídos naqueles.

Em resumo, o número total de soldados de infantaria de que a França dispõe em caso de guerra, póde computar-se próximamente em 1.218.000 homens.

**Belgíca.** — Armamento de infantaria. — Uma comissão de rearmamento da infantaria, presidida pelo inspector geral da arma e nomeada no mês de março ultimo, foi encarregada da escolha de uma arma automática.

A escolha desta arma será feita mediante concurso a que poderão concorrer todos os inventores, com a condição de que a arma escolhida deve ser fabricada na Belgíca.

Os elementos essenciaes da arma serão definidos do modo seguinte:

Arma automática, resistente, ligeira e curta.  
Pêso máximo, quatro kilos, com baioneta.  
Velocidade inicial; não superior a 600 metros.  
Recuo da arma livre; inferior a 2 metros.

Depósito; com 5 cartuchos, podendo-se empregar a arma como automática ou como arma de tiro intermitente.

Disposições de segurança; automática ou á mão.

A arma que fôr adoptada para a infantaria deve tambem servir para a cavalaria.

Será dada a preferência ao inventor que permita transformar a arma Mauser m/ 1889 em arma automática e que possa disparar o cartucho actualmente em uso.

O programa das experiências, compreende experiências politicas e com tropas, principalmente com tiros colectivos que se aproximem das condições do tiro de guerra.

Estas ultimas experiências unicamente se executarão com as armas que satisfaçam as condições técnicas do concurso.

**Italia.** — **Corpo de alunos atiradores de Turin.** — Por iniciativa da Sociedade de Tiro ao alvo, de Turin, foi organizado um corpo de alunos atiradores ao alvo naquela cidade, com o fim de ministrar aos mancebos que façam parte d'ella a instrução militar preparatória, ensinando-lhes todo o manejo de armas, fanfaria e tiro.

Esta instrução será acompanhada de exercicios de ginástica, marchas e manobras militares variadas.

Os mancebos de 11 a 16 anos, robustos e bem constituídos, são admitidos mediante simples petição própria acompanhada da autorisação de seus pais.

Os exercicios tem lugar aos domingos de manhã, havendo começado em dezembro do ano passado e terminam no primeiro domingo de julho.

O numero de alunos logo no primeiro ano se elevou a 380.

O corpo foi colocado sob a direcção de um conselho especial nomeado pelo presidente da sociedade de tiro ao alvo, e a instrução está a cargo de officiaes da milicia territorial ou de qualquer arma.

O corpo foi organizado em batalhões de quatro companhias de dois pelotões cada uma.

**Roumania.** — **Mochila-cozinha.** — Acaba de ser experimentada com exito uma mochila muito pratica, inventada por um capitão de infantaria, mochila que está destinada a assegurar a alimentação do official em campanha.

A mochila é de téla, tendo 0,<sup>m</sup>41 x 0,<sup>m</sup>44 x 0,<sup>m</sup>15 de dimensões e está dividida em vários compartimentos que contem: uma máquina de alcool e quatro recipientes de aluminio para condimentar os alimentos, uma caixa redonda para conservas, um frasco de sal, 3 grandes vasilhas para conservar o calor, uma mesa desmontável com pés e a roupa branca de mesa.

A mochila pôde servir de assento. Tem exteriormente duas bolsas e correias para prender o capote ou manta.



## CONSULTAS

44.<sup>a</sup> — Havendo 4 primeiros cabos aprovados no concurso para 2.<sup>o</sup> sargentos que foram promovidos a este posto na mesma data e ordem, qual d'elles é mais antigo?

— *O mais classificado no concurso; e, em igualdade de classificação (1), applica-se a doutrina da disposição 3.<sup>a</sup> do artigo 2.<sup>o</sup> do regulamento disciplinar, quando as preferencias previstas pelo regulamento de promoções não bastássem.*

45.<sup>a</sup> — Qual o vencimento mensal a que tem direito um capitão do exercito metropolitano com 30 anos de serviço efectivo, sendo doze como official, quando tenha passagem á situação de reserva ou de reforma?

— *O soldo da patente.*

46.<sup>a</sup> — Qual a posição em que deve collocar-se um 1.<sup>o</sup> sargento que tenha de comandar qualquer força?

— *Deve occupar os locais e tomar as posições prescritas pelos diversos regulamentos e executar os movimentos de espada que determina o regulamento tactico da infantaria, 1.<sup>a</sup> parte. Para isso, deve consultar o regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito, quando comande a guarda de policia e o referido regulamento tactico, quando desempenhe as funções de subalterno substituto.*

47.<sup>a</sup> — Tendo um 2.<sup>o</sup> sargento ficado aprovado no curso a que se refere o artigo 86.<sup>o</sup> do aditamento ao regulamento para os postos inferiores do exercito, O. E. n.<sup>o</sup> 6 (1.<sup>a</sup> serie), tomando em seguida parte na instrução de recrutas (por assim o ter pedido), onde se conservára até ao final, e, não tendo ainda periodo algum de instrução completo, póde ser admitido ao concurso de 2.<sup>o</sup> sargento?

— *Podia, se ao ser chamado a prestar as provas não tivesse*

concluído o período de instrução imediato d'aquele em que foi publicada a O. E. com o aditamento.

*Em todos os mais casos ha-de te-lo completo.*

48.<sup>a</sup> — Onde está determinado que os sargentos e equiparados, estando dispensados do recolher, devam entrar no quartel ou nos seus domicílios á hora do recolher?

— *Em parte nenhuma, visto que a circular 80 da 3.<sup>a</sup> Repartição da 1.<sup>a</sup> Direcção da Secretaria da Guerra do corrente ano, só procura regular a licença para pernoitar fóra e não as dispensas do recolher.*

49.<sup>a</sup> — Quando tenham de recolher aos seus domicílios ou quartel á hora do recolher, como deverão proceder para assistir a um arraial, concerto, espetáculo, etc.?

— *Prejudicada com a resposta dada á anterior.*

50.<sup>a</sup> — Achando-se os sargentos dispensados do recolher, segundo a portaria de 16 de setembro de 1911, estarão os mesmos nas condições das praças dispensadas do recolher nos termo § 5.<sup>o</sup> do artigo 217.<sup>o</sup> do regulamento geral para o serviço dos corpos do exército?

— *Estão.*

51.<sup>a</sup> — Ha alguma diferença entre dispensa da formatura do recolher e dispensa do recolher?

— *Em absoluto há.*

*Agora, se estudarmos o regulamento geral para o serviço dos corpos do exército, verificamos que essa distinção não existe; e, se compreendermos o espirito da portaria de 16 de setembro de 1911, observamos que esta abrange, na mesma significação, ambas as expressões.*

52.<sup>a</sup> — Devem os aspirantes a oficiais, sargentos ajudantes e todos os mais nas condições do § 18 do artigo 217.<sup>o</sup> citado, encontrar-se no seu quartel á hora do recolher ou podem recolher até á uma hora, como preceitua o § 5.<sup>o</sup> do referido artigo do regulamento geral?

— *A Revista entende que podem recolher até á um hora, visto que assim tem sido interpretada a dispensa do recolher, á que têm direito as aludidas praças, por todas ou quase todas as unidades.*

53.<sup>a</sup> — Em que dias podem gozar os musicos dispensas das formaturas, sem prejuizo do serviço?

— *Todos os dias.*

*Sómente quando aprendizes, devem solicitar do comandante da*

*unidade a que pertencem dispensa do recolher por períodos maiores ou menores, consoante as suas necessidades.*

54.<sup>a</sup> — Um chefe de musica póde contratar a banda para qualquer serviço particular sem consultar a mesma?

— *Póde.*

*Em geral o chefe da banda, por deferencia, comunica o contrato a realizar.*

55.<sup>a</sup> — Um musico de banda militar póde recusar-se a tomar parte em qualquer contrato da banda, quando não tenha sido consultado?

— *Não póde.*

*Quando o contrato da banda é superiormente aprovado, o serviço que ella vai fazer passou a ter o character official.*

56.<sup>a</sup> — No caso de recusa póde ser intimado a tocar?

— *Póde.*

*E se teimar em não tocar póde cair no crime de desobediencia.*

57.<sup>a</sup> — Qualquer musico militar póde tocar em teatros, igrejas, etc., fazendo parte de orquestras e bandas marciais?

— *Póde, vestindo-se á paisana e sem envergonhar a farda que veste.*

58.<sup>a</sup> — Dizendo o artigo 100.<sup>o</sup> dos *Estatutos da Fraternidade Militar* que o vogal gerente será um sargento, e dizendo o § 1.<sup>o</sup> do mesmo artigo que o vogal gerente é dispensado de todo o serviço que não seja instrução de companhia;

Pergunta-se:

Um 1.<sup>o</sup> sargento póde acumular as funções de vogal gerente com as de responder por companhia?

— *Póde, porque o referido artigo comprehende sómente o serviço de escala e não as funções inerentes ao posto; e deve, porque o 1.<sup>o</sup> sargento, estando presente no regimento, jámais abandonava a companhia a que pertence.*

59.<sup>a</sup> — Havendo numa unidade, um sargento ajudante, um 1.<sup>o</sup> sargento, e um 2.<sup>o</sup> sargento, desempenhando as funções de primeiro;

Pergunta-se:

O 2.<sup>o</sup> sargento póde formar escala de rancho com os outros dois?

— *Não deve.*

60.º — Em uma unidade existe desde 15 de Março do corrente ano um 1.º sargento supranumerario, regressado do Ultramar. Em 1 do referido mês foi aumentado um 1.º sargento ao effectivo, dos que estavam aprovadas no ultimo concurso;

Pergunta-se — Estando ambos supranumerarios, qual dos dois entra primeiro no quadro do regimento?

— O preenchimento da vaga depende da forma como foi preenchida a ultima vaga de 1.º sargento, a fim de se aplicar o estabelecido pela alinea a) do artigo 1.º do regulamento para a promoção aos postos inferiores do exercito.

25.º — Um musico de banda militar pode concorrer a qualquer posto em qualquer parte da banda, quando não tenha sido consultado;

26.º — Quando o musico de banda militar de uma unidade for chamado para fazer parte de uma banda de outra unidade, o musico de banda da primeira unidade deve ser substituido por um musico de banda da segunda unidade, quando o musico de banda da primeira unidade for chamado para fazer parte de uma banda de outra unidade.

27.º — Qualquer musico militar pode tocar em regimentos, etc., fazendo parte de orquestras e bandas musicas;

28.º — Quando um musico militar de uma unidade for chamado para fazer parte de uma banda de outra unidade, o musico de banda da primeira unidade deve ser substituido por um musico de banda da segunda unidade, quando o musico de banda da primeira unidade for chamado para fazer parte de uma banda de outra unidade.

29.º — Quando um musico militar de uma unidade for chamado para fazer parte de uma banda de outra unidade, o musico de banda da primeira unidade deve ser substituido por um musico de banda da segunda unidade, quando o musico de banda da primeira unidade for chamado para fazer parte de uma banda de outra unidade.

30.º — Quando um musico militar de uma unidade for chamado para fazer parte de uma banda de outra unidade, o musico de banda da primeira unidade deve ser substituido por um musico de banda da segunda unidade, quando o musico de banda da primeira unidade for chamado para fazer parte de uma banda de outra unidade.

31.º — Quando um musico militar de uma unidade for chamado para fazer parte de uma banda de outra unidade, o musico de banda da primeira unidade deve ser substituido por um musico de banda da segunda unidade, quando o musico de banda da primeira unidade for chamado para fazer parte de uma banda de outra unidade.

32.º — Quando um musico militar de uma unidade for chamado para fazer parte de uma banda de outra unidade, o musico de banda da primeira unidade deve ser substituido por um musico de banda da segunda unidade, quando o musico de banda da primeira unidade for chamado para fazer parte de uma banda de outra unidade.



16.º ANO

DEZEMBRO DE 1913

N.º 12

# REVISTA DE INFANTARIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infantaria*

Composição e impressão na tipografia da Cooperativa Militar

---

## A proposito do novo regulamento táctico de infantaria

No n.º 9 da «Revista de Infantaria», de setembro último, um comandante de companhia faz algumas considerações sobre o actual regulamento táctico da arma, nas quais afirma que «esse diplôma não é mais do que o regulamento antigo estragado».

Não fiz parte do grupo de oficiais da comissão técnica de infantaria directamente incumbido da elaboração de tal regulamento, nem de nenhum dêles recebi o encargo de defender a sua obra; permita-me, porém, o meu illustre camarada alguns reparos ás suas considerações, certamente expendidas no intuito de contribuir para os progressos da instrução, e não de amesquinhar o árduo trabalho a que se entregaram oficiais de reconhecido mérito como são os que constituíram aquêlê grupo, notando que esse trabalho foi ainda objecto de minuciosa discussão por parte de toda a comissão.

Começa o autor por encontrar grandes dificuldades na execução do regulamento, todas provenientes da falta de bons chefes de grupo, que nem sempre há-de haver. Não me parece que num recrutamento obrigatório falem indivi-

duos com aptidão e competencia para o desempenho de tais funções, agora que no exército não se encontra apenas, como de antes, o soldado bisonho, rude e analfabêto, que, ainda assim, foi classificado o melhor do mundo pelos mais autorizados capitães.

Creio também que o viver em comum na caserna com os demais camaradas não tirará aos chefes de grupo a indispensável autoridade sobre êstes, quando a sua notável diferenciação intelectual e desenvolvimento obtido na instrução preparatória lha dêem. Demais, não serão de certo as praças escolhidas para essa função as que mais permanecerão na caserna: pelo menos dormem em suas casas e nelas tomam as refeições.

Isto pôsto, vejamos os defeitos apontados nos titulos 1.º e 2.º do Regulamento.

A voz *á vontade* veio substituir a de *descançar* do anterior, que dava ao soldado tão grande latitude que nem sequer o obrigava a fazer o menor movimento, e ao mesmo tempo lhe permitia todos, com excepção do desvio do calcanhar do pé esquerdo. Apontou-se-lhe até o inconveniente do pessimo efeito disciplinar que poderia produzir a completa abstenção de movimento da parte de todas as praças *á voz descansar*.

A não querer conservar as duas vozes, o que, a par de outros conservantismos, viria tornar impossivel a instrução do soldado em 15 semanas, acho preferivel o mandamento *á vontade*, que satisfaz aos dois fins — *descançar* e ficar em liberdade.

E' facil de remediar o inconveniente de cada instrutor decompôr o ensino dos movimentos em tempos segundo o seu critério, se isso é um inconveniente, desde que o director da instrução ou o comandante da companhia de instrução em cada batalhão, assentou, ao formular o programa da proxima semana, na uniformidade dessa decomposição. Mas, salvo melhor opinião, a decomposição em tempos definidos é um processo de ensino identico ao do ensino da leitura, onde, por variadissimos processos, e até sem silabar, se chega ao fim desejado, que é lêr palavras.

Assim, desde que os recrutas vejam o instrutor executar repetidas vezes na sua frente o movimento, ao principio vagarosamente, depois na cadencia devida, acabarão por executá-lo também uniformemente e nessa cadencia.

A supressão do passo lateral não simplificou o ensino tão pouco como á primeira vista parece.

Constituindo êle excepção á regra geral de que todo o passo é iniciado com o pé esquerdo, produzia vacilações quando era executado para a direita. Em virtude da differença de estatura dos recrutas, a grandeza do passo era variadissima, do que resultava chocarem-se uns com outros. E para que a rigorosa uniformidade não fôsse ferida, consumia-se um precioso tempo no ensino dêste passo, que pouco ou nenhum emprêgo tinha. De facto, o que se via vulgarmente nos alinhamentos era recorrer á marcha de costado, se o intervalo a eliminar era grande, e ao celebre — *toca á direita* — se êle era pequeno.

Dizendo o articulista, em principio, que vai analisar os titulos 1.º e 2.º do Regulamento para a instrução táctica, onde não se prescreve a posição de *perfitar-arma*, ignoramos porque se encontra mais adiante criticada. Estava êla preceituada no regulamento provisório, em vigor nas escolas de recrutas de 1912, e foi mandada resuscitar já em 1913, por uma circular. Comtudo, tratarei também dêste ponto.

Acha êle que na adopção de tal movimento houve apenas mudança de nome e de posição, vindo este substituir a de *braço-arma*; e que, se houve o intuito de simplificar e ao mesmo tempo de acabar uma posição de méro cumprimento, preferível seria acabar com ambas. Quanto á primeira parte, não oferece contestação: é positivamente uma mudança de nome e de posição, assim como é inegavel que houve o intuito de simplificar, o que se conseguiu. na propria opinião do articulista, que diz ser mais facil aprender a colocar a arma na posição de *perfilar*.

E não só é mais facil a colocação: tambem a conservação, pois todos sabemos o suplicio que era sustentar a arma no braço durante muito tempo, como sucedia á passagem de um regimento, sobretudo quando de cavalaria ou artilharia, a dificuldade com que se mantinha o cano encostado ao encaixe do ombro e o recurso de enfiar os dedos no guarda-mato, por ser dolorosa a chamada *formação da forquilha*. Nada de isso acontece com o *perfilar-arma*, ao qual se aponta o único defeito de, na marcha, a arma tender a cair para a frente, defeito que bastante se atenua inclinando a arma um pouco para a rétaguarda e de todo não usando dêle para continencia em marcha.

Nestas circunstâncias toda a continência se limitaria a olhar ao flanco. Pois que mais tem levar a arma perfilada do que no ombro, se a posição é a mesma, quer a continência seja prestada a um alferes, quer ao Presidente da República ou à própria Bandeira Nacional?

Foi nessa ideia que os oficiais, que colaboraram no regulamento para a instrução tática de 1912, suprimiram o *perfilar-arma* e quiseram até eliminar o *apresentar-arma*, que, afinal, foi nele incluído por indicação superior. Por aqui se póde ajuizar se havia ou não o decidido propósito de simplificar.

Outro inconveniente apontado vem a ser a impossibilidade de o soldado curvar o braço esquerdo para se alinhar, quando tiver a arma perfilada. Resulta êle ainda do uso da arma nesta posição em marcha e da prescrição de néla a conservar á voz de *alto*, á qual deve alinhar-se: acabe-se com ambas as coisas, ou apenas com a última, e o inconveniente terá desaparecido. Mas, quando se não queira fazê-lo, regulamente-se que o soldado curve o braço direito para alinhar, quando tenha a arma perfilada. Não vejo nisso mal algum, pois o que o braço esquerdo faz, melhor o fará decerto o direito, salvo se o soldado fôr canhoto.

Lá está da mesma maneira o bôrdo inferior do cintuão pronto a receber a chave da mão direita: a única diferença consistirá em ser dispensado de o fazer o chefe de fila da direita em vez de ser o da esquerda. Assim ficaria legalisada a abusiva recomendação de alguns instrutores e o nosso camarada *comandante de companhia* cheio de legitima satisfação por vêr adoptado mais um movimento *direito*, de que tão apologistas se confessa.

Ainda uma observação: quando, para continência final, de antes se marchava uns 20 ou 30 metros com as armas no braço, para, á voz de *alto*, se apresentarem, o braço esquerdo ia bem livre e, no entanto, nunca ninguém viu a necessidade de o mandar curvar para rectificar o alinhamento, prejudicado pela marcha, antes de fazer a continência. Muito menos preciso será fazê-lo, para, em seguida, terminar a continência. Demais, se a continência ao superior presente tem forçosamente de terminar, que termine quando se suspender a marcha para dar lugar ao alinhamento. Desde o momento que isto esteja regulamentado, ninguém terá que o estranhar.

A meu vêr, a posição de *braço-arma*, não é mais bo-

nita, mais elegante e mais militar do que a de *perfilar-arma*: bem ao contrário. Sendo qualquer délas, como é, destinada a continência, o que lhe dá a beleza e a elegancia não é tanto a posição da arma em si propria, como o aprumo, o garbo, o aspecto marcial que o soldado toma ao executá-la; e enquanto êle naquella posição patenteia á vista de quem o contempla uma grosseira e negra cor-reia, a bandoleira, nesta mostra-lhe o cano da arma, o ponto de mira, a alça e a culatra, objectos êstes de aspecto bem mais agradável e nos quais pôde pôr em evidencia o seu zêlo e cuidados pela arma que lhe está entregue.

Se querem apenas uma aparatosa posição da arma, então voltemos ao antigo *apresentar-arma*, com a elevação á altura dos olhos, a pancadinha na bandoleira e os dedos da mão direita cada um em sua situação privativa, que, para ser ensinada ao recruta, exigia um discurso de um quarto de hora.

Não podia o actual regulamento tático ensinar a apresentar arma partindo da posição de *perfilar-arma*, por isso que, como bem diz o nosso camarada, não prescreve esta posição; mas nenhum embaraço se encontrará na execução e muito convirá até regulamentá-la: basta suprimir as duas primeiras linhas do n.º 95 para a obter.

E' um facto que a prescrição de ficarem as duas fileiras de qualquer fracção distanciadas de um metro, teve por fim principal simplificar a passagem á formação de costado a quatro; porém, tem ainda, para efeitos de parada, a enorme vantagem de dispensar o abrir e unir fileiras, que ás vezes esqueciam. Se tem o inconveniente de tornar mais evidente o pouco cuidado no alinhamento da 2.ª fileira, mais digno dê reparo nas marchas em revista, já isso succedia antigamente, visto que, em tais casos, as fileiras se afastavam. Nas marchas táticas, porém, pouco importa que a formação se defôrme. As menores ondulações do terreno bastam para produzir esse efeito, tanto numa como noutra fileira.

Se é uma verdade que para a fileira da rêtaguarda marchar bem precisa ir alinhada, tambem é certo que precisa ir sufficientemente afastada da frente. Que o diga o aumento de distancia entre as fileiras na marcha de costado a dois, que tão grandes alongamentos produz, ainda nas pequenas fracções, não havendo meio de evitar-se.

Entretanto, não vejo razão para que os homens da fileira da rêtaguarda gosem em marcha dêsse privilegio

especial, não cuidando em se alinharem na marcha, como os da frente.

No exército da Servia, que acaba de dar sobejas provas do seu valor, as duas fileiras da sua infantaria estão distanciadas de um 1<sup>m</sup>,03 e, não obstante isso, mostraram bem a sua densidade. Não são milicianos os seus soldados, mas também não são anglo-saxónicos.

Quando, no seu n.º 25, o regulamento ensina a carregar, implicitamente ensina a cruzar a arma; os manejos para inspecção não têm o seu verdadeiro lugar num regulamento táctico, mas sim nas instruções para o manejo da arma. Assim se entendeu, por ocasião de serem distribuídas à infantaria as armas Kropatschek e Mauser-Vergueiro. Então se publicaram instruções com o manejo, funcionamento, modo de armar e desarmar a espingarda, preceitos para a sua limpeza e modo de a apresentar em revista.

Se são estes os únicos defeitos do actual regulamento táctico, são eles bem insignificantes, visto que na sua elaboração se teve principalmente em vista o ensinar o soldado como elemento combatente, e não para fazer serviço de guarnição e transporte em formaturas espectaculosas.

Dezembro de 1913.

G. S.

---

## A instrução técnica dos oficiais

### V

Como se prepara em Espanha o oficial para a guerra

— Os últimos exercícios na Escola Central de Tiro do Exército

Já tivémos ocasião de mostrar a excepcional importância que em Espanha se dá aos fôgos de guerra e apresentámos também um dos programas dos trabalhos executados pelos capitães e subalternos que tomaram parte na instrução prática de tiro, na Escola Central de Tiro do exército espanhol.

Há poucos dias recebemos um relatório muito interessante dos exercícios práticos efectuados este ano, no mês de maio, perante grande numero de comandantes da arma

de infantaria, os quais constaram dos «metodos de instrução de tiro»; «propriedades, efeitos e direcção do fogo de infantaria»; «exercício de direcção do fogo de secção»; ensaios com espingardas automáticas»; «exercícios de fogo de metralhadoras»; «armamento portatil e munições».

Como se sabe, há em Espanha uma Escola Central de Tiro, dividida em secções, onde se estudam os progressos do armamento da infantaria e artilharia, e sobretudo as melhores condições de execução dos fogos de guerra. E' esta a orientação seguida por toda a parte onde há exercitos organizados em harmonia com as exigencias da realidade do campo de batalha.

E este estudo pratico é efectuado não só pelos officiais dos regimentos, na escola de tiro, mas nas escolas de guerra, onde os futuros officiais começam logo no principio de cada ano lectivo por se dedicarem a trabalhos de applicação nos poligonos, em presença do material de guerra adoptado no serviço regimental. Quando o aluno termina o curso e segue para o regimento com o posto de alferes, não encontra novidades no manejo pratico do material. Não se dá em parte alguma o facto único, inqualificavel, do novo official chegar ao regimento sem nunca ter visto fazer fogo uma metralhadora!

Quase todas as escolas de guerra por essa Europa civilisada funcionam junto de um campo de tiro onde os alunos praticam *diariamente*, quer em estudo do material, quer em exercicios de tiro.

E porque motivo não se há de fazer funcionar a Escola de Guerra portuguesa em Mafra, onde se pôde realisar tudo quanto vemos nos outros países, incluindo a nossa visinha Espanha?

E isto é tanto mais viavel, quanto é certo que o aumento de despeza para se conseguir uma tal instalação seria nulo.

O estudo teórico do official tende a simplificar-se cada vez mais, seguindo-se a escola alemã, onde a instrução geral dos officiais é muito limitada. Apenas se desenvolve a instrução técnica num restricto e muito selecto numero de individuos que revelem aptidões especiais durante o tirocinio de 2 anos nos regimentos, após a saída da escola de guerra. Todas as atenções convergem lá fóra cada vez mais para a instrução do tiro, destinando-se para isso verbas colossais para a despeza a fazer com as munições das bôcas de fogo da infantaria.

Mas não suponha algum leitor leigo, que a instrução nos fogos de guerra consiste em o atirador comparecer durante algumas sessões em qualquer carreira de tiro e alcançar aí um diploma de atirador especial, depois de ter quebrado algumas pucaras de barro. O caso é mais complicado: em todos os países os soldados prontos da instrução e depois de terem executado o tiro individual, onde alcançam o seu diploma de atiradores, marcham para os campos de tiro com os graduados, onde executam os fogos com as bôcas de fogo ou com as espingardas, nas condições mais analogas possiveis ás do combate.

Assim se consegue familiarisar o soldado e graduados com o cálculo de apreciação de distâncias, vulnerabilidade de formações, efeitos dos fogos razantes, indirectos, etc. E como quase toda a gente se preocupa com o que dizem os que assistiram ás ultimas campanhas, ácerca da perturbação do atirador nos campos de batalha, pois é verdadeiramente pasmosa a alucinação que todos sentem em frente do inimigo, por isso se compreende a necessidade de educar quanto possivel o soldado no tiro colectivo, realisado nas escolas práticas. Mas essa prática é ainda muito mais indispensável para os quadros que tem de se habituar ao manejo dos telémetros, á apreciação immediata das distâncias á simples vista, e á adoção das formações que apresentem maior ou menor vulnerabilidade, em harmonia com o terreno occupado.

E' por isso que a Espanha não deixa, todos os anos, de chamar o maximo número de officiaes á prática do tiro, sobretudo comandantes de pequenas e de grandes unidades.

E para se conseguir a execução do programa há muito traçado, foi publicada a circular de 13 de maio do corrente ano, que determinou o seguinte:

«Em vista do estabelecido no regulamento organico da Escola Central de Tiro do Exército, El-Rei resolveu no presente ano, que a terceira secção da referida Escola verifique uma serie de exercicios práticos «informativos», devendo obedecer ás seguintes bases:

1.<sup>a</sup> Desenvolver-se há, no mês de maio, no campo de Carabanchel, o programa que a seguir se insere, para o que o Capitão General da primeira região autorisará á alludida 3.<sup>a</sup> secção, nos dias e horas determinados na proposta do general da mencionada Escola.

2.<sup>a</sup> Para a execução dos exercicios aquéla autoridade providenciará para que no dia 2 de maio se encorporem no efectivo da Escola Central de Tiro as forças seguintes: uma companhia de infantaria, composta de um capitão, três tenentes e 120 soldados; um grupo de metralhadoras, com todo o seu pessoal, gado e material.

3.<sup>a</sup> Para assistirem aos exercicios práticos «informativos» cada capitão general da região e o comandante general de Melilla, designarão os comandantes da escala activa de infantaria que não tenham assistido nos anos anteriores a algum outro curso da 3.<sup>a</sup> secção da Escola Central de Tiro de Infantaria. Além disso será nomeado um comandante, professor da Academia de infantaria, para assistir e auxiliar os mesmos exercicios.

4.<sup>a</sup> Poderão assistir tambem todos os comandantes da arma de infantaria que desejem, e residam em Madrid.

5.<sup>a</sup> As mencionadas autoridades, com a devida oportunidade, farão expedir as guias aos comandantes, a fim de que se apresentem na Escola de Tiro no principio de maio.

6.<sup>a</sup> Os mesmos comandantes ficam autorizados a comparecer com os ajudantes, fazendo-se acompanhar das montadas. Efectuarão por conta do Estado as viagens em caminho de ferro ou por via maritima, devendo receber os subsídios regulamentares.

7.<sup>a</sup> A todo o gado será distribuida de manhã uma ração extraordinária.

8.<sup>a</sup> Os transportes de Madrid ao acampamento de Carabanchel e vice-versa, que sejam necessários para a realisação dos exercicios, são abonados por conta do Estado.

9.<sup>a</sup> Para as despesas feitas com o material empregado nos alvos, experiencias, programas, a Intendencia Geral militar consignará 2.500 pesetas.

10.<sup>a</sup> Se, por motivo de máu tempo ou outra eventualidade, não se realisarem os exercicios, o capitão general da primeira região transmitirá as necessárias instruções.»

*Luque.*

## PROGRAMA

1.<sup>o</sup> Exposição do método regulamentar para educar e instruir o atirador no fogo de espingarda.

2.<sup>o</sup> Exposição do método regulamentar para educar e instruir o atirador no fogo da metralhadora.

- 3.º Leis gerais da dispersão no tiro colectivo.
- 4.º Diversas classes de fogo e sua comparação.
- 5.º Influência do terreno nos efeitos do fogo.
- 6.º Tiro fixante e razante,
- 7.º Vulnerabilidade das formações.
- 8.º Influência da alça nos efeitos do fogo.
- 9.º Correção do tiro.
- 10.º Comparação dos resultados entre o fogo individual e colectivo.
- 11.º Desenvolvimento de um exercício de conjunto de secção.
- 12.º Desenvolvimento de um exercício de conjunto de companhia.
- 13.º Direcção e emprego do fogo das metralhadoras no combate.
- 14.º Desenvolvimento de um exercício de conjunto de batalhão.
- 15.º Visita aos gabinetes da Escola.
- 16.º Reconhecimento do armamento e munições regulamentares.
- 17.º Armas automáticas.

Madrid, 13 de março de 1913.

*Luque.*

No dia em que começaram os exercícios, o general comandante da Escola, o sr. D. Gonçalo Carvajal, pronunciou um brilhante discurso no campo de Carabanchel, desenvolvendo a tésede que a força é vencida pela arte, e que nada se consegue na guerra sem uma longa e meditada preparação.

Pela citação de cada um desses numeros do programma, se vê a extraordinária importancia de tais exercícios, que decorreram de forma a obter-se o maximo aproveitamento, como se vê do relatório que temos em nosso poder e do qual extrairemos algumas conclusões das que convém fazer acentuar, para pôr em evidência a eficácia do fogo da metralhadora e a importancia suprema da infantaria no combate.

C. S.



## Equipamento <sup>m</sup>/912 da Infantaria

Em 1908, a casa ingleza Mill's apresentou ao governo português um modelo de equipamento em tãla verde para o soldado de infantaria. Sôbre este modelo fizeram-se vários estudos, em infantaria n.º 1, caçadores n.º 5 e Escola Prática de Infantaria, não tendo, contudo, a comissão de aperfeiçoamento da arma dado sôbre o equipamento parecer algum, favoravel ou desfavoravel, calculâmos que por entender nada poder assentar com dois ou três modêlos, pois mais não foram os que a esse tempo apresentaram os representantes inglêes no nosso país.

Em 1911, a comissão de aperfeiçoamento aprova o equipamento, introduzindo-lhe umas ligeiras modificações, entre as quais a adaptação de uns francaletes na mochila para a poder adaptar a trazer o capote exteriormente, e não interiormente como lhe era destinado. Nêsse mesmo ano foi feito um contracto com a casa Mill's em que o nosso governo adquiria de aquela casa 25.000 equipamentos e as máquinas necessárias para o fabrico em Portugal de futuros equipamentos, para os quais a casa Mill's apenas fornecerá a materia prima.

Os 25.000 equipamentos vieram para Portugal e nêsse mesmo ano se fez com êles a primeira experiência, equipando o batalhão de caçadores n.º 2, que marchou para a fronteira, e que, procedendo a um minucioso estudo, elaborou relatorios que, sendo presentes á actual comissão técnica, deram lugar a uma série de estudos, de que resultou o equipamento ser quase todo modificado.

Em agosto de 1912 procedeu-se a uma marcha de experiência, para a qual um pelotão, saindo da escola de

tiro, percorreu em marcha itinerária perto de 400 kilometros pela via ordinaria, voltando a Mafra 20 dias depois.

Nessa marcha verificou-se estar o equipamento apto ao nosso serviço, depois de umas modificações muito ligeiras que ainda foi necessario introduzir-lhe.

Em outubro de 1912 apresentou a comissão técnica o equipamento devidamente estudado, juntamente com o seu parecer, que mereceu a aprovação ministerial.

Equipamento M/912 da infantaria

\* \*

O equipamento da infantaria m/912 consta de equipamento para oficial e equipamento para praças de pré.

O equipamento de oficial é único, podendo adaptar-se, por simples supressão de 2 peças, a oficial apeado ou a oficial montado.

O equipamento de oficial montado consta de cinturão, suspensorios, cantil, caixa de binoculo, estôjo de pistola, cartucheira e porta-espada. O equipamento de oficial apeado tem a mais o bernal e uma suspensão especial para o transporte do capote.

Por princípio de construção, todas as peças do equipamento estão seguras ao cinturão, e éste, por intermédio dos suspensorios, preso aos ombros; o official desequipar-se há de uma só operação, podendo marchar com o cinturão desapertado, sem que nenhuma peça se desligue do cinturão.

Este equipamento é livre, muitissimo comodo e fabricado em téla verde, igual á do equipamento das praças.

Sôbre a duração do equipamento abstemo-nos de falar, pois não tendo até hoje sido feitas, que nos conste, experiências nêsse sentido, só a prática do seu uso nos poderá fornecer dados seguros sôbre tal assunto.

O equipamento das praças de pré é muito analogo, no seu todo, ao equipamento do official. Em campanha, e já a curta distância, será bem difficil distinguir o official do soldado, pelos equipamentos, no seu todo confundi-veis.

A teoria da suspensão do equipamento das praças é a mesma do official; um cinturão e uns suspensorios formam o esqueleto do equipamento, e a êles estão seguras

todas as peças: mochila, porta-cartuchos, bornal, cantil, sabre e ferramenta portatil.

A marmitta, totalmente diferente da marmitta <sup>m/</sup> é um dos bons melhoramentos para o soldado em campanha. De ferro estanhado, comoda, prática e de facil lavagem, é transportada envolvida em uma capa de pano, da côr do equipamento, segura á mochila por um francalete.

Ainda neste novo equipamento nos aparece mais uma novidade, nascida da prática havida nas últimas manobras: é a substituição das estacas de madeira por pré-gos de ferro, transportados em numero de dois por cada praça.

Muito mais haveria a dizer sôbre este equipamento, mas aguardamos a publicação do seu regulamento para oportunamente, com mais detalhes, nos referirmos ao nosso infante em campanha.

---

## A tracção canina nas metralhadoras

---

O problema do transporte das metralhadoras mereceu a atenção especial do distincto tenente de carabineiros belga, com o curso do estado maior, Henri Blancgarin, vindo este a solucioná-lo de um modo curioso e inesperado, qual foi o de utilizar os cães como animais de tiro para as ditas armas.

O tenente Blancgarin fez montar cada metralhadora sôbre um par de rodas de bicicletas, e empregou dois cães para a respectiva tracção, realisando várias experiências, coroadas do melhor êxito, vindo o sistema a ser finalmente adoptado pelo ministerio da guerra belga.

Os animais são robustos e notavelmente resistentes e mansos, duma raça especial que a gente dos campos geralmente atréla aos seus pequenos carros e carroças, particularmente para o transporte de todos os productos agricolas a negociar nas feiras e mercados.

Sôbre estes molôssos fez o referido tenente um meticoloso estudo prévio, publicando um belo folheto a tal respeito, em que faz a mais ampla comparação entre o

rendimento do trabalho dêstes animais e o dos solípedes geralmente empregados para o transporte rodado.

Os cães foram empregados em experiencia decisiva, nas grandes manobras ultimamente realizadas nos arredores de Bruxélas, tendo alcançado o mais perfeito e concludente resultado.

Como a essas experiências se refere a *Vie Militaire*, belga, de 5 de Outubro último, um numero exclusivamente consagrado ás ditas manobras, abaixo damos o artigo traduzido, aproveitando a ocasião para mais uma vez felicitar-mos o joven e insinuante official, que nos distingue com a sua muito apreciavel amizade, pela sua inovação feliz, exortando-o a que continue a pôr o seu formoso talento ao serviço dos progressos do exército.

A sua cooperação nas grandes manobras foi um successo, um enorme successo, podendo-se os belgas orgulhar de terem sido os primeiros a empregar o cão de tiro, no exército, para o transporte dèssas armas terríveis que são as metralhadoras, embora tão pequenas e de aspecto tão pouco assustador.

Os valentes molóssos já tinham sido apreciados durante as experiências nos campos próximos de Bruxélas; e quando êles passavam, puxando sem fadiga as suas pequenas viaturas montadas sôbre rodas de bicicletas, toda a gente parava surpreendida e admirada, seguindo com a vista por muito tempo a pequena coluna, que marchava na melhor ordem, os cães dóceis e silenciosos conservando as distâncias de viatura a viatura e parecendo terem a consciencia do papel que desempenhavam.

Mas, embora êles se portassem assim galhardamente nos exercicios de todos os dias, como se portariam nas manobras, cujas circunstâncias especiais lhes seriam perfeitamente novas? O que aconteceria durante as marchas de colunas de todas as armas, durante as longas paragens forçadas, entre a multidão e no meio de todos os incidentes da vida de campanha nos acantonamentos?...

As últimas provas de resistencia, em Bruxélas, tinham consistido em três étapes consecutivas vencendo um total de 122 quilómetros.

A comissão encarregada das experiências tinha as melhores esperanças do perfeito êxito, mas êste é que restava obter.

A companhia de metralhadôras com tracção canina foi adstricta, durante as manobras, a um regimento do partido vermelho (3.<sup>a</sup> Divisão do Exército), e entrou na coluna de marcha em 27 de Agôsto, no ponto de concentraçào do dito partido.

Já tinhamos tido occasião de fazer notar, noutro artigo de *La Vie Militaire*, que o cão de tiro de guerra se aloja e se sustenta com a maior facilidade: para alojamento, pôde dizer-se que tudo é bom para êle, bastando-lhe o espaço deixado pelos homens e pelos caválos; e para sustento, basta-lhe um pouco de pão ou biscoito, agua e ossos e restos de carnes. Chegando á étape encontra logo o seu rancho, come e dorme sem causar estôrvo, preocupações ou incómodo a ninguem.

No acampamento em Marche não ocorreu dificuldade alguma.

No dia seguinte começaram as manobras.

Desde o primeiro dia se pôde verificar que a prova das longas marchas em colunas de todas as armas nos seria concludentemente favoravel.

Os trinta quilómetros da primeira étape, na direcção — Meuse, Marche — Sorinne — tóram percorridos sem incidentes: e todavia o calor era sufocante.

Detalhe enternecedor: — os condutores tinham tido o cuidado de cobrir as cabeças dos seus *fieis amigos*, com folhagens, para os perseverarem contra os ardentes raios solares.

O dia 29 imporia outra prova diferente: tratava-se de atravessar o Meuse com as tropas dos primeiros escalões carregados para ocuparem a margem esquerda e protegerem a construcção de uma ponte de barcos e a passagem do grosso do partido. Os primeiros escalões deviam passar em barcos. Os cães prestar-se-iam dócilmente a esta manobra de natureza tão particular?

Chegados á margem do rio são desengatados, as metralhadôras passam para os barcos, e, ao chamamento dos seus condutores, os bravos animais saltam para as embarcações, fazendo-se as operações em sentido inverso na outra margem, com o mesmo êxito e causando espanto à multidão que ali acorreu para disfrutar êste espectáculo novo e tão interessante.

A multidão em nada inquieta os nossos molossos, que a êla se manifestam perfeitamente indiferentes. Uma vez desembarcados, êles oferecem-se, aos pares, para serem

novamente engatados, e alguns segundos depois ei-los que partem, trepando com bÉlo passo as escarpadas encostas da margem esquerda do rio, sem um latÍdo, sem uma hesitação, e, cousa singular, sem os condutores nunca lhes falrem: homens e cães avançam deprssa e sem barulho.

Repito: o spectaculo é impressionante.

Chega a prova do combate. Já não será marcha de estrada: será forçoso atravessar tudo, trepar taludes, descer ásperos declives, transpôr lavouras, campos de beterraba, ceras ainda em p, restlhos aguçados; será preciso dissimular-se nos bosques, atravessar silvdos, moitas espinhsas. Nada detem os cães. Por onde os condutores passam êles passam tambem. Parece que não sentem os restlhos, nem os espinhos, nem as silvas. Como prova, isto é decisivo, pois todas as dificuldades são vencidas, e, o que é melhor, essas dificuldades até parece não existirem.

E no combate? E no fgo?

A grande qualidade da tracção canina, já o dissémos num numero antecedente, é a *invisibilidade* quase completa até distâncias relativamente pequenas.

A's vezes é necessário chegar até muito perto do inimigo, não se podendo marchar a coberto. Então avança-se por lanços, rastejando quse a confundir-se com o terreno. Pois ainda nisto se pde notar a docilidade e a inteligencia dos cães, os quais, como é absolutamente necessário, guardam sempre o mais perfeito silencio.

A um certo sinal, as parelhas deitam-se e os condutores vo de rastos até os pontos escolhidos; a outro sinal, os cães levantam-se e reúnem-se rapidamente aos homens, parando e deitando-se ao p dêles sem necessidade de nenhuma voz ou novo sinal. E' bÉlo! A pena traduz mal a impressão recebida!

Poderão dizer-me: «O cão tem coração, gosta de correr e de saltar. Mas poderá le ficar sempre quieto e silencioso, e a sua impaciencia por ficar num certo sítio não se manifestar por movimentos desordenados, por latÍdos, quando aquéla estada seja bastante prolongada?»

Nada disso. Deu-se o caso de, nas posições de vigilância, os cães e os homens permanecerem dez horas no mesmo ponto: pois nem um movimento, nem um latÍdo que denunciasse a presença dos animais.

Resultado magnÍfico dum trabalho incessante dos ofi-

ciais e soldados que justamente se podem ufanar pelo êxito alcançado.

Em Temploux, o rei dignou-se de mostrar a sua benevolente atenção para estas parelhas.

Durante o desfilar, o público aplaudiu calorosamente a passagem da companhia, manifestando assim a sua satisfação por tornar a vêr os nossos carabineiros, as metralhadoras e os seus valentes animais que tantas vezes tinha admirado durante êstes dez dias.

Após as manobras a matilha ingressou em Bruxélas em melhor estado do que antes da partida.

A vida ardente ao ar livre tinha-ihe causado o melhor dos bens. Outro tanto não sucedia aos caválos.

Os officiaes e soldados de todas as armas não estavam menos ávidos e entusiasmados que o público ao verem os serviços prestados pelos excellentes cães, dos quais se havia falado tão lisongeiramente.

Todos ficaram encantados e não faltaram elogios para êstes tão uteis auxiliares. Cavaleiros, infantes, artilheiros, estão entusiasmados pelo concurso que as metralhadoras com tracção canina lhes poderão prestar nos momentos mais críticos do combate.

A experiência das manobras é pois concludente a todos os respeito: a adopção da tracção canina para as nossas metralhadoras é coisa feita.

Soltêmos um bravo ao simpático major adjunto do estado maior Deloble, presidente da comissão, e aos officiaes da companhia: comandante Gateau e tenentes Blancgarin (preconizador do sistema) Thirifay e Vandeputte, que, mercê de uma dedicação e ciencia dignas da nossa admiração, realisaram a perfeita *dressage* do nosso cão de guerra.

VULGUM



## A S. Ex.<sup>as</sup> os Ministros da Guerra e da Marinha

(A propósito duma consulta á «Revista»)

Na respectiva secção desta Revista entrou uma pergunta interessante que merece ficar arquivada, bem como a resposta, visto representar um assunto que nos deve merecer um pouco de atenção.

Eil-a :

— «Qual o diplôma que regula as pensões a conceder aos militares que se impossibilitem por motivo de desastre ocorrido em serviço, e ás familias dos que falecerem igualmente por motivo de desastre em serviço ?

— Qual a natureza dessa pensão ?

— Documentos precisos ?

— Tramites a seguir ?

— Tempo que leva a resolver ? »

A resposta dada foi a seguinte :

«O diplôma regulador para o continente é a carta de lei de 12 de junho, publicado na O. E. n.º 8 (1.ª serie) de 1901 — pag. 95 — a qual, por seu turno, nos conduz á pag. 17 das O. E. de 1827; e, para as colonias, é o D. de 15 de novembro de 1908, que considera os mesmos casos da legislação para o continente e mais o falecimento por motivo de molestia adquirida em serviço.»

Portanto, tratando-se do caso da pensão de sangue relativo a um individuo morto nas colonias, o consulente

ficará devidamente elucidado para qualquer outra circunstância.

Documentos necessários:

1.º Atestado comprovativo da causa da morte (passado pelo comandante, etc.)

2.º Certidão de casamento ou de idade (se fôr filha).

3.º Atestado do medico que o tratou (se morreu de molestia).

Tramites a seguir:

Estações: se fôr nas colonias.

1.º O processo é organizado na 5.ª repartição da direcção geral das colonias.

2.º Vai em seguida para a repartição de contabilidade.

3.º Vai depois á Procuradoria Geral da República.

4.º Volta á repartição da contabilidade do ministerio das colonias.

5.º Vai ao Supremo Tribunal Administrativo.

6.º Volta à estação de origem na repartição da contabilidade do ministerio das colonias.

7.º Vai ao Supremo Tribunal de Justiça Militar.

8.º Volta á repartição de contabilidade do ministerio das colonias.

9.º Vai á repartição competente do ministerio das Finanças.

10.º Vai ao Supremo Conselho Financeiro do Estado.

11.º Volta finalmente... ao ministerio das Finanças.

Todas estas *démarches* demoram uma infinidade de tempo!... o suficiente para nossas viúvas ou filhas morrerem de fome, o que com franqueza não é nada convidativo.

Para um caso identico sucedido no continente os tramites são identicos, tendo-se em atenção que em lugar da 1.ª repartição de origem ser o Ministerio da Marinha passa a ser o Ministério da Guerra.

Orá pela resposta dada á referida pergunta. verifica-se quão inferior é a situação do militar em serviço efectivo, pois que o proprio operario, actualmente, está sob uma legislação protectora, bem mais humanitaria do que a que nos applicam a nós.

Para a nossa classe, se este estado de coisas se não

modifica, torna-se muito dolorosa aquela enervante situação, prejudicial ao bom cumprimento dos nossos deveres militares e, portanto, á boa disciplina do exército.

Duplamente heroico se torna o nosso esforço quando, entrando em serviço de manutenção de ordem publica, o fazemos, sabedores de que, em caso de acidente mortal, teremos por um ano ou mais a nossa familia sem pão, á espera que se resolva o pedido da pensão de sangue, que deverá apresentar, por ser pobre.

E até então de que viverá ella? Da pensão do Monte-pio Oficial? Esta é exigua, principalmente se o militar, sendo official, morre com menos de 10 anos de sócio na referida instituição; se é praça de pré, ainda pior, porque nem monte-pio tem, o que tambem acontece a bastantes officiais.

Portanto, não vivendo dos auxilios de um monte-pio, não tendo herdado bens de fortuna do seu falecido marido, visto os vencimentos militares serem destinados ao *jour à jour*, ella só tem o triste recurso de abrir subscrições pelos quartéis, e de se socorrer do auxilio dos camaradas do defuncto, ou então morrer por falta de recursos.

Ora, ex.<sup>mos</sup> ministros, v. ex.<sup>as</sup>, com a autoridade que os caracteriza, com o amor que professam ás instituições de que são dignos chefes, fazendo parte do agrupamento que promulgou a lei dos accidentes do trabalho e respectivo regulamento, não poderão ficar insensiveis á nossa tão triste situação, e com certeza farão elaborar uma nova lei, clara, positiva, facilitando uma solução rápida a tão momentoso como delicado assunto, que tanto influe no valor moral das tropas.

E, depois, lembremo-nos que na campanha moderna é a coragem firme e individual o que se exige, desde o mais graduado elemento até ao mais modesto soldado; e, néla, temos de proceder por uma fórma serena, que se traduz em «esperar estoicamente a morte no silencio reflectido das fileiras e dominar a loucura dos nervos sob o esforço de uma vontade implacavel», como habitualmente se diz, e, realmente, se deverá fazer.

E para que essa reflexão tenha lugar e essa vontade se exerça, torna-se necessário que a nossa inspiração patriótica não desfaleça um ápice que seja, pela acção desoladora do quadro, traçado ao de leve, da familia sem pão, da familia sem amparo, por instantes que seja, pois, como

diz Alexandre Herculano, são os affectos de familia os mais puros e santos.

Torna-se necessário modificar as praxes burocráticas que impendem por um modo tão pernicioso sôbre a *pensão de sangue*, reduzindo-as ao mínimo, não só em tempo como em trabalho, de fôrma que o *regime dos empatas* se torne numa expressão vã, em virtude da nova era que atravessamos, de progresso e prosperidades.

E desta maneira a disposição anterior ás O. E. de 1827 que mandava seguir á Procuradoria o processo de pensão de sangue e exigia o parecer favoravel das repartições administrativas das secretarias de Estado deverá manter-se, modificando-a salutarmente de sorte que os processos indicados se resolvam rãpidamente, a fim de se evitar privações ás suplicantes familias dos mesmos officiais.

E, como alvitre, lembrariamos a vantagem de se criar no Monte-pio Oficial uma especie de *Procuradoria* onde as familias dos interessados obtivessem as necessãrias informações, ensinos e verdadeiros auxilios para se encaminharem quer no caso presente, quer para obter os soldos dos chefes falecidos, quer mesmo para as proprias pensões do monte-pio, etc.

Eis em resumo o que nos suscitou a consulta presente e temos a certeza, mais uma vez afirmãmos, que Suas Ex.<sup>as</sup> os Ministros da Guerra e da Marinha procurarão resolver de frente tão simples quão delicado problema.

Para terminar tão longo artigo, inserimos uma circular comprovativa da exposiçãõ apresentada, por cõpia.

Eil-a :

Ex.<sup>mos</sup> camaradas.

A viuva do infeliz alferes massacrado em Camalanga, em 14 de março do corrente ano, estã, desde essa data, esperando que lhe seja concedida a pensãõ de sangue, rodeada de 5 filhinhos a pedirem-lhe pão, que eia não tem para lhes dar.

Na ocasiãõ lembrou-se a corporaçãõ dos sargentos do regimento de infantaria 16, onde o infortunado alferes pertenceu como sargento-ajudante, de abrir uma subscriçãõ a favor da viuva e filhinhos; mas o dinheiro angariado acabou-se, a *pensãõ estã demorada*, e a pobre viuva e filhos não têm que comer nem dinheiro para pagar a

renda da casa: por isso, ex.<sup>mos</sup> camaradas, vos pedimos vos subscrevais com qualquer quantia para aquêles entes não morrerem de fome.

Antecipadamente agradeçemos em nome da viuva e pedimos que as quantias com que se dignarem subscrever sejam enviadas para a comissão (5.<sup>a</sup> repartição do Ministerio das Colonias). Lisboa, 28 de Outubro de 1913.  
(a) A comissão — *Narciso Segurado Acheman*, major de infantaria; *José Maria Martinho*, capitão de infantaria; *Antonio Bernardo Gonçalves*, capitão de infantaria.

Ex.<sup>mos</sup> Ministros da Guerra e da Marinha: como este caso muitos outros semelhantes se estão dando no actual momento.

---

## Serviços sanitários em campanha

**Importantes conclusões tiradas da guerra dos Balkans**  
— Nota-se que é cada vez maior a importância do penso individual.

Os serviços sanitários do exército são aquêles que entre nós se encontram mais falhos de recursos. Mas se é enorme a despesa a fazer para adquirir o material de absoluta necessidade para a mobilisação, talvez fôsse possível comprar algum material que tem de ser empregado na instrução diaria das tropas, para cujos serviços teem todos de estar suficientemente habilitados. Vamos tratar de uma das pequenas gotas de agua que é preciso verter sôbre o grande oceano das colossais necessidades da defêsa nacional, para a qual, segundo os cálculos já feitos por pessoas competentes, se torna indispensável dispendêr a importante quantia de vinte milhões de escudos. E' necessária, urgentissima a compra de material para os hospitais de sangue, para as colunas de transportes de feridos; colunas de hospitalisação; tendas para os hospitais de sangue; esterilizadores para a agua; carros sanitários etc. Mas se há material que se torna necessária a sua falta são incontestavelmente os pensos individuais, para se poder ministrar a instrução ás praças no serviço de

colocação de pensos; cuja importância é cada vez maior nas guerras modernas, atendendo á natureza dos ferimentos causados pelas armas de fogo, actualmente empregadas.

Na actual guerra dos Balkans viu-se mais uma vez que a falta de profilaxia e de material sanitário fizeram com que houvesse diminuição nos efectivos turcos; mas o emprego dos pensos individuais nas tropas aliadas evitaram as graves complicações, que em geral costumam causar tantos estragos.

Estas pequenas coisas são de uma extraordinária importância na máquina militar, cujas peças têm de funcionar com a mais perfeita montagem, sem que o mais insignificante grão de areia lhes perturbe a precisão dos seus movimentos. Não é admissível ver passar á reserva contingentes sucessivos sem que tenham sido instruídos na colocação e manejo dos utensílios que constituem o penso individual. E' preciso que se atenda a esta importante questão, que não póde ser melhor tratada do que foi no trabalho que o illustre general medico do exército brasileiro sr. dr. Afonso Faustino, publica num dos últimos numeros do *Boletim Mensal do Estado Maior* daquelle exército e donde com a devida vénia extraímos as notas que a seguir publicamos:

«A última campanha da Italia e a dos Balkans despertaram a atenção dos médicos militares estrangeiros, principalmente no que pertence á cirurgia de guerra.

O Dr. Montprofit, professor de clinica cirurgica na Escola de Medicina d'Angers, encarregado pela Cruz Vermelha grega da organização cirurgica dos hospitais de Salónica e um dos melhores cirurgiões francêses, enviou á Academia de Medicina de Paris uma comunicação relativa á cirurgia de guerra nos Balkans. Este cirurgião estudou de perto os feridos de Salónica, de Uskub e de Belgrado.

Nesse trabalho foi acompanhado pelo Dr. Gruet, médico chefe do exército, e o Dr. Nicoletis, médico de origem grega, que exerce a clinica em Paris. As observações pessoais são completadas por um grande numero de factos recolhidos por cirurgiões francêses, belgas, gregos, servios e bohemios que passaram dois ou três menses nos campos de batalha. As conclusões que vão ser lidas são baseadas em milhares de observações. Elas são muito instrutivas; merecem ser meditadas com muita atenção

por aquêles que talvez um dia sejam chamados para organizar serviços de higiene em campanha e cirurgia de guerra.

O professor Montprofit julga que, com uma sólida organização, uma preparação cuidadosa e metódica, um pessoal exactamente instruído para a sua missão é possível evitar aos feridos a maior parte das complicações que, por ocasião das ultimas guerras, causaram tantos estragos.

O primeiro e principal elemento de salvação é o *curativo immediato da ferida, praticado no campo de batalha ou proximo a êste, de modo tão rigorosamente aseptico quanto fôr possível.*

Cada soldado francês possui um pequeno pacote de curativo individual muito bem organizado, cuja utilidade é evidente e do qual os soldados se não devem separar, sob pena de sérias consequências pessoais.

As tropas gregas estavam munidas do mesmo pacote de curativo, pois nêsse país a organização militar era toda francêsa: canhões e o material cirurgico. E assim como a missão militar, dirigida pelo general Eydoux, exerceu sobre os corpos combatentes a influencia a mais feliz, do mesmo modo a impulsão enérgica dada pelo Dr. Arnaud, director do serviço de saude, deu resultados maravilhosos, graças á actividade do nosso compatriota e os exércitos gregos possuíam todo o material necessário e os feridos foram tratados em muito boas condições.

O professor Montprofit insiste sobre os serviços que presta o curativo individual e escreve: é muito importante fazer penetrar no público militar a idéa que o soldado que desperdiça, abandona ou destróe o seu curativo individual, assemelha-se a um passageiro que, encontrando em seu camarote um cinto de salvação, o arremessa ao mar.

Do lado turco não se fez grande uso do pacote individual; os sérvios e gregos, ao contrário, graças ás recomendações reiteradas que lhes fôram feitas, obtiveram com êle grandes resultados: muitos dos feridos curavam-se por si mesmo; quando muito, a applicação da atadura aseptica era lhes feita por um médico, um padioleiro, pelo official ou interior que estivesse mais proximo.

O Dr. Montprofit observou, pela acção do curativo individual com ou sem applicação isolada, a cura por primeira intensão das piores feridas, feridas transvetsais dos membros, peito, abdomen e do crâneo.

A primeira condição de salvação baseia-se no emprêgo judicioso do curativo individual; a segunda consiste, por parte dos cirurgiões, na obtenção absoluta de toda e qualquer manobra de exploração, investigações, pesquisas, aplicação de tampões no trajecto dos projecteis. Tudo o que não fôr de urgência absoluta deve ser suprimido: e esta a grande regra de abstenção e vigilancia expectante que tão sábiamente recomendava o professor Delorme em seu discurso de abertura no último congresso de cirurgia. Tudo o que foi observado no decurso da guerra dos Balkans veio confirmar as suas lições.

Quanto ao que diz respeito á gravidade das diversas feridas, as verificações iôram inteiramente diferentes do lado do exército turco e dos aliâdos.

No lado dos búlgaros e sérvios, 80<sup>0</sup>/<sub>0</sub> das feridas eram causadas pelo fuzil de guerra, 15<sup>0</sup>/<sub>0</sub> sómente pelos schrapnells, 5<sup>0</sup>/<sub>0</sub> por arma branca.

Do lado turco, conforme verificou o eminente professor Depage, de Bruxellas, notou-se 10<sup>0</sup>/<sub>0</sub> por arma branca, 10<sup>0</sup>/<sub>0</sub> pelo fuzil e 80<sup>0</sup>/<sub>0</sub> pelo schrapnells.

Os ferimentos causados pelo canhão francês fôram não só mais numerosos, como muito graves: esmagamentos dos ossos, dilaceração dos tecidos, esmagamentos do thorax e do crâneo.

O excelente professor Depage ficou tão impressionado por toda esta devastação que em Constantinopla tomou a iniciativa de um movimento de protesto contra tais armas. E o autor do artigo (Dr. Horace Blauchon) francês, exclama: mas, finalmente, se algum dia tivermos nos campos de batalha a inferioridade numérica, é preciso que os nossos agressôres saibam bem que, para nos defender, possuímos armas terríveis, sem prejuizo da coragem legendária dos nossos soldados.

Em suma, resulta da comunicação verdadeiramente capital do professor Montprofit um certo número de noções adquiridas e muito consoladôras para os francezes. Não só fornecerão aos aliâdos armas de primeira ordem e métodos de guerra excelentes, mas ainda uma organização médica que se pôde bem qualificar de maravilhôsa. Demais, o pacote de curativo holandês de Hutermohlen, deu no serviço sanitario dos sérvios e búlgaros tão bom resultado, como nos gregos o pacote do curativo francês.

E, certamente, é consolador saber que, graças a êste pequeno pacote de curativo e ao método de abstenção

adoptado pelos médicos militares francêss, o número das complicações infecciosas graves e das conseqüências más das feridas ficou reduzido além de toda expectativa.

A alegria da vitória para isso tambem influiu porquanto o efeito moral, em tais casos, é consideravel e se compreende que o eminente cirurgião, concluindo, pudesse exclamar: «Assim pudéssemos fazer um dia a cirurgia sómente com um exército vitoriôso!»

O sucesso da comissão do professor Montprofit foi muito grande. Ela determinou uma discussão em que tomáram parte Delorme, Pozzi e Paul Reclus».

Pelo que acaba de ser expôsto se vê claramente o que pôde succeder a um exército que não está dotado com o material necessário para que o soldado seja instruido na prática da colocação dos pensos individuais.

D.<sup>o</sup> X.



## O exército francês

### O AUMENTO DE SOLDADO AOS OFICIAIS

Toda a imprensa francêssa se tem preocupado há algum tempo com a miseravel situação economica dos officiaes do exército e esta questão é tão alarmante, que o parlamento francês se viu obrigado a aprovar com toda a urgência uma proposta de lei para acudir a um tal estado que originava um *deficit* enorme no preenchimento das vacaturas ocorridas nos diferentes postos da hierarquia de subalternos e capitães. E compreende-se que, em face das exigências do serviço militar e da existência atribulada do official do exército, que não tem tempo para dedicar a sua atenção a qualquer assunto por onde possa ganhar algum dinheiro para fazer face aos encargos da vida, uma grande

parte abandone o serviço militar para ir procurar nos grandes centros industriais e comerciais um emprêgo que, além de ser mais lucrativo, dá probabilidades de constituir uma pequena fortuna.

Assim notamos que o oficial francês e alemão, habilitados com os cursos técnicos, encontram facilmente colocação nas fábricas e abandonam com freqüência o serviço militar. E assim também se vê que é em França cada vez menor o número de individuos que se entusiasmam pela carreira das armas, de onde resulta que os governos se vêem em sérios embaraços para preencherem as vacaturas dos postos subalternos. Há pouco tempo, um oficial com quem conversámos na guarnição de Paris nos apresentava a seguinte tabéla muito elucidativa, para se vêr como se tornava impossivel a vida de um capitão, com o soldo que percebia do Estado, no caso de ser casado e ter dois filhos:

Despesa com a renda de casa e contribuições.	100 francos
Alimentação, não incluindo uma <i>bone</i> para as creanças . . . . .	250 francos
Vestuário para quatro pessoas . . . . .	50 >
Cotas do <i>cercle militaire</i> e biblioteca . . . . .	3 >
Impedido . . . . .	9 >
Iluminação e aquecimento . . . . .	20 >
Total . . . . .	432 >

E estes algarismos representam um minino — um lamentavel minimo, dizia-nos o nosso enterlocutor! O soldo do capitão sendo de 303, 345, 390 e 430 francos por mês, conforme a antiguidade de serviço, resultava que, mesmo no caso do escalão mais elevado o capitão não podia fazer face ás suas despesas.

E' preciso acrescentar ainda a despesa com os uniformes — a enorme despesa de uniformes, a qual dá uma média por ano de 195 francos. Deve-se acrescentar ainda as despesas com equipamento, arreo do caválo, deslocação por motivo de transferencia, o que prefaz com as verbas anteriores a totalidade de um *deficit* mensal de 50 francos!

E nestas condições uma familia não pôde aparecer em qualquer diversão e tem de viver isolada do resto do mundo.

Nestas condições, não podia deixar de surtir um efeito immediato, a campanha feita na imprensa para se

conseguir o aumento dos soldos, que passaram a ser os seguintes:

Postos	Soldo antigo	Soldo actual
General de Divisão.....	18.900 fr.	19.980 fr.
General de brigada.....	12.600 >	14.400 >
<i>Coronel</i>		
Depois de 5 anos de pôsto....	9.000 fr.	vencimento único
Antes de 5 anos de pôsto....	8.136 >	de 12.060 fr.
<i>Tenente coronel</i>		
Depois de 5 anos.....	7.200 fr.	vencimento único
Antes de 5 anos.....	6.588 >	de 9.000 fr.
<i>Major</i>		
Depois de 5 anos de pôsto....	6.012 fr.	8.100 fr.
Antes de 5 anos de pôsto....	5.544 fr.	7.560 >
<i>Capitão</i>		
4. <sup>o</sup> escalão )	5.364 fr.	7.200 fr.
3. <sup>o</sup> > ) De 3 em três anos	4.644 >	6.840 >
2. <sup>a</sup> > ) de pôsto	4.140 >	6.480 >
1. <sup>o</sup> > )	3.636 >	6.000 >
<i>Tenente</i>		
4. <sup>o</sup> escalão .....	3.636 fr.	5.400 fr.
3. <sup>o</sup> > .....	3.240 >	4.860 >
2. <sup>o</sup> > .....	3.204 >	4.140 >
1. <sup>o</sup> > .....	2.980 >	3.600 >
2. <sup>o</sup> escalão.....	2.880 fr.	3.060 fr.
1. <sup>o</sup> > .....	2.412 >	3.060 >

A indemnisação de mudança de casa: oficiais superiores e generais chefes de familia 300 fr.; oficiais superiores, sendo celibatários, 100 fr. e generais celibatários 120 fr.; subalternos chefes de familia 250 fr., celibatários 80 fr.

O vencimento actual dos sargentos passou a ser o seguinte: 1.<sup>o</sup> escalão, 6 a 8 anos de serviço: sargentos 1642 francos; 1.<sup>os</sup> sargentos (*sergents majors*) 1.781 francos; sargentos-ajudantes, 2.120 francos; 2.<sup>o</sup> escalão 9 a 11 anos de serviço 1.742, 1.900 e 2.400 francos; 3.<sup>o</sup> escalão, 12 a 20 anos de serviço 1.900, 2.098 e 2.602 francos; 4.<sup>o</sup> escalão, a partir de 20 anos de serviço: 2.199, 2.300 e 2.800 francos.

Indemnisação de renda de casas: sargento-ajudante, chefes de familia, 100 francos; sargentos 80 francos.

Para alguns graus da hierarquia militar ficam êstes vencimentos sendo superiores aos do exército alemão,

não atingido porém as somas enormes concedidas aos oficiais generais que na Alemanha teem contos de réis para despesas de representação. Num livro de impressões de viagem pela França e Alemanha apresentaremos alguns pormenores muito interessantes sôbre a vida economica do official e do professor nestes dois países.

J. A. CORRÊA DOS SANTOS.

Capitão

## BIBLIOGRAFIA

### Annuario del Instituto Geográfico Militar.

Gentilmente remetido pelo ilustre Director do *Instituto Geográfico Militar do Estado-Maior e da Armada*, da República Argentina, ex.<sup>mo</sup> coronel de artilharia Benjamin Garcia Aparicio, re-ebemos, ha já bastante tempo, o importantissimo trabalho cujo titulo vai de epigrafe, e que naquêl florissante pais se começou a imprimir desde 1912 com o fim especial de publicar dados fundamentais correspondentes aos estudos astronomicos, geodésicos, topográficos e cartográficos, os quais, como base de construção do mapa daquela República, o referido Instituto já tem executado.

Como o plano desta obra ainda não está definitivamente estabelecido, por falta da respectiva lei reguladora, êste primeiro volume foi consagrado a fazer conhecer a orientação precisa do Instituto, as actuais exigências da geodesia, o exame permanente dos trabalhos similares realizados noutras nações para a execução das suas Cartas e os aperfeiçoamentos introduzidos nos meios de consecução deste fim. E trata os seguintes assuntos:

- A Carta da República.
- O estereoautografo do capitão von Orel.
- Os desvios de prumo.
- Mareografia.
- A triangulação de 1.<sup>a</sup> ordem dos arredores de Buenos Aires.
- Nivelamento de precisão.
- O novo mapa da República Argentina, escala 1:1000000.
- Metodo gráfico para cálculos de centralisação de estações geodésicas.
- Aerofotogrametria.
- O valor das medições da gravidade na República Argentina.
- Levantamento geográfico. Cartografia da:
  - Alemanha
  - Italia
  - Japão
  - Chile
  - República Oriental do Uruguay

Informações sobre :

Associação Internacional para a medição da Terra. Comissão da carta da República.

Bibliografia.

Trabalhos publicados pelo Instituto Geográfico Militar.

Os trabalhos insertos nêste volume são firmados por individualidades da mais alta cotação científica e profissional, constituindo um grande e grosso tomo, impresso em bôlo papel e acompanhado de muitos mapas, quadros e tabélas devéras interessantes.

Este livro, que muito pôde aproveitar aos estudiosos destes assuntos, vende-se por cinco pesos argentinos na livraria *Jacobo Peuser*, Calle San Martín, 200, Buenos Aires.

Ao nosso ilustre e amavel ofertante, ex.<sup>mo</sup> coronel Benjamin Aparicio apresentâmos os nossos cordeais agradecimentos, com muitas desculpas por só retardadamente nos referirmos á valiosa obra oferecida, retardamento que se justifica pela acumulação de trabalho e falta de tempo que nos impossibilitou de apreciar o livro mais cedo.



## CONSULTAS

61.<sup>a</sup> — A matricula, na escola colonial, é permitida aos sargentos do exército, e em que condições ?

— *O ministro da guerra só está autorizado a conceder licença para frequentar a escola colonial aos oficiais subalternos.*

62.<sup>a</sup> — Em que ordens do exército vem regulada a concessão de licenças para estudos a oficiais ?

— *O. E. n.º 11 (1.ª serie) 911 e O. E. n.º 15 (1.ª serie) 909.*

63.<sup>a</sup> — Um sargento classificado para emprêgos públicos foi nomeado para um lugar da categoria em que fôra classificado; desistiu, por declaração, de ser provido no referido emprêgo, não tomando, portanto, posse do mesmo — pergunta-se :

a) Este sargento deixou, por aquêlê motivo, de continuar incluído na lista para emprêgos públicos ?

b) Não tendo sido excluído da lista, pôde novamente ser nomeado para identico lugar ?

— *O regulamento respectivo é um pouco omisso sobre o assunto das perguntas. Contudo, á Revista, parece-lhe que o consulente não deverá ser riscado da classificação para emprêgos públicos, que obteve, nem inibido de ocupar um lugar que nunca chegou a exercer.*

64.<sup>a</sup> — O serviço de piquete de prevenção, a que se refêre o n.º 15.º do artigo 182.º do regulamento geral para o serviço dos corpos do exército, deve ser considerado serviço interior do quartel ou exterior ?

— *Sendo o piquete um serviço ordinario destinado á manutenção da ordem, só as circunstâncias o poderão caracterisar. Pela sua natureza, êste serviço é, talvez, mais de honra do que qualquer dos outros serviços ordinarios e, pela natureza da nossa profissão, difficilmente se poderá definir.*

65.<sup>a</sup> — Existe alguma disposição regulamentar que isente os ajudantes de batalhões de fazerem parte do pessoal instrutor das escolas de recrutas, sempre que tenham o numero destas considerado necessário para o pòsto immediato ?

— *A Revista não conhece nenhuma disposição especial para os ajudantes do batalhão. No entanto, o bom senso parece indicar que esses officiaes, depois de satisfazerem ás condições de promoção, jámais deverão ser desviados do seu intenso serviço especial.*

66.<sup>a</sup> — Um 2.º sargento, para obter classificação para emprêgos públicos de 2.<sup>a</sup> categoria, que exames deve ter ?

— *Curso da escola central de sargentos.*

67.<sup>a</sup> — O 3.º ano dos liceus a que categoria dá direito ?

— *A 4.<sup>a</sup> categoria.*

68.<sup>a</sup> — O consulente tem exame de admissão aos liceus e o curso de 1.º sargento; que mais habilitações lhe são necessárias para ser classificado para emprêgos de 2.<sup>a</sup> categoria ?

— *Curso da escola central de sargento.*

69.<sup>a</sup> — O artigo 10.º do regulamento de promoções de 1913, diz o seguinte :

Podem ser promovidos para os quadros permanentes, mediante concurso,.....

Pergunto — Qual a razão porque em engenharia (apeados) e artilharia (serventes), não hão de concorrer só os 1.ºs cabos, como sucede com os condutores de artilharia, engenharia e 1.ºs cabos doutras armas ?

— *Porque assim está determinado e é preciso.*

70.ª — Tendo razão de ser a promoção dos soldados de artilharia (serventes) e de engenharia (apeados) a 1.ºs cabos, poderá um soldado ser promovido a 2.º sargento sem ser cabo ?

— *Teem-se visto exemplos na historia, quando em campanha.*

71.ª — O § 2.º do artigo 17.º da O. E. n.º 16 (1.ª serie) de 1911 autorisa os sargentos a usar o capote com ou sem capuz, e luvas brancas ou cinzentas. O art. 66.º da O. E. n.º 15 (1.ª serie) de 1913, não especifica o uso de luvas. — Pergunto: poder-se há continuar a usar luvas brancas ou cinzentas fóra dos actos de serviço ?

— *E' permitido o uso de luvas brancas com o uniforme n.º 2, para passeio, apresentação e visitas.*

72.ª — O art. 24.º do regulamento de continencias de 1913, diz que as sentinélas fazem as continencias prescritas nos artigos anteriores, para o militar, isolado, a pé firme. Isto, é claro, quando a sentinela está tambem a pé firme. Pergunto: como procede a sentinela quando se desloca do seu pósto, encontrando-se em marcha ?

— *Volta á frente, pára e faz a continencia, se não tiver tempo de ocupar o lugar no seu pósto.*

73.ª — O art. 38.º do citado regulamento diz :

— «Quando se executar o hino nacional».....

Ora, não especificando o referido artigo se a continencia é obrigatória para o hino, quando executado por bandas civis, pergunto: como devo proceder perante uma banda destas, tocando a referida musica?

— *Cumprir o que dispõe o citado artigo 38.º e seus §§.*



3784



